# LITTERATURA, MUSICA E BELLAS-ARTES

# LITTERATURA

# MUSICA E BELLAS-ARTES

POR

**JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA**

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
E DE OUTROS INSTITUTOS LITTERARIOS DE HESPANHA E DO BRAZIL

TOMO I

LISBOA
EDITORES — ROLLAND & SEMIOND
3 — RUA NOVA DOS MARTYRES — 3
1871

# INTRODUCÇÃO

Debaixo do titulo de *Litteratura, musica e bellas-artes* collegi o que reputo de melhor nos meus estudos criticos, ácêrca d'estes differentes ramos, estudos que tão dispersos andavam em variadissimas publicações periodicas saidas a lume em épocas bem distantes já.

O volver do tempo é de certo um seguro elemento de imparcialidade para o julgamento de nossas obras, e por isso, relendo hoje estes meus escriptos, e outros muitos que condemnei ao esquecimento, doze ou quatorze annos depois do seu primeiro apparecimento, quasi me julgo um estranho apto para os apreciar e julgar, como se foram saidos de penna alheia.

E realmente, quando outro merito não possuissem estes trabalhos sobre os nossos escriptores, sobre os nossos homens publicos e artistas mais notaveis em tão op-

postos empregos da imaginação, ou sobre o effeito natural das luzes do mundo culto, reflectidas nas nossas lettras e artes, e até esparzidas em todas as outras instituições que naturalmente se desenvolvem com os progressos intellectuaes, um merito resulta inquestionavelmente d'este conjuncto de apreciações singulares ou complexas, que é entrever-se, atravez de tantos esbôços bem pronunciados, ainda que não completos, nem ligados, a nossa historia litteraria e artistica contemporanea, surdindo aqui e alli, nos seus vultos mais caracteristicos e concepções mais fecundas e impulsivas.

Este merecimento encerra-o de certo esta obra. E o influxo de circumstancia que animou alguns d'estes quadros, no que elles o poderiam receber do espirito e sentimento de occasião, como que se hade egualmente transmittir ao leitor, que assistirá agora, como nós assistimos então, á iniciação d'esses talentos, ou ao triumpho de invenciveis audacias litterarias.

É debaixo d'este ponto de vista que este meu livro se tornará sympathico ao leitor de hoje, ainda mesmo áquelle que não aprofunde os segredos das lettras ou das artes.

Não é só uma galeria critica este meu trabalho, é tambem um trecho da historia do movimento dos nossos talentos, nos ultimos quinze annos, manifestada no que ella possue de mais brilhante e attractivo para as intelligencias esclarecidas, no poema, no romance, no drama, na eloquencia politica e sagrada, na musica, nas artes do desenho e nas artes scenicas, n'uma palavra, em tudo que podem produzir de instructivo, e tambem de delei-

tavel, as cogitações do espirito e os raptos da imaginação.

E com que saudade, d'este quasi destêrro das lettras a que fatalissimas circumstancias me votaram, eu não lanço os olhos a essas paginas em que puz o melhor da minha vida, e que ao presente offereço, como meu testamento litterario, áquelles que ainda as quizerem ler e acolher com boa sombra!

A que caprichos está sujeita a vida do homem!

Feliz aquelle que acertou com a sua vocação, e a pôde seguir, chegando a vêr reflorir todas as suas esperanças!

## ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Dos estudos das lettras gregas e latinas. — Falsos principios da litteratura mythologica. — A imitação em lucta com a natureza e missão da verdadeira poesia. — Do classico e do romantico. — A escola moderna e o genio poetico de todos os tempos. — A paraphrase dos *Amores de Ovidio* pelo auctor dos *Ciumes do Bardo*. — Ovidio e o seu poema. — Analyse do poema e da paraphrase.

Serão os estudos classicos despresados pela nossa época? Eis uma pergunta que póde resumir, sem esfôrço, o quadro das tendencias litterarias e, por conseguinte, o quadro dos systemas de ensino d'estes tres ultimos seculos, quando se queiram explicar os principios que têem determinado as diversas alternativas por que tem passado o gosto das bellas lettras, durante o curso de todo este tempo. Seria o resumo da historia dos effeitos da renascença grega e latina, que, pelo excesso natural em todas as reacções, levaram o culto da antiguidade a inaugurar a imitação das suas obras como unico e tyrannico dogma para todas as concepções da litteratura e das artes, e egualmente seria a historia dos effeitos da restauração das tradições nacionaes ou o chamado movimento romantico, que deu em resultado esta indifferença apparente para com os auctores antigos.

Mas não ha indifferença, e ainda menos desprêso para com os bons modelos da Grecia e Roma; porque, se houve época em que se estudasse a antiguidade, os seus historiadores, os seus poetas, os seus philosophos e os seus oradores, é esta nossa época. Porém, estudo escrupulosamente analytico, sem paixão nem idolatria, de certo, mas por isso

tambem sem nenhum dos desvios a que levam o espirito os resultados de taes influencias, que offuscam sempre a rasão e a precipitam em aberrações, que depois intentam tornar em principios de escolas que não podem deixar de ser falsas, e de estylos que hão de ser sempre viciosos. Bastam as obras de Levesque, Beaufort, Niebuhr e Merimée, de audaciosa reconstrucção historica, e os excellentes quadros de critica litteraria de Barante, Schelegel e Fouriel, e a vasta collecção de versões de Patin e Nisard, para demonstrar que estes nossos tempos apreciam, como devem, a antiguidade, tanto no que ella póde amestrar-nos, como lição da experiencia, como no que offerece de fecundo para os vôos da imaginação moderna.

Quem ousaria negar que os allemães, principalmente, são os mais admiraveis operarios de todas as minas classicas? Ninguem, como elles, se tem dado a escavar tão fundo os campos da antiguidade; e depois de percorridos, explorados e revolvidos por elles, ninguem irá tomar-lhes a dianteira n'esses trabalhos de investigação, e longa e insistente porfia erudita. Os unicos nomes de Voss e Christiano Heyne resumem a confirmação de tudo o que se possa affirmar a este respeito.

A antiguidade não esqueceu, como dizia ha annos um eminente critico francez, analysando a versão da *Iliada*, por Eugenio Bareste; nem tão pouco se apresenta como uma novidade, em cada obra que nos possa offerecer o espirito investigador consagrado á historia, ou o linguista applicado á trasladação dos primores poeticos dos seculos de Pericles e de Augusto, ou o philologo dado á comparação dos grandes periodos de transformação litteraria. Nunca a Allemanha e a França, a Inglaterra e a Belgica tiveram, como agora, mais eruditos e escrupulosos talentos occupados n'este genero de applicação, convertido, depois nos lyceus e nas universidades, em lições oraes, que a analyse da alta critica de Villemain, Walckenaer e Daunou desenvolveu em perspectivas, onde os genios privilegiados apparecem como gloriosas personificações da fecunda marcha dos factos e das luzes, chamada diffusão dos conhecimentos humanos.

A verdade, porém, é que os auctores classicos decaíram do seu dominio, mas não da sua valia. Não reinam como tyrannos despoticos nos espiritos: occupam apenas o logar que lhes pertence no pantheon das lettras. Hoje estudam-se

os monumentos da litteratura grega e romana, como magnificos exemplares de magestosa simplicidade de estylo, e como origens que encaminham o philologo em muitas das suas deducções mais illustradas; mas não se decoram e imitam como modelos de cujos perfis o talento inventivo moderno não possa afastar-se, nem uma linha, sem incorrer nos anathemas dos aristarchos de alguma nova Crusca ou Sorbona. A critica moderna respeita os seculos de Pericles, e de Augusto, como respeita os seculos de Leão X e de Luiz XIV, e as quadras tão fecundas e florescentes, para todas as creações do espirito e da imaginação, dos reinados de Carlos V, em Hespanha, da rainha Isabel, em Inglaterra e de D. Manuel, em Portugal. É inquestionavelmente de todos estes periodos, que são como grandes illuminações resplandecendo no decurso das edades, que se fórma a historia litteraria: são os seus capitulos mais luminosos. Mas a excellencia de qualquer d'elles não lhes poderia dar em tempo algum o direito de despotismo sobre os outros. A poesia, principalmente, que não é outra cousa senão o reflexo dos movimentos de alma, illuminados pelos esplendores da phantasia, nunca póde ser nem uma copia, nem uma reproducção. É preciso que reproduza o estado do nosso espirito, para ser verdadeira. E é por isto que a poesia mythologica nunca foi uma poesia popular, porque não a podemos considerar senão como a expressão, na indole e na fórma, de uma civilisação que passou. Que sabe o nosso povo, ardente e contemplativo filho da peninsula hispanica, creado ao acalentar das lendas das mouras encantadas, penteando-se com o seu pente de oiro, e das boas fadas que nos fadaram, com a sua varinha de condão, que sabe elle d'essa comitiva de divindades pagãs, que formam o mytho de outras crenças religiosas, que são o emblema de oppostas idéas scientificas sobre as forças da natureza, que resumem emfim e symbolisam uma civilisação hierarchica e sacerdotal, materialista e exterior, completamente distincta da indole, instinctos e progressos das nações modernas?

É mister dizel-o e insistir constantemente n'esta asserção porque é exacta: a escola mythologica fazia uma especie de violencia moral aos tempos modernos; e esses esforços originaram a litteratura falsa, esterilisadora, abortiva e piegas, em que o poeta não podia deixar voar a alma ou palpitar o coração, que não fosse regulando esses desabafos pela bitola

dos preceitos aristotelicos. Nenhuma paixão merecia as honras de poetica, sem que primeiro passasse pela chancellaria da deusa Venus; e o amante apaixonado, se quizesse tornar-se querido da sua bella, tinha de apetrechar-se de carcaz e de boa provisão de frechas, aliás expunha-se a passar pelo desayre da sua ternura ser tida por... menos classica. A tragedia, da mesma sorte, não podia saír dos dominios das Clytemnestras è dos Œdipos, unicos entes privilegiados que reuniam em si os grandes dotes patheticos da ternura e da piedade. E porque Voltaire se lembrou um dia de que na historia moderna tambem poderia haver desventuras dignas das sympathias das platéas, a censura academica gravou-lhe o ferrete de *tragedias mixtas*, na sua *Zaira* e no seu *Tancredo*. Se até aos heroes da epopea foi prohibido sacudirem a fronte mais de *tres vezes*, só porque foi este o numero de movimentos que Achilles e Eneas deram á cabeça em certas occasiões solemnes, segundo o testemunho de Homero e Virgilio!... *O imitatores, servum pecus!*

Eis a que apuros de ridiculo chegára o fanatismo da imitação!

Em regra, tudo que é systematico é convenional, e tudo que é convencional degenera em mais ou menos falso. Este principio, tão verdadeiro em politica e moral, torna-se ainda mais verdadeiro e absoluto na poesia, porque a poesia, não podendo deixar de se inspirar do elemento humano, tem por força de reflectir a actualidade, para que o sentimento e a inspiração sejam os verdadeiros fogos que a animem. A poesia, diz Edgar Quinet, apesar de lhe chamarem *ficção*, tem muitas vezes mais precisão da realidade do que a propria historia. Como será possivel prescindir do elemento positivo, do elemento verdadeiro, na mente do poeta? Se cada época não tivesse as suas necessidades de desafôgo intimo, se cada povo não se sentisse impressionado, segundo os acontecimentos da vida externa que o impressionam, nunca o talento poetico teria produzido *Childe Harold*, e os poemas de *Ossian*, e de *Antar*, tres obras que são, duas d'ellas a imagem epica do viver de dois povos, e a outra a expressão vehemente da lucta interior de um seculo. Se o principio da imitação devesse ser um dogma em litteratura, Dante copiaria Homero, Milton reproduziria Dante, e Camões plagearia Milton, e a posteridade, em vez de admirar a *Divina Comedia*, o *Paraizo Perdido* e os *Lusiadas*, teria apenas de ce-

der á influencia soporifica de uma especie de *Ulisséa* continuada. Gabriel Pereira de Castro seria o unico engenho que haveria resolvido o problema dos destinos da poesia. Mas isto era renegar a inspiração, faculdade divina do talento; seria renunciar a originalidade, a qualidade mais digna e nobre de todos os productos da actividade humana. Era o *statu quo* trazido para os dominios intellectuaes, o que corresponde á negação até dos mesmos progressos da sciencia. Para melhor dizer, a escola mythologica dispensava a imaginação, o que equivale a dizer que dispensava a propria poesia.

A arte, como a natureza, não se repete: já o disse madame de Staël. Mas esta maxima, tão verdadeira em assumptos de imaginação, havia esquecido aos escriptores do seculo XVII, e até aos mais audaciosos reformadores do seculo XVIII.

Cousa singular! O seculo XVIII apresenta o espectaculo extraordinario de uma audacia sem limites nas regiões do pensamento, e de uma excessiva timidez nos dominios da phantasia! Voltaire, que é a expressão prodigiosa d'este duplo caracter, como philosopho nada detem a sua analyse temeraria, e como poeta e critico pára diante de qualquer construcção nova de lingua, toda a imagem arrojada o intimida, as proprias audacias sublimes de Corneille o amedrontam. Este contraste entre um idioma que empobrece e se despoja das proprias galas, e um pensamento que se abalança a tudo; esta opposição entre uma imaginação sem azas e sem vôos, de uma poesia sem ideal, sem amor, sem fogo, que não se ergue nem até ás magestosas alturas do culto de Deus, nem ás magnificencias da natureza animada, e uma philosophia que aspira a transmudar a face do mundo, é ainda um dos lastimaveis resultados, não só do genio da analyse, que, impellido pelo sôpro da philosophia materialista, havia esterilisado as faculdades imaginativas, mas egualmente um resto de influencia das doutrinas que aconselhavam a copia dos antigos como unica theoria litteraria acceitavel.

O principio fundamental d'esta escola resumia-se na immobilidade, porque, como theoria, a imitação nas artes, não quer dizer senão a negação do progresso. Nas épocas de Pericles e de Augusto resumiram toda a perfeição. Fóra d'estes seculos de selecção, o engenho poetico, novo Lucifer precipitado da mansão dos escolhidos, foi desherdado do

raio da inspiração. A todos que vieram depois só ficou a tarefa de adorar os idolos consagrados, e imitar-lhes, de longe, as graças e os sorrisos, se acaso houvesse felizes que tanto podessem lograr.

Segundo esta convicção, parece que a mente do poeta se esterilisára, e que este, timido, pelo deslumbramento das bellezas homericas e virgilianas, ou convencido da sua impossibilidade para alcançar produzir obra que se lhes podesse comparar, se ficára de joelhos e mãos erguidas na adoração admirativa de taes portentos. O que nos não dizem os sectarios d'esta doutrina é se o espirito humano paralysou em todas as suas outras faculdades, desesperado de poder caminhar mais além. Por acaso, as sciencias, e todos os outros auxilios e complementos da civilisação, permaneceriam n'esta desesperança de poderem conquistar o fructo das suas largas e generosas ambições? Pararia a humanidade effectivamente? Mas não, que ahi surge a historia, e nós todos, para protestarmos, com os documentos na mão, com os progressos das sciencias, com os progressos das artes, e com os proprios progressos das lettras, contra essa doutrina esteril, á força de mingua de forças, que não é outra cousa a humildade com que se prostram os seus partidarios ante o passado, e a desanimação com que volvem para si os olhos, reputando-se incapazes de produzirem melhor ou egual.

O progresso é a lei geral da humanidade, e, como todas as outras potencias do espirito, a phantasia poetica não póde ter dobrado as azas e abatido os vôos. *Le monde marche!* é esta a these luminosamente desenvolvida pelo raciocinio vigoroso de Eugenio Pelletan, e todos os dias encarecida pelos exemplos dados pelas forças renascentes da actividade do homem. Caminhar e progredir é a vida, a lei e a necessidade da raça humana. A mulher de Loth só porque se entreteve a olhar para traz, ficou estatua. A paralysação do pensamento é como que a petrificação do corpo. A immobilidade equivale á morte. Este exemplo biblico póde ser a parabola dos sectarios do estacionamento nas lettras: voltados para o passado, e entretidos em admirar os monumentos do genio antigo, são estatuas no meio da marcha rapida e impulsiva da imaginação. Dão a lembrar aquelle caso de Raphael Riario, cardeal de S. Jorge, que, julgando ser uma obra antiga a estatua do *Amor adormecido*, de Miguel

Angelo, a comprou por 200 ducados, mas sabendo depois que era trabalho do auctor do *Moysés* (note-se, do immortal auctor do *Moysés*), desfez a compra!... São espiritos que desconfiam do presente e do futuro, concentrando-se na admiração do passado. Estranho culto este, que, para exaltar os mortos, passa por cima dos vivos, despresando-os! É com o holocausto dos modernos que sacrificam aos antigos! O nosso Manuel de Faria e Sousa empregou o melhor da laboriosa e encyclopedica erudição que possuia em provar, no grande *in-folio* dos *Commentos de Camões*, que os mais excellentes logares dos *Lusiadas* eram imitados da *Eneida* e dos poetas italianos antigos. Pobre Luiz de Camões, se fosse este o teu unico merito!

O padre Lebossu fez mais ainda que Faria e Sousa, porque tentou sujeitar o futuro das lettras á esta idolatria do exclusivismo litterario: arrebatado pela leitura da *Iliada*, da *Odysséa* e da *Eneida*, e notando n'estes poemas narrativas combinadas de certa maneira, um certo maravilhoso, tempestades, e sonhos, formulou uma especie de *receita* para a composição geral dos poemas epicos de todos os tempos e de todos os povos!...

Vejam se isto não era uma monomania!

A imitação é sempre um symptoma de decadencia. É geralmente nas épocas eruditas, isto é, n'aquellas em que o espirito do homem, privado dos favores da inspiração, se concentra no estudo e exame dos bons modelos antigos, como querendo supprir com o fogo do estro alheio as forças creadoras que lhe fallecem, que predomina este systema. Aristarcho e Quintilliano apparecem muito depois de Homero e Virgilio, e o proprio Labarpe começa a publicar o *Lycéo* quando já têem expirado de todo os echos de acclamação que proclamam os auctores da *Phedra* e do *Tartufo*.

Estas reflexões que ahi ficam lançadas ao correr da penna, não importam o elogio directo, e sem restricção, da escola chamada romantica, como aquella que naturalmente se contrapõe ao fanatismo da imitação classica. Condemnamos este systema, não pelos auctores tomados por modelo, que respeitâmos e de quem reconhecemos a utilidade indispensavel ao aperfeiçoamento da educação litteraria, mas condemnamol-o como theoria exclusivista; e se a escola moderna tivesse por fim a imitação servil dos escriptores que são tidos por seus coripheus, como por exemplo Schiller, Victor

Hugo, Lamartine, Manzoni, Espronceda, o duque de Ribas, visconde de Almeida Garrett, egualmente a condemnariamos, porque em todas as manifestações da arte, a imitação, elevada a theoria absoluta, produz sempre a morte da propria arte e torna-se o cadafalso do talento.

E n'este ponto estamos de perfeito e amplo accôrdo com o que diz o illustre paraphrasta dos *Amores de Ovidio*, n'uma parte do seu prologo. N'este notavel trecho, assim como nos commentarios, apostillas e notas que seguem no corpo da obra, reina inquestionavelmente, amenisada sim, e talvez envolvida nas graças de uma ironia de espirito eminentemente culto, mas reina de certo uma intenção de polemica, em que a saudade dos *seculos aureos* exacerba o animo do illustre escriptor, e o dispõe para despedir não poucas frechas aos bardos da nova insurreição litteraria, que se têem desmandado no culto excessivo dos patriarchas da sua religião. Nas palavras do sr. Castilho, os *vates foragidos* parecem desafogar, e vingar-se da proscripção a que foram votados, palavras que aliás os nossos tempos devem archivar, porque as dicta muito saber, e um digno e entranhado sentimento de amor ás boas lettras. Mas escutemos o grande poeta:

«A litteratura classica era universal, era unica.

«Já as aguias de Roma tinham desapparecido, e ainda os cysnes romanos dominavam por toda a parte.

«Em pleno christianismo, a Europa escriptora era ainda pagã.

«Devia chegar tempo em que a reacção, por mil causas determinada, acabasse com o predominio.

Outras idéas, outra moral, outras sciencias, outras instituições, e por consequencia outro pensar e outro sentir, trouxeram novas artes, nova litteratura.

«Era revolução: devia ser destruidora, ambiciosa, intolerante. Nada do preterito d'onde saía, tudo para os futuros indefinidos que lhe sorriam á imaginação.

«Como o Capitolio caíra, caíu o Parnaso; como se havia proscripto a idolatria, tambem as lettras gregas romanisadas, e como taes encarnadas já em todas as linguas cultas, foram postas nas listas de proscripção dos Syllas e Marios da nova escola.

«Deslembrou ou escureceu-se o que essas boas anciãs, sempre juvenis, as musas, tinham contribuido para o aper-

feiçoamento d'estas mesmas linguas: condemnaram-n'as ao peior de todos os supplicios, ao ridiculo. Fez-se do Olympo despovoado um porto franco; sobre as ruinas do Pantheon tripudiou-se ao sabor de todas as phantasias.

«Ganhou-se mais do que se perdeu? Perdeu-se mais do que se ganhou? Ganhou-se muito, perdeu-se muito. Outro seculo fará o balanço; mas a transformação era inevitavel; era providencial; harmonisava com mil outras metamorphoses, todas mais ou menos progressivas: acceitamo-la como um progresso.

«Hoje que a primeira febre e os odios injustos da insurreição estão passados, póde-se já pedir a amnistia para os *vates foragidos*.

«Não são elles os parentes e os predecessores dos *trovadores e bardos* da nossa edade? Predestinados pelo genio mesmo da natureza, para viverem em todos os tempos, concidadãos de todas as gentes, reivindiquem os seus imprescriptiveis direitos de cidade. No meio do estrepito dos *alaudes romanticos*, resoem novamente as lyras classicas.»

Resoem embora, acrescentaremos nós, mas como uma harmonia pura, que venha unir-se demais aos nossos concertos, e que sirva para lhes segurar a pureza de afinação a todos os instrumentos, e não para os chamar a um unico tom e determinar a natureza dos themas musicaes. N'esse ponto é que as lyras classicas já não podem revocar o antigo dominio, porque para isso seria preciso transmudar as condições especiaes das épocas presentes, que, como bem disse o sr. Castilho, têem outros gostos e predilecções, os quaes o illustre paraphrasta de Ovidio *acceita como um progresso*, e acha até *providencial*.

Mas como é que o sr. Castilho, que confessa que esta revolução litteraria se operára pela pedirem *outras metamorphoses, todas mais ou menos progressivas*, e derivadas de aspirações que exprimem e caracterisam o espirito moderno, como é que affirma que a phase poetica, inaugurada depois, é uma phase que se esterilisou na impotencia dos seus proprios esforços?

«A poesia moderna, asseveramol-o affoutamente (diz o erudito vate), *já pasce menos do que rumina*, ou, se quereis mais nobre comparação, passou os seus dias de trabalho, produziu o seu mundo, viu que estava bom, *e n'essa visão beatifica se ficou.*»

É n'isto que se illudem os espiritos consagrados, com exageração quasi exclusiva, ao culto das lettras antigas. A poesia romantica está sujeita a passar por crises de esterilidade ou lethargia, como toda a escala vegetativa e animal as padece de hibernação, mas não se infira d'esse facto um estado completo de atonia. A poesia romantica póde desfallecer, mas não morre nem se exhaure, porque é verdadeira, porque se nutre e inspíra de principios activos, porque é a expressão do nosso sentir e pensar. E é por isto que a escola moderna não *produziu o seu mundo, e, vendo que elle estava bom, se ficou n'essa visão beatifica*, como com delicada e epigrammatica ironia assevera o sr. Castilho. Se o fim da escola moderna fosse achar sómente uma fórma poetica, se fosse resolver uma simples e mera questão de arte, n'este caso poder-se-hia affirmar affoitamente que, *achado o seu mundo, n'essa visão beatifica se ficou;* mas as tendencias, mas as necessidades, mas os intuitos d'esta transformação poetica, que não são outros senão um resultado das idéas espiritualistas e de liberdade do christianismo, combinadas com as tradições da inspiração popular das nações modernas da Europa, vão mais longe, porque receberam raizes das tradições e elementos dos idiomas e das litteraturas meridionaes. São as inspirações estheticas, filhas da civilisação christã, actuando no genio dos povos do novo Occidente. «O romantismo, escreve Victor Hugo, tantas vezes mal definido, não é, avaliado absolutamente (e é esta a sua definição real), senão o *liberalismo* em litteratura. Esta verdade foi já comprehendida por quasi todos os espiritos esclarecidos, e este numero é grande; e em breve, porque a obra está adiantada, o liberalismo litterario será tão popular como o liberalismo politico. A liberdade na arte e a liberdade na sociedade, eis o duplice fim que deve congraçar no mesmo empenho as intelligencias consequentes e logicas.»

Hegel explica este impulso de renovação nas artes e nas lettras de uma maneira assás metaphysica, mas egualmente verdadeira. O desenvolvimento do espirito, diz este critico, que por não caber dentro do molde estreito dos sentidos, tende a procurar as mysteriosas e elevadas harmonias que se combinam com a porção mais pura do nosso ser, é o principio fundamental da arte romantica. E é effectivamente este indefinido de ascensão para espheras de perfeição des-

conhecida, é este impulso interior que nos eleva a alma nos maiores arrebatamentos de uma contemplação que os sôpros da melancolia bafeja, como se o véu de tristeza da convicção do nosso *nada* viesse envolver-vos a imaginação nas sombras de uma desesperança infinita, é esta necessidade, emfim, de desafôgo de nós outros, geração abalada de profundas e acerbas convulsões moraes, que imprime um caracter peculiar na litteratura moderna.

O espectaculo das perturbações civis, as violentas agitações que têem trazido catastrophes lamentaveis ao seio das familias, a vida de principes immolada em cadafalsos, como holocausto de instituições sobre que se ergueu o braço armado das revoluções, a lembrança de augustos infortunios, parte de uma sociedade politica destruida e deixando dolorosas impressões, a necessidade de desafogar muita dôr moral, n'uma palavra todo este espectaculo de fragilidade humana e transformação social resume as causas d'estas tendencias peculiares dos espiritos, causas que nunca deixam de transpirar na litteratura, como a sua expressão mais natural e caracteristica. «Todos os tempos são influenciados por um espirito e uma paixão, escreve Villemain, no seu *Curso de litteratura*. O espirito, só, opéra as cousas triviaes da vida activa; e a paixão prepara os grandes pensamentos. O espirito impelle os homens que trabalham na scena do mundo; e a paixão inflamma os poetas e os escriptores eminentes, e os proprios philosophos. A paixão da fé (que esta expressão nos seja relevada), o sentimento religioso, elevado ou descido até á paixão, dominava a alma de Fenelon e de Bossuet, e ambos lhe deveram a sua eloquencia.

«Pois tambem o espirito religioso, mas tomando outra fórma, o espirito meditativo, melancolico, será a paixão da nossa edade. As melhores obras da época presente trazem comsigo o cunho d'este influxo. D'esta sorte, o romance do *Réné*, que citamos aqui com intenção puramente philosophica, é talvez o mais bello livro de imaginação produzido de ha meio seculo para cá. E porquê? Porque foi um homem de genio que o escreveu, e o mundo todo que o compoz. É este o genero de originalidade permittido ao nosso seculo: é a inquietação meditativa, natural a uma civilisação avançada, que se patenteia em todas as expressões d'este drama singular. São pensamentos que não tinham sido percebidos até então. No seculo IV (desculpem-nos estas divagações), no

seculo IV notava-se nas obras dos christãos o vislumbre de uma paixão nova, de uma insaciavel curiosidade dos destinos do homem, de um desdem da terra, de um impulso para o céu: eis o que se manifesta nas obras de Gregorío Nazianzeno e de Agostinho. No fim do seculo XVIII, debaixo de outra fórma, é o mesmo desgosto da vida commum, é a mesma esperança de uma perfeição desconhecida; é, finalmente, ao mesmo tempo a agitação e o aborrecimento, que predominam as almas. Parece-nos que esta natureza de sensações verdadeiras, reaes, não sendo uma *paixão de gabinete*, se deve communicar de certo á poesia, e que nada apparecerá de elevado e verdadeiro, nas artes de imaginação, na eloquencia ou na poesia, que não seja impresso d'este caracter.»

O mesmo Châteaubriand explica este sentimento, que Villemain attribue ao espirito religioso, e talvez derivando-o das suas causas mais genericas e proprias.

«Resta fallar, diz este escriptor, do estado da alma que, segundo nos parece, não foi ainda bem observado: é o estado que precede o desenvolvimento das paixões, quando as nossas faculdades juvenis, activas, inteiras, mas comprimidas, não trabalham senão sobre si mesmas, sem fim, e sem objecto. Quanto mais os povos avançam em civilisação, tanto mais este estado *vago* das paixões augmenta; porque acontece então uma cousa assás lamentavel: o grande numero de exemplos que se nos offerecem aos olhos, a multidão de livros que tratam do homem e dos sentimentos que lhe são proprios, tornam-nos senhores de todos os segredos da humanidade, sem possuirmos a sua experiencia. Sentimo-nos desilludidos sem havermos gosado: ainda restam desejos, e já fugiram as illusões. A imaginação é rica, abundante e maravilhosa, e a existencia pobre, ávida e sem encantos. Com um coração cheio, habita-se um mundo vasio; e sem termos disfructado a minima cousa, sentimos o fastio de tudo.

«A amargura que derrama sobre a vida este estado da alma, é incrivel: o coração revolve-se e contrahe-se de modos infinitos para empregar as forças que sente serem-lhe inuteis. Os antigos conheceram pouco esta inquietação secreta, esta acerbidade de paixões suffocadas, que fermenta todas juntamente. Uma larga e tumultuosa existencia politica, os jogos do Gymnasio e do Campo de Marte, os acontecimentos do Forum e da praça publica, preoccupavam-lhes

todos os momentos e não lhes deixavam logar nenhum a esta enfermidade do coração.

«Por outro lado, os antigos tambem eram inclinados ás exaggerações, ás esperanças, aos temores sem termo, á mobilidade das idéas e sentimentos, á perpetua inconstancia que não é senão um desgosto constante, disposições que nós adquirimos na sociedade das mulheres. As mulheres, independentes da paixão directa que originam nos povos modernos, influem tambem nos outros sentimentos. Ha na sua existencia um certo abandono que ellas transmittem á nossa: tornam-nos o caracter de homem menos decidido, e as nossas paixões, enfraquecidas pela mistura das suas, adquirem alguma cousa de incerto e de terno.»

É exactamente este o caracter e a origem do sentimento, a que outros chamarão *paixão romanesca* da nossa época. São estas as suas causas, são estes os seus effeitos, effeitos exacerbados pelos desgostos de uma existencia enlutada de grandes catastrophes publicas, e transformações sociaes. Este vago de paixão, este fundo de tristeza indefinida, este esvoaçar de esperanças sem norte que as bafeje e enflore, que é um dos essenciaes caracteristicos da poesia moderna, encontra-se nas obras todas do auctor do *Genio do Christianismo*, e é uma das suas mais profundas personalidades do sentimento moderno, porque Châteaubriand é ao mesmo tempo o poeta, o nobre, e o partidario das instituições monarchicas que, no meio das ruinas da revolução de 1793, busca o refugio da solidão dos sertões do Novo-Mundo, onde o espectaculo grandioso dos aspectos da natureza primitiva, d'essa reproducção continua da imagem do infinito, lhe ensina os elevados destinos moraes da humanidade, e grava na mente as figuras homericas com que, nas horas solemnes de recolhimento e fé viva, elle levanta a sua magnifica epopéa religiosa!

Lamartine é o mesmo. A meditativa e suave inspiração da sua musa christã póde comparar-se á lampada do sanctuario, que arde ainda por entre os restos dos mosteiros demolidos pelo furacão revolucionario. Dissereis aquelle seu suspirar o genio da tristeza, que scisma sobre os estragos dos desatinos humanos, e converte todos os enthusiasticos vôos da alma, e as proprias palpitações do coração, em hymnos de glorificação á divindade infinita. Sempre este lyrismo que a sancta e casta unção da musa do christianismo puri-

fica, que o sôpro ardente das tradições patrioticas enche de saudade, e que os transportes das paixões da vida animam de patheticos dramas.

Victor Hugo tambem vem reunir-se a esta familia de genios que personificam e traduzem as angustias e os desejos do seculo presente. N'elle é a existencia, com todas as suas tempestades e bonanças, que se retrata e palpita nas estrophes do poeta, e o investe da triplice missão de interprete, evangelisador e apostolo do seu tempo.

E n'este sentido quanto errados andam aquelles que chamam ao romantismo um sentimento moderno! Onde houve homem que soffresse, onde existiu coração que ardesse n'um affecto puro, onde appareceu tradição patriotica que inflammasse o animo nacional, onde se viu a imaginação popular crear uma mythologia legendaria, ahi se ateou este suave angustiar da alma, esta visão esplendida do futuro, este contemplar saudoso do passado, este sentir acerbo dos destinos da humanidade.

Se n'outras eras o romantismo não formou escola, se não conseguiu determinar uma face caracteristica, foi porque a isso se oppoz o predominio das lettras academicas. N'essas eras, a poesia deixava de ser nacional para ser mythologica. Mas toda a vez que o genio nativo pôde desaffogar livre, appareceram os canticos dos hebreus, muitos dos quaes a liturgia christã aproveitou; appareceram as sagas poetisadas pela phantasia lyrica dos scaldos, como no *Canto de Ragnar Ladbrock*, e o *Canto funebre de Hakon;* appareceram as eddas da antiga Islandia; as tradições runicas entoadas em canções pelos bardos scandinavos, e as lendas caledonicas cantadas por Ossian; appareceu o poema de *Nieblungem*, os poemas cavalleirosos do rei Arthur e da *Tavola-redonda*, o *Canto de Roldão*, todos os outros poemas cyclicos de Carlos Magno e o *romanceiro* do Cid; appareceram os fragmentos dos bohemios; o Robin Hood dos anglos saxonios; as lendas dos serbos, e toda a vasta e amorosa pleiada de menestreis e trovadores provençaes da edade-media, desde Betrand de Born até ao conde de Poitiers, entrando n'este numero de apaixonados alaudes o do rei Alfredo, que *entra disfarçado de menestrel no campo dos dinamarquezes*, e *Ricardo Coração de Leão, que encosta á janella da prisão a sua harpa de trovador*, como diz com enthusiastica saudade um historiador d'essas épocas de poesia, de gloria e de amor.

E ainda além da edade-media, nas eras antigas, nas eras biblicas, o sentimento romantico se manifesta. Job, queixando-se de seus infortunios, cuja tristeza não tem consolação, é o primeiro romantico da antiguidade.

O santo rei David, quando do alto do Cedron deplora sobre as cordas plangentes do seu psalterio, as desgraças da filha de Sião, apparece-nos de certo como o primeiro genio inspirado d'esta pathetica familia de poetas elegiacos, de que o auctor das *Meditações*, seculos depois, é o glorioso successor.

E não será Izaías, esse genio triste e fatidico, que fulmina a impiedade do povo hebreu com os raios da sua eloquencia inflammada de imagens que nenhum estylo moderno tem excedido, não será o poeta terrivel que nos annuncia já o arrojado e prophetico auctor da *Legenda dos Seculos?*

E todos os outros prophetas que são senão outros tantos romanticos, na accepção mais espiritualista e apaixonada da palavra?

E quando se lêem as phrases do religioso, que, perguntado pelo emprêgo que fizera da sua longa solidão, responde: *Cogitavi dies antiquos, et annos æternos in mente habui*, não se abre um infinito diante do pensamento? É a inspiração romantica accesa pelo sentimento religioso.

Mas em muitos dos escriptos dos santos padres ainda mais se manifesta este sentimento com o caracter ideal e espiritualista que lhes imprimem as luctas da fé, com os impulsos inquietos da curiosidade que interroga a nossa dupla e mysteriosa natureza, duvidas que a fé acaba por suffocar e converter em hymnos de adoração. Nem Bossuet, nem Bourdalue são isentos d'estas incertezas, d'onde depois sáem mais triumphantes em suas crenças religiosas.

Mas seja um luminar da eloquencia christã, no quarto seculo, que nos proporcione o exemplo d'este idealismo. Seja S. Gregorio Nazianzeno, o arcebispo de Constantinopla, quando, com o coração a trasbordar de amarguras, já longe do fausto das côrtes e das intrigas dos concilios, occupado unicamente da cultura de um jardim, volve de novo á paixão predilecta do poetar, que tanto lhe havia enflorado de encantos os primeiros dias da mocidade. Estas poesias são verdadeiras meditações religiosas. Que suave e meiga melancholia não respira esta, de que ahi trasladamos o seguinte trecho!

«Hontem, atormentado de meus pesares, achava-me assen-

tado á sombra de um bosque umbroso, só e devorando meu coração; porque no cúmulo de meus males, acho lenitivo em conversar no sacrario de minha alma. As brisas da tarde misturadas com o trinar das aves, derramavam um doce somno do alto da copa das arvores, onde os rouxinoes cantavam, alegres com os ultimos raios do sol, que estava a desapparecer. As cigarras occultas debaixo da herva, faziam resoar toda a selva: um regato limpido me banhava os pés, correndo suavemente atravez do bosque, que refrescava. Mas eu não sentia senão a minha dôr, e quasi não attentava n'este painel da natureza, porque, quando o animo está ferido de angustias, debalde o prazer o disperta. Do turbilhão da minha alma agitada, deixava eu escapar estas palavras que se combatiam: «Que tenho eu sido? Quem sou? Que virei a ser? Ignoro-o. Nem m'o poderá dizer aquelle que se reputa mais sabio que eu. Envolvido em sombras, vagueio por aqui e por alli, nada profundo, nem mesmo o sonho dos meus desejos, porque a mente se anniquilla, tanto que a perturbação dos sentidos pesa sobre nós; e aquelle homem que parece mais sabio que eu, talvez se deixe illudir pela mentira do seu coração. Mas, em summa, que sou eu? Porque, emfim, o que eu era desappareceu de mim, e hoje sou outro e bem differente.

«E que serei ámanhã, se existir ainda? Nada de duravel; porque eu passo e me precipito, como o curso de um rio. Dize-me, se julgas ser mais que isto, e, detendo-te aqui, olha, antes que eu me dissipe de todo. Não volvem duas vezes as mesmas ondas que já passaram: não se torna a ver o mesmo homem que uma vez se viu.»

Aqui temos, pois, o sentimento fundamental da escola moderna n'esta mistura de pensamentos abstractos e sensações intimas, n'este contraste da inspiração das perspectivas da natureza com as inquietações de um peito atormentado pelo enigma da vida. São de certo estes os fructos de uma poesia contemplativa. É n'estas tristezas do homem que se engolpha no abysmo de tão penosas cogitações; é n'estes vôos de um idealismo desconhecido dos poetas antigos, porque tem por ponto de partida e por alvo os dogmas de uma religião que não eram os d'elles, e que nos abrem um futuro de immortalidade, de recompensa ou de condemnação eterna; é emfim em todas estas aspirações, idéas e arrebatamentos, que a indole da nova escola tem uma vantagem

reconhecida sobre a sua rival, porque, n'este ponto, o romantismo vive com a humanidade e é a expressão ardente de uma religião espiritualista.

E não haverá n'estas hesitações das meditações de S. Gregorio, sobre a instabilidade dos nossos dias, e ácerca do futuro de uma vida melhor, já um anciado desabafo de melancholia, que Gilbert exprimiu, quasi da mesma sorte, passados seculos?

> Au banquet de la vie, infortuné convive,
> J'apparus un jour, et je meurs.
> Je meurs... et sur la tombe où lantement j'arrive,
> Nul ne viendra verser des pleurs.
> Adieu, champs que j'aimais, adieu, douce verdure,
> Adieu, riant exil des bois,
> Ciel, pavillon de l'homme, admirable nature,
> Adieu par la dernière fois!

Assim vemos que as sentidas elegias do desditoso Millevoye, *La chute des feuilles*, *Le bois détruit*, *Le poète mourant*, *L'arabe au tombeau de son coursier*, são lamentos, são incertezas, são inspirações e saudades que já a musa de outros tempos arrancava do coração e da mente a outros cantores.

E não só nas almas bafejadas pelo sôpro do christianismo a phantasia poetica levanta esta natureza de vôos; debaixo do proprio influxo do polytheismo, o genio dos philosophos e dos poetas, d'estes philosophos pelo pensamento e pelo coração, se manifestam estas tendencias irresistiveis. Socrates e Platão, se fizessem versos, poetariam como Victor Hugo e Lamartine.

O proprio Virgilio, esse genio naturalmente grave, serio e melancolico, presagia este sentimento espiritualista na sua egloga x, á memoria de Gallus, tão apaixonada, e na qual desabafam já os lamentos do auctor da infortunada Dido; e na egloga a Pollion, tão religiosa e sybillina, que prognostica egualmente as bellezas severas e sagradas do VI livro da *Eneida*.

E o episodio da *Medéa* de Apollonius, de que Virgilio se inspirou para a creação da sua Dido, assim como da *Ariadna* de Catullo, não apresenta tambem verdadeiros relanços da paixão moderna, e, até já, um vago e indefinivel fundo de sensibilidade, qualidade quasi estranha nos antigos?!

E não será Tibullo, o mais affectuoso poeta latino, depois

de Virgilio, um coração melancolico e apaixonado, como Bernardim Ribeiro, Bertin ou Malfiatre, quando dirige á sua Délia estes versos repassados de ternura, nos quaes não pedia para si senão uma choça e a pobreza, misturando no ideal da sua illusoria ventura estas imagens agrarias?

> Ipse boves, mea, sim tecum modo, Delia, possim
> Jungere, et in solo pascere monte pecus;
> Et te dum liceat teneris retinere lacertis,
> Mollis et incultà set mihi somnus humo!

E que sentimento mais romantico nos póde offerecer a actualidade do quo os amores de Catullo com a sua Lesbia! Como que se presente a inspiração sentimental, mas que não exclue o imperio dos sentidos, de Alfredo de Musset, n'este pensamento do lyrico latino:

> Quum desiderio meo nitenti,
> Nescio quid carum lubet jocari,
> Et sollatiollum sui doloris.

Aqui temos, portanto, o sentimento, a inspiração romantica, influindo até no coração e no espirito do poeta. E se este sentimento existiu sempre, e ainda mesmo nas proprias eras do predominio do paganismo, como querem que na actualidade, que as disposições do animo poetico o alimentam, *achasse elle o seu mundo e se ficasse n'essa visão beatifica?*

Não ficou de certo, porque o espiritualismo e o amor, poesia cujas fontes brotam ambas da alma, são as eternas e caracteristicas inspirações da musa moderna. E em quanto o coração do homem palpitar, e a mente abrasada lhe arrebatar essas palpitações ás regiões infinitas do ideal, a poesia romantica ha de existir, ser fecunda e universal.

As palavras de Villemain, fallando de Ossian, são como a suprema sancção que nós poderemos procurar a esta affirmativa. «E qual é a lição de gosto que sáe d'este exame? pergunta o illustre critico. É o conhecimento da necessidade que a litteratura seja nacional e contemporanea em todas as suas tentativas. Quando mesmo, para illudir o gosto dos contemporaneos, a imaginação busca uma ficção longiqua, quando se transforma, se disfarça e occulta debaixo de uma falsa apparencia, é pelos accidentes actuaes que agrada e

consegue ser poderosa. Fugi, pois, da imitação; fugi da litteratura falsa e artificial; sêde do vosso tempo pela vida e pelas sensações, que tambem haveis de merecel-o ser pelo talento. Sêde homens antes de ser escriptores.»

Aqui temos uma grande opinião, que, em breves palavras, resume e decide a questão. *Sêde homens, antes de ser escriptores*. Esta sentença abrange tudo que se póde dizer em abôno da escola moderna.

Approximemo-nos, porém, agora do assumpto que motivou estas considerações.

Ovidio é o cantor de todos os prazeres da vida, e, principalmente, do amor, mas do amor lascivo, que se ateia e apaga na satisfação dos estimulos sensuaes; amor como o sentiam os romanos, e ao qual a Grecia, nos vôos lubricos da sua imaginação voluptuosa, havia creado um culto, erguendo-lhe templos em Amathonta, Lésbos, Paphos, Cythera e Gnido.

Porém, Ovidio, genio facil e abundante nas *Heroides*, phantasia opulenta e inventiva nas *Metamorphoses*, tornára-se monotono e plangente nas *Tristezas*, e por isso com rasão disse Gresset:

> Je cesse d'estimer Ovide
> Quand il vient, sur des faibles tons,
> Me chanter, pleureur insipide,
> De longues lamentations.

É na *Arte de Amar*, e, sobretudo, nos tres livros dos *Amores*, que este fecundo engenho poetico accumula os thesouros da sua imaginação e encontra os assumptos predilectos das inspirações d'aquella formosissima musa erotica. Sem possuir a paixão de Propercio, nem a sensibilidade e a elegancia concisa e conceituosa de Tibullo, o seu estylo, com particularidade n'esta obra, que é da sua mocidade, possue a espontaneidade, a frescura, a florescencia da edade em que as illusões nos sorriem e desabroxam com a aurora da vida. Os *Amores* são a historia do mancebo, cujos dotes, que tão perigosos foram para as mulheres do seu tempo, predispozeram as aventuras de que depois a phantasia do poeta formou quadros formosos de graça e voluptuosidade, mas a historia do mancebo que, ainda em annos impuberes, perscrutina e explica já os arcanos do peito feminil, o que faz que Marmontel assim o appellide:

Enfaut gâté des muses et des grâces,
De leurs trésors brillant dissipateur,
Et des plaisirs savant législateur.

A expressão do amor, nos poetas antigos, não a idealisa o perfume da castidade, nem a eleva o sentimento do pudor. E a rasão é porque a mulher, no seio da civilisação d'aquellas sociedades, apresenta-se meramente como um instrumento de prazer. Esta consideração, aprofundada, resume talvez a analyse da existencia moral e social do povo grego e romano; porque, no modo porque era avaliada a mulher, estão implicitas, mas quasi incluidas, as leis das sociedades pagãs, e os principios dos seus cultos polytheistas.

A ausencia da castidade no amor é o primeiro indicio das civilisações e litteraturas que o christianismo não purificou. E não só em épocas antigas, senão em modernas. Não tratando das poesias e outras obras com que Anacreonte, Horacio, Apuléo, Petronio, Marcial, Memmio, Cinna e o proprio Virgilio consagraram as maiores torpezas de lubricidade e os costumes devassos do seu tempo, os proprios cantos amorosos dos poetas pagãos, *antigos e modernos*, como Ovidio, Catullo, Propercio, Chaulieu, Panard, Parny, Bertin e Pyron, estão bem longe de respirar o delicado e modesto recato, a pudica reserva, que é como a urna de alabastro que, sem o encobrir, envolve na suave e mysteriosa penumbra dos receios e esperanças o amor, e o conserva rodeado dos arcanos e perfumes, sem os quaes este sentimento fica sendo um instincto animal.

É difficil, diz um grande pensador moderno, convertendo n'uma ironia amarga a verdade d'esta observação, é difficil exprimir com mais engenho o que sentem os brutos; e é de certo para que se reconheça a differença que vae dos seus amores aos amores dos animaes, que aquelles amaveis estylistas fizeram elegias. Chegaram a converter em sciencia o que ha de mais natural no mundo; e a *arte de amar* é ensinada por Ovidio aos pagãos do seculo de Augusto, e pelo *Gentil Bernard* aos pagãos do seculo de Voltaire. As sociedades polidas, mas idolatras, de Athenas e Roma, ignoraram a celeste dignidade da mulher, revelada tempos depois aos homens por Jesus, que a eternisou nascendo de uma filha de Eva. É por isto que o amor, n'estes povos, se dedica unicamente ou ás cortezãs ou ás escravas; e as mu-

lheres, nos poemas dos vates mais celebrados, não possuem a elevação, e ideal, não as cinge nem d'ellas irradia aquella auréola de prestigio que lhes déra a consagração do sentimento e a phantasia do espirito christão. Nenhuma d'essas Délias, Cynthias, Lycores, Lesbias e Némesis, amaveis creaturas que a imaginação sensual da antiguidade nos apresenta como o encanto de todas as seducções da voloptuosidade, nenhuma d'ellas nos apparece inundada de luz suavissima e fulgurando-lhes na fronte a estrella da immortalidade, que o amor puro, ardente e espiritualista do Dante, do Tasso e Camões accendeu na fronte de Beatriz, Leonor, e Catharina de Athaide. «Se exceptuarmos (e servimo-nos aqui de um trecho do proprio sr. Castilho, publicado como introducção a algumas odes de Anacreonte, no *Archivo Pittoresco*, e ad«duzido pelo seu erudito commentador), se exceptuarmos «(diz elle) a Andromacha e a Penelope de Homero, alguma «scena de Sophocles, o inspirado IV conto da *Eneida*, o «episodio de Ceyx e Alcione das *Metamorphoses*, um pouco «de Tibullo, e quasi todo o Proserpio (quanto a nós o unico «apaixonado amante de toda a antiguidade); se exceptuarmos «estes, os poucos mais, que rasgam como relampagos a pro«funda noite do materialismo polytheista. o amor, não indi«gno de se offerecer, o amor fino e delicado, o amor dos «Lamartines e Hugos, não era ainda conhecido nem futu«rado.»

E como não havia de acontecer d'este modo, se na mulher, envilecida pelas instituições sociaes, se operavam todos os effeitos d'esta causa, que resumia a sua degradação moral? «As mulheres (servimo-nos aqui de uma das excellentes notas do sr. José Feliciano de Castilho, á obra de seu «illustre irmão), as mulheres, por tal guiza tratadas, tão «pouco se não recommendam por sua moralidade. Por uma «Cornellia, veneranda mãe dos Gracchos, que sómente da «pecha de ambiciosa póde ser censurada; por uma Octavia, «excellente irmã de Augusto e mãe de Antonio, ostenta-nos «a historia uma Servilia, mulher de Lucullo, expulsa por «suas devassidões; uma filha de Silla, casada com Milão, e «por este surprehendida com o historiador Salustio, que é «condemnado a uma pesada mulcta e a ser fustigado. Catão «repudia sua mulher, por indigna; cede outra para enrique«cer. Suspeita-se que Tulliola, filha de Cicero, tem relações «criminosas com seu proprio pae. Mucia, mulher de Pom-

«peo, irmã dos dois Metellos, perde todo o pudor. Saxia, «enamorada de seu genro, faz-lhe repudiar sua filha e vive «com elle como sua mulher, depois de ter chegado até o «parricidio. A irmã de Clodio, ainda creança, presta-se ás «incestuosas caricias do irmão, casa com Metello, e conserva «com Celio, a quem empresta dinheiro, relações vergonho-«sas: temendo que este a invenene, cita-o perante a justiça, «e ahi se mencionaram publicamente as infamias d'ella e os «banhos que ella mandava preparar em seus jardins, a fim «de melhor escolher entre a numerosa juventude que ali «concorresse! Marco Antonio conduz em triumpho, no seu «carro, a prostituta Cytherida, saída dos prostibulos de Roma, etc.......................................................

.......................................................................

«Dos poetas eroticos facilmente se sacaria a historia da «arte do prazer, em que eram mestras as bellezas romanas «(Vide Boltiger, *Sabina, ou a manhã de uma dama roma-«na*, Leipsick, 1806. allemão). De noite, punham no rosto, «para lhe conservarem a frescura, uma cataplasma de migas «de pão ensopado em leite e agua; as escravas, incumbidas «dos pormenores do toucador, passavam horas esquecidas «a caiar e pintar o rosto da senhora, e a suavisar-lhe a pelle: «punham-lhe os dentes que faltavam; tingiam-lhe de verme-«lho ou preto as sobrancelhas e os cabellos, segundo a mo-«da; adaptavam-lhe uma cabelleira ou crescente de alem-«Rheno, tirada da cabeça de uma mulher sycambra. Occu-«pava-se uma escrava a encaracolar os anneis dos cabellos, «outra a perfumal-os, a terceira a adornal-os com flores ou «com os longos alfinetes; mas pobres d'ellas, se a senhora, «mirando-se ao espelho de prata polida, acha que dissimu-«laram mal os seus defeitos, ou não fizeram sobresair bas-«tante as suas bellezas! não só a fidalga as arranha e mor-«de, mas tem á mão um comprido alfinete com que espi-«caça o seio nú da escrava inhabil; ás vezes mesmo ordena «ao escravo incumbido dos castigos *(lorarius)* que suspenda «pelos cabellos a culpada, e a fustigue até a senhora, enfu-«recida, dizer: basta!

«Emfim, eis-ahi a janota romana penteada, untada e apo-«mada; tem as unhas cortadas; acaba de lavar no leite as «mãos e de limpal as aos cabellos louros de um escravo mo-«ço; traja o vestido de matrona, de fazenda de lã branca, «bordado de franjas de oiro e de purpura. Tem, é verdade,

«tunicas de variadas côres, mas guarda-as para as suas ex-«cursões nocturnas, quando se lhe mette em cabeça vagar «pelas ruas de Roma, para que os rapazes a tomem por «uma liberta ou mulher da vida airada. Cobrem-na de pe-«rolas e pedras preciosas, das rainhas estrangeiras; o que «faz dizer que só uma mulher traz sobre si um patrimonio. «Cada um dos dedos (excepto o do meio) vae carregado de «anneis, que variam segundo a estação (tudo isto talvez mer-«cado ao preço da honra). Embrulha-se emfim no seu manto, «e lá sáe, levada n'uma liteira por oito robustos escravos, «que ella mesma escolheu no mercado; duas escravas mo-«ças vão ao seu lado, levando pára-soes de cauda de pavão; «e no encalço dois rapazes com coxins.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Se nos causa espanto vermos os athenienses conduzirem «seus filhos e mulheres a aprender o *bom tom* na morada «de Aspasia, menos não deve assombrar-nos observar que «as matronas romanas protegiam as meretrizes, e conserva-«vam junto a si, sob o mesmo tecto, as que lhe corrompiam «marido e filhos. *Estas matronas* (brada uma mulher per-«dida em certa comedia de Plauto) *querem que nós precise-«mos d'ellas; se a ellas nos chegamos, logo nos arrepende-«mos: em publico são todas mel para nós; apenas viramos «costas, aqui d'el-rei que somos libertas.*»

«Basta. Este quadro da romana de Augusto, tão outra da «sua avó Sabina, prova que a mulher d'essa sociedade, des-«presada e despresivel, menos fonte que ludibrio da raça «humana, não fim mas instrumento, despojada de toda essa «aureola de pudor e grandeza que o christianismo lhe res-«tituiu, auctorisava, em vez de um culto respeitoso e sin-«cero, desattenções e menosprêso; e que, se lhe arremeça-«vam flores, eram malmequeres e não amores-perfeitos; «eram espinhos sem rosas, e não rosas sem espinhos. N'essa «época tudo era grande; os vicios como as virtudes.

«Se d'isto vos convencerdes, achareis que Ovidio não me-«rece a geral imputação com que o opprimem; ha muitas «vezes nas suas palavras uma suavidade, uma cortezia, um «perfume, que alembra o sentimento christão; mas se, mais «frequente, revela desestima ao sexo, é essa, não sua, mas «da sociedade e do tempo em que surgiu.»

Esta mesma consideração nos acudiu sempre ao ler Ovidio. Ovidio, posto que, cedendo ao influxo d'esta sociedade do tempo de Augusto, a mais libertina e devassa de todas as sociedades, mostra-se, não ha duvida, um espirito delicado e elegante; e, convidado pelos impulsos de galanteio, em que era mestre, e aproximando-se instinctivamente de seculos mais polidos pela força virtual do seu genio que o impelle para épocas de mais nobre e generosa apreciação moral, manifesta já uma finura de sentir que não era a commum do seu tempo. No entanto, a não ser Corinna, que é em seus versos a personificação da belleza amavel, todas as outras mulheres dos tres livros dos *Amores*, a candida Pitho, a loura Chio, Lesbia, Cypasse, e Nappe, são cortezãs e escravas, mercado facil de impudicos desejos.

Porém, mesmo por este caracter especial, a obra de Ovidio não se nos apresenta unicamente como um viçoso ramalhete de pequenos poemas, senão como uma galeria de quadros, em que os costumes descompostos da sociedade romana são patenteados, de véu erguido, e com o collorido ardente d'estas scenas de impudor; e foi esta natureza de assumptos que obrigou o sr. Castilho a uma paraphrase; porque, diz elle pela bôca de seu erudito irmão, o sr. José Feliciano de Castilho, *obras taes como as* Metamorphoses *e os* Fastos, *devem ser traduzidas, e as como os* Amores, paraphraseadas.

Mas de certo não será esta a opinião dos idolatras das letras classicas, que vêem um sacrilegio em tudo que não seja conservar, com religiosa fidelidade, no espirito e na fórma, tudo que produziu o engenho poetico d'aquellas eras. E foi inquestionavelmente dominado dos mesmos principios de respeitoso culto, que o illustre paraphrasta nos diz no prologo: «não ha licenciosidade na litteratura latina, que se não possa ler em todas as linguas da Europa; já em verso, e já mesmo em prosa, *sem disfarce nem rodeios*.» Asserção talvez audaciosa; porque, se se pensou assim, como se entendeu ser antes conveniente a paraphrase?

Os criticos pichosos e chicaneiros acharão porventura contradição n'este ponto, e ainda mais quando o sr. Castilho diz affoutamente, que *menos lhe importou o como Ovidio tinha concebido e expresso os seus amores*, do que o como *os expressaria*, se a nossa fôra a sua linguagem e os *usos e gosto litterarios de então os mesmos que hoje são.*»

Nós applaudimos um tal systema de interpretação, visto que elle nos deu tão prodigiosos resultados de metrificação lyrica, e por isso reconhecemos com sobejo direito o nosso poeta de chamar ás elegias do vate sulmonense *as minhas canções ovidianas*, e estamos até tentados a confessar, sem adulação, que mais festejamos estas do que aquellas, posto que nos custe a atinar (dizemol-o com sinceridade) o como Ovidio, pagão e do seculo de Augusto, *conceberia e expressaria*, n'estes nossos tempos de *sentimentalismo*, os seus amores, e a conseguil-o, como seria que o amante de Corinna, assim *amodernado*, não se nos apresentaria muito outro e demudado!

Todavia, foi n'isto que se revelou a virtude, o dom especial do talento do sr. Castilho. Ovidio foi cingido e adornado de novas galas pelo seu illustre paraphrasta, e comtudo não ficou outro nem demudado; e a explicação é facil. O sr. Castilho, que por aquelle systema com o qual Theophilo Gautier adivinha nas tendencias litterarias e artisticas a patria intellectual dos grandes talentos, e acha que André Chenier é grego, Victor Hugo hespanhol, e Ingres florentino, por esta nova metempsycose o sr. Castilho é romano, e romano do bello seculo de Augusto. Foi á sombra das risonhas veigas do Tempe, em grata palestra com Virgilio e Horacio, Propercio e Tibullo, que o auctor da *Primavera* sentiu desprenderem-se-lhe e aclimarem-se-lhe os primeiros vôos da imaginação. Cuida elle haver transportado Ovidio para estas nossas épocas, quando é Ovidio que o retem abraçado, e o conserva assim n'este dulcissimo amplexo de intimidade espiritual, como a um de seus irmãos mais preclaros d'essa estyrpe immortal de poetas do Lacio.

E que importa que na fórma, no apanhado das roupas, na disposição das galas, se procurasse, nos formosos quadros dos *Amores*, a elegancia moderna, se o pensamento foi sempre respeitado, e apenas velado de ligeiras e diaphanas roupagens, quando a decencia o exigia?

Mas nem mesmo assim os idolatras da antiguidade perdoariam ao sr. Castilho, se elle lhes não tivesse dado já brilhantes e auctorisadas provas do quanto ama todas as producções do engenho antigo, conservando-lh'o intacto quasi na essencia e fórma, nas *Metamorphoses*, nos *Fastos*, e agora na *Arte de Amar*. Estas versões são um modêlo de fidelidade. Tanto o poeta como o philologo se comprazem em

contemplar n'ellas, o philologo mais um monumento, que trazido para o nosso idioma, com a religiosa solicitude com que o archeologo transporta para a sua patria uma voluta ou um cypo do Parthenon, nos proporciona a presença mais proxima e nossa de uma obra indispensavel na vasta fabrica da historia litteraria; e o poeta um modêlo, onde, colligidas, deparâmos com as infinitas bellezas que soube crear e inundar de viva luz o estro dos antigos.

É por isto que, nas obras litterarias, e, sobretudo, nas do poeta, o estylo é tudo, e que, transmudado este, ou amodernado, o que tanto vale, não fica a idéa completa da entoação e toques originaes do quadro primitivo. O traduzir os antigos deve de ser como o retratar, dizem os apologistas das lettras classicas: e nós estendemos o preceito ao antigo e ao moderno. Não é com o que praticou Ducis, que se póde fazer idéa da indole poetica e genero dramatico de Shakespeare. Se fosse possivel admittir nas operações do pensamento a photographia, só os seus resultados nos satisfariam na reproducção das obras dos grandes genios. Oxalá que assim como ella póde vulgarisar os prodigios do cinzel grego e do pincel romano e florentino, podesse tambem traduzir, para todas as intelligencias, as concepções admiraveis do genio poetico. Desesperados de conseguir este esmero de verdade, muitos dos mais escrupulosos cultores da antiguidade teem feito as suas versões em prosa; e n'este sentido os trabalhos de madame Dacier, Desfontaines, Dugas Montbel, e agora a vasta collecção dos classicos latinos de Nisard, hão de ser em todo o tempo procurados, quando se deseje conhecer de perto a physionomia dos escriptores que formaram os primeiros seculos da litteratura. Uma traducção livre ou uma paraphrase, aos olhos dos idolatras das boas letras antigas, affigura-se sempre sacrilegio não facil de perdão. Pretender-se adornar ou ampliar aquillo que se reputa modêlo (exclamam estes adoradores do bello antigo), não póde deixar de tornar-se attentado, e attentado tanto maior, porque tem a condemnação na propria incoherencia que encerra. Pois que se deseja conseguir com a versão dos classicos? Será conhecer a historia antiga ou o machinismo e physionomia da civilisação d'aquellas eras? Não de certo, porque para isso serviriam melhor os historiadores e os philosophos que os poetas. Será então copiar e acceitar os seus principios moraes, politicos

ou religiosos, os quaes davam uma feição tão peculiar á sua poesia? Tão pouco; porque o espirito das edades modifica-se no seu curso incessante e progressivo, segundo as exigencias das novas sociedades que se succedem; e seria absurdo, ainda mesmo nos dominios ideaes das letras, querer voltar a esse tempo de paganismo, quando tudo nos impelle para outro rumo e outros destinos. Que será pois que se procura nos auctores antigos? Procura-se o estudo da fórma, a simplicidade magestosa d'aquellas linhas singelas e grandiosas, que, como o Jupiter Olympico de Phidias, traduzem a serenidade da omnipotencia do genio. Esta elevação epica, esta graça simples e pura, que não busca nos artificios de complicados processos de estylo os segredos da sua excellencia, é a herança que nos cabe dos antigos, é a herança que devemos procurar obter, e que importa façamos os maioros esforços para conseguir e enthesourar.

Mas esta qualidade é exactamente aquella que desapparece de todo nas versões livres, e por isto uma paraphrase, no conceito de alguns bons contrastes em litteratura, fica sempre sendo trabalho que atraiçoa dois meritos: o da obra original, porque, vestindo-a e enfeitando-a com adornos peregrinos, a transmuda; e o do paraphasta, porque atando-lhe a imaginação, apesar das liberdades que tome, ao pensamento inicial do quadro primitivo, mal lhe deixa ostentar o vigor e gentileza dos vôos a que as forças proprias o convidem.

São estes reparos que alguem poderia fazer talvez ao sr. Castilho, se com effeito os *Amores* não fossem uma collecção de poesias, cuja indole pede ligeiro disfarce, como diaphano cendal lançado sobre as fórmas nuas e provocadoras da Venus Aphrodita. E, sobretudo, se nos lembrarmos de que esta liberdade de interpretação, de que esta faculdade de vestir com donaires seus as *elegias* do vate sulmonense, deu logar a todos os engenhosos brincos de inspiração lyrica, de metrificação multicor e scintillante, mimos e graças de dizer que admirâmos nas *canções ovidianas* do sr. Castilho, o applauso não póde deixar de nos rebentar franco do animo e dos labios, porque nunca mais rica, mais esmerada e opulenta obra d'esta natureza saiu dos prélos portuguezes. N'este sentido todo o elogio fica áquem dos desejos. Depois de se ver e analysar tão portentoso esfor-

ço de accumulação de riquezas poeticas, de combinações rhythmicas, de fulgor e opportunidade de imagens, ufana-se o leitor de fallar tal idioma, que para tão diversas e fulgorosas pompas opulentou recursos. Não é só uma paraphrase o trabalho do sr. Castilho, é uma esplendida e abundante poetica, exemplificada nas difficuldades mais assombrosas da metrificação, reunindo os segredos de todo o machinismo do estylo lyrico, grupo de graças, não tres, mas cem, mas mil, e todas ellas de uma gentileza praxitelica e de um primor e acabado, que nem que as modelasse o cinzel de Phidias. Que linda não é a canção á morte do papagaio, especie de caleidoscopo lyrico de infinitas e multiplices côres, em que, como os matizes cambiantes da ave da America, fulguram todos os brilhos do colorido poetico!

Morreu da bella aurora o bello filho,
Que ovante espanejava em nossos lares
Todas as côres do materno brilho,
Todo o verde dos indicos palmares.

E o *Circo de Roma?* Ha nada aproximavel ao movimento dramatico d'este formoso episodio, cuja acção é tão energica e vivamente expressa pela variação e propriedade dos rhythmos! Parece-nos assistir effectivamente a uma d'aquellas sumptuosas funcções da antiga sociedade romana, e o coração e o espirito, em desencontrados impulsos de anciedade, seguem todas as peripecias da carreira, e como que acompanham até á meta os fogosos contendores. Que pena temos que o espaço nos vede reproduzil-o aqui por extenso!

São todos os generos de que se triumpha, todos os primores que se conseguem, n'esta téla de exquisito lavor litterario. E muito mais a admiração recresce, quando se nota a conceituosa concisão d'esta poesia, que nunca emprega uma palavra de mais, nem obscurece uma idéa, ainda que a imagem venha velal-a. Como modêlo d'este genero, o trecho que vamos transcrever, é prodigioso. Corinna vae a um banquete, e Ovidio presenceia que ella lhe é infiel.

Sobrio, entre os vinhos com que a mesa ria,
Eu fui do caso infando testemunha.
No mover dos sobr'olhos, teus e d'elle,
Vi claras expressões; as frontes de ambos
Prescindiam da voz; olhos vibraveis
Eloquentes de amor; letras c'o vinho
Escrevieis na mesa; os proprios dedos,
Movidos com disfarce, as imitavam.

Da linguagem fallada o senso occulto
Decifrei; tudo os zêlos interpretam!
Cada palavra, que entre vós trocaveis,
Na accepção usual e conhecida,
Outra encerrava, só de vós sabida.

Terminado o banquete, os sôltos convidados
Deixam ermo o salão; dois ficam reclinados...
Sois vós; disfarço, espreito, observo tudo emfim.

Estes versos, na sua belleza concisa e pintoresca, resumem, só de per si, todo o episodio da infidelidade da bella Corinna. Formam um quadro.

Como arrojo lyrico, a *Aventura meridiana* apresenta um trabalho admiravel. A versão é feita em quartetos de seis e doze syllabas: o primeiro verso rima com a segunda syllaba do segundo; o segundo com o quarto; e o terceiro, em écco, com a segunda syllaba do quarto. As rimas são alternadas, ora graves, ora agudas. É mister ser conhecedor, para apreciar toda a difficuldade d'esta versão, aliás fidelissima. E talvez julguem que estas difficuldades de metrificação se denunciam na canção? Pois nem um hiperbato forçado, nem um hiato, nem uma collisão de sons asperos ou dissonantes, nem uma palavra sobeja, nem uma violencia ou impropriedade de rima revelam os obstaculos vencidos. Todos os versos são fluentes; não ha uma palavra escusavel, um adjectivo superfluo; e a cadencia e a euphonia dos sons chegam a emparelhar com a melodia metastaziana. No pensamento, esta canção lembra a musa leviana e ás vezes sensual de Alfredo de Musset. Ha o espirito moderno no sentir d'este quadro, que o mysterio das sombras torna mais provocador e voluptuoso.

A canção á *immortalidade do poeta* suggere-nos uma idéa, que, como argumento complementar da comparação da poesia antiga com a moderna, nos parece dar a victoria a esta ultima. Victor Hugo, na sua poesia *Le poète*, trata este mesmo assumpto, que todavia tanto se distanceia e varía, segundo as duas épocas, mas que se apresenta de uma maneira muito mais larga e elevada na producção do poeta francez. É n'estes pontos de contacto que se contraprova o quanto a inspiração moderna levá vantagem á musa dos antigos, que, sem aspirações para um futuro de luz infinita, nem azas que a deixassem voar pelos horisontes sem fim do espiritualismo, se fica nos dominios estreitos do sensualismo pagão. Confrontemos algumas estrophes.

Falle primeiro Ovidio nos formosos versos do sr. Castilho:

Porque, mordaz inveja, assim me infamas,
Me exprobras de passar no ocio a vida,
E fructos de alma inerte aos versos chamas?

Porque me argues de que na marcia lida,
Quaes os priscos heroes da patria gente,
Não siga os postos na estação florida?

Nem das verbosas leis o impertinente
Cahos revolva, aprenda e prostitua
Ao fogo ingrato meu ingenho ardente?

Tem jus sobre isso tudo a morte crua...
Sequioso de gloria, ao mundo inteiro
Quer meu genio estender a fama sua.

Será Homero á morte sobranceiro
Em quanto o Ida, e Tenedos durarem
E o Simoente ao mar correr ligeiro, etc.

Depois continua esta referencia a todos os bellos engenhos gregos e romanos, e em seguida conclue assim:

Bronzes devora o tempo desabrido,
Mina, carcome o marmore lustroso,
Mas do canto ao poder foge vencido.

Regios triumphos, sceptros do orgulhoso,
Thesouros com que o Tejo se enriquece,
Nada sois ante o estro, o dom fogoso!

Em cousas vis o vulgo se interessa!
A mim Phebo me outorga seus favores,
E cheios copos da Castalia off'rece.

Myrtho, que teme os invernaes rigores,
Ha de sempre c'roar-me; sempre lido
Serei dos extremosos amadores.

Depois de ter aos vivos perseguido,
Vae morrer sobre os tumulos a inveja,
E dá-se o preço a cada qual devido.

Assim pois, quando entregue ás chammas seja,
Tornado em cinza o véu da humanidade,
Ovante vivirei, sem que me veja
Em risco de perder a eternidade!

Agora a poesia de Victor Hugo:

Quil passe en paix, au sein d'un monde qui l'ignore
L'auguste infortuné que son âme dévore!
Respectez ses nobles malheurs;
Fuyez, ô plaisirs vains, son existence austére;
Sa palme qui grandit, jalouse et solitaire,
Ne peut croître parmi vos fleurs.

Il souffre assez de maux, sans y joindre vos joies!
Chaque pas qui l'enfonce en de sublimes voies
    Par une doleur est compté.
Il pleure sa jeunesse avant l'âge envolée,
Sa vie, humble roseau, qui se trouve accablée
    Du poids de l'immortalité.

Il pleure, ô belle enfance, et ta grâce et tes charmes,
Ft ton rire innocent et tes naïves larmes,
    Ton bonheur doux et turbulent,
Ft, loin des vastes cieux, l'aile que tu reposes,
Ft, dans les jeux bruyants, ta couronne de roses
    Que flétrirait son front brûlant!

.....................................

Ah! si du moins, couché sur le char de la vie,
L'hymne de son triomphe et les cris de l'envie
    Passaient sans troubler son sommeil!
S'il pouvait dans l'oubli préparer sa memoire!
Ou, voilé de rayons, se cacher dans sa gloire
    Comme un ange dans le soleil!

Mais sans cesse il faut suivre, en la commune arêne,
Le flot qui le repousse et le flot qui l'entraîne!
    Les hommes troublent son chemin!
Sa voix grave se perd dans leurs vaines paroles,
Et leur fol orgueil mêle à leurs jouets frivoles
    Le sceptre qui pése à sa main!

Pourquoi traîner ce roi si loin de ses royaumes?
Qu'importe à ce géant un cortége d'atomes?
    Fils du monde, c'ait vous qu'il fuit.
Que fait à l'immortel votre éphémére empire?
Sans les chants de sa voix, sans les sons de sa lyre,
    N'avez-vous point assez de bruit?

Laissez-le dans son ombre où descend la lumiére.
Savez-vous qu'une muse, épurant sa poussière,
    Y charme en secret ses ennuis?
Et que, laissant pour lui les éternelles fêtes,
La colombe du Christ et l'aigle des prophètes
    Souvent y visitent ses nuits?

Sa veille redoutable, en ses visions saintes,
Voit les soleils naissants et les sphères éteintes
    Passer en foule au fond du ciel;
Et, suivant dans l'espace um choeur brulant d'archanges,
Cherche, aux mondes lointains, quelles formes étranges
    Y revêt l'Etre universel.

O pensamento dos dois seculos imprime um caracter diverso nas duas poesias, no entanto ha um ponto em que a ascensão natural do talento aproxima os dois grandes genios, e é quando ambos presentem a immortalidade na missão augusta do poeta.

Seria obra de uma analyse extremamente longa e minuciosa notar aqui todas as bellezas do texto, aclimatadas com tanta arte e imaginação pelo engenho do illustre paraphras-

ta, e outras tornadas mais formosas ainda, depois de transplantadas para o nosso idioma. O valor d'este trabalho é incalculavel, e o seu alcance, para o estudo exemplificativo, na sua riqueza e variedade de fórmas, deve de ser de summo aproveitamento.

O sr. Castilho já nos tinha revelado os segredos do machinismo poetico no seu bello *Tratado da Metrificação;* mas nas *Canções Ovidianas* converte todos esses preceitos em exemplos de inspiração felicissima. O metro habilmente variado; fluencia e valentia de verso; riqueza de combinações rhythmicas naturalmente nascidas da indole e movimento da idéa; jogo harmonioso das vogaes; cadencia de acentuação metrica; opulencia de rimas; tudo attesta a grande sciencia da contestura e harmonia da versificação em que o sr. Castilho é sem egual. Nem uma aspereza, repetimos, nem uma collisão desagradavel ou pouco euphonica, nem uma deficiencia de rima, nem uma exuberancia de epithetos, que são os avelorios da mingoa das verdadeiras galas da imaginação poetica, nem uma violencia ás leis da prosodia, n'uma palavra nenhum d'estes pequenos defeitos que fervilham nas poesias dos primeiros genios poeticos de todos os tempos, se encontram, sequer, no seu trabalho. Até o emprêgo dos exdruxulos, assás difficil na nossa lingua tanto carecida d'elles, e que, combinados com os agudos e graves, formam uma das bellezas de harmonia da lingua italiana, até isso nos proporciona um dos melhores estudos, porque é sempre com extrema naturalidade que elles apparecem e se combinam alternadamente. A propria rima, que n'outras mãos menos versadas nos segredos da consonancia metrica e opulentas de seus sons, se tornaria um *martellar* monotono e pesado, usada pelo sr. Castilho, em todas as variações das pausas e medidas metricas a que elle a sujeita, é como uma verdadeira musica, cujas vozes, vibradas de distancia em distancia, correspondem, por intervallos calculados, ao mesmo machinismo e natural desenvolvimento do pensamento poetico. Faz até lembrar aquelles vasos de bronze artisticamente collocados pelos antigos sobre o tympano dos seus amphitheatros que, percutidos a compasso, chamavam aos fundamentos da harmonia as vozes dos cantores.

Algumas palavras ainda sobre o erudito trabalho do sr. José Feliciano de Castilho, a sua *Grinalda Ovidiana*, e va-

mos rematar. Somos d'aquelles a quem custa a ver um immenso sequito de notas, apostillas e commentos, junto a uma obra poetica. Ver logo o poeta e o censor, Homero e Aristarcho, o genio creador e a posteridade no mesmo livro, parece-nos um trabalho superabundante, que tira ao leitor todo o trabalho de pensar e julgar.

N'outro tempo, o sr. Antonio Feliciano de Castilho era de certo da nossa opinião, quando escrevia no seu prologo das *Metamorphoses* estas palavras: «Supposto, por algumas vias, possa convir a um escriptor o dar rasão de si, e de seu escripto, sempre comtudo é innegavel, que *n'esse humanar-se e descer á familiaridade de toda a gente, como que desauctorisa, e, em grande parte, annulla o seu proprio personagem poetico*. Quando de um grande varão só nos ficaram os seus versos, cria-se e ama-se uma illusão maravilhosamente favoravel á sua gloria; por quanto toda a vileza e mesquinhez da prosa, que era a parte miseravel e caduca, por onde se aparentava com o pó, com o vulgo e com a vida, desapparece, e só fica, para nos representar o seu nome, a parte nobillissima, etherea, immortal do seu sujeito — o genio.»

É isto mesmo que nós sentimos. Uma analyse, que tudo explique, que tudo revolva e elucide; que, como escalpello de anatomista, disseque as fibras mais tenues do corpo que nós suppunhamos divino, e que, por isso, se nos affigura verdadeira profanação todo o exame, toda a inquirição da autopsia intentada sobre fórmas, que a consagração do prestigio sublima; uma tal analyse faz-nos o effeito do magico que, depois de nos ter o espirito suspenso nos pordigios da sua prestidigitação, nos viesse explicar logo como taes milagres se operam,

Queremos ver os milagres, mas não queremos conhecer-lhes as molas que os fabricam; queremos presencear as maravilhas da scenographia, sem inquirir de que arte se valeram o pintor e o machinista para nos illudir; queremos gosar, emfim, as delicias do paraiso, sem provar dos fructos da arvore da sciencia, que travam sempre depois do nectar e ambrozia da meza dos Deuses.

O sr. José Feliciano de Castilho dir-nos-ha que todo o grande engenho poetico tem tido o seu Pisistrato, o seu Wolf, o seu Christiano Heyne, e nenhum de certo mais illustrado e competente, no nosso conceito, para tão exigen-

te tarefa, que o analysta do trabalho de seu illustre irmão. E sobretudo, se considerarmos o serviço que elle faz decerto á litteratura portugueza, buscando, com tanto zelo patriotico e esclarecida erudição, em os nossos auctores, as referencias, as analogias, os logares remotos ou similhantes, que o decurso do seu profundo exame lhe suggeriu, se considerarmos isto tudo, torna-se impossivel deixar de louvar e aceitar a sua obra de critica panegyrica, não só como completo auxiliar para a intrepetração de toda a parte historica do texto, senão como um indicador solerte e noticioso das immensas preciosidades litterarias escriptas na lingua de Camões.

N'uma palavra, a paraphrase dos *Amores de Ovidio* do sr. Antonio Feliciano de Castilho, acompanhada da *Grinalda Ovidiana* do seu erudito irmão, formam um bom livro, um livro cuja apparição marca época em todos os paizes, onde as letras sejam uma profissão e um culto; e nós, dirigindo os nossos reparos a tão eminentes escriptores, ainda mesmo que alguma vez a razão venha collocar-se da nossa parte, não nos resta senão o sentimento da estima e respeito, que nos obrigam, em todo o caso, a pedir-lhes perdão d'essa nossa pequena victoria, como Carlos V ao papa: *Sanctissime pater, indulge victori.*

Setembro — 1860.

## LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Comêco da Sociedade Escolastico-Philomatica.— A nossa mocidade litteraria de ha trinta annos.— O renascimento romantico e os effeitos exagerados do romanticismo.— O romance historico.— Os auctores da *D. Branca*, e do *Mestre Gil*.— O impulso partido de Allemanha e de França generalisa-se entre nós.— Byron e os seus poemas.— Influxo de todas estas causas nos nossos escriptores.— O *Rausso por Homisio*.— *A ultima corrida de touros em Salvaterra*.— Rebello da Silva orador politico.— Fundação do Curso Superior de lettras.

Quem passasse, em alguma das noites de fevereiro de 1838, pela rua da Atalaya, não poderia deixar de fazer reparo no primeiro andar de um predio de acanhada e singela frontaria, que ainda hoje lá existe, pois atravez das vidraças das janellas do primeiro andar d'esse predio veria uma illuminação desusada, e, poder-se-hia dizer até esplendida, a attender á parcimonia de luz que habitualmente bruxeleia nas pequenas casas d'aquella rua do interior do Bairro-Alto. Vozes acaloradas, como de homens que apostrophavam, ou que ensaiassem as diversas entoações declamatorias de um empolado sermão, soavam de dentro, sendo não poucas vezes interrompidas ou abafadas pela clamorosa algasarra de muitos individuos, que todos disputavam, ao que parecia.

A estranheza da scena, e uma luz que soluçava mortiça n'uma enferrujada lanterna de folha, na escada, e que como que convidava a subir, dizendo-nos que a funcção era publica e a entrada franca, tudo isto picava a curiosidade ao caminhante e o incitava por fim a entrar. Chegado acima via

uma pequena sala disposta á maneira de parlamento. A presidencia occupava o topo da casa: renques de bancos, collocados como na platéa de um theatrinho particular, enchiam o resto da sala, deixando apenas uma estreitissima nesga de espaço para a *galeria publica* (nem isso faltava!) que eram duas fileiras de assentos de pinho, que ficavam logo á entrada da porta principal, para maior commodidade do visitante estranho que concorresse a presenciar estas polemicas oraes em miniatura, comparadas com o que já succedia então nas nossas assembléas politicas.

Uma multidão de individuos occupava os logares todos. No meio, de pé, via-se o orador, bracejando com energia e intimativo accionado; e. se nem sempre prendia a attenção do auditorio pelos primores oratorios de uma eloquencia já auctorisada em triumphos successivos, nunca mais audaciosos themas, nem arremettidos com mais temeraria e reformadora philosophia, o curioso depararia em logar algum de discussão.

Esta casa era o berço da Sociedade Phylomatica, sociedade que depois tanto floresceu, abrangendo em seu gremio toda a mocidade lettrada de então. As materias que lá se discutiam eram nada menos do que *a influencia da civilisação na historia; a reacção romantica e os effeitos da litteratura no occidente da Europa*, e diversas outras; e os mancebos oradores que primavam n'estas dissertações e controversias, exercitando já as forças de uma palavra que depois se tornaria o ornamento e esplendor da tribuna parlamentar ou de algumas cadeiras scientificas, eram muitos, como Thomaz de Carvalho, Vieira de Carvalho, Andrade Corvo, e entre estes e outros mais, Luiz Augusto Rebello da Silva.

Rebello da Silva contava a este tempo 17 annos; os seus estudos reduziam-se ainda aos simples preparatorios que um moço d'esta edade costuma ter apenas adquirido, embora o amor ás lettras o chame já para o terreno difficil das altas questões philologicas. No entanto, não foi custoso de perceber n'elle desde logo o homem de agudo tino e espirito vasto, que na ascenção virtual do proprio talento encontraria as concepções mais elevadas e o dom de as generalisar com os fulgores de uma eloquencia imaginosa e abundante com que facilmente daria fórma pomposa ás flores da sua phantasia.

E que época de fogo para os espiritos da juventude não foi esta em que os primeiros arreboes de uma aurora litteraria começavam de manifestar-se e fulgir! O movimento poetico, que rebentou em França, trazendo á sua frente Châteaubriand, mad. de Staël, Lamartine e Victor Hugo, só por este tempo evidenciou os seus effeitos em Portugal. A guerra civil, terminada em 1834, havia-lhe suffocado muitos dos seus mais nativos e fogosos intuitos, mas tambem fôra o triumpho dos principios liberaes que, como um impulso correlativo, trouxera com mais força e victoriosas as novas doutrinas. Almeida Garrett, o poeta soldado, o exilado no seio da *princesa altiva das armadas, no coito da foragida liberdade,* como elle denomina a nobre Albion, no seu *Camões*, inspirára-se de todo este movimento que então trazia em fermentação as imaginações em Allemanha, França e Inglaterra, com a apparição das obras de Byron. Este movimento, excitado pelo ancioso desejo de elevar o ideal da natureza humana, abatido e aviltado pelas glorias militares de Napoleão; este conjuncto de doutrinas diversas, mixto de aspirações religiosas, de recordações do passado, das singelas e nativas tradições que haviam desferido o vôo das poeticas e melancholicas ribas de Rheno, como um sopro espiritualista das raças do Norte que invadisse e viesse purificar a atmosphera morna e viciada dos povos do Meio-dia e Occidente da Europa; todos estes principios, todas estas impressões, todas estas exigencias moraes e intellectuaes crearam uma escola de innovadores ardentes, como Manzoni, Ugo Foscolo, e Silvio Pellico, em Italia; Watter Scott e Byron, em Inglaterra; Victor Hugo, George Sand e Alfredo de Musset, em França; e o duque de Ribas, em Hespanha. O auctor da *D. Branca*, que já sentia em si a alma e o fogo d'esta familia ideal, correu a alistar-se em volta do estandarte de tão grande revolução litteraria. O impulso dado foi communicativo, e a *Harpa do Crente* soou dentro em pouco, vibrando em themas propheticos as fervorosas e tristes endexas, que só consegue inspirar a melancholia suave do genio da poesia peninsular. A *Izabel* e o *Espectro*, poemas de José Maria da Costa e Silva, assim como a *Noite do Castello* e os *Ciumes do Bardo*, são tambem inspirações da mesma musa. Acceitando a doutrina de que as artes devem de ser a expressão das intimas e verdadeiras impressões da alma, e sentindo inflamar-se-lhes a phantasia com

a leitura dos melhores escriptos de Goëthe e Schiller, com as estrophes arrebatadas do *D. João* e do *Child-Harol*, e com os romances de Walter Scott, todos estes homens distinctos instinctivamente se colligaram n'esta cruzada, esforçando-se por imprimir á litteratura patria um cunho de nacionalidade que havia perdido desde fins do seculo XVI. «O genio da poesia nacional (dissemos já n'outra parte) como que presentindo talvez o largo periodo devolvido a que teria de ser votado, havia soltado os seus ultimos lamentos de despedida nos sentidos contos do *Affonso o Africano*, de Quebedo, e na maviosa e dolorida narrativa do *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real. Depois d'isto nada mais se ouvira de verdadeiramente portuguez, nem no espirito, nem na linguagem. As differentes manifestações da arte, da arte filha genuina do sentimento peninsular, mixto da influencia christã e das tradições cavalleirosas da edade-media e das lendas arabes, jaziam opprimidas e despresadas pela tyrannia das doutrinas da litteratura mythologica, doutrinas sem rasão de ser para nós, povos modernos e christãos, criados na crença e culto de uma religião espiritualista. Que sabia o povo de Jupiter e do seu Olympo, e de Venus, a lasciva e formosa esposa de Vulcano? A vista esplendida do firmamento, nas horas da magestade silenciosa da noite, diz mais á imaginação de nós todos do que toda a comitiva impudica das divindades pagãs de Hesiodo e Homero.»

Porém, esta quadra do predominio classico passou. O *Genio do Christianismo*, *René*, *Fausto*, o *Child-Harol*, *As Orientaes* e as *Harmonias*, inspirações sopradas de diversos pontos e illuminando talentos que despediam vôos para horisontes bem oppostos, mas todos reagindo, com a audacia de um pensamento que devassa novos segredos á arte e os divulga, contra o dogmatismo das regras antigas, foram as producções que fundaram a nova escola, que lhe serviram de modêlo, que accenderam o estro aos modernos escriptores, e que não poucas vezes tambem os desvairaram por essas veredas ingremes e apertadas de precipicios, que têem, de um lado, a imitação servil que absorve toda a individualidade, e do outro, o prurido da originalidade que leva á exageração e ao ridiculo.

É impossivel negar que a reacção romantica rasgou mais amplos espaços e encheu de luz e vida perspectivas, que os preceitos da poetica antiga, levados á obstinação do sys-

tema absoluto para todas as fórmas de arte, conservavam envolvidas n'um véo denso, que só mãos audazes se abalançaram a descerrar. Lamartine, por exemplo, elevou a poesia ás regiões do espiritualismo e do amor, mas do amor que se purifica na propria intensidade das chammas que o inflamam, em quanto que Victor Hugo a penetrou dos esplendores e da sonoridade do mundo exterior. Comtudo é innegavel tambem que esta reacção trouxe comsigo os seus effeitos, como sequito natural que acompanha sempre tal natureza de acontecimentos. O exagêro, que se manifestou nos espiritos, reflectiu-se logo em todas as obras. A impressão estranha das theorias innovadoras; o deslumbramento, que se seguiu, como um phenomeno previsto, ao apparecimento dos recentes astros surgidos nos horisontes da arte; o receio de ainda se mostrar sujeição aos dictames da velha escola, tudo isto arrastou as idéas a uma tal anarchia, que a hesitação se tornou evidente, como effeito necessario d'estas causas, nos primeiros passos dados na senda que o arrojo reformador acabava de abrir e franquear aos talentos que ambicionavam uma estrêa nos differentes dominios das lettras.

E d'estas origens deriva a agitação febril, e nasceu tambem a ambição desmedida, as lastimaveis e singularissimas pretenções de originalidade que se patentearam em muitos escriptos inconsistentes e hyperbolicos.

Todavia, foi esta uma época de enthusiasmo e quasi de delirio, mas do nobre e solemne delirio que solta azas radiantes em desmesurados arrebatamentos, e que só é delirio porque a imaginação vôa para eminencias de regiões até ahi ignoradas, delirio a que Voltaire chamou *diable au corps*, e os antigos *sacra furia*. Havia vida, havia impulsos de resolução generosa, havia ardentes e fervidos incentivos a que obedeciam espontaneos os espiritos, inflammados pela atmosphera de fogo das novas inspirações. Publicava-se um livro; e a critica (a critica d'esse tempo, que era benevola e enthusiasta tambem; que era a primeira a acolher, a proclamar todas as tentativas, e a preparar logar para todos os talentos); publicava-se um livro, repetimos, e a critica apressava-se a annuncial-o, a encarecel-o, a rodeal-o de prestigio e bom nome, de leitores e radiosos e fecundos destinos. Era uma litteratura *amiga*, sim, mas cujos intuitos, cujos nobres e ardentes instinctos, cujas ambições justifica-

veis e que convergiam todas para um mesmo e glorioso fim, que consistia na inauguração de uma nova quadra litteraria, se animavam e inspiravam do unico sentimento que póde determinar as grandes revoluções do espirito humano. Esse sentimento era o amor das nossas cousas; amor excitado pelo movimento intellectual que acabava de gyrar uma parte da Europa, e que entre nós se converteu n'um desejo constante e geral de fazer resuscitar as nossas tradições patrioticas e os melhores modêlos da litteratura nacional. Basta citar aqui uma parte do prefacio dos editores do *Auto de Gil Vicente*, applaudidissimo drama que appareceu então, como a primeira e mais valiosa pedra do edificio do nosso theatro moderno, para se julgar do alvoroço com que se recebiam os acontecimentos d'esta ordem. «A apparição d'este drama (dizem os editores) teve uma época na historia de Portugal. De então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisboa foi á rua dos Condes applaudir *Gil Vicente*, todos os iovens escriptores quizeram imitar *Gil Vicente*. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as acclamações geraes.»

E agora ouçamos o proprio auctor, e seja elle que nos diga quaes os sentimentos que o animavam n'esta quadra de tanta vida e esperanças para as nossas lettras.—«O que eu tinha no coração e na cabeça—a restauração do nosso theatro—seu fundador Gil Vicente—seu primeiro protector el-rei D. Manuel—aquella grande época, aquella grande gloria—de tudo isto se fez o drama.»

Eis como se exprimia o visconde de Almeida Garrett. Era um nobre e fecundo pensamento que desabroxava ao sol de uma luminosa éra litteraria. Em roda tudo refulgia esperanças, incitamento e vida.

E esta época não vae longe; apenas teem decorrido vinte e tantos annos; [1] e comtudo, comparados os seus altivos e generosos impulsos, o movimento, o calor, o fogo que ateiava e impellia então os animos, com a frieza, com a apathia e quasi desapêgo de tudo e de todos que hoje resfría as almas e lhes encolhe as azas para todos os vôos de largo

[1] Este artigo era escripto em 1859.

e audacioso alcance, como distantes se nos affiguram todos estes successos! Parece tudo isto uma illusão dos sentidos, ou um jogo de optica que nos surja diante dos olhos! Os mancebos d'esse tempo são apenas ao presente homens feitos, e todavia são elles os proprios que se recordam, com o sorrir nos labios, mas com o amargo sorrir que sente o espinho da saudade a pungir o coração, d'esses dias de exaltação e embriaguez, em que o triumpho de um drama, em que o apparecimento de um livrinho de versos, em que a revelação de uma vocação auspiciosa era o mais applaudido e almejado acontecimento porque aquelles peitos ainda juvenis poderiam anciar.

Mas esta reacção teve os seus excessos, e os seus devaneios, como todas as reacções. O desejo de resuscitar a edade-media, com todos os seus castellos e castellãs, arnezes e morriões, adarves e pontes-levadiças, com as suas cathedraes gothicas e ogivas de vidros coloridos de illuminuras mysticas, cryptos povoados de espectros e tradições legendarias, que no culto popular tinham a sua origem poetica e litteraria, todas estas idéas tristes e sinistras enluctavam as imaginações. A estas predilecções, que não foram outra cousa senão a resurreição d'este genero litterario, veiu agrupar-se o gosto encarecido da historia patria, mas aberta nos proprios capitulos em que as sevicias e flagicios dos regulos feudaes ministravam assumpto aos engenhos romanescos para crear perseguições, torturas, captiveiros e phantasmas, em todos os palacios senhoriaes, em todas as torres que, a dependurarem-se das fragas das serranias, derrocadas e meio occultas em fossos e matagaes, ainda mais tenebrosas se tornavam escondidas pela superstição do povo nos mysterios romanescos da escuridão dos seculos. A historia de Inglaterra, romanceada por Walter Scott, a *Notre Dame de Paris* e as novellas historicas de Alexandre Dumas inspiraram ao illustre auctor do *Eurico*, a *Abobada* e o *Mestre Gil*, estudos em que as tradições legendarias reassumiram as feições que só a profunda investigação archeologica sabe recompôr e animar. O genio litterario dos nossos mancebos escriptores despertou, e accendeu-se em emulação a este chamamento, feito pela auctoridade de um nome, constellado pelos prestigios do talento e do saber, e ainda mais pelos fulgores dos triumphos que tão patrioticas e conscienciosas paginas acabavam de conquistar.

E o sr. Alexandre Herculano, como o visconde de Almeida Garrett, não foram unicamente um exemplo e um modêlo para a mocidade estudiosa que então alvorecia para as lettras, senão os mestres e os chefes de uma eschola, pela solicitude com que ora acudiam á vocação que se via entregue apenas aos seus esforços vacilantes, ora proclamavam com a sua palavra auctorisada as intelligencias já provadas em esperançosas tentativas.

Rebello da Silva foi um dos discipulos mais notaveis d'esta eschola. No *Cosmorama litterario*, jornal da Sociedade Escholastico-Phylomatica, já elle havia ensaiado alguns generos, sobresaindo o romance historico a *Tomada de Ceuta*. Porém, a sua verdadeira estreia, n'esta especialidade, deve de considerar-se o *Rausso por Homizio*, saido á estampa na *Revista Universal* de 1842 e 1843. Basta attentar no titulo da obra, para comprehender logo que se trata de um estudo litterario levado aos extremos das investigações da archeologia. Effectivamente, o gosto exagerado das lendas e costumes da edade-media, época que o movimento romantico, com todas as predilecções da sua indole, havia contraposto ao predominio das influencias classicas, obrigára a imaginação dos romancistas e dramaturgos a entranhar-se pelas regiões enubladas do passado, e a fazer consistir o principal merito de seus escriptos na reproducção exacta d'esses costumes semi-gothicos, costumes a que o brial recamado da cavallaria, esforçando-se pelos envolver nos donaires das instituições da gentileza militar, não conseguiu esconder a ferocidade dos rudes instinctos das leis sanguinarias das tradições guerreiras da velha Germania. Tudo isto nos apparece e tudo se respira no *Rausso por Homizio*. Os codices dos seculos XIV, e do seculo XV, o amor das ruinas recommendadas pela superstição popular, e authenticado pelas investigações de Ducange, Viterbo e Montfaucon, tornara-se a fonte de inspiração e de ensino n'estas obras, em que o poeta abatia as azas da phantasia diante dos escrupulos do antiquario.

Vieram depois tempos de critica mais atilados e de mais fino e acrysolado gosto, e esta nuvem que entenebrecia os espiritos, dissipou-se, deixando ver amplos e aprazíveis horisontes. O estudo da historia não esqueceu, mas não foi inculcada só uma época como thema absoluto para todas as fórmas da arte: o talento percorreu muitas outras, e saltou

até para fóra dos limites das velhas chronicas, compulsando com mais acerto suas tendencias e aptidões. O *Odio velho não cansa*, novella historica tambem de Rebello da Silva, figura ainda como trabalho que pertence á ordem de idéas de que tratâmos; mas a *Ultima corrida de touros reaes em Salvaterra*, e sobretudo a *Mocidade de D. João V*, apresentam-nos já um novo aspecto, tanto pelos instinctos que manifestam, como pelas influencias a que cedem.

A *Ultima corrida de touros reaes em Salvaterra* é apenas um episodio do reinado de D. José I, que serve como de quadro á deploravel morte do conde dos Arcos, desventurado mancebo que, no auge dos extremos da gentileza fidalga d'aquellas eras, achou termo a seus dias n'um combate de touros!

Porém com que mão de mestre se não amplia e illumina este pequeno episodio, fazendo-o tomar as proporções rapidas, mas profundas, do esbôço de uma época historica! Como a descripção do brilhante concurso de espectadores, na praça de Salvaterra, nos apresenta, em vulto, animada de physionomia e de vida, a côrte d'aquelles tempos e os seus entretenimentos, em que a polidez dos costumes trazidos pelos usos galantes e senhoris dos reinados de Luiz XIV e Luiz XV, ainda não amenisavam de todo a ferocidade dos instinctos peninsulares, que pediam ao garbo cavalleiroso dos torneios da edade-media o prestigio do seu valor para se conservarem ainda como um dos distinctivos do arrojo e pericia da nossa nobreza! Com que donaire o extremado cavalleiro não percorre a praça, constrangendo o fogoso ginete a executar todas as manobras em que a arte equestre o educára! Como depois o combate se trava, o interesse recresce, e a catastrophe se prepara! Por fim como lhe põem o remate as tintas vagas e sinistras com que Rebello da Silva pinta o terror dos espectadores, quasi que agourado pelo trage de lucto que vestia o joven conde dos Arcos, o cavalleiro terno e galanteador, na phrase expressiva do romancista, que tão romanesco nos torna este fidalgo com os tons magicos do seu pincel opulento de colorido!

Depois como nos apparece essa figura veneranda e grandiosa de velho marquez de Marialva, que, esquecido dos annos e com o sentimento da vingança tingindo-lhe o rosto das sombras da morte, pede licença ao rei para vingar seu filho!

tas faculdades; mas como romance, como fabula em que a imaginação cria um lance da vida, ou o aproveita, se o depara a proposito, e o enriquece, e multiplica e agrupa de episodios, sem lhe quebrar o fio do interesse capital, antes accrescentando-lh'o com accidentes que naturalmente occorrem a filiar-se em torno de todas as scenas da existencia, como romance d'este genero faltam-lhe as condições essenciaes. O plano não é largamente concebido; a sua urdidura é frouxa, inconsistente, e intermeada de tecidos, como o capitulo do desafio do poeta, que, se não são estranhos de todo ao pensamento capital, como pintura dos costumes da época, retardam-lhe a acção e adiam o desenlace, sem excitarem mais curiosidade ao leitor, como escripto de imaginação. Percebe-se que a *Mocidade* fôra escripta aos quadros [1] para uma publicação periodica, e que não foi a natureza do semanario que dividiu o romance, depois de feito já, senão o romance que acompanhou o semanario, nascendo dividido como elle. D'este escrever interrompido, e sujeito a capitulos, que o auctor desejava por ventura emoldurar nos limites do interesse que devem acompanhar e reunir fragmentos lidos com tantos dias de intervallo, e que por isso mesmo aconselham o fazer de cada capitulo uma especie de painel sobre si, nasceu decerto a quebra ou frouxidão da contextura geral, que devera apertar e unificar o romance em todas as suas partes.

Apparece talvez outra falta na *Mocidade de D. João V*, que não terá escapado ao critico perspicaz, que é a ausencia do sentimento. O capitulo das *Tres graças*, com rasão gabado como analyse de coração feminino, como conjuncto gracioso e delicado de tres retratos, cujo mimo de toque e realce de feições tanto o aproximam de um d'estes brincos de Poussin, se elle lograsse dar voz e acção ás suas creações, como colloquio intimo de confidencias de donzellas, é antes uma dissertação em que domina a metaphysica do sentimento do que o sentir e pulsar do peito de tres meninas. Thereza, Catharina e Cecilia discreteam avisadamente ácerca de diversas theses do amor, como o fariam as discipulas de mad. Scudéri, quando os imp[illegible] peito juvenil e[illegible] [illegible]idos e regulados, n'um for[illegible]riavel, pelas [illegible] e Phylamintas dos bons [illegible] Rambouil[illegible]

[1] [illegible] romance sahiu primitivamente [illegible]

O que a *Mocidade de D. João V* é, principalmente, é um magnifico quadro historico, alegrado, a intervallos, de episodios facetos, em que os dotes satyricos do escriptor despedem todas ás settas do genio sarcastico de Rabelais, mas tambem onde a concepção grandiosa de varias figuras ergue o pensamento ás considerações elevadas da historia e da politica. Os lances dramaticos, que ligam os principaes personagens, são apenas o pretexto para os trazer aos differentes planos do quadro, e agrupal-os. D'entre estas figuras surge, como a primeira, a do padre Ventura, magestoso vulto que realisa o ideal da Companhia de Jesus, conforme a instituiu Ignacio de Loyola. Não é o jesuita vulgar, o jesuita historico, arguido e vituperado; não é o Rodin de Eugenio Sue, que pratica, *até o bem*, para chegar aos fins positivos e ignobeis da ordem; é a figura grandiosa de Miguel Angelo Tamburini, geral da famosa Sociedade, que explica no conselho secreto o vasto plano que abrangia todas as influencias da época; plano que, animado e dirigido pela congregação dos homens que só a intelligencia, a dedicação, a supremacia social e um sigillo inquebrantavel reuniam n'um vasto e occulto poder, alcançaria chegar a dominar os thronos e os povos, sem offensa para nenhum e verdadeira exaltação do pensamento que operasse obra tão universal. Era este o sonho do *Quinto Imperio*, não o das trovas sabasticas, mas o das ambiciosas concepções de aquelles hercules, que trabalhavam sempre, noite e dia, no confessionario, na intimidade da familia, na catechese longiqua e arriscada da America, na missão ainda mais perigosa entre barbaros dos seios de Africa, para chegar a tão suspirado fim.

O colloquio que este homem eminente tem por ultimo com D. João V, já então rei, completa de todo a idéa grandiosa que poderia e deveria ter aquella Ordem, se ella obedecesse ao estatuto que lhe deixou seu fundador; se não fossem homens contaminados de ruins paixões que o pervertessem, e se principalmente a houvessem intendido e praticado como a intende e explica Rebello da Silva no seu livro. Quando não fosse outro o merito da obra, bastaria la personificação, em que se encarnam pensamentos tão ados e tamanho alcance historico e philosophico, e, por z d'ella, a idéa magestosa da reconstrucção social que do que nos diz o padre Ventura dos instinctos e es-

forços da Companhia, para se apreciar, não o padre Ventura, nem a Companhia, mas o escriptor eminente que, pelo vigor de uma alta intelligencia, conseguiu dar auctoridade, prestigio e sympathia a cousas e a homens que tão decahidos andam no conceito universal. É este um grande merito de Rebello da Silva.

Porém, não são estas as unicas creações apreciaveis da *Mocidade*, porque junto do geral dos jesuitas fez o auctor apparecer, e no mesmo plano, o secretario das mercês de D. Pedro II, Diogo de Mendonça Côrte Real, homem notavel que se distinguiu na historia politica do tempo, e não só na habilidade e consumada experiencia com que dirigia os negocios do estado nas suas relações interiores, senão em tudo que respeitava ás difficuldades diplomaticas da época, chegando a ser celebrado pela sua sagacidade entre os diplomatas de Luiz XIV e Luiz XV. N'este personagem subsiste um profundo estudo historico, de certo, e de subida valia; mas, talvez, quem bem o inquerir e analysar achará no argucioso ministro de D. Pedro II e de D. João V, não raros nem inequivocos traços de uma physionomia illustre, que a historia contemporanea já registou e que a todos nós lembra com saudade [1]. Entre um e outro havia indubitavel semelhança e foi seguramente d'este accordo que sahiu tão vivo e perfeito o retrato, porque só da inferencia das memorias e opusculos do tempo não seria facil colher deducções para reconstruir e levantar vultos tão acabados. A musa da comedia não inventa, colhe os ridiculos, e n'elles exprime os defeitos da sociedade, flagellando-os. Como o fogo da estatua de Pygmalião, anima só o que já possue fórmas conhecidas. Diogo de Mendonça não é outra cousa senão um grande personagem da grande comedia politica d'aquelles tempos; e, para sobresahir perfeito, na tella do romance, ou tinha de ser conhecido ou copiado, porque as illações são impotentes para tamanhos resultados.

Em volta d'estas figuras, que resumem o pensamento philosophico do romance e firmam as principaes molas da acção, surgem as figuras burlescas do commendador Telles, erudito de salla que sabe da existencia das pyramides do Egypto, porque ha estampas que as reproduzem; o antiquario abbade Silva, cujo conhecimento dos segredos da

[1] O estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães.

archeologia, não vae mui além da decifração dos caracteres de quaesquer codices ou lapidas que um menos mau latinista leia correctamente; o beato Thomé das Chagas, e a senhora Perpetua das Dores, comitiva de typos comicos que a veia de Scarron anima, e o lapis de Cham exagera com os seus rasgos malignos, dentre os quaes sobresahe, como uma excepção que a custo se escapa d'estas influencias de comedia picaresca, a figura galharda e insinuante de Jeronymo Guerreiro, amante e militar, transparecendo-lhe no semblante vivo o fogo e a resolução de qualquer d'estas alternativas porque tem passado a sua existencia.

Emfim, Rebello da Silva, não é um romancista de imaginação fecunda e dotes creadores, nem de vivo sentimento, mas, espirito fino e satyrico, occupa de certo o primeiro logar entre nós como escriptor da eschola de Sterne, Chamisso a Swift. Observador perspicaz, a ponto de muitas vezes tocar a minucia; habil em colher em flagrante os ridiculos da sociedade; abundante e facil na narrativa, genero em que ostenta todos os thesouros de uma erudição sempre opulenta e opportuna, assim como as riquezas do idioma, que elle conhece e adapta a todas as exigencias como poucos; propendendo com instinctiva facilidade para o faceto, mas sabendo-se precaver a tempo contra essas tentações do genio malevolo da satyra, quando a gravidade do assumpto o põe acima dos chascos da inspiração comica, o illustre escriptor deve ser tido, principalmente, como um pensador, critico e moralista. Vê-se no acinte com que flagella certos personagens, ser inexoravel contra os nescios, e tem rasão, porque são a peior praga que Deus deitou ao mundo. É ordinariamente com a espada de dois gumes, do motejo afiado na ironia, que entra n'estas pelejas. Rabellais, Cervantes e Molière são os monarchas d'este genero, e Rebello da Silva, que tanto os tem estudado, que tanto os trata e decora, não póde deixar de os seguir, sobretudo quando as tendencias de seu espirito caminham provocadas pelos sorrisos sarcasticos do demonio da analyse, e os objectos que lhe aponta o dedo do Satanaz do grutesco são algumas d'essas creaturas que enchem o mundo dos seus ridiculos e da sua insufficiencia.

Mas, caso notavel, Rebello da Silva encerra em si duas entidades completamente oppostas, se analysamos n'elle o jornalista e o orador politico: o jornalista confunde-se muitas

vezes com o verrinario; e o orador jámais transpõe as raias naturaes da questão dos principios, para disparar as invectivas pessoaes que ultimamente tanto se cruzam nos parlamentos modernos. Isto não quer dizer que Rebello da Silva haja sido um escriptor politico que só maneje as armas da aggressão, ou que o devam unicamente considerar como uma penna aparada para o pamphleto ou fecunda em diatribes, mas, tendo militado desde 1840 na opposição, d'onde rarissimas vezes sahiu, o seu estylo inspirou-se de certo da violencia, que as discordias partidarias tem levado ás diversas parcerias politicas.

No entanto, importa dizel-o, e com louvor para Rebello da Silva, sobretudo hoje, em que a consciencia do homem publico é thermometro que se eleva ou abaixa unicamente sob o influxo do ambiente governativo: foi sempre no campo moderado, e em defeza dos bons principios que o vimos sustentar o seu posto. Escrevendo de começo em algumas folhas, tomou por fim a redacção da *Carta*; como primeiro redactor, em companhia de Mendes Leal e Silva Tullio; e em 1852 escreveu, quasi só, o jornal a *Imprensa*. Em qualquer d'estes periodicos se mostrou o publicista esclarecido que largos e porfiados estudos em administração e economia politica, haviam preparado, e que o conhecimento da historia e bellas-lettras fecundára.

Todos se recordam ainda dos admiraveis artigos que a impressão de momento fazia accudir á sua penna; porque Rebello da Silva, mórmente na vida jornalistica, poucas vezes escrevia que não fosse com essa pasmosa rapidez, que só conhecem aquelles que tratam de perto com as exigencias quotidianas das folhas politicas. Esta fecundidade é um dos dotes do seu talento, tão facil e espontaneo em moldar-se na fórma que o assumpto lhe determina.

Porém, esta facilidade, n'elle, não é sómente um resultado da vivacidade de imaginação e qualidades repentistas, que todos lhe reconhecem, porque Rebello da Silva não é dos escriptores que tomam a penna e a entregam com ousadia temeraria aos acasos da inspiração. Esses escriptores, que, como a aguia, contam mais com o vigor das azas, do que com as faculdades mentaes, se muitas vezes arrancam vôos, como a rainha das aves, que rasgam o espaço e vão buscar apenas pouso no cimo de aprumados alcantis, outras tambem se sentem sem tino, nem norte, envolvidas na es-

curidão do primeiro nevoeiro que paira na atmosphera. Rebello da Silva, não improvisa, escreve com incrivel, com admiravel velocidade, e escreve assim, porque n'elle a idéa já está elaborada e condensada na sua fórma mais concisa e facil. O manifestal-a torna-se-lhe apenas um processo que effectua sem esforço.

D'estas suas polemicas jornalisticas ficou na memoria de todos mais de um escripto notavel. As questões de direito publico e de fazenda acharam sempre n'elle um escriptor, que á lucidez de exposição e vigor de dialetica, ajuntava o conhecimento exacto e cabal das materias que tratava. N'outro genero tornaram-se celebradas as analyses, ou *juizos* das sessões das camaras, dados á estampa diuturnamente na *Imprensa*, apreciações escriptas ao correr da penna, e em que esta não poucas vezes se trocava no stylete acerado de Juvenal, indo ferir de morte os Hortensios certanejos, que então, como em todos os tempos, enfestavam a tribuna parlamentar, gaguejando discursos que afugentavam os auditorios.

Rebello da Silva, ainda mesmo entregue ás tarefas da politica, que, em espiritos menos fecundos, esterilisam sempre o ideal e atam os vôos a tudo que não seja rastejar pelos terrenos rasos das questões positivas, manteve em todo o tempo o seu logar, mais ou menos activo, na imprensa litteraria. Foi n'um d'estes intervallos mais desoccupados, que elle deu a lume os *Fastos da Egreja*, obra que promettia mais larga duração, e que, com pezar para os amadores das lettras sacras, ficou só no primeiro seculo do christianismo.

Os trabalhos da critica devem-lhe, porém, bastante, e pena é que a *Memoria sobre Elmano*, magistral dissertação que serve de prefaciar a ultima edição das obras de Bocage, assim como a erudita collecção de artigos ácerca dos *Poetas da Arcadia*, não fossem ainda seguidas de outros escriptos da mesma especie, com que muito ganharia a historia da nossa litteratura, e a philologia em geral. Poucos, como Rebello da Silva, aquilatam melhor o valor de qualquer livro, e lhe notam as bellezas e defeitos. Sem excluir a analyse, antes partindo d'ella, e da mais profunda, para chegar aos resultados da apreciação geral, o seu talento, naturalmente propenso ás consubstanciações syntheticas, como todos os talentos altamente espiritualistas, e por isso gene-

ralisadores, levanta os themas litterarios a uma grande altura, e é d'essas regiões que os desenvolve e aprecia, genero de critica em que ha de Villemain e Guizot, mas em que ha ainda mais d'aquelle que d'este, porque esta sorte de critica, mais ideal que de uma rigorosa deducção scientifica, foge de toda a formula de ensino e desprende vôos, a que a sensibilidade e os arrebatamentos da phantasia impellem o pensamento, quando o ferem algumas das fórmas do bello.

Como orador, Rebello da Silva é uma das palavras mais correctas e inspiradas da nossa tribuna. Antes de chegar ao parlamento, o seu tyrocinio oratorio havia já sido longo e auspicioso. Vimol-o, mancebo de 17 annos, começar n'esses ensaios de discussão na sociedade Escholastico-Phylomatica, para ir com o tempo conquistando creditos e triumphos, até chegar á arena politica, onde os largos horisontes dos debates parlamentares lhe offereceram ambito, ar, e incitamento a todos os arrojos do seu verbo audaz.

Foi em 1846 a primeira legislatura de que fez parte. A sua estreia era desejada por todos que lhe conheciam os recursos do talento oratorio. O assumpto, todavia, em que primeiro mediu as forças, foi um assumpto arido e pouco sympathico, porque foi no renhido debate que se travou ácêrca das eleições do Algarve; mas a amenidade que conseguiu dar-lhe, salgando-o até de chistosas allusões, prendeu logo a camara inteira á phrase fluente, illuminada de imagens, aguda e penetrante de conceito. A imprensa festejou a sua apparição, e os certames politicos contaram com um athleta de mais, que promettia ser tão dextro nas evoluções estrategicas da controversia, como nas investidas temerarias da opposição aggressiva. Já versado nos negocios publicos, pela sua assiduidade no jornalismo, todas as questões se lhe apresentaram familiares, discutindo com facilidade as economicas, e mostrando raro cabedal de conhecimentos nas administrativas.

Mas como orador, Rebello da Silva, pela sua indole, pelas suas tendencias, pelos rasgos do seu espirito e pelos lampejos da phantasia, que lhe refulge na phrase e illumina a idéa, é ainda mais um orador academico que um orador politico. Conhece-se que aquelle bello talento, educado no estudo dos bons exemplares da antiguidade e contemporaneos, opulento de todas as louçanias que vestem o pensamento

das fórmas mais attractivas, talento tão inclinado a ampliar em grandes theses todas as questões, e a cingil-as das flores de uma imaginação viçosa, risonha e perfumada; vê-se que espirito assim o não bafejou Deus para voar por entre os matagaes das argucias silogisticas da falsa fé partidaria, e ainda menos para esperdiçar o viço e a flôr na aridez dos problemas economicos e financeiros. Percorre esse terreno, e com segurança e arrojo, porque a aguia tão bem córta os pequenos espaços como se remonta ás incommensuraveis alturas; mas a critica lamenta que fórças tão possantes e esmeradas se percam n'outros commettimentos que não n'aquelles para que a Providencia as destinou. Lamartine, em França, e Almeida Garrett, em Portugal, são os dois representantes d'esta, diriamos eschola oratoria, se tivesse discipulos e lhe fôsse dado grangear seguidores, porém não é facil, e Rebello da Silva, aproximando-se d'estes dois principes da eloquencia, patenteia mais uma vocação especial do que segue os preceitos de tão grandiosos modêlos.

Um dos maiores triumphos oratorios de Rebello da Silva, o maior talvez, pelo quadro de circumstancias que o rodearam, foi o seu discurso suscitado pelo acto addicional em 1852. Militava então na opposição, e no banco dos ministros sentavam-se homens da craveira de Rodrigo da Fonseca Magalhães, do duque de Saldanha, de Antonio Luiz de Seabra e do visconde de Almeida Garrett. Este gabinete que resumia as celebridades que as lettras patrias, os triumphos do fôro, os louros da victoria e as magnificencias da oratoria parlamentar apresentavam de mais illustre na scena da politica, estava em frente do joven orador. Em roda agrupava-se-lhe uma camara que, sem acinte, nem desayre para nenhuma parcialidade, poderemos com segurança classificar como o mais sellecto e illustrado congresso nacional que ainda o voto publico trouxe a S. Bento. Acabava de orar o auctor da *D. Branca*. A sombra que este grande vulto projectava sobre todos que se lhe aproximavam, quando se erguia para fallar, ou para escrever, era sempre immensa. Na tribuna, como nos dominios da poesia, os thesouros do seu saber e as pompas da phantasia florejavam-lhe dos labios, deixando todos suspensos e attrahidos. Foi debaixo de uma d'estas impressões que Rebello da Silva se levantou para responder ao visconde d'Almeida Garrett. O mancebo deputado tinha-o escutado, como o resto da camara, e isto

bastava para lhe arrebatar todos os sentidos e fazer esquecer o papel de antagonista. E Rebello da Silva era um dos mais sinceros e enthusiasticos admiradores do grande poeta; mas o debate havia-se empenhado, e era mister sahir-se com honra do empenho, e sahiu.

Rebello da Silva ergueu-se, e inclinando-se com respeito diante do chefe da nossa litteratura moderna, soltou algumas palavras de exordio, que foram o sobejo para attrahir em volta de si a camara toda. Galerias e deputados, tudo se tornou de repente prêsa da tensão geral, que concentrou n'um só todos os sentimentos. Foi um certame que exaltou a tribuna portugueza, honrando ao mesmo tempo os dois contendores.

Ainda me lembro d'essa sessão, uma das mais notaveis do nosso parlamento. Os deputados, enlevados nos dons de palavra tão cheia de prestigios, haviam descido dos seus logares, e cingiam o orador como de um circulo de admiração, permanecendo em torno d'elle. Os applausos não conheciam nem direita, nem esquerda: subsistia só o enthusiasmo, que dominava as imaginações, e que coroava nas phrases do talentoso deputado, o publicista e o orador.

E quem diria que, decorridos tres annos, a mesma voz havia de soltar-se sobre a campa do grande poeta, para lamentar tão irremediavel perda! Foi talvez um dos momentos de mais viva angustia para o coração do amigo e do discipulo: mas a solemnidade do concurso, a agonia que fundo cavara os seios da alma, as sombras da eternidade que já envolviam o nobre finado, fazendo sobresahir mais o fulgor á aureola de que a posteridade cercára o seu nome, todo este conjuncto de circumstancias tristes, mas que arrebatavam a phantasia para as regiões do mysterio e da contemplação, feriram a sensibilidade e a imaginação de Rebello da Silva, as duas mais poderosas e eminentes faculdades que poderiam mover o orador á beira de uma sepultura. Nunca a saudade do amigo arrancára mais sublime vôo á melancholica e solemne eloquencia dos tumulos! N'aquella dôr houve uma sublimidade sem esforço, porque gemeu no fundo de alma, antes que o talento o tomasse nas azas douradas da inspiração.

---

Rebello da Silva é actualmente membro do conselho superior de instrucção publica, logar onde póde fazer valiosos

serviços á instrucção e ás letras. A Academia das Sciencias honra-se de o contar no seu gremio já ha annos, e os trabalhos que essa corporação lhe tem incumbido mostram o subido conceito em que tem a sua aptidão e os seus bons desejos. O *quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, começado pelo visconde de Santarem, é um d'estes trabalhos que o distincto academico vae proseguindo, precedendo os volumes de luminosos prefacios em que algumas epocas da nossa historia, devassadas com a segurança de uma analyse conscienciosa, nos patenteiam muitos dos segredos dos seus principaes acontecimentos.

Da Imprensa Nacional está tambem para sahir a lume a *Historia da Restauração de 1640*, obra para que o laborioso escriptor havia colhido já materiaes em diversas épocas, e que agora conseguiu publicar, com applausos dos apreciadores dos livros de reconhecida utilidade.

Actualmente Rebello da Silva foi escolhido por sua Magestade o Senhor D. Pedro V, para tomar conta da cadeira de historia patria, no Curso Superior de Lettras, que este principe, com o zêlo e amor litterario que todos n'elle admiram, creou ha pouco, e que em breves dias começa as suas prelecções. Os seus conhecimentos especiaes n'este grupo de sciencias moraes e politicas, de sobejo attestados em tantos documentos, dão-nos um seguro abono de quanto poderá valer o seu auxilio n'este Curso. É n'estes trabalhos de exclusiva analyse critica, em que os seus conhecimentos tanto nos podem aproveitar, que o quizeramos ver sempre concentrado. A politica, como uma nuvem negra que por vezes tem passado por diante d'aquella brilhante intelligencia, tem-no roubado ás letras em varias épocas, porém agora, empenhado em tão grandes compromissos, e vendo ante si um futuro de gloria, mas de grave e impreterivel responsabilidade, é de presumir que as suas vistas se dirijam unicamente para este ponto, que póde ser, que ha de ser, affiançamos-lh'o, um dos seus mais esplendidos horisontes de reputação litteraria.

Dezembro — 1859.

---

E assim foi: o meu vaticinio não sahiu errado, porque Rebello da Silva, com o seu estudo, com o seu vasto e luminoso espirito e com a sua palavra eloquentissima, correspondeu triumphantemente ao pensamento do sr. D. Pedro V.

A fundação do Curso Superior de Lettras é do illustrado monarcha que com tanta solicitude o dotou e auspiciou constantemente com a sua presença, mas a fama que adquiriu, o auditorio selleclo que para logo correu a escutar as prelecções, foi obra dos prodigios da eloquencia de Rebello da Silva. Porém, a politica veiu ainda envolvel-o no redemoinho das suas lides; e aquella saude, já alterada, em poucos annos mostrou que havia muito a receiar pela existencia do illustre escriptor.

Durante este periodo, tão debatido de alternativas, a sua fecunda intelligencia não deixou de produzir, e numerosos escriptos, em diversos generos, vieram accrescentar-lhe os motivos de louvor. São d'este tempo, e tambem de épocas anteriores, a *Memoria acerca da vida litteraria e politica de D. Francisco Martinez de la Rosa*, *Elogio historico de D. Pedro V*, os romances: *Lagrimas e thesouros* e a *Casa dos phantasmas*, os contos: *Pena de Talião*, *Uma aventura de el-rei D. Pedro*, *O infante santo*, o drama *D. João II e a nobreza*, *A torre de Belem*, *Estadistas portuguezes*, *Oradores portuguezes*, e outros muitos artigos, dispersos em variadissimas fôlhas, quer litterarias, quer politicas.

Na tribuna parlamentar, os seus discursos continuaram a ser modêlo, sobretudo de estylo academico. No genero verrinario, a sua oração contra o sr. bispo de Vizeu, é das mais notaveis que as nóssas camaras tem ouvido, e talvez das mais completas, litterariamente considerada, se exceptuarmos o famoso discurso de *Porto Pyreu*, do visconde de Almeida Garrett, a resposta de José Estevão, e a felippica tremenda do conselheiro Rodrigo da Fonseca contra as aggressões do dr. Costa Holtreman, então deputado, tres das mais vehementes e celebradas verrinas que se tem proferido em assembléas parlamentares.

Foi este discurso que indigitou a Rebello da Silva para ministro, no gabinete que succedeu á situação de então, presidido pelo sr. duque de Loulé. Coube-lhe a pasta da marinha, e na sua gerencia ostentou tal actividade e conhecimentos tão especiaes que surprehenderam os mais affeitos a admirarem os grandes dotes d'aquelle talento. O relatorio em tres partes, e que fórma um bom volume, apresentado ás côrtes, logo mezes depois de entrar no governo, prova de certo quanto lhe eram já familiares questões tão graves e complexas, porque o ministerio da marinha abran-

ge os mais difficeis ramos em que se divide a gerencia do estado em geral, pois comprehende a armada, colonias, guerra, fazenda, e até negocios ecclesiasticos, e todas estas materias, lucidamente compendiadas e desenvolvidas, se acham n'este trabalho que nenhum homem publico póde deixar de ler e estudar, se quizer conhecer de perto, e com exactidão, o que é e o que poderá vir a ser um dos mais importantes ramos da nossa administração. N'uma palavra, se na camara dos pares Rebello da Silva continuou a sustentar os seus creditos de orador, como ministro foi reformador com methodo, e administrador com discernimento, rectidão e economia.

Infelizmente, o seu estado physico já não podia com tão afadigosas lucubrações. Substituido o gabinete de que fazia parte, retirou-se para a sua *Quinta do Valle*, visinha a Santarem, a buscar socego e conforto ás suas forças debilitadas; comtudo, os seus amigos, que eram muitos, esperaram debalde o seu restabelecimento. A enfermidade aggravou-se, e a illusão, até ahi entertida, de que a sciencia a poderia debellar, dissipou-se de todo. Veiu para Lisboa, e ainda durou algum tempo, mas os seus momentos derradeiros foram excruciantes.

Chegou o dia 19 de setembro [1]. O sr. marquez de Avila pediu a palavra, na camara dos pares, e disse o seguinte:

«Sr. presidente, pedi a palavra para cumprir a triste e dolorosa missão de participar a v. ex.ª e á camara, que o nosso illustre collega, o sr. Rebello da Silva, um dos ornamentos d'esta camara, e uma das glorias d'este paiz, deixou de existir esta manhã, e tem de ser sepultado ámanhã ás doze horas do dia.

«Peço á camara que convenha em que se lance na acta a expressão do nosso justo sentimento por tão grande e irreparavel perda *(apoiados)*. E a v. ex.ª peço egualmente que dê as suas ordens, afim de que se prestem ao illustre finado as honras, a que elle tem direito, e ás quaes estou persuadido, que toda a camara não deixará de se associar *(muitos apoiados)*.»

Egual participação fez na outra casa do parlamento o deputado Marianno de Carvalho.

A magoa que se apoderou de todos foi profunda e sin-

[1] De 1871.

cera. Rebello da Silva, não era só uma gloria das nossas lettras, era tambem uma grande alma. Quem escreve estas linhas, que foi um dos seus amigos intimos e mais sinceros, sabe-o a fundo. N'aquelle coração não havia senão bondade, até para os ingratos, que os teve e sobejos.

Deus acuda com o arrependimento áquelles que abreviaram, com fundos golpes, dias tão preciosos!

E assim terminou o ultimo orador da famosa galeria, em que foi um dos principes a par de Passos Manuel, Garrett, Rodrigo da Fonseca e José Estevão!

A eloquencia dos principios generosos e elevadas theses politicas, arrebatadas pelas imagens vehementes, expirou com elle.

Quando o auctor d'este livro revia a primeira prova do esboço biographico que acima se lê, teve logo o triste presentimento de que o livro não sairia a lume ainda em vida de Rebello da Silva. O presentimento realisou-se. A biographia teve de ser arrematada com o necrologio. A apreciação do escriptor vae orvalhada com as lagrimas de saudade do amigo.

## RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

A imprensa tornada arma insidiosa.—Amor que o illustre estadista consagrava a esta instituição.—Desassombro do seu caracter e a *Revista do anno* no Gymnasio.—Os calumniadores e o homem publico.—O panegyrico academico do sr. Latino Coelho e a eschola politica de Rodrigo da Fonseca.—A Inglaterra e a sympathia pelas instituições liberaes da eschola ingleza.—Discursos do grande parlamentar.—As necessidades da politica appellando para o seu tacto governativo.—Sua ida a Coimbra.—O grande estadista no gabinete e na tribuna.—O jornalismo eschola pratica dos maiores estadistas.—Talento oratorio de Rodrigo da Fonseca.—Famosa replica de improviso ao discurso do dr. Bazilio Alberto.—Morte e funeral.

Em 1855 publicava-se em Lisboa a *Revista Contemporanea* [1], periodico cujo fim era reunir n'uma série os principaes traços biographicos dos homens que avultavam então mais importantemente na scena politica, e acompanhal-os dos respectivos retratos. Por todos os motivos, o nome do conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, não podia deixar de ter um logar n'este Pantheon de caracteres publicos, visto que entre todos, e acima de muitos d'elles havia já figurado como o representante de uma eschola politica notavel pelo respeito que consagrava ás instituições liberaes e madureza de principios praticos, como a palavra mais eloquente e arguciosa das nossas controversias parlamentares, e sobre tudo como o homem atilado para quem as neces-

[1] A publicação citada, apesar do mesmo titulo, nada tinha de commum com a *Revista Contemporanea*, dada á estampa em folhetos mensaes, durante os annos de 1859 a 1863. Aquella começou em 1848, e seguiu depois em 1855.

sidades publicas, em occasiões de apuro, viravam muitas vezes os olhos, procurando na sua prudencia e conselho o remedio dos desconcertos que a cubiça de uns e o egoismo de outros haviam trazido á administração do estado.

Os editores da *Revista Contemporanea* solicitaram, pois, do conselheiro Rodrigo da Fonseca alguns esclarecimentos que os podesse ajudar no trabalho que intentavam fazer a seu respeito. A resposta a esta exigencia foi concisa e modesta: respondeu que a sua vida não valia a pena de escrevel-a, em quanto fosse vivo; que depois de morto, fizesse a justiça dos homens o que quizesse.

A malevolencia de seus inimigos interpretou a escusa como evasiva, atraz da qual queriam descobrir o receio do homem que havia atravessado épocas combatidas de paixões partidarias difficeis para todos, e onde não poucos caracteres publicos tinham naufragado.

Mas a esta interpretação insidiosa responde o caso seguinte. Em 1852 representava-se no Gymnasio uma revista do anno, por titulo *Progresso e Fossilismo*. N'esta especie de *juizo final* do anno, a que eram chamados a contas os ridiculos mais caracteristicos da época, appareciam referencias satyricas á *regeneração*, e ao sr. duque de Saldanha e mais figuras que tomaram parte n'aquelle acontecimento politico. O marechal irritou-se, ou antes a sua côrte de aulicos por elle. O certo é que a *Revista do anno* foi avocada ao conservatorio, e, por essa occasião, Rodrigo da Fonseca, ministro do reino que era, escreveu ao digno secretario d'aquella repartição, recommendando-lhe que examinasse a *Revista* com escrupulo: *tirem tudo do duque* (accrescentava elle) *e deitem-no para mim. Com tanto que o publico ria, e o theatro ganhe, é o que eu desejo.*

O homem que escrevia com este desassombro não temia a critica publica e ainda menos os motejos da satyra maldizente. E não temia. Rodrigo da Fonseca Magalhães foi por muito tempo o estadista mais victimado pelo nosso jornalismo politico. Houve uma época até em que os furores coligados da opposição só miravam aquelle alvo. Cada qual aporfiava em lhe cuspir mais um aleive, ou em lhe assetear mais a reputação, com tiros que trespassavam o caracter do homem publico e iam crivar o coração do homem particular. Nem o sacrario da familia, nem as santas affeições de pae e esposo tiveram indulto perante este plano de infama-

ção. Não havia garraio da imprensa, que pretendesse exercitar-se na gymnastica dos doestos quotidianos, que se não occultasse nas sombras do anonymo, para d'ahi lhe arremessar a sua pedrada. E a malicia dos adversarios espalhava ainda que Rodrigo da Fonseca gostava d'isto: que se fingia injuriado, mas que ria por dentro. O que fazia que muitos tomassem esta tarefa por brinquedo em que affiavam as armas e adestravam os melhores golpes da invecctiva. Cursavam a aula da diffamação á custa da honra do homem de estado. A critica sisuda perguntava: — Por que atacam a Rodrigo da Fonseca só quando elle é ministro? As manchas que lhe notaes serão de agora ou de outros tempos? São de outros tempos, porque de agora ninguem se atreve nem a suspeitar da sua honestidade. Pois se assim é, como acontece que aquelles mesmos que o mandam patibular diariamente na praça publica da imprensa, o deixaram subir a ministro, a conselheiro de estado, a par do reino, e o teem chamado sempre em circumstancias criticas, e lhe teem pedido o auxilio da palavra, na tribuna, e do conselho, no gabinete, e se ufanam com o soccorro d'essa palavra, narrando proverbialmente até os seus conceitos, os seus chistes e sentenças, e se reputam fortes com o alcance do conselho, adoptando-o, encarecendo-o e colhendo-lhe os fructos? Como acontece tudo isto? Pois o homem era já ruim, e fostes procural-o; e depois de collocado assim em posição eminente, é que lhe assacaes os defeitos, e não defeitos de ministro, senão defeitos de individuo de outras eras, que por isso vos deveriam ter impedido de concorrer com elle nos diversos passos que deu primeiro que chegasse á posição elevada que por fim occupou!

De todas estas contradicções appareciam documentos tristissimos nas folhas periodicas. Isto poderia indignar o ministro e atemorisar o homem particular; e não aconteceu assim: o homem particular lastimava, na intimidade dos amigos, os desvarios do jornalismo; e o ministro não condemnou jámais a instituição pelos erros d'aquelles que mal a intendiam e representavam.

Pelo menos, esta aggressão parcialissima da parte de alguns periodicos, aggressão que chegou a ser conloio implacavel contra o homem de estado, parece que lhe devia fazer crear aversão á imprensa, e não fez já mais. Nunca o viamos mais risonho e expansivo do que quando fallava

dos seus primeiros annos de jornalista. Era com saudade, e ao mesmo tempo com ufania que se lembrava d'essa época. E até se pagava muito de que o considerassem o decano do jornalismo politico liberal.

Rodrigo da Fonseca Magalhães era um espirito superior; elle conhecia-o; mas conhecia-o como o conhece o homem que conta com as suas forças herculeas, e sabe que póde vencer. As mil circumstancias que agrupam em roda do homem de estado toda a especie de individuo de merito e sem elle, haviam-lhe aproximado muito pygmeo, que ruins paixões roiam por dentro e que dava a seus desabafos as variadissimas fórmas que a calumnia inventa, e Rodrigo da Fonseca Magalhães percebia tudo isto e ria-se. Nada mais facil do que enfrear os libellistas que o injuriavam: aos pequenos, era pol-os debaixo da acção da justiça, e aos grandes, captal-os. Nunca o tentou. Appareceu ahi uma lei de repressão para a imprensa, e foi elle o seu mais incansavel e sincero impugnador. Não nos consta até que chamasse nenhum jornal aos tribunaes, salvo uma vez, e essa mesma porque o jornal o accusava de peculato. N'essa occasião a calumnia arranhou a probidade do homem (que foi só uma vez): então nem se riu, como fazia sempre, nem receiou tão pouco, como assegurava a malevolencia dos inimigos, que a sentença dos tribunaes viesse confirmar as accusações feitas nos dominios da politica: appellou para o paiz, representado no jury, e o ministro foi julgado sem culpa, e o jornal condemnado.

---

Um dos nossos primeiros talentos, [1] tratando de esboçar o panegyrico academico d'este homem notavel, traçou em dimensões largas a apologia das revoluções, como quadro em que naturalmente poderia ser emoldurado o retrato de Rodrigo da Fonseca Magalhães, e apresentou-o depois como filho legitimo d'estas convulsões sociaes. E comtudo, Rodrigo da Fonseca Magalhães temia e aborrecia as revoluções. É elle proprio que o declarara «.... Não venho aqui justifi«car a revolta (dizia elle, em 5 de fevereiro de 1848, na «camara dos pares), nem direi que nunca entrei em nenhu«ma; como ha pouco observei, olhe cada um de nós para

[1] O sr. Latino Coelho, no elogio recitado na Academia Real das Sciencias, que corre impresso.

«o seu passado e emmudeça.... Não venho pois, nem pó-
«dia, n'esta edade, n'esta posição, fazer elogios a revolução
«alguma, nem militar, nem não militar, parcial ou geral.
«Todas as revoluções, como a lava do Vesuvio, destroem
«os paizes onde chegam: de todos os males com que a di-
«vina Providencia nos póde castigar, as revoluções são o
«mais funesto. Se por meio de revoluções um ou outro ho-
«mem se tem engrandecido e triumphado, se houve Syllas,
«Marios e Cezares, não é menos certo que ellas teem cau-
«sado a destruição dos imperios, e levado aos povos o ex-
«terminio e a miseria.»

E n'outra passagem do mesmo discurso:—«Diz-se de mim
«que nenhum partido represento, que nenhuns soldados,
«nem chefes me reconhecem, que ninguem tenho, não sou
«partido, não sou nada. Eu sou o homem da conciliação e
«da paz: e dir-se-ha que um homem de paz não tem par-
«tido algum no paiz? Não o creio; pois por ventura não
«existirá fóra das fileiras do exclusivismo e da intolerancia
«alguem que solte livremente a palavra a favor da patria,
«chamando esses homens enfurecidos a escutar-se e tole-
«rar-se mutuamente?»

Estas palavras dão a verdadeira indole politica de Rodrigo da Fonseca Magalhães. D'estes principios é que elle procede, e foi com elles que as suas convicções se abraçaram, e de que fez normas constantes de governo em todas as diversas administrações a que pertenceu. Abrindo os olhos para as coisas do mundo, quando Portugal começava a sentir-se alvoroçado com os primeiros assomos da liberdade que já irradiava da Hespanha, em 1812, Rodrigo da Fonseca Magalhães, coração aberto ás aspirações de emancipação social, imaginação facil em inflammar-se com os seus triumphos, não podia deixar de acudir a tomar parte em todos os episodios da epopêa, a que a revolução do Porto, em 1820, abriu as primeiras datas, e que a convenção de Evora Monte, em 1834, assellou com gloria para as armas constitucionaes. Era impossivel persistir indifferente diante d'este espectaculo grandioso da Peninsula que se reunia para destruir as fórmas do velho absolutismo, e substituil-as pelas instituições de um novo credo politico. Rodrigo da Fonseca associou-se a quasi todas as peripecias d'este complicado drama, em principio tão sobresaltado de incertezas e por vezes quasi suffocado pelos esforços desesperados do

despotismo, mas por fim glorioso para a perseverança de seus martyres e apostolos.

Porém, ainda mesmo no meio d'estes abalos da nossa sociedade politica, Rodrigo da Fonseca se mostrou antes propugnador da acção natural da excellencia das idéas, do que partidaria do impeto e força das revoluções armadas. Espirito maduro, apesar dos poucos annos que então contava, e versado profundamente na analyse da historia, conhecia que as transformações sociaes, aquellas que levam seus effeitos longe, e que depois os transmudam em instituições proficuas e duradouras, nascem sempre de um principio fecundo, e que esse, incubado nos animos, vae pouco a pouco germinando, n'uma marcha progressiva e incessante, embora lenta, ao revez d'essas outras revoluções, que impellidas apenas por uma ambição individual, pela rivalidade de um throno entre duas dymnastias, pela sêde de conquista ou pela aversão de algumas classes entre si, rebentam como a lava do vulcão, talam as campinas, arrancam arvoredos, queimam a vegetação e a vida dos campos, e deixam, como vestigio unico de sua passagem, o exaspêro dos povos e a miseria das nações. Aquellas confiam no seu influxo proprio, porque derivam de uma norma moral, de um sentimento generoso e fecundo, de uma logica pratica de governo, e por isso lançam unicamente mão das armas e vem bradar á praça publica, quando a oppressão dos despotas tenta suffocal-as no seu germen. É ainda mais um desabafo natural, do que um intuito de aggressão esta mostra de força. As outras, não; as outras vão amontoando nas machinações tenebrosas os elementos de força e triumpho, tiram logo da espada, e substituem assim com a violencia e o terror o que não poderiam deribar com a auctoridade de seus dogmas.

Rodrigo da Fonseca amava a liberdade: como poucos deu d'isso testimunhos eloquentes até ao fim da vida: conhecia que essa aspiração generosa mais tarde ou mais cedo se havia de radicar no animo de todos os portuguezes, e por isso confiava antes da logica persuasiva do tempo do que dos argumentos das revoltas, a victoria dos bons principios.

Além desta disposição natural do seu intendimento, outras circumstancias mais occorreram para o filiar na eschola doutrinaria, em que depois figurou a par do duque de Palmella, Agostinho José Freire e Mousinho de Albuquerque,

e foi de certo uma d'essas circumstancias, e mui principal, as relações de estima que travou com varios dos mais notaveis officiaes inglezes, quando, ainda bem moço, serviu no Corpo de Guias, pertencente ao exercito anglo-luso, na guerra peninsular [1]. A seriedade do espirito britannico, a sua dedicação e respeito ás fórmas constitucionaes, e principalmente o talento pratico de seus estadistas, analysado e encarecido em continuas conversações, não podia deixar de influir e lançar no animo de Rodrigo da Fonseca Magalhães os germens de principios e theorias de governo que depois fructificaram tão largamente. Foi esta como a primeira eschola pratica das suas idéas liberaes; e talvez a origem da predilecção, que muitos depois lhe notavam, com que elle sempre fallava da constituição ingleza e das muitas coisas uteis d'aquelle paiz, que necessariamente lhe haviam de despertar mais vivamente este culto, quando, decorridos annos, se refugiou em Londres, com outros emigrados portuguezes.

Educado pois n'estes principios solidos de liberdade, que a Inglaterra julga antes dever ás deducções lentas da marcha do espirito humano, que aos tumultos anarchicos dos reformadores insoffridos, Rodrigo da Fonseca Magalhães antipathisava com os abalos violentos da sociedade, produzidos pela explosão do odio e furor dos partidos. Depois, os quadros ensaguentados da Revolução Franceza, como que traziam ainda os gemidos das suas victimas aos ouvidos de todos. A imagem resignada de um rei guilhotinado, cercado de sua familia perecendo ás mãos do algoz, erguia-se tambem das ruinas d'estas convulsões da anarchia, e resumia o pathetico da irresponsabilidade de um principe diante dos excessos do fanatismo revolucionario, desabafando sobre a instituição da realeza. Vinham ainda ajuntar-se a estas luctuosas scenas de cadafalso e subversão de todas as normas mais puras e sagradas do respeito da familia e das classes, as devastações das conquistas do Imperio, essas outras revoluções com que o despotismo militar, em nome do genio da victoria, algemava a independencia das nações. Surgia Saragoça em chammas; appareciam os nossos monumentos espoliados e mutilados; e o espirito da nacionalidade foragido, e não antevendo em seu futuro senão as cruezas e exterminios da guerra.

[1] Foi capitão. Mas antes d'essa época, já tinha servido no Batalhão Academico, por occasião da revolução liberal que rebentou no Porto.

Era por isto que Rodrigo da Fonseca odiava as revoluções, que as combatia, que pedia á experiencia das coisas e ao juizo dos homens a segurança e progresso das sociedades; era emfim por todo este complexo de reminiscencias de factos, uns que elle havia presenciado, outros que lhe haviam abalado o coração como um écco doloroso, que era doutrinario, amaldiçoando os individuos que entregam á fluctuação das revoltas a emenda dos erros politicos. O solo que circunda o Vesuvio abre, é verdade, os thesoiros de uma vegetação fecunda, depois de tisnado pela lava que o innunda nas hóras temerosas das erupções; mas é obedecendo ás condições singulares de um phenomeno da natureza, e não segundo as leis que regulam a marcha regular da creação. As estações succedendo-se, o inverno concentrando e refazendo as forças nutritivas, que a primavera elabora, e o estio sazona e fructifica, vindo depois o outono como uma quadra de repouso, formam a lei geral que preside ás diversas phases da vida vegetativa. Na ordem physica, as revoluções são as tempestades.

Além d'isto, Rodrigo da Fonseca era d'aquelles homens que acreditavam que a consolidação dos bons principios em Portugal se não podia conseguir sem a concordia da familia portugueza, porque o predominio exclusivo de um partido, nunca póde ser senão o repudio das outras parcialidades em que esteja dividida a actividade politica; e os paizes jámais progridem, nem prosperam em quanto os franccionam odios intestinos, senão colligando-se, e colligindo todas as suas forças a bem da patria commum.

Este era o credo, e ao mesmo tempo a aspiração de Rodrigo da Fonseca, e por isso elle se apregoava homem de paz e conciliação.

Os individuos que só podem medrar no meio da turbulencia dos conflictos civis, porque n'estes momentos de duvida e inconsideração não se dá pela hediondez de seu caracter, e a mão da necessidade acolhe-os e elevava-os muitas vezes, estes individuos compraziam-se de o apregoar como utopista; mas o que fôra apenas sonho, e sonho condemnado pelos exaltados nos primitivos tempos de effervescencia, já o não era nos ultimos annos da sua vida; e hoje esses desejos tendem a formar até o fundo da nossa sociedade. Rodrigo da Fonseca já o previa, quando exclamava na camara dos pares, n'estes termos:—«Se a verdade não

«está em nenhuma especie de exclusivismo, que importa «que ella tarde em seu triumpho? Eu a professarei até mor«rer. Após de mim virão mais fortes defensores, espiritos «mais elevados, vozes mais eloquentes, que sustentem e «propaguem as boas doutrinas. Embora eu fique por muito «tempo, e sempre, objecto dos motejos e do desprêso de «todos os furiosos, e de todos os especuladores politicos, «ao menos algum dia me farão justiça de crer que eu mi«rei sempre á mais perfeita união da familia portugueza «toda inteira.»

E assim era, porque até do partido miguelista, do qual as suas convicções o affastavam sem transacção de natureza alguma, elle dizia o seguinte, n'outro discurso, proferido na mesma camara, dias antes.

«Sr. Presidente, os principaes sectarios d'esse homem (o «sr. D. Miguel de Bragança) já estão velhos; muitos jazem «no sepulchro: a morte os tem reformado com mão incle«mente. Esses que podiam entrar nas fadigas modernas, «ainda que trajando á realista por honra da firma, perten«cem a uma nova geração, de cujo espirito, ainda que não «queiram, hão de participar: não podem pertencer ao tem«po passado: beberam o leite de uma educação mais illus«trada; estudam, e entendem o systema de hoje, que seus «paes, ao menos muitos d'elles, nunca nem sequer se di«gnaram considerar, reputando isso um grande e horrivel «peccado. Esses mancebos, dedicados ás lettras querem de «certo figurar na sua terra, adiantar-se, subir aos logares «mais eminentes, como todos nós, e reconhecem que o ca«minho para chegar a esse fim é o caminho da liberdade e «a adopção do systema representativo, que elles veem pro«gredir em toda a Europa.»

A malignidade da satyra libellista vingava-se d'estes nobres e generosos intuitos de Rodrigo da Fonseca Magalhães, appellidando-o *pae nobre* da nossa comedia politica. Julgava fazer-lhe um epigramma injurioso e tecia-lhe o elogio. De certo que era o conciliador e o homem de experiencia e atilação, para que appellavam em conjuncturas criticas. Era no meio dos partidos que elle assentava o seu campo: poucos estavam com elle, porque poucos seguem a moderação nos caminhos da politica; porém muitos o procuravam, quando era indispensavel sopitar as furias das opposições, ou com sagacidade illudir a antipathia das facções, voltada contra este ou aquelle

caracter publico. E se todos o não procuravam, era porque elle os repudiava com disfarçada e maliciosa repulsa, porque ninguem duvidava do seu muito tacto na direcção dos negocios do governo e da sua previsão e agudeza em lhes medir o alcance. Se se tratava de um ministerio *de fusão*, d'estes cujo fim é transigir com as pretenções das parcialidades rivaes, e entretel-as e afagal-as sem as descoroçoar de todo até o governo adquirir elementos mais fortes de estabilidade, se se tratava de organisar um d'estes ministerios a que os motejadores chamam *ministerio pasteleira*, era Rodrigo da Fonseca o encarregado de o formar, e de tomar a pasta do reino. Se era necessario dar garantias de respeito á carta e de moderação no tocante aos actos governativos, o chamado aos conselhos da corôa era egualmente elle. Se um gabinete, pela difficuldade de conciliar os seus membros entre si, carecia de perceptor, indigitavam logo Rodrigo da Fonseca para esse perceptor. Se finalmente importava contemporisar com as potencias externas, não deixando o poder entregue nem nas mãos dos exaltados, nem nas dos caracteres cujos precedentes punham em sobresalto a tranquillidade do paiz, aqui tinhamos ainda Rodrigo da Fonseca incumbido d'essa tarefa espinhosa, tarefa que reclamava os recursos mais sagazes da sua longa pratica dos homens e das coisas, porque era mister dirigir os actos do governo, com um olho arteiro nas paixões irritadas das nossas discordias intestinas, e com outro olho contemporisador que socegasse as notas dos gabinetes estrangeiros.

A sua ida a Coimbra, por occasião da revolta do Minho, é um acto que explica completamente tudo isto. Não partilhava das idéas da Junta do Porto, e ainda menos do systema de governo do sr. conde de Thomar, e no entanto foi elle o escolhido para ir ás provincias do norte aplacar a revolução.

Nada ha de mais chistoso, e ao mesmo tempo que melhor retracte o caracter e genero de eloquencia de Rodrigo da Fonseca, que a narrativa que elle faz d'esta sua ida a Coimbra. Ponho aqui por inteiro este trecho, extrahido do discurso proferido a 7 de fevereiro de 1848, na camara hereditaria.

«Sr. Presidente, já que fallei de mim, como membro que «fui da commissão encarregada de formar o projecto para «a Guarda Nacional, não poderei tão pouco deixar de men«cionar-me como entidade creada n'aquelle tempo (o da re-

«volução do Minho), e a que se deu (sem eu o saber) a de«nominação de chefe supremo administrativo: — Governa«dor civil dos governadores civis *(riso)*. Repito que se me «deu essa qualificação sem eu o saber.

«O governo persistia no grande empenho de pacificar os «povos pelos mesmos povos; isto parece estranho, porque «ainda cá se não usava; mas a administração ia progredin«do n'esta marcha, e havia de obter prompto resultado, se «menos fossem os tropêços que encontrava. Obstaculos se «lhe oppozeram, que demoraram o effeito das suas diligen«cias, como aconteceu comigo.

«O governo pediu-me que fosse á Beira, ou ás duas Bei«ras, a fim de fazer esforços para tranquillisar a sua popu«lação, que ainda se achava inquieta, posto que não tanto «como tinha estado. Era meu proposito empregar todos os «esforços, por mim e pelos meus amigos, para tranquilli«sar os espiritos, e inspirar-lhes confiança no governo que «só queria a manutenção da Carta Constitucional e a liberda«de regrada pela lei fundamental, e essa liberdade nunca seria «falseada pelos ministros da rainha. Era pois a minha mis«são o *ite et predicate:* eu fui, mas não pude prégar *(riso)*.

«Acceitei o encargo por ser difficil e perigoso, e porque «entendi não dever negar-me a um sacrificio a bem da mi«nha patria. É facil, sr. presidente, dar arbitrios: muitos «os davam, mas entrar na execução d'elles, poucos queriam. «O governo pois encarregou-me d'esta incumbencia, e eu «acceitei-a; e havia esperanças de que da minha missão se «tiraria resultado; mui pouca era a que eu tinha n'ella: as«sim tomei a liberdade de o declarar a Sua Magestade mes«ma, bem como aos ministros, a quem disse, que o menor «incommodo que eu receberia seria um harmonioso *chari«vari (riso prolongado)*. Eu tinha proposto ao governo a «minha ida ás provincias, não como auctoridade, mas como «particular: como Rodrigo da Fonseca Magalhães sou mui «conhecido em varias povoações da Beira, e tenho lá alguns «amigos, com cujo auxilio contava. Eram os meios de per«suação, era a linguagem da rasão e da verdade que eu me «propunha empregar para dar desengano aos illudidos. Pa«recia-me melhor apresentar-me como particular, e fallar a «todos, e ouvir a todos. O ministro do reino pensava de «outro modo, e porfiava em que eu fosse revestido de au«ctoridade; dava suas rasões d'esta preferencia. Pouco an-

«tes de chegar a Coimbra, soube eu que no *Diario do Go-*
«*verno* viera a minha nomeação de chefe civil de um gran-
«de circulo administrativo, e desde logo contei com o mal-
«lôgro da commissão.

«Entrei na cidade, e poucas horas depois o povo, insti-
«gado não sei por quem, tumultuou-se. Foi instrumento de
«insidias como em taes occasiões succede. Fui insultado
«clamorosamente nas ruas por grande multidão de plebe
«enfurecida, ou que o parecia. Desgraçada gente! Inspirou-
«me compaixão! Em altos gritos me denominavam, e como?
«Como cabralista *(riso)*, ajuntando a este outros nomes que
«não digo, como associados áquelle.

«Atraz de mim correu muita gente, e não correu mais
«porque eu não apressei os passos. Entrando na casa da
«Junta, pedi que fossem convocadas as auctoridades, mas
«nenhuma apparecia: tarde chegou o secretario do governo
«civil. O governador saíra da cidade. Vi-me ameaçado e
«sem meio de desempenhar a minha commissão; e para
«passar rapidamente sobre alguns pormenores, voltei para
«Lisboa, dando por acabado este negocio.

«Estranha-se isto? Pois porque foi infeliz esta tentativa,
«segue-se que fôra mal emprehendida? Quem não acha al-
«gum revez na vida? Os Turennes, os Condés, os Bonapar-
«tes, todos os grandes generaes nem sempre foram ditosos:
«em alguns encontros voltaram as costas aos inimigos, e
«nem por isso se lhes nega o merito que tiveram. Perdeu-
«se esta batalha; eu fui o general vencido; retirei-me *(riso)*.
«Lá houve quem não longe de mim disparasse dois tiros á
«saida da cidade; mas nunca intendi que me fossem diri-
«gidos: pareceram-me dados para o ar, para causar-me susto
«porque soaram a tão pequena distancia que provavelmente
«me feririam, se isso se quizesse.»

Quantas ironias ao ministro do reino de então, quantos epigrammas á furia popular, n'esta amena e maliciosa narrativa!

Como todos os talentos sabidos da elaboração das idéas modernas, Rodrigo da Fonseca começou a sua vida publica no jornalismo, para depois chegar ás altas regiões da influencia parlamentar e do governo[1]. É a legitima carreira

[1] Redigiu varios jornaes em Portugal, e em Londres tambem, durante a emigração. Já depois de ministro, escreveu egualmente em diversas folhas politicas.

do merito politico. Primeiro o tyrocinio nas lides da imprensa, depois a sua consagração á frente dos destinos do paiz. Foi o caminho de Bolingbroke e Addison, de Guizot e Thiers, de Martinez de la Rosa e o duque de Ribas, de Manuel da Silva Passos e o visconde de Almeida Garrett. Mas na tribuna foi onde o talento de Rodrigo da Fonseca patenteou verdadeiramente as qualidades que o tornaram celebrado. Rodrigo da Fonseca não era um homem de acção: a actividade d'aquelle espirito, que tudo abrangia com acume e relance de aguia, nem lhe escapando os ridiculos, para desabafo das suas inclinações satyricas, paralisava em hesitações, quando importava determinar-se. Na posição de ministro, desleixava-se, e deixava-se surprehender até n'essas faltas. Era mais proprio para dirigir do que para executar: o seu conselho ia sempre longe, em quanto que a decisão do homem de Estado ficava muitas vezes suspensa á espera da hora que nunca chegava. Negligenciava os negocios, não por lhes temer a difficuldade, porque poucos accidentes da publica administração lhe eram estranhos, mas por descuidado, e sobretudo porque Rodrigo da Fonseca sacrificava tudo a duas boas e espairecidas horas de *cavaco*, que eram todas que elle podia aproveitar, ainda mesmo com prejuizo dos seus graves encargos. E era n'estes momentos que o caracter, o talento e a indole do homem se revelavam, sem refolhos, nem a gravidade affectada do ministro, Era expansiva, comesinha, familiar, intima até a sua conversação. E que conversação, alegrada de anecdotas, aqui e alli salgada de apodos e ditos ironicos, de satyras frisantes, de recordações dos primeiros annos! Não poucas vezes a galeria dos nossos pygmeus politicos era passada em revista e asseteada de epigrammas. E era principalmente n'estas occasiões que Rodrigo deixava correr á solta o seu natural. Os motejos e remoques saiam-lhe dos labios fulminantes de chiste, como tiros de pistola desfechados á queima roupa. E estas horas de deliciosa e explosiva malignidade, não as trocava elle por coisa alguma do mundo. Podiam vir-lhe dizer que as *bernardas* lhe batiam á porta, ou que a opposição lhe apparelhava quatro interpellações de matar um ministro, que elle respondia a isso tudo com um novo chiste. Póde-se dizer que possuia a graça, que se desata em ditos agudos, em ironicas picantes, em comparações zombeteiras, a que os antigos chamavam *dicta, sales*. E se o gracejo lhe

saía mais forte do que elle queria, se ia ferir de frente a alguem, apanhava-o no ar, colhia-o no vôo, e depois era para ver o como elle se esforçava pelo disfarçar com maliciosos e novos ditos: mas se novamente lhe escapava das mãos, nada de mais interessante do que a lucta que se travava então, lucta de vivacidade e prudencia, um milagre emfim de flexilidade, de replicas incisivas, de definições maliciosas, de retractações até, se tanto era preciso, porém tudo explicado de modo que a victima ficava ainda mais enterrada, e mais exaltada a palavra e fulgor do espirito de Rodrigo da Fonseca.

E era por isto que este homem brilhava, principalmente, no parlamento, onde podia desenvolver os infinitos recursos do seu engenho, e attrahir com os engôdos da sua palavra. Já a sua figura era um triumpho para elle. Rodrigo tinha uma bella cabeça. Uma fronte vasta e desenvolvida annunciava a força do seu pensamento. O cabello grisalho e revôlto, erguia-se-lhe n'uma desordem elegante, á maneira dos estadistas inglezes. O olho fundo e obliquo denunciava a sagacidade do homem, e a finura do caracter que acabava de se revellar pelo nariz adunco, e o fino sorriso ironico que lhe brincava no canto dos labios delgados e ligeiramente sorvidos. Era a expressão combinada da meditação e perspicacia. A voz era extremamente sonora, e poucas a poderiam egualar na variedade das inflexões: a palavra, essa sempre grave e concisa. Quando se erguia para fallar parecia haver alguma coisa de affectado no seu todo, o que talvez lhe dava até mais gravidade e distincção. Os seus gestos e posições tinham dignidade e altivez, sem serem theatraes. Ás vezes parecia escutar-se, como espreitando satisfeito a pureza da sua dicção e a fluencia limpida e colorida da sua phrase. Se ha oradores a quem se possa applicar com propriedade o dito de Plinio, *multo magis afficit viva vox*, era a Rodrigo da Fonseca, porque raros, como elle, possuiam a eloquencia da voz animada.

A sua discussão era solida, mas ás vezes mais argucíosa que solida, e muitas vezes entrava nos dominios do sentimento, onde sabia ferir até as cordas do pathetico; e sendo necessario, para os seus effeitos oratorios, passava immediatamente aos termos faceis da jovialidade, que, apimentada de ligeiras ironias, resumia a sua verdadeira indole.

Algumas vezes parecia affligir-se ou indignar-se, e ninguem

como elle sabia tirar do peito sons mais cavos e repassados de lugubre accento tragico. Se não se soubesse que era Rodrigo da Fonseca que estava orando, todos chorariam. Mas não, porque os experimentados viam-no rir por dentro.

Até dos oculos elle tirava partido para estes effeitos, erguendo-os para a testa, quando carecia de um aspecto imponente e dogmatico, ou puxando-os á ponta do nariz, e olhando por cima d'elles, em sentido obliquo, quando disparava algum epigramma. N'este momento a victima tinha de se agachar, porque o tiro era certeiro, e a risada da camara geral.

Na tribuna, Rodrigo da Fonseca era mais que um talento parlamentar, era um portento. Todas as faltas da sua vida publica, elle emendava com os recursos da sua palavra. Dizia só o que queria; e, como o piloto habil, dirigia a phrase e as idéas por entre todos os escolhos da discussão, sem nem sequer tocar n'um baixio. Era raro apanhal-o em qualquer questão: quando se via absolutamente sem armas solidas, retirava pela porta do sophisma, ou fazia como o atirador esperto, que, vendo-se perseguido por numero superior de tropa inimiga, antes de saltar o valado e fugir, dispara alguns tiros dos mais certeiros.

As suas exposições saiam d'aquella bocca eloquente sempre lucidas e ás vezes contendo todos os encantos do estylo narrativo; e nas replicas tomava não poucas occasiões as fórmas verrinarias do grande orador antigo; porque — diga-se de passagem — nenhum orador da nossa tribuna, nem mesmo Garrett, soube melhor alliar ás necessidades da linguagem dos negocios a pureza do nosso idioma e os dictames da eloquencia antiga.

Nas refutações ainda Rodrigo brilhava mais. Já quando elle recapitulava os argumentos do seu adversario o fazia com tal arte, que o crivava de setas, deixando-o a escorrer sangue aos olhos da camara. No entanto, nos desforços era circumspecto, e ás vezes até generoso: só apertado disparava alguma d'aquellas frexas, que tinha tanto á mão, e que, desfechadas com olho de mestre, cortavam a invectiva na garganta do temerario que ousasse medil-o com a vista.

Uma interpellação de certos deputados, feita a Rodrigo da Fonseca, tornava-se um motivo de jubilo secreto para elle, e um espectaculo para a camara. Já na vespera se annunciava a interpellação, como se poderia annunciar uma das melhores sortes de Montes ou Solamanquino. E effecti-

valmente, o paciente era quasi sempre passado á espada de dois gumes do ministro do reino. Nada de mais importante do que vêl-o n'esses momentos. Começava por se fazer esperar: dava a hora e o ministro sem apparecer.

—Talvez não venha!

—Tem receio da interpellação.

—Não, que o negocio é sério.

Estas conjecturas augmentavam o interesse da situação, e o que desejava Rodrigo era accrescentar-lhe estas circumstancirs dramaticas.

Por fim apparecia: vinha afflicto e espavorido. Trazia immensos papeis na mão, e um continuo da camara, com uma pasta, após de si. Naturalmente fôra a solução difficil de mil negocios que o arredaram e não o deixaram apparecer mais cedo. Sabido o caso, havia estado a conversar nos corredores, e tornara-se necessario advertil-o para entrar na sala. Começada assim, o resto da interpellação corria pelo mesmo gosto. Algumas tergiversações, uma argucia, dois ou tres protestos, uma appellação para a verdade da sua palavra, resumiam tudo. Os deputados riam, as galerias applaudiam, e o proprio interpellante, perguntando a si mesmo, indeciso, se deveria ficar satisfeito, sentava-se e calava-se.

Se, porém, o interpellante era um dos raios fulminantes da nossa tribuna, como José Estevão, ou uma provocação audaz e petulante, como Antonio da Cunha, [1] então a tactica era outra. Já antes da ordem do dia o viriam sentado no seu logar. O papel que ia representar tinha de sêr grave, e talvez pathetico. As primeiras palavras do exordio eram pausadas. Com o lapis na mão direita, e voltado para o centro da camara, invocava algum principio generoso, que sempre encontra éccos nas maiorias. Depois annunciava que ia responder á questão, que explicaria tudo. Caminhava, chegava quasi ao terreno proprio da interpellação; avistava-a até; parecia que ia travar d'ella, e estrafegal-a nas mãos, e depois cobrir de fulminações e invectivas o adversario; mas quando havia assumado ao ponto mais culminante da argumentação, recolhia-se n'uma reticencia, n'uma evasiva, ou n'uma ironia, e descia pelo outro lado. Em seguida, se apertavam ainda com elle, dizia que tinha alli os documentos,

[1] Hoje visconde de Soutto-Maior, e nosso ministro residente em Dinamarca.

que ia dizer a verdade; pedia até, supplicava a attenção de todos os lados da camara para as importantes revelações que ia fazer; tirava os oculos afflicto no calor do debate, e depunha-os sobre a pasta, para a qual apontava como para o arsenal d'onde a opposição tinha de vêr sair os inconcussos documentos que a fulminariam. Depois um violento murro, caindo sobre a pasta, no fogo de alguma apostrophe, espedaçava os oculos.

Esta era a grande peripecia, já ensaiada de antemão, porque, quebrados os oculos, os documentos lá ficavam sem ser lidos [1].

Conhecido o logro, alguns deputados offereciam-lhe as suas lunetas para que podesse ler os documentos. Mas Rodrigo padecia de uma myopia especialissima; não podia vêr senão pelos seus oculos; e sobretudo, os papeis d'aquella pasta não podiam ser lidos senão pelos oculos quebrados.

Os papeis da pasta eram apenas algumas portarias do expediente trivialissimo, e nada mais.

Mas é tambem indispensavel conhecer a figura d'este genio da tribuna, na sua parte seria, util, porque mesmo por entre estas facecias, para que propendia o seu animo zombeteiro, apparecia sempre o homem de Estado, nas profundas considerações politicas, o dialectico fino, na opportunidade das replicas e deducção das provas, o argumentador argucioso, nos movimentos habeis de um raciocinio adestrado em todos os prodigios da metaphysica, o homem emfim de vastos e variadissimos conhecimentos, quer historicos, quer politicos, quer litterarios. Elle captivava a camara inteira, pela elevação dos seus conceitos, e pelo vigor da sua intelligencia, e ainda mais pela magia de uma locução grave, ornada, concisa como a verdadeira linguagem sentenciosa, e que se elevava, não por metaphoras forçadas e hyperboles entumecidas, mas que se erguia nas azas da propria elevação do pensamento, trazendo das espheras superiores, que atravessava no vôo altivo, os brilhos e as côres [2].

[1] Historico.

[2] Basta citar a sessão de 21 de abril de 1853, para lhe podermos avaliar todos estes dotes. Esta sessão é uma das mais notaveis em que a eloquencia do grande orador se ostentou com applauso de amigos e adversarios, porque todos se tornaram seus admiradores. O artigo que então escrevi, redigindo a *Esperança*, folha politica d'essa época, apresenta de alguma sorte o quadro d'essa memoravel sessão. Para aqui o trasladâmos.

«A sessão de hoje, na camara dos deputados, offereceu um exemplo di-

Entre as diversas arguições que lhe faziam os seus inimigos, era uma a de ser elle o mais fino introductor da frau-

gno de grande consideração, a attendermos aos precedentes mais recentes do nosso parlamento.

«Conseguiram fallar sobre a ordem do dia quatro oradores!... Dois que começaram e concluiram hoje mesmo, e outros dois, um que terminou, e o ultimo que encetou a sua analyse dos actos da dictadura.

«É para maravilhar!

«Acostumados a ouvir discursos por séries, ficando a palavra de remissa de uma para outras sessões, custa-nos a crer na possibilidade de haver dado passo tão gigante o debate, que tão lento, pretencioso e apaixonado se tem arrastado n'uma das casas legislativas.

«Não ha porém que duvidar. Em auxilio do facto apparece a prova inconcussa da evidencia, e nós ouvimos e vimos.

«Fallaram effectivamente o sr. Alves Martins, Basilio Alberto, [1] ministro do reino, e Corrêa Caldeira.

«O sr. Alves Martins, que tivera a palavra hontem, quando a hora já estava adiantada, concluiu o seu discurso, votando pelos actos da dictadura.

«O sr. Alves Martins é um deputado serio e consciencioso, que raras vezes rouba o tempo á camara com largas dissertações, ainda mesmo sobre questões graves. De uma precisão mathematica nas operações do raciocinio, cerrado e concludente na argumentação, sobrio e vigoroso no estylo, caminha direito e rapido ao amago das questões, sem se demorar em revestir a idéa de roupagens escusadas, nem o deter a importunidade de dissertações declamatorias.

«O seu merito está na lucidez da definição, na força e logica da demonstração. Espirito pensador, as armas que vibra a seus adversarios ministra-lh'as antes a rasão do que a imaginação; é do raciocinio que extrahe todos os seus auxiliares de polemica; a prova, a evidencia são o seu fito.

«Apoz o sr. Alves Martins coube subir á tribuna ao sr. dr. Basilio Alberto. O discurso do digno lente da Universidade era esperado com anciedade por todos os lados da camara. As recordações do antigo deputado de 1820, a auctoridade e illustração do digno membro cathedratico do nosso primeiro corpo scientifico, recommendavam-no; a inteireza de caracter e a austeridade de principios do ancião desambicioso e alheio aos tumultos do mundo politico, exigiam o respeito, e a attenção profunda dos seus collegas.

«O silencio absoluto e inalteravel que predominou em toda a assembléa, mal que o illustre orador ergueu a voz, provam que estes sentimentos se tornaram unanimes e geraes em todos os animos.

«O sr. dr. Basilio Alberto é a primeira vez que falla mais extensamente na camara. Posto conhecer-se que o genero da sua eloquencia participa mais do caracter especial da exposição academica do que dos rasgos coloridos e ardentes da tribuna, vê-se comtudo que ao illustre deputado não faltam dotes e sobejam até recursos para se fazer escutar com prazer e captar a attenção de amigos e contrarios.

«O seu estylo, fluente sem diffusão, correcto e elegante sem se perder no labyrintho das metaphoras e imagens hyperbolicas e inopportunas que desfiguram a idéa e difficultam a interpretação, respira uma tão notavel pureza de locução, manifesta tal sabor dos nossos bons classicos, que, ouvindo-o, mais se presume ouvir lêr uma pagina de Bernardes, Fernão Alvares ou Frei Luiz de Sousa, do que escutar-se um deputado do seculo XIX, apreciando os actos de um governo representativo.

«Todavia, a sua palavra, mais habituada a expôr do que a combater, mais perita nas funcções didacticas e placidas do magisterio do que aguerrida nas refregas parlamentares, corre-lhe ás vezes dos labios frouxa e monotona e quasi sempre pobre de inflexões. A escala da oratoria parlamentar, desde

[1] Hoje visconde de S. Jeronymo e antigo reitor da Universidade.

de eleitoral. Ha exageração n'isto, como em tudo mais. Des que qualquer boticario certanejo se julgou com direito a ser

a interjeição e a ironia até á imprecação e á apostrophe, que tanto movimento, vida e calor dão ás faculdades do verdadeiro orador, é percorrida com nimia parcimonia pelo respeitavel cathedratico. Estes recursos de que o homem versado nos segredos da tribuna se aproveita, por que revestem as formulas logicas de armas irresistiveis e lhe asseguram o triumpho, não podem ser despresados, muito principalmente quando a controversia verse sobre questões politicas, quando o auditorio sejam os partidos representados pelos seus mandatarios mais distinctos e audaciosos, quando emfim o theatro do combate é o seio da representação nacional. O que seria luxo de linguagem, pretenção charlatanica de rhetorico emphatico, expondo-se um ponto de direito publico constitucional a uma classe academica, torna-se indispensavel, constitue os auxiliares essenciaes do deputado fulminando os extravios do poder no parlamento. Sem as setas e a espada de dois gumes de Quintilliano e Gedoyn. o arnez de Genuense é uma arma muitas vezes nulla: defende mas não aggride: a apostrophe ou a replica dos adversarios, rapidas, incisivas e inclementes, podem falseal-o.

«Para vencer as tempestades que se agitam nos seios dos parlamentos, vale mais um rasgo de Mirabeau ou um vôo de Burke do que uma maxima de Larochefoucauld ou uma sentença de Labruyère. Longino, no seu *Tratado do Sublime*, e Timon na sua critica dos oradores contemporaneos, bem o demonstram.

«Considerado sob o aspecto politico, o analysta desapaixonado encontra no discurso do illustre orador os mesmos defeitos que lhe acha, sujeitando-o á apreciação litteraria: lá, os preceitos logicos caminham desajudados dos movimentos da rhetorica e querem viver do seu rigor e inflexibilidade: cá, a austeridade inexoravel dos principios absolutos desloca as questões dos seus terrenos especiaes, despresa as circumstancias que lhes dão caracter proprio, é quer avalial-as em abstracto e impôr-lhes as penas de uma censura injusta. Esta é a verdade.

«O discurso do sr. dr. Basilio Alberto, largamente meditado e elaborado sob a influencia de uma alma profundamente dedicada ao estudo e ensino do systema constitucional, foi mais uma dissertação, em these, dos grandes principios que são a base d'esse systema, suscitada pelos actos da dictadura, do que uma analyse, partindo dos factos.

«As medidas da dictadura são todas filhas do brado, mais ou menos expresso e violento, das necessidades publicas, e de differentes desorganisações da nossa sociedade: são o chaos das finanças que tenta dissipar-se; o credito que precisa de constituir-se e ramificar-se a todos os elementos que d'elle dependem; os melhoramentos materiaes que reclamam fomento, auxilio e protecção; a agricultura que necessita de capitaes para medrar e isentar-se das garras da usura; a industria que aspira ao seu incremento natural e possivel; o povo finalmente que quer instrucção, bons exemplos e justiça.

«Eis o que são os actos da dictadura: é uma nova sociedade que se reconstroe.

«Como vem, pois, o digno lente da Universidade, que protesta ignorar a liturgia das religiões politicas, que diz desconhecer o reverso caviloso dos programmas das facções, que se apresenta como alheio a todas as phases calamitosas porque tem passado o paiz, como vem querer julgar por principios absolutos uma época anormal e as medidas resultantes das crises e exigencias do estado especial porque temos passado? É impossivel. Não é no vago de proposições abstractas que se julgam e condemnam questões, cujo conjuncto de circumstancias, que lhes deram motivo e desenvolvimento, as esquiva a toda a apreciação que não se derive de uma analyse, egualmente especial e conscienciosa. É preciso deixar as reg[illegible]mitadas das theorias, e circumscrevermo-nos ao positivo das nec[illegible]

deputado, percebe-se facilmente que cada um d'estes homens se tornou accusador acrimonioso do ministro que

positivo tanto mais excepcional e lamentavel, quanto é profuudo o conhecimento que obtemos d'elle.

«Desça, portanto, o digno Aristarcho do seu pedestal de censura e austeridade; avalie os factos pelo que elles são, sem que desprese as eventualidades que os originaram e lhes deram uma indole propria, e achar-se-ha mais conforme comsigo mesmo. A sua rasão não trepidará, movida pelos escrupulos da legalidade infringida. A Carta de certo que não legitima as dictaduras, mas presuppõe-nas, quando faculta a suspensão das garantias individuaes.

«Se o legislador foi cauto e previdente, porque foi politico pratico, não queira o sr. Basilio Alberto ser mais constitucional do que o proprio codigo, assumindo um rigor que elle implicitamente restringe. Verificado que foi a suprema necessidade publica que produziu as medidas discricionarias das duas épocas dictatoriaes, e que os seus resultados, influidos por principios fecundos ou equitativos, correspondem a alguma indicação de progresso, ou concorrem directa ou indirectamente para um melhor estado de cousas, todo o homem consciencioso e illustrado, embora veja diante de si algumas formulas desattendidas, deve deixar de vacilar e prestar o seu voto áquelle governo que se sacrificou, sob responsabilidade propria, ao bem do seu paiz.

«Ao sr. dr. Basilio Alberto succedeu o sr. ministro do reino. O orador que acabava de fallar tinha captivado a deferencia e a attenção de toda a assembléa, porém o que lhe succedia não era menos digno de as conquistar. Em frente do eloquente e illustrado cathedratico, a quem precedêra uma grande reputação de publicista e orador, collocou-se o homem encanecido nas lides parlamentares, um dos nossos grandes mestres da tribuna O combate tornou-se digno de um e do outro: foi uma peleja de gigantes.

«O sr. Rodrigo da Fonseca tinha, comtudo, a luctar com uma desvantagem immensa: o seu adversario recitára um discurso habilmente estudado e friamente calculado no remanso do gabinete, e elle via-se obrigado a replicar-lhe com um improviso, elaborado sobre apontamentos furtuitos, a que a celeridade de exposição do digno lente da Universidade mal dera tempo de coordenar.

«Todavia, estas difficuldades serviram sómente para exaltar mais a grandeza da victoria.

«O nobre ministro, n'uma d'aquellas replicas felizes, com que o mesmo orador bafejado pelo favor da inspiração repentista não póde contar sempre, aggrediu de frente os argumentos mais principaes do seu adversario, e desenvolveu todos os incalculaveis recursos, que a sua palavra fluente e energica lhe fornece. O orador repentista, armado de todos os seus meios de defeza e aggressão, cingido das armas que apparelha cafla o uso da polemica, manifestou-se no vigor da sua virilidade parlamentar, e acceitou o répto, sem tergiversações nem evasivas, onde lh'o marcou o seu contendor. A lucta foi terrivel, mas o triumpho não póde ter ficado duvidoso nos animos imparciaes. O sr. ministro do reino, apesar de occupar o campo da defeza, mais restricto por sua natureza, contava do seu lado com visiveis vantagens naturaes. A sua eloquencia, fertil em movimentos oratorios, e verdadeiro modello da eloquencia parlamentar, era só de per si o bastante para fazer pender a balança para o seu lado; quando a rasão dos factos, escudados pelas conveniencias publicas, não lhe prestasse meios extremos e recursos inesperados.

«Para auctorisarmos o que fica dito, basta citar o testemunho de um seu adversario. O sr. Corrêa Caldeira, orando em seguida ao sr. Rodrigo, foi o proprio a prestar homenagem ao illustre estadista, confessando que, mesmo depois do vigoroso discurso do sr. dr. Basilio Alberto, soubera prender, e profundamente, a attenção da camara.»

lhe fechou as portas do parlamento. Ora Rodrigo da Fonseca teria todos os defeitos, menos o de facultar livre accesso aos parvos. Um homem esperto, um expediente malicioso, achavam sempre n'elle boa sombra; mas aos ineptos não dava quartel, nem treguas. E tinha rasão, porque os nescios são a ruina do mundo.

Além d'isto, Rodrigo da Fonseca costumava dizer, e com rasão, que era melhor calculo politico domar uma camara, já depois de eleita, do que viciar as molas do machinismo eleitoral. E a rasão é clara. Tentar a venalidade de um deputado, é apenas mostrar o mau caracter do individuo; e adulterar o voto publico, é desacreditar o systema. O que se passa com meia duzia d'esses espiritos corrompidos no gabinete de um ministro, podem-no saber algumas pessoas apenas; mas o que se passa nos preparativos de uma eleição, sabe-o o paiz inteiro. Vê-se, portanto, que n'isto mesmo, de que o accusavam, elle mostrava grande presciencia, e, ainda por cima, respeito ao regimen representativo de que era convicto seguidor. N'este ponto, não transigia com coisa alguma. Era liberal sincero. «Eu já me expliquei (es«tas palavras são suas proprias) sobre o meu modo de pen«sar a respeito da suspensão de garantias, e em especial da «suspensão da liberdade da imprensa. Medidas preventivas «quero poucas. Ellas inspiram desconfiança, ainda nos pai«zes mais bem governados. Não digo que jámais uma ou «outra não devam ter logar; mas como systema, ou de uso «frequente, devem ser detestadas.»

E isto não foram palavras só: os seus actos aduzem o melhor testimunho de tudo que dizia a este respeito. Quando teve logar o tumulto de 11 de agosto de 1840, suspenderam-se as garantias; mas, passados quinze dias, antes de findo o praso, foram restabelecidas, por que Rodrigo da Fonseca, então ministro do reino, foi declarar á camara, *que não podia administrar sem liberdade de imprensa* [1].

Se nos transportâmos ao intimo da sua vida privada, ao seio da sua familia, encontrâmos um caracter honesto, de um viver simples e frugal, desinteressado, generoso com os ingratos, e quando era amigo, delicado e util amigo. Talvez lhe podessem notar na sua philosophia, e até em materia de religião, um reflexo da incredulidade e do scepticismo

[1] Vid. actas das sessões da camara dos senadores de 1840.

do seculo XVIII, cujos escriptores versava com predilecção.

As excitações da sensibilidade aperfeiçoam o orador, matam porém o homem. Uma hypertrophia do coração, aggravada por acerbas commoções moraes, abreviara-lhe os dias da vida, que foi extensa, pois contou setenta e um annos, mas que o seria mais, se a sua compleição admiravelmente robusta, não fosse minada por dentro por desgostos profundos.

Parece incrivel! N'estes tempos climatericos de viscondados e gran-cruzes, este homem que tinha muito do antigo, teimou em chamar-se Rodrigo da Fonseca, e sobre a sua farda havia só uma medalha da Campanha Peninsular! [1]

Offerecia uma certa antinomia vêr aquella figura, uma das mais preponderantes da nossa scena politica, só com uma medalha ao peito, entre a alluvião deslumbrante da comparsaria dos nossos festejos publicos!

Estaria aquella farda assim limpa d'essas vãs demonstrações de uma superioridade que as mais das vezes não existe, para lhes fazer a satyra?

Quem sabe!

Mas não pôde levar ao cabo este seu proposito; porque a finada rainha, a Senhora D. Maria II, teimou em o agraciar com a gran-cruz de Christo, dizendo-lhe que parecia mal esta sua isenção, porque muitos se resentiam d'ella.

Foi pois mistér a Rodrigo da Fonseca resignar-se e acceitar a mercê.

N'essa mesma noite foi ao Paço, segundo o estylo, agradecer á soberana.

A princeza sorriu-se quando o viu.

—Ria-se, Vossa Magestade, que tomou de mim uma nobre vingança, replicou o velho liberal. Tem-me dito que em occasião das nossas crises politicas a tenho feito chorar, dando-lhe conselhos que intendi acertados; agora tira a vingança; rise de mim!

Depois abrindo a casaca, e mostrando a facha vermelha, accrescentou:

—Ora diga-me, Vossa Magestade, não estou um paspalhão, assim com esta fita?!

Esta isenção era n'elle um sentimento profundo. Consti-

[1] Esta medalha era a das *sete campanhas*. Rodrigo tinha tambem a *Torre e Espada*.

tuia uma parte da essencia do seu caracter; porque, dias apenas antes de expirar, tambem recusou o titulo de conde, com que a gratidão regia desejava, n'aquella hora suprema, mostrar quanto lhe apreciava os serviços.

Este documento é digno da antiguidade. Alli o estampâmos como um exemplo que ha de maravilhar muito orgulho.

Lêa-se primeiro a carta, em termos officiaes, que elle dirigiu ao sr. marquez de Loulé [1], então presidente do conselho, expondo os motivos da escusa.

«Ill.mo e ex.mo sr.—No momento de receber a participa«ção, com que, por ordem de Sua Magestade, v. ex.ª me «honra, apesar da oppressão que sinto da molestia que pa«deço, não posso deixar de immediatamente elevar á Au«gusta Presença de Sua Magestade a expressão do meu sin«cero agradecimento, de que jámais perderei a memoria.

«Mas meu filho, Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, que «me iguala em sentimentos de amor e gratidão á Real pes«sôa de Sua Magestade, não póde deixar de proceder, como «procedeu, vivendo a Rainha a Senhora D. Maria II, de sau«dosa memoria, quando, a recusá minha de igual titulo que «Sua Magestade me concedia, elle, com decidida mas res«peitosa resolução, expoz ao duque de Saldanha, primeiro, «que em quanto seu pae vivesse, elle não tomaria na socie«dade uma qualificação superior á d'elle; segundo, que não «reputava os serviços de seu pae, por grandes que fossem, «para serem recompensados na pessoa do filho, que nenhuns «tinha feito ainda.

«Estes termos que eu mesmo tive a honra de repetir a «Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II, mereceram «a real approvação d'aquella esclarecidissima Soberana, o «que para mim e para meu filho serviu de maior prova da «benevolencia de Sua Magestade e do profundo senso de «justiça com que ella avaliava os actos dos seus subditos.

«Sua magestade el-rei, o Senhor D. Fernando, soube e «teve a bondade de approvar esse procedimento meu e de «meu filho.

«Rogo a v. ex.ª a graça de fazer d'elle sabedor a Sua Ma«gestade El-Rei, repetindo na sua augusta presença os mes«mos motivos que hoje nos determinam, e que de certo hão

[1] Ao tempo em que foi escripto este artigo, não era ainda duque.

«de merecer a approvação do mesmo Senhor, a quem desde «já protestámos o nosso reconhecimento.

«Deus guarde a v. ex.ª=Lisboa 18 de abril de 1858.= «Ill.mo e ex.mo sr. marquez de Loulé=*Rodrigo da Fonseca* «*Magalhães.*»

Este documento prova uma grande inteireza de caracter. As honras do mundo nunca poderiam cegar o homem que sempre fizera d'ellas tão pouco cabedal, e muito menos na hora dos desenganos, quando a morte, já assentada á sua cabeceira, lhe apontava para todos esses falsos brilhos, como luzes que pouco a pouco iriam sumindo-se no abysmo das sombras eternas.

No emtanto, este documento, pelas formulas da sua linguagem official, ainda encobre de algum modo o homem, conforme elle pensava e sentia, porque onde elle se nos patentea, como se lhe devassassemos o intimo, é n'est'outra carta, dictada apenas alguns dias antes de expirar. Já então as suffocações da sua mortal enfermidade o deixavam fallar a custo, e com pequenos e interrompidos intervallos. Foi nos accessos d'esta agonia, que o seu grande espirito soube ainda encontrar as zombarias do seu antigo genio galhofeiro e mordaz, para repellir com o desdem nos labios—nos labios já frios, e contraidos pelos gelos da morte!—uma d'essas ninharias creadas pela fatuidade humana. A carta é dirigida ao sr. conselheiro Fonseca Telles: só copiamos aqui os primeiros periodos.

«Ex.mo e caro amigo.—Recebi hontem a sua estimavel car«tinha, e honrosa participação do sr. marquez de Loulé, «fazendo-me sciente da elevação á grandeza, e qualificação «de *alto dignitario*, concedida a meu filho Luiz do Rego. «Beijei reverente as fadadas letras do sr. presidente do con«selho, e vi n'ellas o orgão da generosa benevolencia do «nosso Soberano.

«Que pena, meu caro amigo, que eu, talvez n'um mo«mento de tropeço democratico, tivesse feito saber a Sua «Magestade a Rainha, por mim e pelo seu então presidente «do conselho, que me não estava bem, *Rodericus ü Con«déixa*; a farfantice de uma carta de conde, e que emquanto «ao meu rapaz, esse ria-se mais d'esses papeis de barata «importação do que eu proprio!

«O duque, como homem que vê claro nas cousas alheias, «mais do que nas suas, achou-me rasão, etc.»

Aquelle espirito eminente não quiz—com justa altivez—que um titulo aristocratico viesse substituir-lhe o nome; porque o nome de Rodrigo da Fonseca Magalhães resume uma das maiores aristocracias dos tempos modernos: a aristocracia do talento e das convicções liberaes.

Depois d'isto resta-nos dizer ainda duas palavras a respeito da morte d'este homem singular. Poucos teem sido mais malquistados durante a vida, e raros levaram após si, até á beira da sepultura, mais geraes e profundas tristezas. Lisboa inteira abalou-se para lhe fazer o funeral. Duas alas de concorrentes, em que se viam todas as classes populares, todas as gerarchias e condições, todos os partidos e sympathias, seguiram desde a egreja da Lapa até ao cemiterio dos Prazeres.

Triste condição do espirito humano que precisa que sosobre o homem caia a pedra do sepulchro, para lhe fazer justiça! É então, e só então que a mão da verdade grava no epitaphio o elogio de muitos caracteres. A Rodrigo da Fonseca aconteceu isto.

No cemiterio, quando o feretro desceu á sepultura, os srs. Casal Ribeiro e Fontes Pereira de Mello, no meio de um silencio religioso, que era a expressão do sentimento de uma grande perda que nem deixava respirar as magoas da amisade, resumiram em breves, mas eloquentes palavras, as dôres da sua saudade e os dotes do orador eminente e do ministro illustre. Desde este momento o homem havia desapparecido e o estadista começava a ser avaliado. Amigos e adversarios perceberam que da arena, ainda estremecida das convulsões das nossas discordias intestinas, tinha saido, e para sempre, o conciliador perspicaz, o homem de bom aviso e presciencia politica, o espirito emfim que comprehendia os progressos da sociedade, porém realisados fóra do antagonismo irritavel dos conflictos partidarios.

O conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães deixou um vacuo difficil de preencher. Homem dotado de uma alta rasão, intelligencia versada nos bons modelos da antiguidade, antigo e esclarecido jornalista, possuindo em subido gráo as faculdades repentistas da palavra, a sua perda é irreparavel. Como disse Talleyrand de Mirabeau: a sua cadeira, no parlamento, está vasia; enche-a apenas a memoria do seu immenso talento.

Outubro—1861.

## ADELAIDE RISTORI

(Marqueza Del Grillo)

Missão providencial da grande tragica.—A tragedia banida pela decadencia do gosto litterario.—O theatro grego e os seus melhores modelos.—Insurreição romantica e seus excessos.—A tragedia antiga deixando-se influir do elemento dramatico moderno.—A *Medêa*, a *Maria Stuard*, a *Judith*.—Admiravel desempenho d'estas tragedias, por madama Ristori.—Volta da famosa tragica.—Ristori e o sr. Castilho.

Assististes já a alguma d'essas grandes catastrophes da historia, em que a paixão, abalando todos os recessos de alma, glorifica as suas victimas, e deixa na memoria d'aquelles que as contemplaram as impressões acerbas de um sentimento, que persiste e nos consome, em quanto persiste a lembrança d'esses grandiosos acontecimentos?

Assististes decerto, porque a historia dos infortunios memoraveis tem sido incessante n'estes ultimos tempos. Pois foi indubitavelmente essa a mesma impressão que vos ficou, quando saistes de S. Carlos, depois de ver a *Medêa* e a *Maria Stuard*, por madama Ristori. O coração, confrangido por uma lucta tão vehemente de agonia, como que aniquilla a intelligencia, permittindo apenas á memoria reter o effeito dos abalos do que se nos passa no intimo, abalos que depois se convertem em lembranças penosas. A individualidade da eminente artista desapparece na irradiação dos vultos grandiosos que os prodigios da sua interpretação cria, ennobrece e perpetua, e avulta a idéa d'essas heroinas, que o amor, a desventura, ou o influxo de um fado impio, como

a Myrrha, a Adriana e a Judith, enthronisam nas lugubres paginas da historia

E depois, se elevâmos os olhos para os horisontes da arte, se os estendemos por essas regiões que a phantasia inflamma e a paixão assombra de sinistras nuvens, para depois succederem dias mais bonançosos e esplendidos, que bella, que imperativa personificação não ostenta madama Ristori, reproduzindo-nos todas essas magestosas figuras do theatro antigo e moderno, Phedra, Medêa, Octavia, Anna Bolena, toda essa dynastia de rainhas tragicas, de que ella cinge tão soberanamente a corôa!

N'este tempo de verdadeira decadencia para o theatro, a missão da nobre artista é porventura providencial!

A tragedia, como as paixões memoraveis da historia, havia morrido para a scena, como aquellas para os acontecimentos da vida. O genio tragico, personificado na Rachel, accorda as platéas da sua fatal lethargia; e Adelaide Ristori, pela força irresistivel de uma alma que se illumina de todos os fogos da paixão, completa esta obra augusta, conquistando a admiração e sympathia para uma magnifica fórma de arte, que jazia esquecida.

E é por isto que o apparecimento de madama Ristori, em Lisboa, não significa unicamente a vinda de mais uma artista notavel a este ponto da Europa; o apparecimento da eminente tragica tem mais largo alcance nas espheras da arte. Madama Ristori, como os antigos conquistadores, que, em nome de um principio ou de uma ambição, invadiam os povos, deixando os vestigios da sua passagem dominadora em triumphos e recordações assombrosas, percorre as scenas mais celebradas do mundo culto, conquistando no seio dos espiritos absortos pelos rasgos do seu genio um logar eminente para uma fórma de arte quasi despresada. Depois da Champmeslé, e da Desmares, da Duclos, da Lecouvreur, da Dumesnil, da Clairon e Duchesnois, e finalmente da Rachel, surge a preclara italiana, para continuar essa esplendida dynastia ideal.

E torna-se realmente indispensavel uma actriz d'esta raça para confundir os desdens que ahi se notam para com a antiga fórma classica, e fazer volver em enthusiasmo o despreso e o esquecimento dos altos vultos recommendados á posteridade.

Ella ergue-se, e ao seu poderoso aceno surgem das som-

bras do passado as sublimes personificações de Corneille e Racine, de Shakspeare e Alfieri, de Schiller e Maffei, que apparecem e desapparecem sobre o palco, como espiritos privilegiados, que, desdenhando uma manifestação vulgar, não se patenteam de novo senão encarnados no vulto admiravel da grande artista.

E taes proporções grandiosas encontram-nas todas estas elevadas creações da tradição grega, da phantasia poetica, ou da verdade historica, nos dotes inexcediveis da famosa tragica. Ella continua esta solemne renovação, em que a tragedia, a mais pura expressão da arte atheniense, triumpha das puerilidades, das predilecções futeis d'esta época, em que o actor e o espectador, por uma lastimavel coincidencia de ignorancia das boas regras, depravam reciprocamente o gosto, este com as suas exigencias, e aquelle com as suas concessões em nome das tendencias grosseiras do chamado publico.

N'esta magnifica peleja não sabemos se a tragedia vencerá; o que sabemos, porém, é que madama Ristori, como a Rachel, como o Talma, como Garrik, e miss Smithson, triumpha, e essa victoria da tragedia, n'uma das suas mais gloriosas encarnações, torna-se a victoria dos verdadeiros principios, para a questão da arte.

E senão volvamos um olhar retrospectivo, e d'ahi contemplemos o stadio percorrido, e os combates travados e vencidos sobre as repugnancias de uma quadra, cujas tendencias frivolas, cujas sensações embotadas ou embrutecidas, parece já não poderem accordar, senão com os estimulos violentos dos espectaculos do circo.

Olhemos, por exemplo, para essa época de lucta entre o classico e romantico, que tanto conflagrou os espiritos, ha trinta annos.

O drama havia matado a tragedia. Delavigne e Victor Hugo substituiam Corneille e Racine. A Shakspeare concedia-se ainda um logar de honra, porque o investiram no primado da nova eschola. Uma poetica innovadora, legislando peripecias, contrastes, complicações, apoderara-se do theatro.

Os barbaros, como a critica aristotelica appellidava então aos coripheus da nova eschola, tinham dado sacco á velha Ilion classica, e derrocado com os arietes e achas d'armas da edade-média a porta de marmore das tres unidades.

Quando he de escrivir una comedia
Encierro los preceptos con seis llaves.

Este verso de Lopo da Vega consubstanciava o dogma unico do codigo dos talentos innovadores. O Pantheon dos velhos patriarchas gregos e latinos fôra invadido e derrocado. Os seus bustos jaziam por terra, dispersos e despresados; e a phalange dos recentes conquistadores da scena, campeava nos mesmos logares, onde outr'ora se ostentavam o portico de Argos, e o palacio dos Cesares: *Campos ubi Troya fuit.*

Os brados de uma poesia original, livre, insurreccionada contra todas as theorias e preceitos, restrugiam no recinto que echôara os sons canoros da melopéa dos velhos mestres; e, como nos banquetes de Paulo Veronez, onde quasi sempre um anão de configuração burlesca marinha pelos fustes das columnas, primores da arte antiga, que rodeiam a mesa opipara, sacudindo de lá o seu barrete de guizos, assim o grutesco, introduzido n'um canto do drama, soltava os apupos e vociferações do seu genio galhofeiro no centro das acerbas paixões e patheticas catastrophes da historia.

Foi no auge d'este acceso conflicto que resurgiu no theatro francez a *Phedra*. Como que o templo da arte antiga se descerrou pela mão de uma das suas musas modernas, e, d'ellas, a mais predilecta. Esta musa, a sacerdotisa vindicadora da dignidade da scena, foi Rachel.

Depois, decorridos annos, quasi a expirar, vê ella assomar nos horisontes ideaes da arte Adelaide Ristori, que uma lei providencial, que não quer ver quebrada a cadeia dos grandes destinos dramaticos, faz succeder á sua antecessora e rival.

É esta nobre regeneração que, mais tarde ou mais cedo, hade universalisar as suas victorias. O drama moderno, como a *Medêa*, espedaçando os filhos, cortava em pedaços a arte poetica, e arremeçava-a á caldeira das bruxas de Shakspeare, para a remoçar; porém, a embriaguez do triumpho teve os seus excessos, e os do drama moderno foram tremendos. Impellido do odio que lhes suscitaram as pallidas e futeis rapsodias da tragedia, o drama repudiara a propria tragedia, engeitando essa magestosa fórma da arte, que, como a epopea, e a estatuaria, póde e deve ser de todos os tempos e de todas as historias, porque, quando é bella, conserva no theatro o logar unico e indisputavel que conservam as victorias dos frisos do Parthenon nos dominios da esculptura e as acções heroicas nos dominios do poema.

E é esta a sua lei fatal. A tragedia não subsiste no estado mediocre: ou grandiosa, ou solemne, ou inspirada, ou deixem-na adormecida na tradição. A sua destinação é a do marmore da fabula: se o não talharem em deus, será apenas um penedo. Como nol-a deixaram Sophocles e Eschilo, Corneille e Racine, o seu imperio não póde deixar de ser de todos os tempos, porque o bello projecta clarões que illuminam todos os espiritos illustrados.

É pois este genero de proporções sublimes e ideaes que madama Ristori acaba de inaugurar no theatro de S. Carlos, com a elevação e verdade do seu prodigioso talento. A *Medêa*, a *Maria Stuart*, a *Judith* e a *Isabel de Inglaterra*, são outros tantos triumphos alcançados sobre o animo d'aquelle auditorio selecto, que em cada uma das creações da eximia tragica entrevê as bellezas d'esse genero litterario que a perversão do gosto actual havia esquecido e quasi despresado.

Ao contemplar aquella magnifica figura de fórmas magestosas e elevadas, que audaciosas attitudes academicas completam, dissereis que Melpomene, a propria musa da tragedia, tomara por mascara a sua cabeça pura e expressiva, inspirando-a do genio antigo!

Vêde-a como ella nos apparece na *Medêa*, cingida magestosamente da purpura e das vestes encontradas por Ary Scheffer, nas pinturas das muralhas de Pompêa e Herculano.

Os dois profundos sentimentos da tragedia antiga, o terror e a piedade, dominam os espectadores, mal esta grandiosa personagem surge ao fundo da scena. A nossa memoria não encontra nada de comparavel áquelle rosto de acerba e funda melancholia!

Olhae: vêde como esse mesmo publico, ainda ha pouco vário e frivolo, presente agora a chegada da rainha da scena, e intima silencio e attenção com um susurro de respeito.

O theatro é vasto; ella mal assoma no cimo do despenhadeiro de penedias que se agglomeram ao fundo do palco, e o seu vulto magestoso, que nos era desconhecido, é logo adivinhado, e a sua voz, que nunca fôra ouvida aqui, fere-nos como se estivesse habituada a encontrar échos sympathicos em nossas almas.

> Coraggio, amati figli miei, coraggio!
> Un passo ancora! non è lunge il porto!

São estas as primeiras phrases que solta Medêa, descendo da montanha, cingida, n'um formoso grupo, por seus dois filhos, talvez reproduzido da *Mãe desolada*, de Pradier, revelando assim profundo estudo dos grandes modelos esculpturaes.

Que formosura de linhas! que grandiosa concepção!

Quanta tristezza in quel sembiante e insieme
Qual maestà!......

N'estes versos, que, ao vêl-a, o assombro arranca á mãe adoptiva de Creusa, resume-se o retrato de Adelaide Ristori, entrando no primeiro acto. A sua voz, sonora e vibrante, que enche o theatro sem esforço, aquella magnifica estatura, que lembra as bellas proporções da Niobe antiga, os cabellos bastos e negros, que se lhe desatam em vastas madeixas de ebano sobre o collo, como as tranças de serpentes das Eumenidas da *Eneida*, que, enroscadas e remordendo-se, intentassem exprimir a reluctancia d'aquella alma iracunda e apaixonada, todo este conjuncto lhe dá um aspecto estranho em que ha a magestade da creação do theatro grego, sem excluir o attractivo da paixão moderna. Percebe-se que aquelle semblante, que o ciume e a vingança allumiam dos pallidos relampagos de furor, encobre um coração que se abysma n'uma melancholia profunda.

Medêa é uma das mulheres, cujo rapto levantou mais violentas discordias entre a Grecia e toda a Asia. Poetas antigos e modernos a tomaram por assumpto de tragedias, cantatas e até de comedias. Euripides e Ovidio (a *Medêa* d'este ultimo conhecemol-a apenas por alguns versos citados por Quintilliano), Corneille e Longepierre, todos levaram a terrivel paixão da filha de Æétas para o theatro. Com o titulo dos *Encantos de Medêa*, as nossas platéas populares, e tambem os eruditos em coisas do nosso velho theatro, recordam-se de certo da comedia, que imaginára o genio comico do judeu Antonio José. Medêa era a filha de Æétas, rei de Colchos e de Hypséa, magica das mais terriveis de seus tempos. Jasão, em companhia dos principes da Grecia, a quem convidára para quinhoar a gloria da conquista do velocino de ouro, singrára na sua náu *Argus* até Colchos. O rei Æétas conservava, porém, o famoso thesouro guardado por um dragão, que vomitava chammas; e por muito maior que fosse a temeridade de Jasão, a conquista

tornava-se impossivel, oppondo-se-lhe tão horrivel defensor, se as artes de Medêa, tão sabida e celebre magica como sua mãe, o não auxiliasse; porque, para Medêa, tanto fôra ver o valoroso principe capitão dos argonautas, como para logo amal-o. A fuga não podia estar longe d'este primeiro passo de amor e traição, e de feito Medêa fugiu com Jasão, que a levou a Colcos, e de lá a Corynthо, onde viveu dez annos, nas correspondidas e suaves delicias de um amor coroado por dois filhos. Mas para as proprias feiticeiras, como para todos os mortaes, a ventura é um sôpro da sorte, e esse sôpro correu ligeiro para a misera Medêa, que, apesar das suas artes magicas, se viu despresada por Creúsa, filha de Creão, rei de Creta, de quem Jasão, na sua ancia de viajar e de apreciar a natureza nas suas mais bellas manifestações, se agradou, mal a viu. Comtudo, Medêa, que perdera o seu influxo de magica na alma de Jasão, mostra-se mais que magica, mostra-se furia na vingança atrocissima que tira dos desleaes, perseguindo-os, e estrangulando até os proprios filhos, n'um horrendo delirio de furor.

Esta é a antiga fabula de Medêa, como se vê ainda na tragedia de Euripides; mas Legouvé, e o seu traductor Montanelli, desvaneceram todo este caracter de ferocidade selvagem que lhe tinha dado a mythologia.

Na tragedia do escriptor francez, a terrivel esposa de Jasão perde muito da sua indole infernal. As côres lividas da paixão e do ciume apenas obscurecem de sombras profundas, mas rapidas, a phisionomia da mãe e da amante. É a Medêa antiga dramatisada á moderna. O amor idealisa-a, e da tartarea eumemide só transparecem as luctas tremendas de uma vingança que lhe arrancam o exaspêro e a ingratidão.

E mad. Ristori, pelo instincto sublime com que interpreta a historia e exprime os seus mais difficeis personagens, traça o caracter da terrifica heroina com os verdadeiros lineamentos que lhe deviam inspirar a natureza infernal e a paixão desditosa. O seu dialogo com Creúsa, no primeiro acto, em que narram uma á outra aquelles amores mal aventurados, e em que Medêa declara que dilaçaria o esposo infiel, e a amante, como o leopardo devora a fera incauta, que lhe salteasse os filhos, toda esta scena, já de si magnifica, prepara apenas o animo do espectador para as situações tremendas que se seguem no segundo e terceiro actos.

Quando o amor estranho rouba os filhos a Medêa, a furia que se traduz nos gestos da grande tragica offerece um quadro que não póde deixar de ser regado com as lagrimas da compaixão. O remate da tragedia, em que Medêa, degolando os dois filhos, obedece á força de uma hallucinação, cujo influxo se derrama por toda a sala, é um trance sublime de exaltação tragica.

E a todos os impetos violentos mad. Ristori dá a sua feição caracteristica. Depois de ver a *Medêa*, não se fica pensando em mad. Ristori; é o terrivel e estranho vulto da esposa de Jasão, que nos preoccupa. Aquella fronte de Gorgona, mas em que o dedo da paixão humana imprimiu sulcos de melancholia extrema; aquelle gesticular que assume toda a magestade epica da estatuaria antiga; aquellas palavras, que retumbam na sala, e nos traspassam o coração, tudo isto nos povoa a phantasia de mil recordações, e nos deixa que pensar. Por muito tempo não vemos senão Medêa, estreitando ao seio os dois filhos, descendo da montanha, e fluctuando-lhe as vestes gregas ao sabor dos ventos! O seu infortunio é o thema das nossas cogitações, e dá-nos vontade de evocar d'aquellas épocas remotas este vulto grandioso para admirarmos de perto as dimensões immensas de uma personificação tão profunda do amor traido.

É difficil pintar todas as situações apaixonadas porque passa este affecto immenso, interpretado e reproduzido com tal vigor e verdade por madama Ristori. Ha quadros em que o espectador daria tudo para os poder perpetuar sobre a scena, tanta é a magia dos gestos e a accentuação pathetica das palavras! Nos momentos de furor sublime em que uma só phrase fecha um acto, como no primeiro, as suas proporções academicas tomam desenvolvimento tão formidavel, que dissereis vêr diante de vós algumas d'essas estatuas gigantes, que o cinzel grego immortalisara. O seu olhar fascina, e o aceno intimativo e inspirado diz-nos que está alli uma soberana da arte.

O verdadeiro motivo de nenhuma das *Medêas* até agora conhecidas agradarem, como mui bem diz um critico moderno, isto é as tragedias de Euripides, de Corneille, e de Longepierre, póde-se explicar pelo caracter de Jasão, monstro sem paixão, que não se mostra nem digno dos excessos de Medêa, nem do ingenuo e puro affecto de Creusa. Mr. Legouvé conheceu isto, e não podendo dar paixões a

quem a historia as nega, e, por conseguinte, nem motivos de sympathia tragica a quem fallecem a nobreza e intensidade de sentimentos que exaltam um personagem tragico, resume todo o interesse em Medéa, á qual tirou a ferocidade da tradição mythologica para a tornar amante atraiçoada, e mãe desditosa. O mesmo infanticidio que commette, é Jasão que a leva a isso. *Miei figli!... uccisi!... Chi li uccise?—Tu!...* responde esta esposa desventurada no accesso da sua hallucinação vingativa. De Medéa é apenas o braço que descarrega o golpe n'este lance exasperado.

Mas passemos rapido sobre todas estas sensações tremendas que, como correntes electricas, sacodem as platéas em impulsões violentas, e contemplemos essa nova figura, tão sympathica na magestade do seu infortunio, que entra em scena. É Maria Stuart, a rainha desditosa, cujos delictos de mulher não lhe annuviaram comtudo a auréola, que a annuncia como uma das mais attractivas victimas do martyrio e do cadafalso. Anna Bolena, Catharina Howard e Maria Antonietta, a ambição politica, a fraqueza feminina, e o raio da adversidade na cabeça dos reis, todas estas princezas, mais ou menos criminosas, subiram ao patibulo acompanhadas, senão da estima, pelo menos da compaixão da posteridade. Porém, Maria Stuart persiste na memoria de todos, como a mais alta personificação do infortunio, que o odio de uma rival poderosa exalta, e uma grande resignação glorifica. E diga-se a verdade: ao coração e aos olhos das gerações que lhe succederam ainda custa a admittir essa monstruosa incoherencia de um exterior formosissimo e uma alma depravada; e a joven rainha da Escossia era tão formosa, que desarmava todas as prevenções. A memoria d'esta belleza peregrina, só por si, triumpha das mesmas provas da historia. Devia de ser a cabeça da Meduza da sympathia aquella cabeça decepada, tão bella e tão poetica, saindo pallida e desfallecida de dentro da sua colleira de rendas de Flandres! Aquella imagem ainda hoje turba a razão, fascina a consciencia, e arranca lagrimas de piedade, de exaltação e de ternura a todos que pensam na sua desventura!

A tragedia, o romance e o poema teem, ha tres seculos, procurado, n'este melancholico thema, motivo para enternecer os peitos compassivos, mas a verdade é que parece ter chegado emfim a hora de se fazer uma apreciação sincera e justa d'esta grande desdita. Pelo menos assim o julgou

a Myrrha, a Adriana e a Judith, enthronisam nas lugubres paginas da historia

E depois, se elevâmos os olhos para os horisontes da arte, se os estendemos por essas regiões que a phantasia inflamma e a paixão assombra de sinistras nuvens, para depois succederem dias mais bonançosos e esplendidos, que bella, que imperativa personificação não ostenta madama Ristori, reproduzindo-nos todas essas magestosas figuras do theatro antigo e moderno, Phedra, Medêa, Octavia, Anna Bolena, toda essa dynastia de rainhas tragicas, de que ella cinge tão soberanamente a corôa!

N'este tempo de verdadeira decadencia para o theatro, a missão da nobre artista é porventura providencial!

A tragedia, como as paixões memoraveis da historia, havia morrido para a scena, como aquellas para os acontecimentos da vida. O genio tragico, personificado na Rachel, accorda as platéas da sua fatal lethargia; e Adelaide Ristori, pela força irresistivel de uma alma que se illumina de todos os fogos da paixão, completa esta obra augusta, conquistando a admiração e sympathia para uma magnifica fórma de arte, que jazia esquecida.

E é por isto que o apparecimento de madama Ristori, em Lisboa, não significa unicamente a vinda de mais uma artista notavel a este ponto da Europa; o apparecimento da eminente tragica tem mais largo alcance nas espheras da arte. Madama Ristori, como os antigos conquistadores, que, em nome de um principio ou de uma ambição, invadiam os povos, deixando os vestigios da sua passagem dominadora em triumphos e recordações assombrosas, percorre as scenas mais celebradas do mundo culto, conquistando no seio dos espiritos absortos pelos rasgos do seu genio um logar eminente para uma fórma de arte quasi despresada. Depois da Champmeslé, e da Desmares, da Duclos, da Lecouvreur, da Dumesnil, da Clairon e Duchesnois, e finalmente da Rachel, surge a preclara italiana, para continuar essa esplendida dynastia ideal.

E torna-se realmente indispensavel uma actriz d'esta raça para confundir os desdens que ahi se notam para com a antiga fórma classica, e fazer volver em enthusiasmo o despreso e o esquecimento dos altos vultos recommendados á posteridade.

Ella ergue-se, e ao seu poderoso aceno surgem das som-

bras do passado as sublimes personificações de Corneille e Racine, de Shakspeare e Alfieri, de Schiller e Maffei, que apparecem e desapparecem sobre o palco, como espiritos privilegiados, que, desdenhando uma manifestação vulgar, não se patenteam de novo senão encarnados no vulto admiravel da grande artista.

E taes proporções grandiosas encontram-nas todas estas elevadas creações da tradição grega, da phantasia poetica, ou da verdade historica, nos dotes inexcediveis da famosa tragica. Ella continua esta solemne renovação, em que a tragedia, a mais pura expressão da arte atheniense, triumpha das puerilidades, das predilecções futeis d'esta época, em que o actor e o espectador, por uma lastimavel coincidencia de ignorancia das boas regras, depravam reciprocamente o gosto, este com as suas exigencias, e aquelle com as suas concessões em nome das tendencias grosseiras do chamado publico.

N'esta magnifica peleja não sabemos se a tragedia vencerá; o que sabemos, porém, é que madama Ristori, como a Rachel, como o Talma, como Garrik, e miss Smithson, triumpha, e essa victoria da tragedia, n'uma das suas mais gloriosas encarnações, torna-se a victoria dos verdadeiros principios, para a questão da arte.

E senão volvamos um olhar retrospectivo, e d'ahi contemplemos o stadio percorrido, e os combates travados e vencidos sobre as repugnancias de uma quadra, cujas tendencias frivolas, cujas sensações embotadas ou embrutecidas, parece já não poderem accordar, senão com os estimulos violentos dos espectaculos do circo.

Olhemos, por exemplo, para essa época de lucta entre o classico e romantico, que tanto conflagrou os espiritos, ha trinta annos.

O drama havia matado a tragedia. Delavigne e Victor Hugo substituiam Corneille e Racine. A Shakspeare concedia-se ainda um logar de honra, porque o investiram no primado da nova eschola. Uma poetica innovadora, legislando peripecias, contrastes, complicações, apoderara-se do theatro.

Os barbaros, como a critica aristotelica appellidava então aos coripheus da nova eschola, tinham dado sacco á velha Ilion classica, e derrocado com os arietes e achas d'armas da edade-média a porta de marmore das tres unidades.

Quando he de escrivir una comedia
Encierro los preceptos con seis llaves.

uma superioridade positiva sobre a rainha da Escossia, superioridade que dá a vontade determinada e segura sobre a inconsequencia: mas, segundo o coração nobre, que se compraz de exaltar os humildes e deprimir os soberbos. Maria Stuart domina a sua rival de toda a elevação que separa o ceu da terra. O historiador condemna-a, e tem razão, porque a rainha da Escossia não soube nem reinar, nem precaver, nem fingir, nem triumphar; mas o dramaturgo, o romancista e o poeta glorificam-na, e teem egualmente razão, por que ninguem, como ella, mais amou, mais padeceu e se votou aos sacrificios de uma conformidade que se exalta quasi ás alturas da beatitude.

E é este soberbissimo quadro que nos sabe pintar o talento portentoso de madama Ristori. Maria Stuart, como a respeita intacta a tradição, e como a consagra illesa a religião da piedade, apparece-nos n'aquella physionomia suave e resignada, n'aquella estatura elegante e magestosa que se tornou o assumpto apaixonado dos escriptores da época.

Na torre de Londres conserva-se ainda um velho retrato de cera da rainha Isabel, montada n'uma mula. É uma figura repellente, antipathica, sinistra. Com o nariz delgado e torcido, com a bocca sorvida, olhos pequenos e embaciados, cabellos ruivos e estupetados, com uma corôa que se assemelha a um barrete de clerigo, o seu todo repugna logo no primeiro olhar. Veste gibão de tufos, carregado de canutilhos exoticos e de rozetas e laços de cores disparatadas. O mau gosto da velha donzella transparece n'isto tudo, fazendo caretas atravez da sumptuosidade da rainha. Cabeça, vestuario, semblante, e materia de que tudo é feito, tudo é exquisito, avelhentado, traçado e carcomido. Ora esta mumia anglicana, caminhando para o sermão, sobre a sua mulinha esteril, explica mais ácêrca do martyrio de Maria Stuart do que todos os inqueritos da critica historica. Percebe-se, por este exotico retrato, até que ponto deveria chegar o odio da fealdade á belleza, e de uma vida freiratica a um destino romanesco.

Na face biliosa da filha de Henrique VIII lê-se o agro resentimento de um invejoso e rancoroso celibato.—Ah! tu ės moça! tu és bella! os poetas papistas comparam-te ás divindades de Olympo; tens amantes que se dão por felizes de morrerem por ti, e até sobre o cadafalso, onde tu os levas, beijam, abraçam o teu retrato, e proclamam-te

a mais adoravel princeza do mundo!... pois bem, eu vou murchar essa flôr viçosa, enrugar essa fronte alva e pallida, e encanecer tão lindos cabellos louros, que escarnecem dos meus ruivos; vou cortar essa cabeça encantadora, cujo sorriso é um paraiso de attractivos!—E a *vestal assentada no throno do occidente,* como lhe chama Shakspeare, fez um aceno aos traidores, aos carcereiros e aos algozes, e a mais linda cabeça que ainda possuiu a Inglaterra, cahiu aos pés da sua rival!

E n'isto se resume, verdadeiramente, o assumpto de que Schiller compoz o seu drama, ou antes uma elegia.

E como todo este odio historico e este caracter romanesco de uma mulher inconcebivel, tomam proporções patheticas, interpretados por madama Ristori!

Logo que ella apparece no primeiro acto, como que uma atmosphera de illusões enche a sala. É a propria rainha de Escossia, mostrando-se com o seu roupão de veludo negro, de grandes mangas perdidas, como se vê ainda hoje nos velhos retratos contemporaneos do seu captiveiro, que tem enegrecido com o tempo, dependurados nas galerias solitarias de Holyrood e de Sheffield.

A admiravel actriz possue toda a sua magestade grave, pallida e historica. Dir-se-hia que é esculpida no marmore negro dos tumulos, com um vestuario sombrio, mas grandioso, e que recorda o lucto de uma realeza.

Com que nobreza repelle o interrogatorio de Paulet, e as accusações de Cécil! Nem um grito, nem um gesto violento lhe compromette a resignação soberana. Um desdem sereno, á força de ser profundo, e a attitude da mulher, que nenhum insulto póde macular, e que se justifica por si mesma, sem se lembrar de que a accusam, eis a resposta unica.

Depois, quando Mortimer tira a mascara de carcereiro, e patenteia o coração de um amigo leal, a physionomia de Maria Stuart illumina-se: sorri-lhe a esperança; mas, passados instantes, o véu da tristeza torna a cair sobre aquella bella face pallida, serena e melancholica. Não é o cadafalso que ella teme, mas o punhal. *Tu vedrai,* diz ella a Mortimer, *come piú torne al suo disegno il braccio del sicario.*

N'este momento, um gesto de punho, obliquo e homicida, pelo qual a actriz exprime este presentimento, revela não sei quê experiencia de assassinato, de que a imaginação fica assombrada. A mulher, a quem a historia imputa

é resigna-se ainda. São ad-
dialogo as transições de fre-
ʋulsos e reprimidos, as con-
ɪs, transparentes e profundas,
indignação e tranquillidade es-
ɪ da admiravel tragica. Ha mo-
.nto a transporta: os olhos per-
em-se-lhe correr bagas de suor
ɪtinam com a palavra, as mãos he-
desordenada. Recúa, vacilla, tem
ɪão da necessidade arrasta-a curva-
voto de abnegação havia sido feito,
;osa entrevista, e para o cumprir con-
Não se humilha, despenha-se no abys-
liação, para se não vêr, nem sentir. O
supremas bebe-o todo a tragos acerbos:
, de novo, e a trasbordar, e esta prova re-
:a-se. Não cabe mais nas forças humanas:
ɔóde ser eterno, porque seria converter as
ɪndo nas penas dos réprobos. A tempestade
. Isabel insulta a mulher, depois de ter avil-
ɪ. Então uma fulminadora metamorphose ar-
ɪ esta creatura abatida, ergue-a, dá-lhe propor-
.es, e faz-lhe deitar fogo e chammas pelos olhos
eca.
ɐagnifica erupção de raiva!
que rapido e dilacerante golpe ella rasga e deixa
virtude hypocrita, que lhe exprobra as suas fraque-
E o gesto real, soberano, fulminante, pelo qual, tor-
ɐ rainha, expulsa da sua audiencia a culpada de lesa
ɐagestade! Uma espada nua, desembainhada de subito,
não relampejaria na sala toda mais fulgurante lampejó. E
depois, que altivo e magestoso não é o grito de vingança,
que remata esta explosão de irá, e de indignação:

> Dopo tante vergogne e tante affanni
> Un'ora di vendetta e di trionfo!

O 4.º acto é a scena do julgamento no palacio de West-
inster ... ombria sala de janellas ogivaes e vi-
... omo diz um escriptor inglez. Henri-
... ara matar *legalmente*; Isabel se as-

o assassinio de Darnley, apparece de relance atravez do lampejo do punhal invisivel. Accredita se que a mão, que tão firme e rapida simula o golpe fatal, o saberia despedir certeiro n'outra occasião. Não é senão um indicio, mas de um effeito profundo e penetrante.

No terceiro acto é onde o grande talento tragico da artista desenvolve toda a amplitude das suas proporções epicas. Este acto abre pela admiravel scena, em que Maria Stuart, depois de dezoito annos de captiveiro, se lança amorosamente no seio da natureza, e o enche de exclamações apaixonadas. Madama Ristori faz uma ode, uma cantata, um solo lyrico d'este magnifico monologo. Aquella explosão de alegria, aquelle desafôgo de alma, parece encontrar todas as suas consonancias nas inflexões e harmonias d'aquella voz maravilhosa. É preciso vel-a lançar-se na scena, como que dilatar-se, mergulhar-se n'aquellas a ras que ella respira a sôrvos, e que lhe enebriam a alma e exaltam a imaginação! Mas o sonho da sua França adorada, figura-lhe a nuvem que vem escurecer tão bellos momentos.

> E quelle nubi che il meriggio attira
> Cercano l'ocean che Francia bagna;

diz ella, vestindo de suave e pallida melancholia o seu rosto de marmore.

N'isto sente-se a bozina, que annuncia a chegada de Isabel. É aqui que se apresenta o terrivel encontro imaginado por Schiller, e que o poeta aproveita para completar em traços profundos o caracter das duas irmãs. N'esta scena, madama Ristori excede toda a analyse: é vêl-a e admiral-a. Ella caminha para a sua endurecida carcereira com um passo desfallecido: o corpo avança, mas o animo récua. Um gesto sublime de verdade rebenta, manifestando toda a repugnancia, o asco, disseramos melhor, que sente ao aproximar-se da sua cruel oppressora. Afinal ajoelha, mas o fogo da altivez, que lhe chispa dos olhos, protesta contra a humildade da attitude. E com que finura feminina ella não affasta da sua rival, para a dirigir a Deus, a intenção d'esta reverencia! *Un nume adoro*, exclama Maria, pela bocca da actriz.

Segue-se um longo periodo de provação para a sua alma altiva, e depois irrompe a explosão. É este sublime transe de certo a melhor situação da tragedia. Ás suas supplicas submissas havia respondido Isabel com a aspereza de um

frio desdem. Maria martyrisa-se e resigna-se ainda. São admiraveis em toda esta parte do dialogo as transições de fremito, os estremecimentos convulsos e reprimidos, as contracções de physionomia rapidas, transparentes e profundas, que pintam as alternativas de indignação e tranquillidade estudada, reluctando no intimo da admiravel tragica. Ha momentos em que o resentimento a transporta: os olhos perdem o brilho: parece verem-se-lhe correr bagas de suor pelo rosto. Os labios não atinam com a palavra, as mãos hesitam 'n'uma gesticulação desordenada. Recúa, vacilla, tem medo, tem frio. Mas a mão da necessidade arrasta-a curvada, e febricitante. Um voto de abnegação havia sido feito, no comêço d'esta perigosa entrevista, e para o cumprir conjura todas as forças. Não se humilha, despenha-se no abysmo da propria humilhação, para se não vêr, nem sentir. O calix das angustias supremas bebe-o todo a tragos acerbos: mas Isabel enche-o de novo, e a trasbordar, e esta prova repete-se e multiplica-se. Não cabe mais nas forças humanas: o martyrio não póde ser eterno, porque seria converter as angustias do mundo nas penas dos réprobos. A tempestade rebenta emfim. Isabel insulta a mulher, depois de ter aviltado a rainha. Então uma fulminadora metamorphose arranca do pó esta creatura abatida, ergue-a, dá-lhe proporções gigantes, e faz-lhe deitar fogo e chammas pelos olhos e pela bocca.

Que magnifica erupção de raiva!

Com que rapido e dilacerante golpe ella rasga e deixa nua a virtude hypocrita, que lhe exprobra as suas fraquezas! E o gesto real, soberano, fulminante, pelo qual, tornada rainha, expulsa da sua audiencia a culpada de lesa magestade! Uma espada nua, desembainhada de subito, não relampejaria na sala toda mais fulgurante lampejo. E depois, que altivo e magestoso não é o grito de vingança, que remata esta explosão de irá, e de indignação:

Dopo tante vergogne e tante affani
Un'ora di vendetta e di trionfo!

O 4.º acto é a scena do julgamento no palacio de Westminster, na vasta e sombria sala de janellas ogivaes e vidros de côres, onde, como diz um escriptor inglez, Henrique VIII se assentava para matar *legalmente*; Isabel se as-

sentava para matar *despoticamente;* Maria Tudor se havia de assentar depois para matar *theologicamente*.

O 5.º acto é o supplicio, e madama Ristori converte-o n'um calvario. Este quadro de agonia presenceia-se com o coração confrangido, e a imaginação em sobresaltos. Aquelles magnificos versos de Bocage:

> Multiplicada a morte anceia a mente,
> Bate horror sobre horror no pensamento,

realisam-se nos seus effeitos mais excruciantes, para a alma opprimida de todo o publico.

Maria Stuart apparece. Vem dizer o derradeiro adeus ás suas aias. As agitações passaram; as chammas das paixões terrestres jazem extinctas. A auréola da eternidade irradia na sua fronte serena. Que resignação, que bondade intima e affectuosa, não transpira toda esta despedida, em que o peito, rasgado pela dôr, é apenas livre ambito para a saudade que já ahi anceia! Quando Cécil se oppõe a que a sua velha amiga Anna a acompanhe ao patibulo, porque teme que os seus clamores e as suas lagrimas mais a afflijam: *oh! no, no piangerá,* exclama ella com o accento de uma mãe, que prohibe a sua filha que chore, e enchuga com as duas mãos a face regada de pranto da velha aia, com um gesto de ineffavel gentileza.

Mas a hora extrema aproxima-se e a imagem do Christo arrebata-lhe o espirito n'uma especie de extasi de antecipada bemaventurança. É n'esta sublime attitude de contemplação que Melvil lhe ouve a confissão. Com que expressão doce, serena, e ao mesmo tempo fervorosa, ella não aperta o crucifixo! É o santo temor da alma, que se encontra face a face com Aquelle a que ninguem engana.

O tambor em funeral sente-se na sala visinha! ao ouvil-o um frio glacial percorre toda a sala. A rainha de Escossia caminha para o supplicio. Na estrada do seu Golgotha encontra o seu Judas, esse desleal e covarde Leicester, que tão miseravelmente trahiu a amante e a princeza. Á sua vista a santa torna-se mulher: *Hai sciolta la tua fede, ó Roberto.*—Cumpriste a tua promessa, Roberto. Os teus braços deviam arrancar-me d'estes muros, e são os teus braços que me arrastam d'aqui!...

A indignação, a ironia infamante, a expressão de pungente sarcasmo, que ella imprime n'estas palavras vibradas em

tom baixo, não podem explicar-se. Custa a crêr que o traidor não caia fulminado. Mas este ligeiro vislumbre de ira passa como o relampago. Desde esse momento um rapto de alma e dos sentidos se apodera d'ella, e lhe dá a expressão ineffavel da alma escolhida. O seu bello rosto parece fluctuar na serenidade etherea de um esplendor de bemaventurada. N'este instante parece que um horisonte de palmas, de anjos, de harmonias e de luz invade a scena. Maria Stuart sobe os degraus da sala funebre ou antes ergue-se impellida pelo sôpro de uma ascensão. A sua cabeça ainda se volve n'esta hora solemne para dizer o ultimo adeus, e abençoar as suas aias prostradas; mas n'este momento aquella figura já nada tem de terrestre; paira sobre uma região de nuvens, que os olhos não vêem, mas que a phantasia imagina e agglomera em torno d'aquelle vulto, colorindo-as das côres do iris.

Jámais o véu, que se estende tão denso e impenetravel entre o mundo e a eternidade, appareceu tão diaphano aos olhos dos mortaes!

Depois de tudo isto, descrever os brados, os clamores de enthusiasmo, as palmas, as commoções, os delirios, o silencio afflictivo com que um publico segue e escuta todos estes transes, é quasi impossivel. É necessario vêr, porque a palavra e a escripta são nullas para tamanho esforço. A mente do espectador quasi que perde de idéa a grande tragica para se lembrar só da princeza desventurada. A inexoravel condemnação da historia apaga-se n'este momento para se avivarem unicamente todos os incentivos de sympathia. Com que saudade e religioso silencio não visitaria o espectador n'este momento, depois de vêr a tragedia de Schiller, representada por madama Ristori, as ruinas do castello de Hardwicke, prisão da infortunada princeza! «A unica camara, que existe de pé, diz mr. Nizard, visitando estas poeticas e tristes ruinas, é a que se chamava a camara dos gigantes. É ahi que se vê ainda o leito que foi de Maria Stuart. Este leito, cujas coberturas têm lavôres da sua propria mão, foi de certo testemunha de bastantes noites sem somno, de infinitos gemidos abafados, de lagrimas em silencio devoradas, e dos ardentes desejos de evasão e regresso ao ar livre e ao poder. O tempo tem já desbotado as côres, e gasto a trama do rodapé, obra dos seus dedos delicados, durante o captiveiro. Um tumulo não seria mais triste do que este leito.

Aquella magnificencia sem brilho já, o docel desmaiado, os cocares de plumas nos quatro angulos, tudo faz assemelhar este leito a um grande coche funerario. E é pelo menos um tumulo, visto que todas as esperanças da pobre senhora ahi pereceram, e quem sabe até se chegou a chorar ahi mais de uma vez a sua mesma morte!

«A sala aonde se vê este leito está mobilada como na época de Isabel. Ha curiosidades que vêr para um dia inteiro: mas que vontade póde haver de contemplar outro qualquer objecto, depois de vêr o leito de morte de uma princeza, que pagou tão caro as suas faltas, e cujas graças desarmaram para sempre o rigor da historia?!»

Ainda nos falta fallar da *Phedra*, e da *Judith*.

A *Phedra* é a melhor tragedia de Racine, na opinião de Voltaire, e madama Ristori consegue reproduzir todas aquellas tempestades de um amor adultero e incestuoso, com a magestade da tradição grega. A scena do delirio arrebata o publico.

A *Judith* vê-se que é o thema biblico, que aproveita o amor da independencia patriotica, e que todavia o talento poetico soube accommodar ás proporções de uma tragedia de ardentes e inspiradas situações. N'esta tragedia é madama Ristori auxiliada poderosamente por madama Ferroni e o tragico Majeoroni, que tem bellos momentos. Mas a alma da italiana, abrasada no santo amor da patria, desafoga no peito da grande tragica, nas calorosas scenas de que todo este quadro de emancipação nacional está realçado. Basta a invocação do quarto acto, e o hymno do quinto, para enthusiasmarem uma platéa, e consagrarem o talento scenico.

N'uma palavra, madama Ristori é a personificação derradeira da tragedia, como esta sublime fórma de arte deve ser concebida e interpretada. O seu maravilhoso talento é auxiliado por todos os dotes physicos. Aquella bella cabeça em que reside a perfeição de linhas do ideal da estatuaria antiga, aquellas fórmas elevadas e magestosas, tudo annuncia n'ella uma d'essas soberbas filhas dos campos de Roma, em que a belleza robusta e varonil, os bastos cabellos castanhos e os braços desenvolvidos e academicos, fazem lembrar os modêlos predilectos de Leopoldo Roberto. Dissé-reis uma matrona da velha Roma, uma Clelia das antigas eras do Lacio, uma Camilla, evocada á voz poderosa do talento da interpretação. E é por este prodigioso conjuncto

de dotes que Adelaide Ristori póde representar diante de todas as platéas, porque todas a applaudirão. Antes de fallar á intelligencia, falla á imaginação. O espectador mais hospede ao idioma italiano, não póde, ainda que queira, deixar de se identificar com todas as luctas que se passam na alma da grande tragica. Todos os versos na sua boca, são apenas um pretexto para aquelles prodigios de expressão. A verdade das suas inflexões torna-se tão eloquente, vão estas tão ao intimo do coração, o jogo d'aquella physionomia é marcado a pincelladas tão profundas, passando-lhe o odio, a alegria, a vingança como relampago sobre a face tão significativamente, todos estes sentimentos se resumem de tal sorte, ora no vislumbre de um olhar fascinador, ora no sarcasmo de um sorriso que ao de leve lhe encrespa os labios, prenuncio da tempestade que vae rebentar, emfim tudo isto se produz com tanta naturalidade e elevação, que o publico lê no semblante da actriz a historia de todas as paixões a que está assistindo, sem outro auxilio senão a attenção religiosa a que se sente preso. Ao vel-a acodem á memoria as estrophes de Hyppolito Lucas, dirigidas a Rachel:

> De son manteau grec revêtue,
> Le front marqué d'un sceau fatal,
> On aurait dit une statue
> Descendant de son piedestal.
>
> . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
>
> Son souffle anima ton fantôme,
> Tragédie à la voix d'airain!
> Des grands jours d'Athènes, de Rome,
> Chacun se crut contemporain.

Madama Ristori voltou a Lisboa. A *Judith* foi a tragedia escolhida para a grande actriz obter mais este triumpho de despedida O theatro parecia de galla. Nos camarotes e nas platéas resplandecia a flôr da sociedade da capital. A anciedade por ver ainda mais uma vez a mulher excepcional que agita um publico, como se fôra uma só alma, era visivel em todos os semblantes. Quando o atalaya que vigia no alto da montanha, gritou:—*Alcun s'apressa... È la Judita!*—uma ondulação, acompanhada d'um sussurro surdo e indistincto percorreu toda aquella multidão de cabeças, ondulação que, nos grandes auditorios, é sempre a manifestação solemne d'um espontaneo e geral sentimento de respeito que nos liga os sentidos e os concentra n'uma attenção religiosa.

Ristori apparece por fim. Assoma no viso do monte, e corre pelo desfilladeiro a precipitar-se aos pés do grande pontifice. Vendo-a assim correr, aquelle magestoso vulto de mulher atravez das penedias, que ella parece dominar com o gesto e com o olhar de fogo; sabendo-a ainda hontem no Porto, e ja hoje em Lisboa, e já ámanhã em Hespanha, disséreis que é o verdadeiro genio da poesia tragica, que surde aqui e alli aos seus dilectos, no gyro universal a que a impellem as resplandecentes azas com que devassa as éras da historia.

Estrondosos applausos receberam esta apparição magnifica. A commoção da actriz foi visivel. Prostrada junto do summo-sacerdote, com os braços cruzados de encontro ao peito, o seio arfava-lhe, e o olhar innundava-lh'o a expressão d'um sentimento profundo. A attitude da artista voltava-se n'este momento para o velho pontifice; mas os sentimentos da mulher prendiam-n'a do intimo d'alma ao publico que a recebia com tão vehementes provas de estima e enthusiasmo.

E que tragedia não é a *Judith* para accender no espirito d'um publico inteiro os arrebatamentos da mais viva e ardente admiração! Vendo-a, comprehende-se o porquê a Ristori enlevara ás regiões do delirio as plateias da Italia. A *Judith* é a personificação patriotica da historia moderna da Italia. Aquelle povo de Bethulia e Sismaria que murmura e vocifera, é a dôr do sentimento nacional da Italia que desafoga nos bellos versos do poeta Giacometti. *Judith* representa o amor da patria que se resigna, que soffre, que se vota aos tremendos sacrificios, mas que afinal se ergue dos abysmos da sua humilhação, e decepa a cabeça dos tyrannos.

Estas scenas de exaltação patriotica, accendidas pelo fogo purissimo da emancipação nacional, não podem jámais passar indifferentes diante de qualquer povo que tenha uma historia gloriosa e um caracter capaz de avaliar os nobres destinos das nações. Portugal já teve 1640, e basta-lhe isso para se enthusiasmar com a audaciosa heroina da Judéa, e ouvir sempre, no accesso da febre das grandes exaltações, o magnifico hymno, que, saido da bocca da Ristori, nos faz assistir a essas tremendas convulsões de angustia e esperança por que tem passado o povo italiano.

As corôas e os ramos, os applausos e as palmas enche-

ram a sala e o palco ao terminar este trecho de bella poesia. Uma nuvem de *bouquets* foi despedida da plateia superior aos pés da eminente tragica, e em altos brados o publico pediu a repetição do hymno. O panno ergueu-se novamente. D'esta vez a sala toda, camarotes e a plateia, de pé, e na anciedade concentrada de um religioso silencio, escutou a famosa actriz. Foi Sua Magestade o Senhor D. Fernando, e os Senhores Infantes os primeiros a darem o exemplo d'esta homenagem prestada ao genio da arte. As realezas da terra exaltam-se com esta manifestação de respeito ás realezas, que mais que nenhumas outras emanam do supremo principio da magestade infinita. Se ha *direito divino*, é das realezas do talento esse o verdadeiro titulo. O genio não póde ter outra origem; nem outra mão, que não seja a mão que determinou as maravilhas do universo, lhe póde firmar os seus diplomas de legitimidade.

---

Na sexta-feira, ás 2 horas da tarde, voava já mad. Ristori no caminho de ferro do sul, em direcção a Hespanha. Não será decerto este o derradeiro adeus da eximia actriz a Portugal.

Mad. Ristori levou saudosas e gratas recordações dos portuguezes; e levou mais do que tudo isto, porque levou um vivo sentimento de gratidão para com um dos maiores poetas da Peninsula, pelo sublime rápto de enthusiasmo que o seu talento inspirára ao cantor dos *Ciumes do Bardo.*

E que quadro tão pathetico, não era vêr Castilho na plateia, meio-sentado, meio-erguido no seu logar, estremecendo de arrebatamentos convulsivos á voz potente das paixões da illustre tragica, olhando-a fito, attento, insistente, como querendo com a intensidade do seu espirito inflammado fender a densa nevoa que uma sorte infeliz lhe pozera sobre os olhos, e supprir com os clarões d'essa vivissima luz interior a luz da vista!

«Esta mulher fez indispensavelmente muito mais que estudar a historia, a philosophia, a poesia (diz elle na *Revista Contemporanea);* fez mais que observar a vida patente á superficie da humanidade. Fez mais que observar de perto no fundo das suas respectivas jaulas a insania e a furia dos alienados, a languidez dos enfermos, as angustas dos agonisantes, os remorsos e as raivas dos presos, a consternação dos asylados, as amarguras dos indigentes, as penas

mal disfarçadas dos anjos cahidos no opprobrio, e o horror do patibulo; tudo obras vivas de impreterivel ensinamento para a sua arte.

«No silencio da noite, e em quanto as outras ou dormem ou velam, umas para o jogo, outras para a dança, outras para a conversação, outras para o amor, outras para os filhos, outras para a tarefa que as alimenta e as entretem; quantas vezes não andará esta em espirito, engolfando-se, por fatal necessidade do seu ser e da sua sorte, nos abysmos d'onde os Shakespeares e os Hugos vão arrancar monstros e perolas, e reascendem á luz pallidos e sobrehumanos, moribundos e divinos!

«Afortunado o que não acredita n'estas noites de febre, de delirio, de prophecia, de creação e destruição; noites como as das feiticeiras, que ao lume azul de uma mão de finado fazem surdir thesouros; noites em que, sob uma apparente immobilidade, o espirito se revolve no corpo, como o alchimista no seu laboratorio, a pedir a toda a natureza o segredo do metal rei, e do elixir de longa vida! Tres vezes feliz o que ri d'estes martyres da arte!

«Quando ella assim estuda (porque jurarei que ella estuda assim); quando endoidece diante de um espelho, actriz e plateia para si mesma; quando escuta as suas palavras, e as contrapeza, oiro e fio, a periodo e periodo, e a syllaba e syllaba, com o affecto da sua heroina, com o affecto que tem dentro; que objecto para estudo de actores, de oradores, de pintores, de estatuarios, e de poetas principalmente, não seria esse seu estudo! Mas esse é o livro dos sete sellos do genio; a Sibilla, que o escreve, queima-o antes de morrer. Estes fructos da sciencia colhe-os por entre espinhos e para si quem póde; mas não os dá, não os póde dar, não lh'os saberiam receber nem talvez a outrem se lograram. O talento produz para todos, mas sabe só para si; avaro do seu segredo, prodigo de tudo mais. Dá a lembrar a arvore alterosa, metade a verdejar, a florir, a frutear, a esparzir sombras, deleites, musicas; mas a outra metade, de que tudo isto se cria, mergulhada, esquecida, calcada sob a terra, a agenciar, ao perto, ao longe, pelo tenebroso, pelo duro, pelo frio, os fluidos invisiveis de que se alimenta a robustez d'aquelle tronco, a pompa d'aquelles ramos, a alegria d'aquellas flores, a suavidade d'aquelles frutos, o encantamento harmonico d'aquelle todo.

«Sabemos nós ao applaudirmos esta Ristori, que de vezes não estaremos festejando tormentos, que ella curtiu bem reaes para nos encantar?!

«A gloria compra-se e custa cara. Por baixo do manto de purpura está muitas vezes o flagellado; mais de uma corôa de loiro tem encuberto frontes, que as lidas primeiro encanecerám, depois devastaram até das cãs. Dae a esmolla da compaixão aos gloriosos.

«Aqui tendes, se me não engano, o raro complexo de felicidades, e amarguras, de graças originaes, e de virtudes adquiridas, sem o qual este phenomeno chamado Ristori se não explicaria; phenomeno sim, e não mulher, tanto assim, que o sentimento que ella inspira não é nos homens o amor, nem nas mulheres o ciume ou a inveja; é em todos uma especie de adoração.

«Aqui tendes porque ella percorre os estados da Europa, e percorrerá os de todo o mundo, como rainha, que visita as suas provincias; porque a musica se não atreve a intrometter-se, nem momentaneamente, nas solemnidades dos seus sacrificios theatraes; porque as cidades a esperam com alvoroço, e a ficam recordando vangloriosas.

«Ahi tendes porque os poetas se inspiram d'ella, para ella compoem, e a ella dedicam os seus poemas; porque a imprensa lhe tece um hymno perenne e universal, e a critica, essa escrava insultadora de todos os triumpos, ainda não achou que lhe reprehender, senão a excessiva perfeição; a verdade absoluta na expressão dos horrores e terrores naturaes.

«Ahi tendes porque a mocidade estudiosa das cidades por onde atravessa lhe dá serenatas, e as companhias theatraes corôas.

«Aqui tendes porque os reis e até as rainhas a convidam, a hospedam, a regalam, lhe escrevem, lhe apertam a mão, e se ella lhes pede a salvação de um condemnado, o algoz attonito sente escapar-lhe das mãos a sua victima.

«Que mais realisaria a lyra fabulosa dos antigos tempos?

«O que somos obrigados a acreditar de Ristori, porque o presenciamos e de que os nossos netos sorrirão por ventura, revela-nos em parte o sentido d'alguns mythos.

«Querereis, vindoiros, vós outros a quem enviamos o seu retrato, querereis conhecer a força, a magia, d'este genio? Ristori resuscitou a tragedia, ou antes Ristori foi o Pigma-

lião d'esta poesia estatua que ficará de pé no meio d'esta litteratura, tão diversa em tudo, em quanto subsistir a fada que a evocou.—A TRAGEDIA E RISTORI MORRERÃO NO MESMO DIA.»

O enthusiasmo arrancou estas bellas palavras ao insigne vate. Mas o seu vaticinio não se cumprirá. A tragedia, como todas as grandes fórmas da arte, não morre. Quando já não fôr a expressão natural do caracter de um povo, deixará de ser a traducção fiel da sua historia ou das suas tradições, como entre o povo grego, mas passará a ser uma magnifica fórma dramatica, como no seculo de Luiz XIV, ou o quadro sublimo das grandes paixões, como nos dramas de Shakspeare, Schiller e Victor Hugo.

A arte é eterna, e existirá em quanto existirem as formosas harmonias da natureza, sua fonte de inspiração, e os mais nobres e elevados de todos os seus fins. As edades, os progressos da illustração, os caprichos do gosto, os delirios ou extravios da phantasia podem alteral-a ou modifical-a, mas não extinguir de todo as suas manifestações mais caracteristicas e solemnes, e a tragedia é uma d'ellas.

Não ponhamos pois os seus destinos tão dependentes dos individuos, embora esses individuos sejam os gloriosos interprétes dos seus segredos. Depois da Adriana Lecouvreur appareceu Talma, e quando este julgava já não poder legar a um genio inspirado a chlamyde dos heroes tragicos, surde Rachel. Depois esta expira ainda no estrepito da sua gloria; mas, olhando, para despedir-se da vida e da scena, onde reinava como soberana, vê Ristori que desponta já radiosa nos horisontes da arte. Brilhante e gloriosa cadeia, que se perpetua, pelo influxo de uma lei providencial, e que assegura aos que amam o talento e as suas melhores revelações, que os representantes d'esta dynastia ideal poderão interromper-se por momentos, mas não acabar. É a historia que nol-o assevera.

Confiemos pois mais nos destinos da arte, e no progresso das leis que a podem fecundar, proporcionando-lhe themas e reveladores das suas bellezas.

Dezembro—1859.

## D. JOSÉ DE ALMADA E LENCASTRE

Fatal destino de muitos dos nossos talentos.—D. José de Almada e a noite de Natal.—A Sé de Lisboa, e o principio da amisade de dois escriptores. —D. José de Almada retratado por si mesmo.—Apparece o auctor da *Prophecia*.—O Theatro Normal e as grandes ovações d'este drama.—O visconde de Almeida Garrett applaudindo o joven poeta dramatico.—Juizo critico da *Prophecia*.—A politica vem desviar o auctor dos assumptos litterarios.—Novas producções dramaticas.—O redactor do *Catholico* e da *Nação* e a aptidão complexa do seu talento demonstrada no *Orador Sagrado*, nos *Contos sem arte* e no *Santo Agostinho*.—Fim de D. José de Almada.

Dizem que existem quadras climatericas para o talento: que assim como a natureza agenceia os mais reconditos e fecundantes principios de germinação, para depois os ostentar em prodigios de eflorescencia e fructificação em certos periodos do anno, da mesma sorte o engenho humano, por um phenomeno cujas leis escapam á nossa perspicacia, parece escolher varias épocas mais apropriadas a evidenciar todas as suas potencias milagrosas.

Mas, se effectivamente occorrem d'estas quadras fadadas para a verdadeira personificação das letras e das artes, tambem haverá quadras nefastas que, como um tufão desolador, vão abatendo, um por um, todos os talentos, quando a aurora das esperanças risonhas ainda lhes sorria, porque as crenças dos primeiros annos começavam para elles apenas a viçar e a florir?

Será isto um facto que não entre nos meros accidentes da vida humana?

Creio que sim, que d'outra sorte se não póde nem com-

prehender nem explicar a fatal insistencia com que a mão do destino, em tão breve espaço, tem ido cortando por toda essa phalange de mancebos illustres, que ainda ha pouco representavam uma grande parte da actividade intellectual d'esta terra, e que ao presente só vivem na valia de suas obras, e na saudade de seus amigos!

Triste e inexplicavel fado que em menos de seis annos tem escurecido com o crepe da morte tanto raio de luz fulgissima!

Alongando os olhos em volta de nós, não vemos senão um lugubre e vasto cyprestal. Alem, onde ainda ha pouco desferia melodiosos sons uma lyra inflorada, debruçam-se agora as negras e melancolicas ramadas do teixo, como se fosse a amizade alli ajoelhar-se a prantear curvada para a terra uma esperança de todo perdida! Mais longe, uma corôa de myrtho está substituida por melancholica capella de perpetuas! Quasi ao pé vê-se uma palheta, cujo vivissimo colorido recordava os melhores mestres venezianos, agora quebrada, os pinceis dispersos, as tintas seccas e desbotadas, e por cima apenas algumas raras saudades desfolhadas! Varias lapidas, alvejando em torno, mostram quanto o affecto dos amigos ou dos parentes desejou perpetuar a memoria d'aquelles que lá repousam.

E quasi todos mal estanceavam ainda agora no primeiro limiar da vida! E não lhes bastou, nem a energia da mocidade, nem a chamma do talento para os robustecer e armar contra as luctas da morte, antes parece que aquellas duas forças, por intensas e violentas, os consumiram como uma febre interior!

Desgraçado sextro do talento, que, avaro de seus triumphos, os não concede senão a troco da perda dos alentos da existencia!

E foi esta a historia de Soares de Passos, do Lamartine portuense; de Coelho Lousada, poeta e romancista; de Francisco Bordalo, o singelo narrador das nossas scenas maritimas; de Van-Deiters, estro apagado quando mal começava de fulgir; de Metrass e Monteiro, esperanças da nossa Academia de Bellas-Artes; de Harcourt e Corte-Real, vocações litterarias já a reflorir; n'uma palavra, foi esta a historia de D. José de Almada, do prosador naturalissimo e pensador sincero, em quem o dogma religioso se tornava vivida e constante inspiração litteraria!

E aqui poderia acrescentar ainda mais alguns nomes, tambem já illustres, tambem sympathicos, tambem tendo diante de si largas e brilhantes promessas do futuro, e que uma sorte, mais cruel talvez que a morte rapida, afastou das letras sem os afastar da vida! Mais excruciante martyrio, para quem o comprehende sobretudo, e que observa aquelles espiritos outr'ora lucidos, tão activos, tão fulgurantes, revoando nas azas da inspiração pelas espheras infinitas do pensamento, e agora apathicos, indifferentes a tudo e a todos, tremendo enigma da vida que mal percebemos nos seus rápidos estragos!

Mas evitemos este lamentavel episodio. A esperança é a ultima luz que se apaga no seio das trevas que enluctam a existencia do homem.

Não esmoreceu ella ainda de todo no peito da amisade. Confiemos pois na Providencia e respeitemos os seus mysterios. [1]

---

A primeira vez que eu vi D. José de Almada foi na Sé de Lisboa, n'uma noite do Natal. Teria elle, quando muito, dezesete annos, e eu dezenove. Estavam comigo alguns amigos e conversavamos todos ácerca da origem incerta da fundação da nossa velha cathedral.

Á medida que nos espraiavamos em considerações a respeito da antiguidade d'aquelle templo, ora auxiliados, ora confundidos pelas mesclas de estylo architectonico que enxovalham de remendos a severidade vetusta d'aquellas paredes, reparei eu que um mancebo trigueiro, de olhos grandes e vivissimos se prendia singularmente a tudo que diziamos. Visivel timidez a tolhia porém, e contentava-se de ouvir com summa attenção quanto descorriamos. Eu pouca lembrança conservei de tudo isto, mas D. José de Almada sempre me ficou fallando d'este encontro, repetindo-me até palavras do que eu dissera da controvertida historia d'a-

[1] Refiro-me a Lopes de Mendonça, a Lobato Pires, que a este tempo ainda existiam, e cujo fim lastimavel todos deploramos. Tambem entra n'este numero Fontoura, mancebo talentoso, a quem a luz de rasão se apagara e a morte seguiu de perto.

Vem aqui a lembrança de Faustino Xavier de Novaes, Arnaldo Gama, Gomes Coelho (Julio Diniz), Corrêa Caldeira, Dr. Gaio, que fizeram parte da mocidade litteraria d'estes ultimos annos, e que uma sorte cruel affastou das lettras e da vida, como se esta fosse uma lei determinada inexoravelmente contra o destino de muitos d'aquelles de quem nós todos tinhamos tanto a esperar.

quelle nosso monumento. Depois nunca mais nos vimos, e foi só, decorridos muitos annos, que nos encontramos de novo, e d'esta vez, elle, já auctor da *Prophecia*, e eu, seu apreciador n'um artigo da *Reforma*.

Os primeiros annos de D. José de Almada encontra-os o leitor descriptos com a sinceridade e lhaneza que formavam a essencia do seu caracter, em varias das chistosas e singelas narrativas a que elle poz o titulo de *Contos sem arte*. É de um d'estes contos que extraio as seguintes linhas, que esboçam, ao mesmo tempo, as alternativas da sua mocidade e as linhas do seu retrato moral.

«Ora eu não sou (escreve elle) nem philosopho, nem an«tiquario, nem poeta, nem erudito.

«Ás vezes pergunto a mim proprio o que sou, e por mais «que martele e torne a martelar, ainda o não pude descobrir.

«Qual é a minha *especialidade?* como se diz hoje.

«Tenho tantas, que por fim de contas parece-me que não «tenho nenhuma.

«Como rapaz de escóla fui um grande mandrião.

«Apenas sabia ler bem.

«Lá d'isso gostava.

«Mas acabava ás vezes de ler um capitulo de *Carlos Ma«gno*, de derramar sentidas e verdadeiras lagrimas com os «dissabores da formosa Floripes pelos seus amores com «Guy de Borgonha, e esquivava-me depois ao criado, que «me levava para a escóla.

«Choviam as palmatoadas depois, mas ninguem podia fa«zer bom de mim.

«Assim eu comecei creança, muito ledor, pueril e tra«vesso até aos dezoito annos.

«N'esta edade começou a correr voz e fama de que eu «era idiota, ou quasi.

«Rebellei-me contra semelhante idéa: começo a arder no «amor do estudo, e eis-me nas aulas de grammatica latina «e logica, a fazer um figurão.

«O meu mestre de rhetorica fez-me n'um exame uma pi«cardia.

«Que faço eu?

«Vou matricular-me em eloquencia e poetica, e dou-lhe «um quinau na traducção da oração de Cicero *pro Archia «poeta*. O homem esteve quasi a pedir a sua demissão por «minha causa.

«Passo ás mathematicas.
«Dá-me outra vez um grande ataque de mandrieira; e se «não fosse a minha extrema prudencia em evitar os exa«mes, sabe Deus o que seria feito dos meus creditos!
«Depois fiz versos a quantas Marylias, Marcias, Lelias e «outras pessoas fabulosas encontrei no meu caminho.
«Fiz versos seis annos a fio.
«Veiu um dia (abençoado tu sejas!) em que me resolvi a «fazer auto de fé a todas as minhas producções poeticas.
«É a resolução mais sensata, que tenho posto em pra«tica.
«Mas sempre a ler muito, e tudo o que se me apresen«tava: romances, historia, religião, philosophia, tudo.
«Veiu-me por fim a mania de me metter a escriptor pu«blico.
«Pranteio o publico, pranteando-me a mim proprio!
«Porque nem eu, nem elle ganhámos muito com isto.
«Mas vão lá tirar-me d'esta mania!
«Agora já está inveterada, já fez casa, tornou-se vicio; é «impossivel arrancal-a.»

Não era mania, era decidida vocação litteraria, e das mais espontaneas, que ainda eu tenho conhecido; e a prova foi que D. José de Almada apresentou d'ahi a pouco a *Prophecia*, a sua indubitavel consag~ação de poeta dramatico. Até então, os seus trabalhos litterarios, ou por timidez, ou por modestia, não haviam ultrapassado a notoriedade do circulo de alguns condiscipulos, que já, todavia, lhes descubriam visos do talento que depois festejaram e applaudiram.

Por estes tempos publicou-se a folha politica a *Nação*, cujos redactores eram da amisade e das relações partidarias da familia de D. José de Almada. João de Lemos e Silva Bruschy acabavam de legar honrosas lembranças á Universidade de Coimbra, concluindo a sua formatura. O bardo inspirado da *Lua de Londres* fôra talvez um dos que mais de coração acudiram ás invocações do visconde de Almeida Garrett, abrindo com o alaude bafejado pelas inspirações da musa peninsular um novo periodo á nossa poesia lyrica. As tradições da velha monarchia, como o respeito das ruinas monumentaes do passado, haviam incendido aquellas imaginações, affigurando-lhe o dogma politico rodeado da auréola dos prestigios inseparaveis da magestade das grandezas abatidas e das saudades dos seculos que não voltam.

Foi precedido d'esta ordem de impressões, que o mancebo José de Almada, alma ardente e propensa a todos estes sentimentos e idéas, conheceu João de Lemos. O mesmo foi conhecel-o que admiral-o.

Tão forte se tornou o influxo que o poeta exerceu sobre o animo do seu novo amigo, que o desviou da tranquilla e incuidosa carreira dos idyllios, que até então unicamente trilhara, e lhe poz na mão o estylete hervado da Némesis politica. *Um brado pela patria*, pamphleto que antes mostrava os desejos do que a solidez da doutrina partidaria do moço escriptor, foi o resultado d'esta iniciação partidaria.

Mas os verdadeiros effeitos do trato e contacto com os homens de lettras do seu partido, não tardaram muito que D. José de Almada os não manifestasse. Duas grandes forças fizeram de D. José de Almada jornalista: as exigencias de uma vida cortada de incertezas, e o exemplo d'aquelles que elle tomara por modelo. Os seus estudos tornaram-se serios e profundos: applicou-se como o homem que malbaratou o tempo a divagar por atalhos e que depois quer ganhar com o esforço a larga dianteira que outros lhe levavam já no caminho. E venceu-a. O drama a *Prophecia* apresenta-nos a prova. Não se escrevem paginas d'aquellas sem estudo insistente, e felicissima disposição anterior, porque a *Prophecia* não significa simplesmente uma obra dramatica, senão uma controversia philosophica, e tomando por thema o que a philosophia reconhece por mais grave e difficil, a excellencia religiosa.

A historia da *Prophecia* constitue um episodio curioso da vida de D. José de Almada. Ou por dissabores immerecidos, ou por excentricidades proprias, o moço escriptor abandonou a casa da sua familia, que era no Campo Grande, e veiu para Lisboa, trazendo comsigo, por unica riqueza e esteio do futuro, algumas moedas de prata na algibeira, e o manuscripto da *Prophecia* debaixo do braço. Assim, reproduzindo em parte a parabola do pobre do Evangelho, se apresentou ao seu amigo Luiz de Vasconcellos, [1] com o designio d'este o apresentar aos actores Epiphanio ou Theodorico, que então dirigiam o theatro de D. Maria II, constituido em sociedade. Esta apresentação, porém, não se

[1] Luiz de Vasconcellos de Azevedo e Silva, antigo jornalista, tambem morto ainda moço.

pôde realisar logo. O mancebo escriptor vinha apenas acompanhado da sua affouteza, digna, por certo, pois nascia da confiança que é inquestionavelmente uma das forças virtuaes do talento, mas para os outros não era ella sufficiente. *Engendradores de dramas* fervilhavam então como hoje os noticiaristas.

O theatro achava-se bloqueado por estes dramaturgos por atacado, que desejavam sair da chrysalida do seu anonymo á custa da paciencia das platéas e de alguns sacrificios dos emprezarios.

Não sei, se estas suspeitas se levantaram contra D. José de Almada, e lhe fizeram a injuria de o tomar, a olho, por um d'estes Chattertons de estro obstinado.

Talvez não: mas o apuro das suas circumstancias não lhe permittiu delongas, e por isso se apresentou elle proprio aos directores da sociedade, e pediu-lhes para lhe ouvirem ler um drama. Em tão boa hora o fez, que a leitura foi escutada em acto continuo. A principio foi mais a condescendencia que lhe grangeou auditorio; ao cabo porém dos primeiros actos já os applausos rebentavam de todas as boccas, e por fim os abraços e os louvores vaticinaram ao moço escriptor o triumpho da sua peça. E tão seguro se affigurou a todas as imaginações este triumpho, que a sociedade do theatro de D. Maria II arriscou-se aos maiores gastos para levar o drama á scena com o rigor historico e deslumbramento dos esplendores d'aquellas épocas heroicas. E o enthusiasmo no publico foi tal que um escriptor d'essa época não duvidou de escrever estas palavras: «O theatro «normal acaba de despertar do profundo lethargo que por «dois annos lhe entorpecêra a vida. O milagre dos sete dor«mentes repetiu-se por mais uma vez, etc.

«. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«O prodigio foi a olhos vistos, operou-o o sr. D. José «de Almada e Lencastre, auctor do drama, que acaba de «subir á scena no theatro de D. Maria II.»

E operou. E não se póde dizer que o seu drama deveu o acolhimento aos deslumbramentos de grandioso espectaculo que o realçavam, porque foi principalmente o assumpto, em que a religião se prende aos primeiros affectos da vida, que attrahiu a immensidade de espectadores que tanto o applaudiram, e que noites repetidas chamaram o auctor ao proscenio para o coroar de applausos. «E appareci (es-

«creveu D. José de Almada, na sua resposta á critica, que «juntou, quando imprimiu o drama) e appareci para que me «não taxassem de descortez.

«Appareci, porque tanto a obra como o auctor eram com«pletamente desconhecidos do publico.

«O meu pobre nome nenhuns serviços litterarios o ha«viam feito conhecer. Cumpria apparecer para agradecer, «mas agradecer só.

«Esses braços que se erguiam, e que saudavam o meu «trabalho, esse grande poeta (o visconde de Almeida Gar«rett) que eu vi de pé, e como inclinado para a scena a «dar-me um mais que benevolo parabem, dominando com «a memoria viva da sua larga colheita de louros, ceifados «sobre o mesmo campo, que eu então pisava, aquelle au«ditorio respeitavel, composto na maxima parte de um «grande numero dos primeiros cultores das lettras patrias, «tudo isto apenas o traduzia eu assim:—*És moço ainda, «não queremos que desanimes: a tua obra não é perfeita; «applaudimos os teus esforços: ergue-te que nós te damos «um braço robusto e seguro; continua e veremos se foste di«gno do favor que te dispensamos.*

«Foi o que entendi. Agora se isto ainda assim é vaidade, «confesso que a tive, mas foi só esta. E d'esta mesma pro«metto corrigir-me, se me mostrarem que o é.

«O pensamento que me tomou os sentidos e a alma toda «foi o lançar as primeiras linhas, se em tanto podesse, que «servissem como de planta de um theatro christão.

«Mas a *Prophecia* é só uma obra de fé, e foi assim, co«mo já disse, que o publico a acceitou.

«O publico viu-a do mesmo modo que eu a escrevi.»

A imprensa occupou-se largamente d'este primeiro trabalho. Quasi todos os jornaes publicaram juizos criticos. Traslado agora para aqui parte do que então escrevi na *Reforma*, folha politica que se publicava n'aquelle tempo, e que eu redigia com o sr. Bispo de Viseu, então ainda apenas o conego Alves Martins.

«São tão raras entre nós as producções litterarias de ver«dadeiro merecimento, que o jornalismo não póde deixar «de saudar a sua apparição, com desculpavel enthusiasmo, »sem que se dê por suspeito de mesquinha inveja, ou de «um indifferentismo reprehensivel.

«Na aurora esplendida de um talento indubitavel, o sr.

«D. José de Almada acaba de fazer subir á scena, no thea-
«tro de D. Maria, a *Prophecia*, drama que exige esta sau-
«dação, por que tem direito a ella. A imprensa, prestando
«homenagem ao mancebo, que tão auspiciosamente enceta
«a carreira dramatica, deve ufanar-se de ter de registar es-
«ta obra na chancellaria das creações perduraveis, por que
«ella é, considerada litteralmente, um elemento perduravel
«e para o seu auctor um diploma authentico que lhe sanc-
«ciona os foros de homem de letras.

«A *Prophecia* é o impulso, e, mais que o impulso, é já
«o modêlo para a introducção de um novo genero na litte-
«ratura dramatica. Procurando nas edades semi-heroicas a
«acção e personagens, assumindo as proporções grandiosas
«e solemnes da scena antiga, a obra do sr. D. José de Al-
«mada assenta o seu logar entre o drama moderno e a gra-
«vidade da tragedia classica, ou é a tragedia em prosa, sem
«a immolação do protagonista. Da tragedia toma a grandeza
«epica do assumpto, a elevação e heroicidade das paixões,
«a simplicidade antiga das fórmas, e do drama recebe a isen-
«ção do dogmatismo aristotelico e a liberdade de conce-
«pção e desenvolvimento da idéa capital. É como o élo en-
«tre o *Frei Luiz de Sousa* e o *Polyeucte* de Corneille, na hie-
«rarchia dramatica: é a transição legitima do romantico pa-
«ra o classico, participando, por conseguinte, das duas na-
«turezas.

«Subjeita aos preceitos logicos e acceitaveis, que a escóla
«moderna referendou, a sua acção é natural, sem ser com-
«mum; facil, sem ser trivial; unica, sem ser monotona.

«Esta acção é passada no começo da era christã, no thea-
«tro mais lamentavelmente celebre de que ainda ha memo-
«ria nos fastos da humanidade, e n'uma das épocas mais
«solemnes e predestinadas, que recorda a historia das na-
«ções. É debaixo dos muros da cidade, que vergava sob o
«peso do maior dos crimes, o deicidio, junto da qual acam-
«pa o maior poder de então, o poder de Roma, onde o
«drama começa. É com a conquista de Jerusalem, com a
«destruição do templo, com a realisação das predicções de
«Daniel, de Zacharias e de Isaias, que o drama finda.

«Para personagens d'esta acção, o auctor foi buscar o que
«havia de grande em poderio e prestigio sobre a terra. Em
«frente de Eleazar, o summo pontifice de Judá, o ancião da
«antiga lei, o representante do judaismo, colloca Tito, o ty-

«po da longanimidade reunida a todo o esplendor e sum-
«ptuosidade do imperio pagão, e entre estes faz avultar dois
«heroes, ambos christãos, um joven guerreiro romano e um
«escravo negro; aquelle, patricio engrandecido e poderoso,
«prefeito das invenciveis legiões romanas, estimado e que-
«rido do Cesár, provando a excellencia da doutrina de Chris-
«to, cujas verdades se radicavam já no coração dos grandes
«da terra; este, mesquinho da fortuna, ludibrio das insti-
«tuições tyrannicas dos homens, personificando a humilda-
«de de um Deus, que deu d'ella o verdadeiro exemplo, nas-
«cendo n'um presepio.

«Estas tres idéas de religiões distinctas, o christianismo,
«o judaismo, o polytheismo, combatem-se, porfiam e repel-
«lem-se. O amor, porém, symbolisado em Sara, com toda
«a effusão e intensidade de uma paixão energica, generosa
«e pura, domina em roda de si, impregna aquella atmos-
«phera do seu suave influxo, vibra todas as cordas da alma,
«faz brotar e palpitar os mesmos affectos; e as almas assim
«abaladas por commoções identicas, os corações embrande-
«cidos por um sentimento commum, rendem se á evidencia
«eloquente e sublime d'essa religião, que, toda espiritualis-
«mo, resignação, exemplo e heroicidade supplanta o paga-
«nismo material e exterior; que toda verdade, revelação e
«prodigios dissipa até a propria cegueira do chefe das sy-
«nagogas!

«Eis o pensamento predominante do auctor: o triumpho
«do christianismo.

«Esta idéa, arrojadamente philosophica, desenvolve-a elle
«e dramatisa-a com a consciencia e confiança do talento, e
«com a fé viva e fogo de enthusiasmo de uma crença pro-
«funda. Os sentimentos e affectos são apenas, como os meios
«empregados n'este vasto e magestoso edificio, em cuja cu-
«pula se ergue por fim o symbolo eterno da redempção.

«Um tal plano era agigantado. Sublime de sua natureza,
«tinha de ser tratado na esphera propria para nada perder
«do seu vivido esplendor. Todavia, o sr. D. José de Alma-
«da, compulsando-se conscienciosamente, achou a empreza
«digna dos seus esforços, e o resultado prova, como diz La-
«martine, que o talento suppre muitas vezes com uma das
«suas mais excellentes faculdades, o instincto das grandes
«conveniencias, o que nem o tempo dá nem o proprio estudo
«concede.

«Cheguemo-nos mais á questão.

«A *Prophecia* encerra bellezas, mas não é isenta de de«feitos. O seu auctor sabe-o melhor que ninguem, e nós re«baixariamos a linguagem da verdade, se a entremeassemos «de lisonja tão banal. Tratado quasi sempre na esphera phi«losophica, o drama é bem delineado; os seus caracteres «principaes acham-se traçados com vigor e sustentados com «naturalidade; a sua acção desenvolve sentimentos magna«nimos, affectos nobres, expansões sublimes e espontaneas. «Mas n'estas luctas tremendas da ternura e do amor com «os diversos principios religiosos, que se guerreiam e anni«quillam; n'estes trances afflictivos, que o capricho da in«dole dramatica cria, como para experimentar toda a per«severança das crenças de Cleto e Sara, a rasão resplande«ce sempre atravez dos sinistros bulcões, que a paixão ag«glomera nos horisontes da existencia moral dos dois aman«tes, e a cabeça rege constantemente o coração.

«O amor, na *Prophecia*, é sempre dominado, ou modifi«cado pela crença religiosa. Sem perder nada do arrojo de «seus impetos, o embate da diversidade das religiões, de«purando-o, mais tende a sublimal-o, fazendo-o por vezes «tocar as raias da heroicidade. É só pela evidencia dos pro«digios, posto que esclarecidos pelo sentimento sublime que «Cleto inspirara á filha do pontifice de Judá, que elle rece«be as aguas do baptismo; e da mesma sorte é quando esta «se acha purificada pela conversão, que o esforçado prefeito «lhe dá o nome de esposa. O proprio affecto paternal de «Eleazar não se desvaira em presença do heroismo dos dois «amantes, e só depois de presenciar o complemento de to«das as prophecias. é que, prostrado por terra, adora no «Martyr do Golgotha o Promettido das nações.»

Não seguirei mais ávante, porque estas linhas bastam para dar idéa do drama. O modo porque foi recebido, collocou a D. José de Almada n'uma posição litteraria de primeira ordem O jornal a *Nação* e o *Catholico* offereceramlhe logo o logar de redactor. D. José de Almada acceitou effectivamente parte na collaboração d'estes periodicos; mas a sua indole litteraria, as aspirações do seu espirito, os seus estudos de predilecção, não o levavam para a carreira politica: o seu desejo era proseguir em trabalhos exclusivamente litterarios; e sobre tudo o triumpho que lhe obtivera a *Prophecia* incitava-o a realisar o vasto plano que con-

cebeu de escrever uma serie de dramas sacros, que reduzissem a quadros as differentes phases porque, no decorrer das sociedades antigas e modernas, passaram as differentes luctas religiosos, personificando estas nos maiores vultos da egreja grega e latina. O drama *Santo Agostinho*, escripto em doze dias, foi o primeiro fructo d'esta larga concepção. Pena foi que o auctor o não publicasse, e que os estorvos da censura dramatica lhe vedassem a representação. Talvez ainda veja a luz da imprensa, e com elle sairão decerto os diversos pareceres dos censores, e será para esse momento o julgarmos quem teve rasão, se a censura dramatica, com a sua austeridade, se D. José de Almada, em não querer mutilar o drama.

Depois d'esta época, D. José de Almada escreveu constantemente. Os jornaes a que se havia ligado roubavam-lhe as melhores horas do trabalho, porém tudo o que podia tirar a estes momentos o applicava a escriptos mais de sua feição; e foi d'estas horas, assim aproveitadas, que vimos sair o *Casamento singular*, a *Associação na familia*, a *Meia do saloio*, o *Jantar amargurado*, o *Artista*, as *Ambições de um eleitor*, comedias que foram representadas no theatro do Gymnasio; *Vamos para Carriche*, que fez epocha no theatro das Variedades; a *Lição*, o *Boa lingua* que ultimamente vimos no theatro normal, producções de diversos generos dramaticos e intuitos philosophicos, porque o talento de D. José de Almada offerecia a mais admiravel combinação de qualidades serias e galhofeiras. A par, por exemplo, do *Jantar amargurado*, episodio comico de immenso chiste, encontramos logo a *Associação na familia*, melancholico quadro, onde o espectador encontra uma eloquente lição dada pelo amor do trabalho, a que serve de laço o affecto da familia; e se nos voltarmos para outro lado, vemos ainda D. José de Almada a escrever o *Orador sagrado*, magnifica collecção de sermões que abrange, e trata as mais difficeis theses da historia da fé christã. E depois ainda o encontrâmos a preparar-se para o Curso Superior de Lettras, e simultaneamente a escrever romances, como o *Mestre de Aviz* e outros folhetins que assignava com o pseudonymo VICTOR, no *Jornal do Porto*, bem como infinitos artigos que todos os dias appareciam nas folhas litterarias, que sollicitavam a sua penna, e por fim de tudo os *Contos sem arte*, singela collecção de narrativas, que a morte lhe veiu interromper, e que

são um modêlo de simplicidade. Depois de Garrett ainda não vimos em portuguez feições mais nossas, e mais sincero e caracteristico respirar em figuras trazidas ao livro.

Estes contos resumem principalmente o interesse de aproveitarem muitos accidentes da vida do auctor; porque, já em referencias, já até em successos e personalidades reproduzem varios dos episodios da mocidade de D. José de Almada. «No *Sebastianista* (escrevo eu no proemio que fiz ao livro) relatou-nos elle as inclinações e desvarios da sua infancia; no *D'estes ha poucos* apresenta-nos o quadro do seu viver recluso e tristonho; no *Antonio Lopes* e *Maria Agostinha*, um dos apuros da sua vida de estudante; na *Tia Carriça* alardeia os seus protestos de fé politica; no *José da Costa* mostra-nos o culto que professa a muitas instituições, das quaes o camartello revolucionario demoliu bastantes que não devêra.»

Em D. José de Almada encontram-se dois escriptores: um, inspirado pelo talento; outro, influido pelo caracter; e entre estes dois vae a distancia que medêa da penna grave que aprofunda as questões religiosas, á penna zombeteira que bosqueja os perfis dos nossos typos populares. E é por isto que um disserto critico nosso o definiu assim: Uma alma de criança com a rasão de um philosopho e a elevação de um poeta.

Os limites d'estas duas naturezas litterarias, resumidas n'um só homem, encontra-as o leitor na *Prophecia* e nos *Contos sem arte*, isto é n'uma obra de vasta concepção philosophica, e n'uma galeria de quadros de costumes inspirados pela musa galhofeira da comedia social. N'aquelle está o pensador, o philosopho do christianismo, o poeta das crenças da infancia; n'estes expande-se o genio do mancebo, retrata-se o estudante, particularisa-se o individuo.

Não sei se me querem admittir escriptos em que o auctor pensa, e outros em que não pensa e só sente e vê. Eu insisto em que os ha, e aponto a D. José de Almada como exemplo de uma e outra cousa. Ha escriptos que são o trabalho da nossa sciencia, e das faculdades mais solidas da nossa rasão, e ha escriptos em que deixamos correr á redea solta os devaneios da imaginação. É n'estes ultimos onde se retrata o fundo moral do escriptor. As *Viagens da minha terra*, de visconde de Almeida Garrett, significam este genero e mostram bem a possibilidade de subsistir o auctor

de um livro, como aquelle, no mesmo corpo e no mesmo pensamento do auctor do *Camões*.

Porém, em D. José de Almada a differença era profunda. Quem, por exemplo, ler o seu drama *Santo Agostinho*, as suas *lições* de philosophia transcendente, as suas catecheses nos jornaes o *Catholico* e o *Seculo XIX*, ha de presumir que elle era um pensador sorumbatico, caracter austero, genio rispido, sempre engolphado nas cogitações profundas de emaranhadas theses de metaphysica theologica, e não era assim. Tudo isto se passava apenas na sua cabeça. D. José de Almada era um rapaz folgasão, e que passava a rir até as maiores amarguras da sua existencia; e entre a producção das suas obras mais graves e as propensões d'aquella indole galhofeira offerecem-se até contrastes excessivamente comicos. Por exemplo: era quasi sempre debaixo de algum caramanchão do jardim de Carriche que elle compunha e escrevia os seus melhores sermões. E que sermões?! Os sermões que fizeram a reputação de muitos bons pregadores de Lisboa.

Era quasi sempre com farças ou comedias para o Gymnasio, e Rua dos Condes que pagava as casas. Parece que esta circumstancia de um homem ter por força de residir n'um quarto, e este quarto ter de ser pago sem haver dinheiro para isso, o deveria preoccupar e até entristecer, e tal não acontecia. Era quando elle sentia mais vontade de galhofar, e vontade de ejaculação tão natural, que produzia farças como as *Ambições de um eleitor*, e o *Jantar amargurado*, chistosas composições que faziam rir as nossas platéas ás bandeiras despregadas. E os *Contos sem arte*, essa espairecida collecção de esboços populares, desenhados com a graça de um Nicolau Tolentino, como nasceram elles?

D. José viu-se n'um dos seus frequentes apuros, e de que se ha de lembrar? De escrever um livro, expediente que era o seu erario. Mas o assumpto? Não era preciso assumpto. Olhou em roda de si, recordou-se de alguns relanços da sua vida intima, e o livro achou-se feito.

Parece mais natural que, n'uma conjunctura afflictiva, deveria antes encaminhar-se a imaginação do poeta a idear por ahi um drama, ou uma tragedia, cruenta e sanguinaria tragedia, e termos a reproducção de outro Chatterton mais lugubre dos que tem produzido os exasperos do romanticismo exaltado. Mas nada. Em D. José de Almada as cri-

ses operavam de outra sorte. Sabia-se d'ellas sempre a zombar. A sorte attribulava-o com revezes insistentes, e elle fazia á sorte a pirraça de não se doer dos seus insultos. Até n'isto se conhece a magnifica alma d'aquelle bom rapaz que não tinha azedume, nem contra o seu destino cruel.

Todavia, nos ultimos tempos da sua existencia, quando vieram os padecimentos physicos juntar-se aos desgostos moraes, e todos em ferina conjuração o saltearam, então aquelle grande animo, que tanta conformidade havia sempre mostrado na adversidade, sentiu-se vergar. No entanto, no *Jornal do Porto* appareceram folhetins, assignados com o pseudonymo *Victor*, que enculcavam ainda os vestigios da antiga alegria. Pois os derradeiros foram já escriptos com a luz dos olhos a fugir-lhe, e para sempre, e a cabeça a esvair-se, e a pender-lhe sobre o peito! E comtudo, aquelle espirito superior, que com tanta paciencia e resignação supportava as contrariedades da sua attribulada existencia, reagiu contra esta extenuação de forças. Affirmam que Henrique Heine, já paralytico e cégo, ainda nos extremos dias da vida dictava satyras contra varios poetas allemães. Porém, esta energia intellectual, que até á ultima se debatia e aproveitava os expirantes alentos para fulgurar, como ainda lampejam os derradeiros relampagos da trovoada que vae longe, pode bem explicar-se por uma exacerbação do espirito ou irritação febril; e, em todo o caso, é um estado anormal. Mas, em D. José de Almada, o talento conservou-se-lhe sempre inalteravel. Não era irritação ou exacerbação, era aptidão e espontaneidade. Dias antes de expirar escrevia elle, não satyras, esse triste desabafo dos espiritos irriquietos e invejosos, porém escriptos inoffensivos e de valia litteraria, como, por exemplo, o *Mestre de Aviz*, romance historico; os *Contos sem arte;* folhetins para o *Jornal do Porto;* lições de philosophia que recitava no *Curso;* e varios sermões avulsos.

Porfim não pôde mais, e já era milagre tanto poder.

A exuberancia d'esta vida intellectual abateu-lhe as forças. O corpo é fraco para tamanhas luctas do espirito, e os desgostos vieram ainda exacerbar estas grandes excitações, aggravando-lhe a enfermidade que o matou. O sentimento profundo de que lhe haviam feito uma injustiça, não decidindo francamente o concurso a que elle fôra oppositor, para uma cadeira do Curso Superior de Lettras, attribulára-o

de profundas magoas. Elle desforrou-se d'esta injustiça, erguendo-se como se erguem os homens de talento seguros do terreno que pizam. O curso gratuito que deu nas proprias salas da Academia, mostrou bem que elle seria dentro em pouco um ornamento do nosso magisterio. Methodo, clareza, doutrina, lucidez na exposição, palavra fluente, concisa e correcta, todos estes dotes essenciaes que qualificam o engenho didactico, elle os possuia como poucos.

Mas afinal não poude mais! Succumbiu, termo lastimavel de quasi todos os homens de grande força de vida, do espirito e do coração! Os revezes da adversidade não são simples infortunios para estas organisações superfinas, mas feridas profundas, que em breves dias destroem a existencia.

---

Hoje, o desconhecido que deseje desfolhar algumas saudades sobre o derradeiro logar onde repousam as cinzas do desditoso mancebo, entre no cemiterio do Alto de S. João. Em cima de algumas pedras rusticas, á maneira de monumento celta, hastea-se uma cruz tosca: na cavidade que fórma esta especie de lappa, vê-se encravado um athaude: ao lado está inclinada uma harpa, e em cima uma corôa de perpetuas.

É ahi o logar onde descansa o cadaver de D. José de Almada, o poeta christão.

Setembro — 1862.

## JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO

O *Paraiso Perdido* e as *Pupillas do Sr. Reitor*.—Addison decretando á Inglaterra o seu primeiro poema. — O sr. Alexandre Herculano e a auctoridade de um grande nome. — O romance de costumes populares e varios moralistas allemães, inglezes e francezes. — As *Pupillas* e os seus personagens. — Analyse d'este livro. — Os estudos e as naturaes inclinações do auctor.

O modo porque foi apreciado entre nós o livro das *Pupillas do sr. Reitor* recorda o succedido em Inglaterra com o *Paraiso Perdido*. Foi já cego, e do seio das amarguras de um retiro obscuro, onde vivia ignorado e pobre, que Milton offereceu á publicidade o seu poema, cuja idéa fundamental lhe despertára uma viagem em Italia. O grande poeta só encontrou um editor, que lhe deu apenas trinta libras esterlinas pela sua obra, e o publico acolheu-a desfavoravelmente. Milton falleceu, passados tempos, levando de certo comsigo para a sepultura a triste idéa do pouco aprêço dado a uma producção tão laboriosa e largamente concebida.

Decorreram, porém, vinte annos, e um famoso artigo no *Spectateur*, escripto por Addison, proclamou á nação ingleza o grande genio do cantor do *Paraiso Perdido* e a maravilha d'aquella obra. Addison era critico eminente e homem de estado distincto, duas grandes forças que não podiam deixar de influir no animo do povo inglez. E influiram, porque foi então que a Inglaterra acreditou, que Milton era um prodigioso talento poetico, e o *Paraiso Perdido* um poema notavel.

Até ahi não tinha dado por tal. Necessitou que a voz de um litterato illustre, ou antes a auctoridade de um ministro

de estado lhe explicasse e exaltasse aquelle merecimento, para depois o comprehender e se ufanar com elle. De sorte que se póde bem affirmar, que a celebridade do *Paraiso Perdido*, não foi *acceita*, mas *decretada*.

Triste sina do poeta, cuja obra seria sepultada e esquecida com elle, se não viesse uma grande competencia critica bradar ás turbas:—Admirae este monumento litterario! Orgulhae-vos com elle, povo inglez, que será o vosso poema immortal, e uma das nossas glorias nacionaes!

Triste sina do poeta!

E todavia, foi preciso isto!

Verdade é que depois do artigo de Addison, a Inglaterra ficou acreditando que tinha um grande poema, e que Milton merecia as corôas da posteridade.

Abençoada Inglaterra!

Com as *Pupillas do sr. Reitor* tivemos quasi um caso analogo. Se não é um grande voto, que todos nós respeitamos, o livro jazeria talvez ainda por ahi nas estrêas da primeira edição!

Narremos o caso áquelles que o ignoram.

O romance fôra publicado, em folhetins, n'um periodico do Porto. Fosse pela sua inserção ser assim interrompida, o que affrouxa o interesse da obra e desvia a attenção do leitor, ou porque actualmente a indifferença em coisas litterarias carece de ser combatida por fortes impulsos, o certo é que a noticia das *Pupillas* não chegou á capital, e penso até que no Porto não impressionou notavelmente o publico.

Depois, o romance passou do jornal para o livro; porém a nova fórma bibliographica continuou a deixal-o viver a vida modesta de até então. [1]

Não conheço o genio do auctor, mas por mais humilde juizo que este faça de suas forças litterarias, não podia deixar de se sentir d'esta frieza, e foi de certo tal resentimento que lhe suggeriu o nobre e ao mesmo tempo feliz desforço, que foi procurar no valor e eminencia d'um grande voto toda a importancia que podera ter a opinião de um publico inteiro. O romance foi dedicado e remettido ao sr. Alexandre Herculano. O illustre escriptor, decerto tocado d'aquella singeleza de fórma que é como o involucro crystali-

[1] Note-se que este artigo foi escripto em 1868, quando Gomes Coelho ainda existia.

no de uma grande sciencia de observação; leu-o com enthusiasmo e esse enthusiasmo transpirou cá fóra com a competencia e auctoridade que possuem sempre alvitres taes. A reputação do livro ficou feita, e o sr. Julio Diniz, ou antes Joaquim Guilherme Gomes Coelho, porque assim se chama o mancebo escriptor, sentiu-se vingado, porque ao glacial esquecimento que parecia esperar a obra, seguiram-se duas edições, hoje quasi exhaustas.

Aqui temos pois a historia do *Paraiso Perdido*, de algum modo repetida entre nós. Mas, sobre tudo, com a importante differença, de que Milton foi para a cova com a angustiosa convicção de que o seu poema havia perecido antes d'elle, e o auctor das *Pupillas do sr. Reitor* teve occasião de se convencer que a timidez do pseudonymo que adoptára fôra uma injustiça feita ao decernimento e bom gosto dos leitores.

Mas, dir-nos-hão, porque se não revelou esse decernimento e bom gosto logo que o livro appareceu, e se tornou necessario que o sr. Alexandre Herculano nos dissesse que havia alli um bom livro, para o lermos e festejarmos?

A rasão explica-se com o estado moral da época que atravessamos. A curiosidade dos leitores, hoje, procura assumptos extraordinarios, inculcados por titulos espectaculosos, e recua desalentada diante de qualquer historia que lhe pareça longa, ou suspeite não possuir o attractivo das coisas imprevistas. Essa triste enfermidade das civilisações adiantadas tambem já nos contaminou. Não logramos ainda todos os regalos da industria moderna, mas soffremos já dos seus resultados moraes. Ainda ha meia duzia de annos abrimos os olhos para essas estupendas maravilhas do engenho industrial de nossos dias, e já sentimos entorpecerem-se-nos as faculdades para a apreciação dos productos mais delicados do espirito e da imaginação. Attrae-nos só a litteratura de cartaz, a litteratura dos rótulos ingentes, dos prologos charlatanicos; não temos paladar para a comida sã e digestiva dos assumptos chãos e comesinhos. Pois os olhos que estão habituados a arregalarem-se em presença d'estes titulos estapafurdios:—*Historia de cento e trinta mulheres; O Dragão vermelho; O anno de 3000; Mil e um fantasmas; Odes funambulescas; Nó gordio; Os segredos do diabo*, podem lá sequer enxergar o singelissimo titulo do escriptor portuense, *Pupillas do sr. Reitor, Chronica da Aldeia*?!

Aldeia!... Aldeia chamam os nossos casquilhos a Lisboa, e mais é a capital do reino, e que, pela importancia do seu porto, situação geographica, vasta área e formosissimos aspectos, figura como sexta ou setima cidade do mundo. Ora, se elles chamam aldeia a Lisboa, como haviam de lobrigar a pobre aldeia minhota do bom do José das Dornas, encravada nos sêrros que a circuitam, volver para ella os seus olhos espirituaes, e vêr o que por lá se passa, ainda mesmo que os armassem dos binoculos, que usam nos theatros, ou da luneta, que completa a sua picaresca elegancia nas praças e salões? Para elles, a mesquinha aldeia não era de certo senão um ponto indistincto no mappa das suas diversões intellectuaes.

O sr. Gomes Coelho teve a culpa do pouco exito do seu livro, no começo. As *Pupillas* foram publicadas, sem um nome que lhes auctorisasse a entrada n'este vastissimo salão chamado mundo litterario. Foi um erro. O sr. Gomes Coelho sabe que as pessoas mais qualificadas carecem de apresentante e mestre de ceremonias, para serem admittidas ao trato da boa sociedade. Se até os proprios embaixadores, e mais são acreditados por credenciaes junto dos soberanos que os esperam, se fazem annunciar por arautos, e as mais impertigadas personagens que inventou a etiqueta palaciana, lhes abrem praça e proclamam a entrada!

Ora se isto acontece com embaixadores, individuos essencialmente espectaculosos, que resumem na paspalhice da sua individualidade todas as hyperboles da apresentação, como querem que não seja preciso annuncio estrondoso a um auctor que pela primeira vez se apresenta aos leitores, e a leitores d'estes tempos de agora, que ou chegaram de vêr o Leotard, o celebre voador, ou que partem a admirar o Blondin, o funambulo que atravessa em corda suspensa o Niagára, emfim leitores cujo espirito anda cheio de cousas espantosas, e que não teem tempo, nem resignação, para se occuparem de chronicas de aldeia?

O sr. Gomes Coelho foi o primeiro que desconfiou de si, porque se occultou por detraz de um pseudonymo, e um pseudonymo em litteratura corresponde a um dominó no carnaval. Ou é uma pirraça feita á curiosidade das vistas indagadoras, ou receio de sermos conhecidos. No sr. Gomes Coelho foi pouco valor. Desconfiou de si, e do seu trabalho, e não teve audacia para arrostar com os effeitos re-

sultantes da publicidade. Não fez bem. O pseudonymo ia-o matando. Tire d'aqui uma lição, e, para a outra vez exhiba bem por extenso o seu nome, visto que agora já é conhecido, e com o normando mais grando que houver nas typographias.

E se a esse tempo possuir alguns titulos litterarios, scientificos ou politicos, estampe-os a todos por inteiro. Diga-se commendador d'esta e d'aquella ordem, conselheiro, socio de muitas academias e institutos scientificos, porque depois bastam os commendadores, os conselheiros, e os socios das academias seus collegas, para lhe apregoarem o merito e formarem um grande numero de leitores.

Estes são os segredos da publicidade, e tambem de algumas reputações que por ahi vêmos. Custa a crer que hajam escapado á fina perspicacia analytica do auctor das *Pupillas*. Não escaparam, de certo. Mas a natural timidez de um talento que participa por força de uma grande modestia de caracter, aconselhou-o a retrahir-se, quando mais convinha apparecer. Felizmente, a falta foi corregida. Houve um braço poderoso que tocou com vara magica no livro, e os leitores esclarecidos, ou aquelles que apenas lêem por habito, mas que todos sabem que da bocca do nosso primeiro historiador não sáem panegyricos banaes, accudiram ao brado, e o romance do sr. Gomes Coelho foi procurado com alvoroço e lido com satisfação.

Mas qual é o mérito d'este livro?

Vou explical-o conforme o entendo.

Ha bastantes annos escrevia eu, na minha Memoria offerecida á Academia das Sciencias, que seria benemerito das lettras todo o escriptor empenhado na proveitosa tarefa de colligir, por esse reino, as lendas e tradições populares, para depois, ajustadas em episodios ou encadeadas como parte exornativa, servirem a pequenos romances de fazer realçar a physionomia e indole da nossa genuina poesia nacional.

A perspicacia de alguns romancistas portuenses tinha já adivinhado n'este ramo litterario um rico minerio, cujos veios abundantissimos poderiam ser explorados com acceitação, e até encarecimento por todos os que desejam vêr a nossa litteratura, sem a liga nem fezes de influencias estranhas. A *Rua escura*, do tão mallogrado escriptor Coelho Lousada, morto na florescencia da vida e do talento, desdobra um d'estes quadros, em que as crenças e abusões da credulida-

de veem dar alma e feição a um aggregado de scenas agitadas dentro dos limites de uma época determinada. Que pena foi tão bem estreado engenho não poder medrar no muito que nos promettia! *O Arco de Sant'Anna*, do visconde de Almeida Garrett, e *Um anno na côrte*, do sr. Andrade Corvo, e tambem as novellas intituladas *Um motim ha cem annos* e *A ultima dona de San Nicolau*, do sr. Arnaldo Gama, de egual sorte se aproveitam d'estas ficções e individualidades, como verdadeiros elementos que tanto conseguem imprimir cunho portuguez n'estes trabalhos da imaginação. Na *Bruxa do Monte Cordova* evoca o sr. Camillo Castello Branco, com mão de mestre, algumas d'estas entidades, que as recordações da infancia tanto nos poetisam. Porém, *As Pupillas do sr. Reitor* vieram agora traçar mais largamente um d'esses quadros, d'onde, como flores silvestres nascidas de entre os silvados das aldeias, surdem os costumes, as figuras, as usanças e os enflorados aspectos da vida dos campos. É este decerto o theatro mais adequado, para o desafogo da larga veia da tradição popular. Ainda, entre nós, ninguem havia acceitado o genero tão abertamente, como agora o sr. Gomes Coelho. Na Suissa allemã são abundantes estas tentativas. Na velha Allemanha muitos teem sido os romancistas e poetas empenhados em consagrar, em seus escriptos, os costumes e o viver intimo dos camponezes. Pestallozzi é um pintor escrupuloso da vida campestre. Na mesma época em que Vos escrevia *Luiza*, compunha elle a sua graciosa novella de *Lienhardt e Getrudes*, que reproduz, com verdadeiro attractivo, as alegrias e maguas da existencia rustica, e préga bem suavemente as leis do trabalho e os puros e santos dictames do lar. Jung Stilling, o mystico e brando devaneador, que tanto subtilisa a seiva verdadeiramente campesina de seus primeiros trabalhos, e tambem Kebel, e mais Immermann, José Rank, Bertholdo Auxerbach, Leopoldo Rompert, e por fim Jeremias Gotthelf, ou antes Alberto Bitzius, porque Jeremias Gotthelf é um pseudonymo, completam esta collecção de engenhos preciosissimos pelo amor desinteressado com que se votam á pintura dos costumes dos aldeões allemães, ao estudo paciente dos seus bons e ruins instinctos, e sobre tudo pelo desejo de lhes ser util, desejo ardente de lhes revolver o coração e fazer ahi fructificar os germens sagrados de uma sã moral.

Em França, este exemplo encontrou talentos imitadores,

mas talentos, apenas. Com raras excepções, a louvavel emulação não produziu mais do que obras artificiaes. As scenas de Berri, de Jorge Sand, são em si thesouros de verdade e poesia, mas contrafeitos pela affectação do artista. Não trato das composições de Lamartine, affectuosas, lyricas, porém as mais falsas que tem imaginado a chamada inspiração popular.

Já assim não é a Inglaterra; essa apresenta-nos formosos e naturalissimos modêlos. Uma das melhores provincias da poesia ingleza, e de certo um dos seus dominios mais caracteristicos, é a variada galeria de vigarios e reitores, dentre os quaes sobresae a physionomia maliciosamente attractiva do vigario de Wakefield. Thompson, Penrose e William Cowper ligam-se estreitamente a esta familia de que Goldsmith traçou o ideal.

A nossa litteratura tambem possue duas d'estas apreciaveis personificações no padre Froilão, do *Alfageme*, e no presbytero do *Parocho de Aldeia*, do sr. Alexandre Herculano. Retratam bem do natural os puros e bondosos aspectos dos velhos tempos, que já não voltam. Bem raros são hoje até os modêlos; ou, se existem, fallecem-lhes os poetas para os encarecerem; e, se não fallecem, comprazem-se em alterar, com intenção insidiosa, a pureza d'aquellas venerandas figuras patriarchaes, introduzindo-lhes na alma candida as torbulencias e irritações do espirito moderno. São antes obras de artistas, que não compõem para o povo, mas que, aproveitando do povo os costumes, os effeitos pintorescos e as feições poeticas do seu viver de todos os dias, tentam, com este cabedal, remodelar uma litteratura esquecida ou despresada, colorindo-a de côres de certo adversas á sua indole, e nem sequer curando da ingenuidade do caracter moral da obra.

Esta arguição não se póde fazer ao livro do sr. Gomes Coelho, posto que, diga-se a verdade, o romance das *Pupillas* seja um trabalho de mera arte, analysado com rigor por algum dos seus aspectos. Não que o proposito do auctor fosse devassar os mysterios e transes da vida provinciana, para especular com elles, porque, pelo lado moral, nada de mais irreprehensivel do que aquella serie de quadros, em que ao lado do erro surge logo a lição altamente edificante. Seja exemplo a scena dos jogadores na taverna, lance reproduzido e bem conhecido já, mas que traduz os

bem intencionados intuitos do auctor, assim como o que se passa com as mães das discipulas de Margarida, onde a calumnia é humilhada até aos extremos do arrependimento. O sr. Gomes Coelho exalta com fervor as virtudes do coração da mulher, e os deveres do lar, e faz comprehender a dignidade da existencia em todas as condições do trabalho honrado. Todas estas qualidades estão demonstradas, e exemplificadas nos sentimentos e actos praticados por José das Dornas, pelo cirurgião João Semana, pelo reitor, pelo mesmo caracter de Pedro, typo da lhaneza e bondade provinciana. Vê-se que estas diversas creaturas obedecem a uma elevada inspiração moral. E até, diga-se a verdade inteira, o romance, apreciado por este lado, revela uma candura, uma pureza de indole, que de certo attrahe verdadeiras sympathias ao auctor.

E é d'esta branda e vivificadora atmosphera, que banha todo o livro, de que resulta o mais seguro e irresistivel condão para o leitor se sentir attraido a lêl-o e relêl-o, ficando-se ainda depois a co-existir, a pensar, e a tratar com aquellas figuras todas, que ainda as menos favorecidas pelos dotes de um bom natural, como o João da Esquina, a mulher, a beata, e outras, nos agradam, e com ellas folgâmos, pelos traços comicos que lhes alegram o semblante.

Quanto á parte moral, já disse, o livro é completo: encerra exemplo e ensino. E sobre tudo, a lição é dada sem que se sinta a rispidez do moralista, nem a causticidade do pedagogo.

O defeito do livro é puramente como obra de arte. O coração da mulher do campo é alli *sophisticado*. O sr. Gomes Coelho esqueceu-se do como sentiam as pobres raparigas da sua aldeia, e tomou por exemplar o coração da mulher das cidades.

Coisa singular! Nada mais verdadeiro do que toda a estensa galeria de seus personagens comicos, e nada mais artificial do que Margarida e até mesmo Clara! Aquella é uma *bas-bleu* sentimental, e esta não passa de uma loureira, como nol-as apresenta a devassidão já requintada das cidades.

E porque será, que o lapis que esboçou tão de vez, e a traço tão firme, os prefis do bom lavrador, do tendeiro, do cirurgião, da criada d'este e da beata, não conseguiu a simplicidade de linhas que pedia a natureza rustica das duas aldeãs? Porque foi o auctor um verdadeiro Hogarth, quan-

do tratou de nos compôr o quadro dos individuos caracteristicos da vida da provincia, e depois empregou um estylo tão *repintado* e *lambido*, como se diz em pintura, quando desejou surprehender e inquerir os segredos d'aquellas creaturas femeninas?

Parece-me que poderei explicar o phenomeno d'este modo.

A infancia do sr. Gomes Coelho julgo ter corrido longe da cidade, em presença dos espectaculos grandiosos da natureza, e no seio do espairecido ambiente dos trabalhos ruraes. Não sei se nasceu aldeão, mas as tendencias do seu coração, as predilecções do seu genio artistico levam-no para as aldeias. Percebe-se que n'aquella memoria ha recordações vivas, d'estas que só podem nutrir e enflorar os successos dos nossos primeiros annos. Toda a parte descriptiva do livro das *Pupillas* offerece exemplos d'isto. Não é um pintor *tourista* que, embevecido pelas agruras de uns sêrros alcantilados, ou pela vista aprasivel de um casalinho a sair da espessura de carvalheiras seculares, se detem a copial-as, para enriquecer o album das suas recordações de viagem; é um filho dos campos que sabe a historia d'aquelles montes, e que os entrevê todos povoados das reminiscencias da sua infancia.

Porém, o aldeão cresceu e tornou-se homem; as exigencias do seu futuro destino trouxeram-no ás cidades. Ahi encetou estudos serios. Comeu o fructo da sciencia, e perdeu a innocencia primittiva. Os conhecimentos physiologicos adquiridos pela sua profissão [1] e o seu pronunciado talento de moralista, fizeram d'elle aquelle anatomista dos homens e das coisas, que tanto nos encanta e assombra.

Mas o demonio da analyse crestou-lhe as azas dos antigos vôos, que seriam de certo as lembranças innocentes, os sonhos juvenis, as recordações da ingenuidade infantil, onde transluzia, como em cambiantes formosissimos, o verdadeiro e singelo sentir dos habitantes da sua aldeia. Depois d'isto ficou-os vendo antes como espirito observador, do que como seu irmão. O coração já os não sentiu, foi a cabeça que os observou. E o excesso da analyse levou-o a surprehender, ou antes a crear sentimentos de alma estranhos em personagens, onde fôra mais natural encontrar apenas os affectos primitivos da natureza rustica. O amor de Marga-

[1] O sr. Gomes Coelho era medico.

rida, principalmente, tomou-o elle como uma grande these da paixão humana. A simplicidade e inexperiencia do sentir aldeão fugiram diante do livro metaphysico da *Theoria das paixões*. Cada hypothese do sentimento feminino tornou-se motivo de uma larga dissertação. E este abuso de phylosophia moral (permitta-se-me a palavra *abuso)* influiu não só na ordem das idéas e affectos, mas no seu corollario immediato, na linguagem. Em geral, as mulheres do romance, isto é o sentimento, é mais regido pela cabeça do que pelo coração; ou, para melhor dizer, é o auctor que pensa e falla em seu nome.

Eis-aqui o grande defeito do livro. A naturalidade e simpleza d'aquelle quadro pastoril são essencialmente alteradas por estas dissonancias *scientificas*.

E permittam-me que, sem a mais ligeira sombra de hostilidade, aponte aqui uma leve amostra d'este defeito, que o farei mais para justificação dos meus reparos do que por desejos de censura. Qualquer dos lances, em que fallam as duas irmãs, serve para exemplo. Seja este, em que Margarida se dirige a Clara:

«—A minha amisade, *pedes tu, e um pouco demasiada, disseste?* E, a não ser a ti, a quem queres que eu vá dar *toda esta que Deus me poz no coração para dar?* Da tua mãe recebo eu a *esmola do pão e do abrigo*; agradeço-lh'a e rogo a Deus por ella: *a ti, devo-te mais; devo-te a esmola da consolação e do conforto; por isto te estremeço e quero, Clarinha. E tu duvidal-o?. .»*

Digam-nos realmente se é crivel que n'uma aldeia se falle assim? Até creio que em poucas salas da cidade. Parece-me antes estar aqui a reproduzir a linguagem piegas de conceitos e trocadilhos dos locutorios de freiras, ou dos tempos dos acrosticos, do que as fallas sem os *distingos* escholasticos; nem arrevesamentos grammaticaes dos habitantes das serras.

Porém, Margarida (dir-nos-hão) sabia lêr e escrever; era lida e applicada. Seria; mas a atmosphera aldeã é tão densa e climaterica, que até nos espiritos cultos actua de um modo especial; e por isto o dialecto dos campos, nos seus proprios circumloquios e diffusões, apparece-nos sempre vivo, pintoresco, e energico, e as metaphoras empregadas, colhidas directamente no espectaculo das cousas reaes, desenham vigorosamente o pensamento, sem lhe fazer perder a simplicidade.

Ouçam agora um dialogo das duas irmãs; da instruida e da que o não é.

«—Olha, Clarinha (diz Margarida); a gente é como as flôres, que umas nascem com côres vermelhas que alegram, outras com côres escuras que entristecem. *Olha tu as violetas e os suspiros*. Que te digam porque nasceram assim, e porque, *crescendo na mesma terra e sendo allumiadas pelo mesmo sol, não teem as côres brilhantes da rosa.*

—Bem respondido, sim, senhora. D'aqui em diante hei de chamar-te sempre a minha violeta.

—Creança! E tu, Clarinha, nunca te sentes triste?

—Triste, porquê? Que tenho eu a desejar para ser feliz de todo?

—Tens rasão. Tu... nada... etc.»

E assim fallam as duas aldeãs!... A linguagem dos affectos é quasi sempre expressa n'estes termos symbolicos e metaphysicos.

A mãe de Clara, quasi a expirar, dirige-se d'este modo a Margarida:

«—Guida—pela primeira vez lhe deu este nome affectuoso—perdoa-me! *Deus allumiou-me o espirito*. Só agora conheço a minha maldade e as tuas virtudes. Perdoa-me, minha filha, e sê generosa até ao fim. Clara fica só; é ainda muito creança. Lembra-te que ella é tua irmã; aconselha-a, e estima-a; olha por ella. Perdoa-lhe o ser filha de.. tua madrasta.».

Estas são as derradeiras palavras da velha camponeza, nos artigos de morte. Sempre as mesmas reticencias, e a mesma subtileza nas idéas. Vejam se isto é possivel. Nem a sua condição rustica, nem a hora tremenda, que lhe expirava nos labios, vislumbram nas suas phrases, mais medidas e grammaticaes do que muitos dos nossos rhetoricos ou legisladores as poderam dizer.

Em geral, o livro todo participa, e resente-se em excesso, das qualidades do talento do auctor. É o pensador que n'elle prevalece. E se estas qualidades, aliás apreciaveis no escriptor philosophico, ou didatico, trazem dotes notaveis ao estylo, porque da sciencia das cousas resulta a precisão das idéas, e da precisão das idéas a concisão e nitidez da fórma, no escriptor de romances podem prejudicar, porque no romance o estylo deve ser colorido e imaginoso, como os variados aspectos da natureza, cujo theatro abraça, e ha-

tural e facil, como a fórma caracteristica das diversas classes que possam naturalmente entrar no seu quadro.

É inquestionavelmente este um dos pontos por onde o sr. Gomes Coelho póde ser mais justamente censurado. Ha sempre verdadeira lucidez na sua fórma; porém, as mais das vezes, é incolor. E nos trechos descriptivos observa-se mais este defeito. Narra ou disserta quasi sempre. Ora o romancista deve antes pintar do que narrar ou dissertar. Sobretudo a dissertação é a frieza, a monotonia, a declamação, e estas qualidades constituem a morte das paginas da novella. Diante da palheta rica de tons do pintor da vida intima e exterior devem erguer-se, animadas e floridas, todas as scenas traçadas pela phantasia ou aproveitadas pelo instincto do realismo, e nas *Pupillas* nóta-se a falta de variedade e brilho de côres, que só o proprio sol dos campos, risonho e esplendido como a vida da natureza, consegue aviventar na imaginação do escriptor. Sirva de exemplo aquella esfólhada, um dos mais significativos e galhofeiros episodios da vida agraria, que nos apparece apenas como um quadro de morte-côr. Muitos outros folguedos campesinos, tão folgasões, caracteristicos e poeticos nos seus episodios, bem a ponto n'aquellas localidades, deveriam ter vindo dar feição e imprimir cunho ao livro do sr. Gomes Coelho, e ficaram esquecidos. É de suppor que emende a falta nas obras que devem seguir-se. O estudo e copia de bons traslados, podem influir muito no seu espirito. E se não fosse o receio de ferir o melindre de Camillo Castello Branco, indicar-lhe-hiamos, por exemplo, o quinto casamento do seu livro *Doze casamentos felizes*, que é um modêlo no genero.

Ainda mais um reparo, e depois o louvor aberto e inteiro.

Tem-se dito, por ahi, que as *Pupillas do sr. Reitor* são um romance perfeito e acabado; e eu entendo que não. Mostra elle a grande sciencia do mundo real, que já encareci e applaudi no auctor, mas fallece-lhe a invenção. Como contextura, como tecido de aventuras, é frouxo, inconsistente e inverosimel até. Como romance, não passa de uma ligeira composição, em que as incongruencias obrigariam a fechar o livro, se não fosse a rara singeleza dos materiaes aproveitados, e ainda mais a rarissima naturalidade com que estão dispostos, sobresaindo o elemento jocoso.

E chamo-lhe ligeira composição, não porque eu intenda

serem unicamente os complicados lances de exaltação sentimental os preferiveis para qualificar o bom romance. Que mesmo no centro de uma aldeia se poderiam dar, sem incoherencia nem inverosimilhança, porque o coração não escolhe theatro para rebentar em paixões violentas. Só os criticos da poetica Arcadia pretendiam que os amores, nos campos, obedecessem ás formulas tranquillas e enfloradas dos idyllios. Hoje a critica regula-se por outras leis, que são sobre tudo as do gosto e do bom senso; e são essas justamente que encontram o enrêdo das *Pupillas* inconsistente, e sem que todavia, aqui e alli, deixem de se notar alguns toques melodramaticos. A scena de rivalidade dos dois irmãos, mas *arrastada*, que resultante do andamento da acção; o quadro dos jogadores, na taberna, passando-se isto tudo n'uma aldeia certaneja do Minho; os apparecimentos, sempre a *proposito*, do reitor, nas situações culminantes do romance, quando os habitos da sua vida o deveriam reter de certo n'outra parte, tudo isso pertence, sem contestação, ao genero, cujo intento é crear interesse, ainda mesmo á custa da logica dos factos. A existencia do desconhecido mestre de Margarida, tambem podia urdir um melhor episodio com a intriga do romance; bem como é de todo incrivel a separação permanente em que o auctor nos conserva a heroina de Daniel, e o esquecimento d'este des que sahiu a estudos da aldeia. Nunca teria ferias este estudante? E não seriam ellas passadas jámais na sua aldeia?

Parece-me esta a maior dureza do livro; e custa a crer até que espirito tão fino, e analyse tão meticulosa adoptassem, como principal mola do enredo, uma inverosimilhança tão banal. Homero tambem dormia. Só assim se póde explicar.

Agora chegamos ao ponto, onde a penna corre á vontade, porque não encontra senão motivos de elogio. Fallo da chistosa porção de typos comicos, que a musa popular bafejou de certo n'uma das suas horas mais fadadas. A primeira, a mais completa d'estas physionomias é indubitavelmente a do cirurgião João Semana, tão caracteristicamente completado, na sua intimidade domestica, pela rotunda e espivitada figura da boa velha Joanna, criada e governanta do nosso facultativo de aldeia. E com que tacto o auctor nol-o apresenta! Nas horas calmosas da refeição e do descanço, debaixo da torreira do sol, é que aquelle bom velho atra-

vessa o povoado, no desempenho da sua tarefa humanitaria. E de que episodios, tão peculiares e pintorescos, elle lhe não semeia a visita aos doentes! Não resume só um retrato, senão um quadro com todas as figuras episodicas e complementares. Olhem aquelle lavrador, sentado na soleira da porta, a rilhar a sua febra de bacalhau; que lhe pergunta, se a mulher convalescente póde comer uma sardinha assada, que naturalissimo toque não é da vida domestica d'aquella gente! E a resposta de João Semana, e o suspiro da mulher lá de dentro! Que verdade, que chiste em tudo isto!

José das Dornas realisa tambem uma bella personificação do nosso lavrador. Basta os ditos, que elle atira aos filhos e criados, na occasião da esfolhada, para inculcar a verdade d'aquella indole.

O caracter do reitor é bem estudado e reproduzido. Ha alli a bondade do coração, allumiada pela sciencia do evangelho. Mas ao bom do padre falta-lhe um requisito. Falta-lhe o latim. Lembrem-se principalmente de que elle é um egresso. Não o posso admittir, sobre tudo nas suas praticas com o *velhote* do João Semana, sem o texto latino, annexim obrigado d'aquellas conversações.

No tendeiro e na familia vê-se naturalissimamente representada a besbelhotice da provincia, que afinal é de todos os invejosos e malevolos em povoações pequenas, e muitas vezes tambem em grandes.

N'uma palavra, todos estes typos são traçados com vigor, e talvez até sejam retratos felicissimos de parecença. Em todos elles se vê o sello da realidade. É, pelo menos, este o effeito que me produzem.

Resumindo: o livro das *Pupillas*, avaliado na sua importancia moral e litteraria, annuncia uma natureza energica, mas bondosa, e uma rara faculdade de observador. O escriptor, porém, ainda tem alli que desprender-se das hesitações das primeiras tentativas. Carece de folego e amplitude o estylo; mas a sua concisão dá uma alta idéa do rigor logico do talento do auctor. Por ora, o meu parecer, é que temos no sr. Gomes Coelho um dos nossos primeiros moralistas. É de presumir que o estudo da fórma especial, e os subsidios que alegram e opulentam a phantasia, concorram tambem, com o tempo, para que elle venha a ser um dos nossos mais illustres romancistas. No entanto, tal qual assim é, o seu livro veio occupar elevado logar na nossa lit-

teratura, e dar exemplo e impulso a um genero de composições, que Balzac intitulou *Comedia humana.*

1868.

---

Infelizmente tenho de fechar este estudo, como já fecho outros n'este livro: com o necrologio. Uma phtysica adiantada cortou as forças a tão amavel escriptor, mas não lhe afrouxou os impulsos do talento, que, cada vez mais vivido e fecundo, produziu ainda tres romances, que completam de certo a reputação do auctor. O pequeno artigo do *Jornal do Porto*, de 13 de setembro d'este anno (1871), que se vae lêr, dá conta da triste nova do fallecimento de Gomes Coelho, e de alguma sorte inteira os traços biographicos que tentei contornar do retrato litterario do sympathico auctor das *Pupillas*.

«Aproximam-se as tristezas do outono, e ás tristezas da natureza ajuntam-se as melancholias do coração.

«O paiz e as boas letras acabam de perder um dos seus mais estimaveis talentos: Joaquim Guilherme Gomes Coelho expirou esta madrugada, á 1 hora.

«Mais que a nenhum outro jornal do paiz, ao *Jornal do Porto* cabe-lhe o dever de derramar uma lagrima de saudade sobre o tumulo do grande romancista. Foi nas columnas do nosso diario que o auctor das *Pupillas do Sr. Reitor* principiou a sua brilhante carreira litteraria.

«Era com a maior avidez que os nossos leitores seguiam os folhetins do *Jornal do Porto,* quando esses folhetins publicavam as perolas da nossa litteratura, que se denominavam as *Pupillas do Sr. Reitor*, *Uma familia ingleza*, e a *Morgadinha dos Canaviaes.*

«A providencia não quiz conceder a Gomes Coelho mais um momento de vida para rever as ultimas provas do seu romance: *Os fidalgos da casa mourisca.* Que saudades não levaria elle do seu livro!

«Gomes Coelho não era sómente romancista, era um homem de sciencia. Tres vezes concorreu ás cadeiras da Eschola-Medica, e de tres vezes o seu talento robusto deixou um rasto fulgurante. Todos o reconheciam como uma das primeiras capacidades d'aquelle estabelecimento scientifico.

«Como Soares de Passos, de quem foi amigo, Gomes Coelho deixa uma lacuna difficil de prehencher na nossa litteratura. A sua carreira litteraria estava ainda fresca, como um dia de primavera. Que de flores que se não perderam! que de fructos esmagados sobre a lousa de um tumulo!

«Gomes Coelho deixou retratado o seu espirito nas paginas suaves, doces, innocentes dos seus romances. Era uma alma singela como as scenas que tão delicadamente descrevia. Observador profundo, enamorava-se do que havia de bello na alma popular, e deixava no escuro as miserias que enegrecem a vida. Comprehendia que a litteratura tinha uma sacrosanta missão, e nunca manchou a sua penna nas torpezas da comedia humana.

«Gomes Coelho ha muito que se debatia com as agonias da doença. O seu espirito era gigante, mas debalde luctava a debilidade do corpo. Os seus profundos estudos, a sua assiduidade no trabalho deviam-lhe minar forçosamente a existencia. Debalde procurou na Ilha da Madeira allivio aos seus padecimentos. Os amigos, que o viram partir da ultima vez, ficaram nutrindo a esperança de que os ares purificados da perola do Oceano lhe dariam novo alento. A esperança foi illudida.

«Durante a sua estada na Ilha da Madeira, Gomes Coelho conviveu com um talento privilegiado, a quem o *Jornal do Porto* deveu tambem os thesouros opulentos da sua penna. Mais feliz que Francisco de Paula Mendes, Gomes Coelho veio morrer ao solo natal, entre os amigos que lhe queriam e a familia que tanto o estremecia etc.»

## O BENEFICIADO
## FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO

> L'eloquence des docteurs de l'Eglise a quelque chose d'imposant, de fort, de royal, pour ainsi parler, et dont l'autorité vous confond et vous subjugue. On sent que leur mission vient d'en haut, et q'ils enseignent par l'ordre exprès du Tout-Puissant. Toutefois, au milieu de ses inspirations, leur genie conserve le calme et la magesté.
>
> CHATEAUBRIAND—*Genio do Christianismo.*

O pulpito da egreja lusitana está de lucto. Já tão pobre de vozes auctorisadas que, com o exemplo illuminado pelas instituições do Evangelho, derramassem por entre as descrenças do seculo a semente fructificadora da moral christã, agora mais pobre ficou, expirando de entre todas essas vozes a mais eloquente e fervorosa, aquella que se animava da austeridade dos exemplos proprios e do fogo vivo e fortificador da fé apostolica.

O primeiro orador sagrado de Portugal era, de certo, actualmente, o beneficiado Francisco Raphael da Silveira Malhão, que, ha pouco, se finou na villa de Obidos [1]. Com a extincção das ordens religiosas, a escóla, e, por assim dizer, o seminario pratico dos prégadores tinham acabado, ficando apenas um ou outro d'esses evangelisadores eloquentes que davam fama das boas letras e virtudes dos seus mosteiros e honravam a cadeira sagrada, d'onde proclama-

[1] Em 10 de novembro de 1860.

vam a palavra do Evangelho. O beneficiado Malhão fôra uma rara excepção d'esta regra. O seu tyrocinio oratorio não o deveu elle á lição d'esses mestres do pulpito: com quanto pelos annos não pertencesse á presente quadra de reacção litteraria, pelo genero da eloquencia energica e apaixonada que o caracterisava, pertencia á escóla que baniu a metaphysica theologica da bocca dos prégadores, animando-lhes a palavra das grandes verdades da moral christã. Nas suas orações, a religião perdia o ardor das controversias, em que muitas vezes se inflamma o zelo do missionario, mas onde tambem não poucas se exalta o espirito do fanatismo clerical. Deus e a caridade eram, se póde dizer, o texto permanente e o mais fecundo manancial das suas dissertações.

N'estes tempos modernos de conflicto reaccionario, a febre dos partidos tem levado os seus excessos e desafogos até sobre o pulpito, desauctorisando-o com as invectivas que só podem ter cabida nas folhas controversistas da politica militante. O beneficiado Malhão era legitimista; do fundo do seu retiro agreste e solitario olhava com saudade para as reliquias das antigas instituições monarchicas, que elle vira desapparecer no tempestuoso horisonte das revoluções, e que a seus olhos tinham por si a auctoridade dos seculos e a magestade das tradições; como sacerdote até se reputava elle n'uma quadra de aggressão e injuria para os fóros do clero e para os dogmas do catholicismo; mas, apesar d'isto tudo, nunca a sua bocca foi manchada na cadeira da verdade com esses tristes desabafos, com que o ungido do Senhor, tornado pamphletario, despede o raio da ira das facções do logar, onde deveria sempre ouvir-se a palavra de paz, de amor e fraternidade. *O oiro e as perolas são assás communs, mas não assim os labios do sabio, que são como um vaso raro e sem preço.* Estas palavras do rei Salomão a nenhum outro melhor cabem do que ao finado orador. O panegyrico funebre á memoria do conde de Barbacena, prégado em S. Vicente de Fóra, em 25 de agosto de 1854, é, de certo, uma evidente demonstração do que fica dito. O fidalgo, cujas virtudes se celebravam, havia sido um dos mais auctorisados e nobres chefes do partido legitimista; o auditorio que enchia o templo era de todas as opiniões politicas, porque a fama da eloquencia do prégador tinha attrahido, sem distincção, todas as classes, todas as convicções e todas as intelligencias. E, no entanto, o illustre pa-

negyrista soube dispor o quadro da vida do fallecido conde com verdadeira inspiração christã, e exaltar-lhe até as virtudes, ainda mesmo as do seu caracter politico, sem ferir nenhuma crença, nem melindre.

Querem ver como elle trilhou este campo, ouriçado de abrolhos para outro qualquer que não possuisse o espirito fino que, no moralista — que não póde ser outro o homem que derrama a semente do Evangelho — resume o primeiro dote da intelligencia ao lado das excellencias do coração? Querem ver?

Quando chega á época em que a adversidade visitou o conde de Barbacena, pára e diz assim:

«Mas que vejo?... Deus que conduzira o fidalgo pelos ca«minhos rectos da humildade, e o soldado pelos caminhos «rectos da piedade, vae abrir um novo campo á sua virtu«de: quer que o vejamos tão grande na adversidade, como «o viramos na fortuna. — Ao mando de Deus, a adversida«de, que mora ao pé da fortuna, saiu um dia de sua casa, «deu tres passos, bateu rijo á porta do conde, entrou e «disse-lhe: — Sabes o que são decretos de Deus? Por de«creto d'elle venho aqui para te acompanhar até á morte!» «N'esse dia, a fortuna voltou-lhe as costas, e deixou-o a bra«ços com a adversidade. — É a lei do mundo! Não ha planta «viçosa, que esta geada não creste; flor delicada, que este «sol não murche; arvore robusta, que este furacão não der«ribe; rochedo duro, que este raio não lasque.

«Quando a adversidade entrou em casa do conde, e a for«tuna saiu, a virtude não se retirou. — Companheira fiel nos «dias de gloria, não o desamparou nos dias do infortunio. «— Depois de fazer que não se deslumbrasse com os risos «da prosperidade, fez que não succumbisse com os revezes «da desgraça. — Ajudou-o a ser feliz com sabedoria, ajudou-o «a ser desgraçado com valor.

«Este campo, confesso-o, para o illustre finado está ma«tisado de flores, mas para o orador está coberto de espi«nhos. — Apresenta flores de alto preço, mas difficeis de co«lher e de um aroma que só póde ser justamente apreciado «por um sentido fino. — E deverei eu deixal-as morrer na «obscuridade, onde foram tão diligentemente cultivadas? «Não; irei com cautella por causa dos espinhos, mas hei-de «colhel-as, e até espero fazel-as amar. — Só peço duas cou«sas: bom uso do espirito e do coração.

«Cada um de vós sabe o que são convicções (não trate-«mos agora de apreciar o valor d'ellas); as boas, louvam-«se; as ruins, lamentam-se; insulto não se faz a nenhuma, «etc.»

Se póde haver mais delicada maneira de tratar um assumpto difficil! Com que simplicidade antiga não exprime aqui a palavra do prégador todas as idéas, que deveram de ser os dictames do catecismo philosophico de todos os partidos, porque são verdades eternas?

Nunca leio este bello sermão que me não lembre do effeito que produziu em todos que o ouviram, no mosteiro de S. Vicente de Fóra. Uma parte do auditorio era a primeira vez que ouvia o beneficiado Malhão. Muitos até nem o conheciam. Eu era um d'estes. Quando o venerando sacerdote atravessou a nave do cruzeiro, para subir ao pulpito, um sussurro, em que a veneração e a sympathia se tornáram os sentimentos predominantes, fluctuou por toda a egreja.

O padre Malhão, a este tempo, já contava mais de sessenta annos, e os cabellos brancos, como flócos de neve, ondeavam-lhe em roda da fronte. De estatura elevada, de um porte grave, d'estes que, ennobrecendo as maneiras, intimam a todos naturalmente o respeito, e com uma expressão de semblante suave, radiosa, expansiva, que era ao mesmo tempo a luz serena do genio resplandecendo no seio das convicções do caracter verdadeiramente apostolico, a impressão que causou em todos a vista d'este homem veneravel, que—como elle mesmo diz—vinha da solidão *convidado pela amisade a honrar a virtude*, foi uma impressão como se vissemos resurgir das trevas do passado um d'esses padres da egreja primitiva, em cuja palavra e virtudes o christianismo teve os seus primeiros athletas e evangelisadores.

Quando surdiu no pulpito, esta idéa completou-se ainda mais: Aquella cabeça, que apresentava os lineamentos correctos e suaves das cabeças biblicas de Raphael, trazia á lembrança os Chrisostomos e os Bazilios, e a mitra d'estes antigos patriarchas, traçada pela imaginação dos espectadores enthusiasmados, como que vinha cingir-lhe a fronte como um complemento de tão acabado e admiravel conspecto apostolico.

E foi-lhe offerecida esta mitra por varias vezes; mas a

isenção d'aquella alma desapegada das honras e attenções do mundo, nem consentiu que a proposta se tornasse formal. Era no seu retiro humilde, longe da cidade, com a vista alpestre das penhas, onde se occultava com os seus livros e passava uma parte do dia a estudar e a orar, que elle se queria unicamente. Santo Agostinho diz na *Cidade de Deus*, que a alma contemplativa fórma por si propria uma solidão, e a ninguem melhor do que ao padre Malhão cabem estas palavras, porque aquelle espirito, que a religião e a poesia, esta outra religião do sentimento, elevavam na contemplação das perspectivas da natureza, recebendo d'ellas as suas inspirações, os seus effluvios e as suas sublimidades, nada mais desejava, nem mais a seu gosto se sentia do que quando se podia entregar a estas meditações. Antes de o saltear a enfermidade que o levou á sepultura, um passeio pela serra, dois ou tres livros na mão, alguns fructos para um repasto ao cabo das horas de estudo, era todo o seu viver.

Foi n'esta solidão contemplativa, mas tão povoada de bellezas para elle, que o foi encontrar aquella bella poesia do sr. Mendes Leal, que, passando por Obidos n'uma occasião em que se dirigia ao norte do reino, não quiz atravessar aquelles sitios sem saudar na sua Tebaida o poeta e o sacerdote.

O magnifico poemeto com que o padre Malhão respondeu aos versos do sr. Mendes Leal, servindo-se dos mesmos rhythmos e das mesmas rimas, é uma prova eloquente de que aquelle espirito, que pertencia a uma familia de poetas, não envelhecia, antes se acrisolava e inflammava nos extasis das suas cogitações solitarias.

Aqui as dâmos á estampa a ambas, porque formam um apreciavel certame de sentimentos generosos e nobres e elevadas inspirações poeticas, que muito exaltam os dois vates, e em que não é facil decidir quem mereceu a palma, se o illustre dramaturgo se o afamado prégador.

Foi d'esta sorte que o sr. Mendes Leal se dirigiu ao inspirado cenobita de Obidos.

**Ao mavioso cantor, illustre herdeiro**
**D'uma esplendida lyra,**
**Sauda curvo e humilde um forasteiro**
**Que respeitoso o admira!**

Tu excitas o transporte,
Eu sou simples trovador;
Mas fez-nos irmãos a sorte
Que nos deu o mesmo amor:
Deixa pois que o peregrino,
Bemdizendo o seu destino,
Teus umbraes logre passar:
O rico ao pobre consola;
Do teu espirito a esmola,
Como pobre, vou buscar.

Salvè, nobre cultor de um nome illustre,
Que de louros revestes;
Tu mudas, sobre as glorias do passado,
As palmas em cyprestes!

Alem do valle e do monte
Teu canto n'alma senti;
Cuidei que era Anacreonte,
Julguei que ouvia Parny:
Via-te a fronte elevada!
Tocar nos céos, inspirada:
Vi-te explorar, grave e só,
Essas ruinas tamanhas [1]
E, como o rei das montanhas,
Bradar-lhes: Erguei-vos, pó!

Foi teu berço, é teu leito (oh! que has de amal-o!)
A veiga florescente:
O monarcha da serra é teu vassallo,
E Deus teu confidente!

Quantas vezes, inclinado
Nos partidos bastiões,
Terás tu interrogado
Segredos das gerações?
E, quantas mais, escutando
O sueste, sussurando
Pelos rendados maineis,
Terás chamado á memoria
Vinte seculos de gloria,
E oitenta raças de reis!

Oh! que bello ha de ser, em pé, na crista
Das torres seculares,
N'um relance, abraçar, cingir co'a vista
O campo, o céo e os mares!

Alvos lyrios ao poeta
Que de coisas não dirão!
Que brando affecto a violeta!
Que negra magua o chorão!
Como as nevoas matutinas
Sobre o calix das boninas
Mil diamantes irão pôr,
Tornando d'esta maneira
Uma estrella cada flor!

[1] As ruinas do antigo castello de Obidos.

Tu indagas do tumulo os segredos
E com elles discorres,
Quando ao luar vacillam nos rochedos
As arestas das torres!

N'essa hora de mysterios
E de vago meditar,
Vida e morte dos imperios
Vaes na pedra decifrar.
E se, farto já de estragos,
Ergues o rosto aos afagos
Da nocturna viração,
Vaes findar, com a voz, que encanta
Nas endexas uma planta,
A historia de uma nação.

Tu disfructas e intendes, tu revellas
Essas magicas scenas,
Tu nasceste e criaste-te com ellas;
São as tuas camenas!

As magestosas ameias
Dos fragosos alcantis,
E as planuras, todas cheias
De topasios e rubis;
Ora o collosso na altura;
Ora o arroio, que murmura;
Ora negros os portaes
Pelas cinzas dos Fronteiros,
Ora os placidos outeiros
Aljofrados de crystaes;

Tudo isto é teu, e assim a rocha austera,
Como o campo esmaltado
Deu-t'o o genio do ermo: é teu: impera
No que o genio te ha dado.

Teu espirito domina
Sobre os rotos coruchéus;
E das esm'raldas da campina
Se arremessa livre aos céus:
Quem tal gosa, e tanto sente
No passado e no presente
Póde acaso de um mortal
Attender o voto insano?
Póde: um vate é sempre humano
Mesmo n'esse pedestal.

Quinta do Jardim junto a Obidos,
25 de novembro de 1847.

MENDES LEAL.

## Agora a resposta do beneficiado Malhão.

Avulta muito mais que ser herdeiro
D'alguma illustre lyra,
Creal-a, como fez o forasteiro
Que a patria assombra, e admira

O mundo lê com transporte
Bellezas do trovador:
Não somos eguaes na sorte,
Se temos o mesmo amor.
Porém, venha o peregrino
Adoçar o meu destino
O tempo que aqui passar:
Quem os enfermos consola,
Não lhes dá pequena esmola,
Vem trazer, não vem buscar.

Ó tu, que a poesia tens honrado,
E fecundo a revestes
Das gallas do presente e do passado
De rosaes e cyprestes:

Tu és o Albano do monte
Pelo arrabil que senti,
És o luzo Anacreonte,
Vences o gallo Parny:
Póde tua alma elevada,
Essa voz sempre inspirada
Recrear o mundo só.
Com faculdades tamanhas
De cima d'essas montanhas,
Que vês tu? mesquinho pó.

Quem póde conhecel-o, e não amal-o,
Esse genio virente!
Do rei da lyra és inclito vassallo:
Que disse? E's confidente.

Inda joven, inclinado
A valentes bastiões,
Tambem tens interrogado
Arcanos das gerações.
E o pensamento escutando,
Que n'alma vae susurrando
Ao descer, junto aos maineis,
Te diz juizo e memoria
—De que serve humana gloria?
Acabam povos e reis!

Vê mais do que se vê aqui da crista
De muros seculares
Quem tem os grandes quadros sempre á vista
Da que já regeu mares.

Esses quadros ao poeta
Maiores coisas dirão,
Do que dizem a violeta,
E o dobradiço chorão,
Ou as nevoas matutinas,
E as delicadas boninas,
Onde o orvalho se vem pôr.
E sempre humilde e maneira
A inspiração da balseira,
E da campesina flor.

Da linguagem conheces os segredos:
Quando fallas, discorres.
Após ti, como Orpheu, levas rochedos,
Feras, arvores, torres.

A natureza os mysterios
Não veda ao teu meditar,
De seus tres vastos imperios
Ousas tudo decifrar.
E's grande, pintando estragos;
Tomando a voz dos affagos,
Lisongeira viração:
Brilhas, delicada planta,
No solo d'esta nação.

De Racine, de Dumas tu revellas
Aprimoradas scenas.
Um renome immortal ganhas com ellas,
E são tuas camenas.

Alli levantas ameias
E figuras alcantis,
E apresentas fadas cheias
De topasios e rubis;
Torreões de immensa altura,
Doce rio que murmura,
Já carcomidos portaes,
Fieis, valentes fronteiros,
Castellos sobre oiteiros,
Nos rios puros cristaes.

Alli, com voz suave, e voz austera,
A si proprio esmaltado,
Se tem — como em conquista, onde impera —
Genio que o céo te ha dado.

Alli manda, alli domina
Sobre altivos coruchéus;
Alli bafos de campina,
Alli tem sôpro dos céus:
E quem seus effeitos sente,
E as vivas scenas pressente,
O julga mais que mortal.
Mas ah! perdão! Quiz, insano,
Pôr um genio mais que humano
Sobre fragil pedestal.

Ao bardo, a quem o céo dê nobre herdeiro
De tão suave lyra,
Offerece o seu lar de forasteiro
Quem o respeita e admira.

29 de dezembro de 1847.

MALHÃO.

O beneficiado Malhão deixou uma irmã, respeitavel senhora tambem edosa, e afirmam que algumas obras ma-

nuscriptas: é um legado de summa e immensa responsabilidade para todos nós. As obras não devem ficar no esquecimento, e a irmã não a podemos entregar ao desamparo. O governo não deve deixar de olhar pela conservação d'este precioso espolio do venerando sacerdote, que só pôde legar a pobreza á sua familia, mas que deixou a opulencia das suas virtudes ao clero portuguez, e a fama de uma palavra eloquente e inspirada ao pulpito da egreja lusitana.

Novembro—1860.

## RAYMUNDO ANTONIO BULHÃO PATO

**Classificações arbitrarias da critica. — Alfredo de Vigny e a *poesia loura*. — Macias e Bernardim Ribeiro e o verdadeiro sentimento poetico da peninsula preludiado pelos arabes e trovadores provençaes. — Bulhão Pato representante d'esta familia, como Thomaz Ribeiro e João de Lemos. — Analogias nas suas composições. — *A convalecente no outono*, *Helena*, *Visão do baile*. — O espirito inquieto da época influindo no talento do poeta. — A *Lelia*. — Retorno ás primitivas e nativas inspirações.**

A critica tambem tem as suas aberrações e as suas sympathias, e em o numero d'aquellas deve de certo entrar a facilidade com que ella appellidou a poesia de Bulhão Pato *poesia loura*. Se, á maneira do que Sainte-Beuve escreveu, tratando de Alfredo de Vigny, desejam exprimir na phrase *poesia loura* a poesia pura, enthusiasta, candida, a poesia ingenua e de expansivos e singelos affectos, talvez que o epitheto não seja de todo descabido no poetar do sincero e apaixonado cantor; mas agora, se *poesia loura* querem que seja a poesia de indole buliçosa, doudejante, infantil, travêssa, embora de simples e descuidosos devaneios, n'esse caso a qualificação não é de todo verdadeira, porque o auctor da *Convalescente no outomno*, da *Helena*, da *Visão do baile*, e de outros tantos poemetos inspirados pelo amor e pela saudade, é um poeta intimo, affectuoso, melancholico, elegiaco até, e cuja candura de alma desaffoga em ardentes e suaves estrophes de sentimento lyrico.

Nem tão pouco me parece completa, e ainda menos apro-

ximada a similhança dos instinctos poeticos de Bulhão Pato com o genero de talento de Alfredo de Musset; ha evidente differença nas inspirações que mais habitualmente inflammam o estro dos dois cantores, e de certo maior differença nos caminhos que seguem, nos aspectos naturaes com que sympathisam, e nos affectos que lhes accendem o coração e a phantasia.

Nada mais difficil do que fazer classificações, e todavia, a critica abalança-se muitas vezes a este arbitrio, separando, analysando e qualificando o talento de qualquer escriptor por especies e familias, como o podera fazer qualquer botanico, tratando-se de familias de plantas. D'isto segue-se mais de um Linneu ter naufragado no empenho de similhantes divisões scientificas, por que realmente ha grande distancia entre pôr uma etiqueta sobre este arbusto e aquella flôr, ou collocal-a sobre um poeta ou um prosador.

Que, no nosso caso, a analyse e a divisão estão feitas. O talento de Alfredo de Musset apresenta um mixto de Byron e Sterne, em quanto que Bulhão Pato pertence á sentimental e melancholica estirpe de almas apaixonadas, que em França tem por irmãos mad. de Valmore e mad. Tastu, e que entre nós se apresenta como a expressão da verdadeira indole da poesia peninsular. E se não fosse a *ancia,* que sempre houve entre nós, e muito mais n'estes nossos tempos de faceis e desejadas aclimações estrangeiras, de ir procurar fóra aproximações d'estas, como se este baptismo estranho se tornasse indispensavel á consagração dos nossos engenhos, se não fosse esta ancia, repetimos, facil seria encontrar, mesmo no parnaso portuguez, os congenitos e os illustres ascendentes da linhagem poetica de Bulhão Pato. Analysando-lhe e seguindo com a vista a veia poetica, que ora se derrama em tranquillos e crystalinos meandros, por entre balseiras perfumadas, que, attrahidas pelo suavissimo sussurro do gracioso arroio, vem remirar-se na corrente e beijar-lhe as aguas; ora correndo mais apressada e espumosa se esconde em grutas, onde o amor depositára seus mysterios; ora volvendo atraz e enredando-se na selva, depara com uma gentil serrana, e ahi se demora em limpidos rodeios, como se tão seductor aspecto lhe immobilisara o nativo impulso; analysando e seguindo com os olhos todos estes caprichosos gyros, quem não comprehende que a alma do poeta se anima de todos os sentimentos que o contacto

da formosura inflamma, e os diversos aspectos da natureza idealisam, e que daqui sáe aquelle composto de lyrismo suave e affectuoso, que umas vezes toma as formas bucolicas, outras arde nos impetos eroticos, outras emfim procura os tons meigos e penetrantes da elegia; composto sympathico e mavioso de que o nosso desditoso Macias é já o precursor, ainda que mal definido, e Bernardim Ribeiro a nossa mais perfeita e gloriosa personificação?!

Quem não comprehende esta indole e este parentesco?!

É do poeta das *Saudades* que descende em linha recta o auctor da *Helena*. Até ha incontestaveis pontos de analogia entre muitos dos sentimentos, inspirações e até entre a propria concepção poetica dos dois trovadores. E trovador chamarei a Bulhão Pato, porque elle, como João de Lemos, e como Thomaz Ribeiro, e talvez mais do que o primeiro, e tanto como o segundo, significa um dos naturalissimos filhos d'esta familia peninsular. Na sua estrêa o mostrou elle logo, na *Revista Universal*. Foi justamente a ingenuidade, o gracioso desalinho d'aquella musa que, para se mostrar, nem procurava as pompas das metaphoras de Victor Hugo, nem os embevecimentos contemplativos de Lamartine, attrahiu a attenção e sympathia de todos. Quando a maior parte dos nossos mancebos corriam azafamados a jurar bandeiras nas hostes gloriosas dos grandes mestres francezes, Bulhão Pato parecia só querer evocar do primeiro e mais nativo periodo da nossa poesia aquella singeleza, aquella candura de affectos, aquella profunda e dolorida saudade, que os cantores provençaes nos trouxeram, e que os poetas arabes nos deixaram e que ficou sendo a manifestação da nossa indole poetica.

É este o caracter da poesia peninsular, e ninguem, como Bulhão Pato, a não ser o auctor do *D. Jayme*, a sente e revela melhor. Nos mesmos versos em que parece affastar-se um pouco da natureza dos assumptos mais predilectos do alaude antigo, n'esses mesmos respira a simplicidade, os affectos tranquillos, o tom da suave e intima tristeza, que são o seu caracteristico. Na *Folha desbotada* diz, por exemplo o poeta:

> ..... É esta na existencia
> A tua estrella de amor!
> De amor puro, intenso, ardente,
> Mas que, occulto eternamente,

No meu peito ficará!
Que, no infortunio nascido,
*Só commigo tem vivido,*
*E commigo morrerá.*

Não será esta a ingenuidade, o affecto tocante e singelo, a mesma ausencia de artificios de estylo dos trovadores?!. Até as repetições do mesmo pensamento no trocadilho final, uma das suas formulas mais usadas e caracteristicas.

E n'esta estrophe da poesia que o auctor intitula *voltas*, não encontraremos nós da mesma sorte a propria maneira bucolica de Bernardim Ribeiro, a ponto de nos parecer estar lendo (á parte a differença do progresso litterario das duas edades) algumas das eglogas do auctor da *Menina e Moça?*

Agora entre as outras flôres
Correm uns certos rumores....
Quaes são, não sei; mas ouvi
Que as mais bellas da campina
(Por quem és tão invejada),
Quando hoje chamam por ti,
Dizem — rosa namorada,
E não — rosa purpurina.

N'estes versos ha a graça do idyllio junto ao perfume suave da egloga: é Rodrigues Lobo e Bernardes ao mesmo tempo.

Mas quem me vir tão escrupuloso a inquirir assim a origem e progenie poetica de Bulhão Pato, talvez presuma que elle faz consistir seus titulos de fidalguia litteraria em ser perfilhado n'esta ou n'aquella eschola, e que eu por lisonjear a vaidade do poeta, a mais feminil e meticolosa de todas as vaidades, me dei a esta tarefa de investigação de linhagens, desentranhando do cadoz dos pergaminhos da archeologia litteraria os seus attestados de filiação. Pois se cuidam isto, cuidam mal: Bulhão Pato nunca pensou em escholas poeticas, e é justamente d'esta isenção de pensamentos que lhe resulta a liberdade que desde os primeiros annos inculcara a individualidade do seu engenho. Bulhão Pato canta como o rouxinol trina, como a rôla geme, como a andorinha pipilla, sem outra mira. nem intuito senão o desabafo dos impetos que lhe agitam a alma, sem outro auxilio mais do que a nota espontanea e natural. É um poeta intuitivo, affectuoso e expansivo, e tão facil em derramar lagrimas e mover-se a todos os transportes, tão debatido e

envergado pelos ventos da paixão, tão inspirado pelos abalos intimos, tão estranho a escholas e artificios da arte, que lendo-o, e, ainda mais, ouvindo-o recitar os seus proprios versos com a vehemencia e admiravel naturalidade com que elle os recita, torna-se impossivel não considerar a poesia como independente de todo o fim convencional, e deixar de ver n'ella o simples dom do poeta chorar, compadecer ou exaltar as suas angustias, envolvendo na melodia o seu soffrimento. E é por isto que pertence, não intencionalmente, mas pela organisação do seu ser poetico, á mesma familia de cantores naturaes e espontaneos que, em combinações rhythmicas de extrema singeleza, acolhiam por unicas inspirações a natureza, a gloria e o amor.

Não confundam, todavia, a naturalidade d'este talento com a ligeireza que possa resultar de uma imaginação facil, porque Bulhão Pato é d'aquellas organisações em que seria até impossivel separar o talento da sensibilidade, e que, por um admiravel accôrdo moral, e grande fundo de pathetico, nunca se apresenta deveras poeta, senão quando é amante ou vivamente impressionado. A sua faculdade poetica liga-se á paixão, como o echo á vaga, e como a vaga ao lago solitario.

Ma pauvre lyre, c'est mon âme!

Póde dizer o poeta, e n'este verso resumirá a essencia da sua inspiração profunda e melancholica, mas ao mesmo tempo espontanea e desartificiosa. E isto explica-se. Foi no embate das contrariedades da vida, em lucta com as paixões, embora juvenis, porém sempre ardentes e acerbas, que o coração do mancebo modelou os seus soluços, sem outro mestre senão a voz secreta da sua dôr. A lyra de Bulhão Pato nasceu uma lyra harmoniosa, mas uma lyra afinada pelos insinuantes accordes da angustia. E quem foi que no primeiro dedilhar lhe arrancou logo accentos tão penetrantes e doloridos? Que ingratidão ou que infortunio lhe misturou com innocentes amores os ais carpidos da saudade que se lastima, ainda no limiar da vida, como Millevoye ou Soares de Passos? Talvez nos seguintes versos achemos parte d'este segredo.

Esvaeceu-se então completamente
A meus olhos o anjo da candura,
Das commoções divinas, da virtude,
E achei-me só, perdido, face a face

Ante o demonio das paixões terrestres!
Dei-lhe a mão, e senti n'um paroxismo
De desejo e de amor, fugir a vida.

Amargas desillusões enchem a vida do poeta, umas verdadeiras, outras agravadas pela ardencia da sua imaginação apaixonada. E n'este primeiro poemeto da *Lelia* estão resumidos os mysterios da alma do affectuoso cantor. É nas expansões delirantes de um affecto candido, que desabrocha este amor: «És minha, diz o poeta,

«És minha: do céo proveio
O poder que a ti me prende,
Mas diverso fogo accende
O teu e meu coração:
Tu no mundo és a innocencia;
Eu sou na terra a poesia;
Tu dás-me a tua alegria;
Eu dou-te a minha paixão!

Dou-te as sombras da tristeza,
Que acertam sobre teu rosto,
Como as sombras do sol posto
Na rosa agreste do val.
Recebes n'um meigo abraço
Meu profundo sentimento,
E dás-me o contentamento
Do teu seio virginal.»

Mas a aurora d'este amor depressa se annuvia de nuvens de tristeza, porque logo depois o coração, ferido da ingratidão, exclama:

Quando a razão voltou, como o murmurio
Da fresca viração da primavera,
O sopro perfumado de seus labios
Vinha affagar-me docemente a fronte.
Os anneis do cabello ondado e negro,
Espargindo-se avaros prócuravam
Occultar-me da vista aquelle seio.
Impaciente os affasto, devorando
Num beijo, em mil, um mundo de delicias.
Oh! como então no peito me pulava
O coração vaidoso e triumphante!

No languido quebranto que succede
Ao febril desvario dos sentidos,
Julia estava a meu lado: amortecida,
Por entre a densa rama das pestanas,
Partia a luz das languidas pupillas.
Desmaiára de amor a rosa esplendida;
E voltava de novo áquella face
A pallidez do lyrio das campinas.

Abatida e indolente, erguera a fronte;
Caminhámos os dois para a janella:
Os primeiros clarões da madrugada
Vinham rompendo já no firmamento.
Chegava, emfim, a hora; era forçoso
Dizer adeus á seductora imagem!

Que formosos versos! Como a paixão, pungida ligeiramente pelo espinho do remorso, desafoga n'estas ardentes estrophes, que um attractivo de melancolia torna mais insinuantes!

Não resisto á tentação de ainda trasladar para aqui mais uma parte d'esta composição. Agora o espirito diabolico, depois de haver apparecido ao poeta, e empenhado em perder Lelia, falla-lhe do seguinte modo:

—«Um sacerdote ancião, que além habita,
N'aquella ermida que d'aqui se avista,
Teima em não m'a deixar: tu só podias
Ajudar-me a vencer n'esta batalha.
Inda ha pouco menti, quando te disse
Ser tarde já para salvar a pomba.
É tempo ainda. Oh! vai! colhe as primicias
D'aquelle coração que te idolatra:
Tudo é luz, seducção, amor, encanto,
Na voz, no olhar, na languida ternura
Da rosa virginal que tu despresas.
Anhelantes te esperam já seus labios;
O seu peito infantil por ti suspira;
No ouvido sente a voz dos teus protestos;
O subito rubor lhe affronta as faces;
Não a vês hesitar, tremer, fugir-te,
Acercar-se outra vez, sorrir a furto,
Escondendo nas mãos a fronte bella,
De novo inda luctar, mas já sem forças,
Cahir por fim num languido deliquio?
Oh! corre a ser feliz em braços d'ella!»
Um momento depois d'estas palavras,
Em doce consonancia estranhas vozes,
De improviso romperam n'este canto:

—«Seja a breve passagem da vida
Uma serie de ardentes delirios;
Quem procura colher os martyrios
Quando existem as rosas em flor?

Venturosos ergamos as taças,
Onde brilha o licor purpurino,
E soltemos as vozes n'um hymno
Consagrado aos deleites do amor!

Vem, poeta: as tristezas do mundo
Não comprimem jámais nossas almas;
Nós cercamos de floridas palmas
A existencia votada ao prazer!

O que importa que a noite succeda
Aos sorrisos do astro diurno?
Para nós o astro nocturno
Mil delicias nos torna a trazer!»

Apossou-se de mim o immundo espirito.
—«Sou teu, ó tentador, emfim lhe disse:
Ao teu fatal poder entrego esta alma!
Dize, dize, onde está essa que eu vejo,
Mas que procuro em vão cingir nos braços!»
—«Onde está? vaes sabel-o; e n'um momento
A seus pés cairás ebrio de goso!»

Ao secreto aposento, onde jazia
A virgem de meus sonhos, me dirige
O torpe embaidor. Entro em delirio,
E ardendo em chammas de brutaes desejos,
No casto ninho onde vivia a pomba.
De repente uma luz serena e branda
Veiu alegrar as trevas da minh'alma.
Outra vez á rasão volto, e que vejo?
Ante mim venerando sacerdote,
Pondo-me ao peito a cruz que mais tarde
A enganadora Julia me roubára.
Lelia a seu lado, com as mãos erguidas,
E os olhos postos no sagrado emblema,
Estas doces palavras me dizia:

—«Deixou-te o negro espirito!
Feliz de novo agora,
Sorri tua alma em extasi
Ao ver a pura aurora,
Da qual sómente é nuncia
Na terra a humilde cruz!
Só ella, eterno simbolo
De amor e de piedade,
Brilha no mundo esplendida,
E diz á humanidade:
Surge das trevas lugubres,
Ascende á etherea luz!

Mui de proposito transcrevi mais amplamente parte d'esta poesia, para evidenciar a modificação que pareceu operar-se no espirito do poeta. Sem perder de todo a singeleza primitiva, aquella graciosa singeleza de candidos affectos, que de certo fez appellidar a sua poesia de poesia loura, Bulhão Pato deixa entrever na *Lelia*, ainda atravez da antiga exaltação e do seu verdadeiro e sincero enthusiasmo, uns longes do sarcasmo de Affonso Karr e do azedume satyrico de Byron. Mas isto é uma concessão á época. O prurido da analyse, esta incuravel enfermidade de nossos dias, que tem ido embotando nos espiritos os mais nobres e generosos impulsos, e semeado o desalento e a desesperança por muito

espirito, tentou talvez o poeta, mas não o venceu. Foi o Satanaz da sociedade pervertida, como elle mesmo o figura, que o levou até á beira do abysmo, onde, uma vez precipitado, o talento perde as azas candidas da sua innocencia primitiva, esquece de todo as imagens risonhas dos horisontes por onde espairecêra as illusões mais queridas do seu viver, e mal respira nas lobregas entranhas onde se passam as grandes miserias humanas. O poeta, n'este triste estado, deixa a penna dourada das nativas concepções, e trava do escalpelo que disseca uma por uma as fibras do coração; já não é o cantor singelo dos santos e nobres affectos, é o analysta caustico e ameaçador das nossas fraquezas.

Porém, a boa tempera da indole poetica de Bulhão Pato salvou-o a tempo. Nada mais avêsso aos seus instinctos, ás suas predilecções, ao jacto natural, limpido e sereno da sua veia, do que as irrupções abruptas do estro d'estes *poetas-moralistas*, d'estes libellistas metrificadores, mistura incestuosa de Rabelais e Jeremias, que apregoam bem alto os defeitos do mundo, que fingem até condoerem-se d'elles, para mais facilmente esconderem os seus. E Bulhão Pato, um momento transviado das antigas predilecções, logo mostrou sua natural e directa propensão, compondo a inspirada dedicação a *Helena*, a sua ultima composição poetica [1], e que é um regresso felicissimo aos primeiros tempos do seu singelo e affectuoso poetar. Que pena não a poder trasladar para aqui por inteiro! Mas já nas primeiras estrophes o leitor conhece a verdade do que fica escripto.

Lembras-te, Helena, o dia em que deixámos
O teu saudoso valle, e lentamente
Pela elevada encosta caminhámos?
O sol do estio ardente
Já não brilhava nos frondosos ramos
Do arvoredo virente.
Chegára o fim do outono: a natureza,
Sem ter os mimos da estação festiva,
Nem aquelle esplendor e gentileza
Que tem na quadra estiva,
Na languida tristeza,
Na luz branda e serena
D'aquelle ameno dia,
Que immensa poesia,
E que saudade respirava, Helena!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

[1] N'esta época, em 1862, data d'este artigo, esta poesia havia sido a ultima.

Subindo pelo monte,
Chegámos ao casal, onde habitava
A tua protegida,
Aquella pobre anciã, que se agarrava
Aos restos d'esta vida!
Assim que te avistou, ergueu a fronte,
Curvada ao peso de tão longa idade,
Sorrindo nesse instante
Com tal vida, que a luz da mocidade
Parecia alegrar o seu semblante!

.....................................

Vinte annos tu contavas nesse dia:
A fiel servidora
Era a primeira vez que não podia
Deixar a casa ao despontar da aurora,
E, cheia de alegria,
Caminhar para o valle como outr'ora,
Depôr uma lembrança em teu regaço,
E unir-te ao coração n'um meigo abraço!

Tu, na força da vida,
Circumdada de luz e formosura,
Foste levar á pobre desvalida
Os dons do lar paterno;
Alegrar com teu riso de ternura
Aquelle frio inverno!

Ao ver-te, com teus braços
Nos seus braços senis entrelaçados,
A ventura nos olhos encantados,
A inspiração na fronte deslumbrante,
Afigurou-me então o pensamento
Ver um anjo descido dos espaços,
D'aspecto fulgurante,
Enviado por Deus nesse momento,
Para animar os derradeiros dias
De quem, cançado do lidar constante,
Abre o seio na morte ás alegrias!

As lagrymas de gosto
Corriam cristalinas
No rosto d'ella e no teu bello rosto!
Como orvalhos do céo aquelles prantos,
Um brilhava na hera das ruinas,
Outro na flôr de festivaes encantos,
Na rosa das campinas.

Quando voltaste a mim, illuminava
O teu semblante uma alegria infinda;
Depois quizeste ainda
Ir visitar a ermida que ficava
No ápice do monte.
Firmaste-te ao meu braço, e caminhamos.
No esplendido horisonte
Já declinava o sol, quando chegamos.

.....................................

É exactamente a mesma simplicidade de fórmas, a mesma

pureza de affectos, o mesmo expansivo e natural desabafo do coração, sempre aberto ao amor e que o aspecto melancholico dos campos enche de saudade.

Onde se sente mais isto é na sentidissima elegia, levada, como uma saudade sem esperança, á sepultura de Salvador Corrêa de Sá, amigo de infancia de Bulhão Pato. Parece que o anjo da dôr, depois de ter enchido a sua urna das lagrimas da amizade, as infiltrara todas no coração do poeta. Só um talento que tão de perto vive dos impulsos do coração, poderia encontrar accentos de tão viva e penetrante agonia. Vejam se não ha nos versos que vão seguir-se alguma coisa do sentimento intimo e delicado, que unicamente pertence ao affecto maternal! É a mesma exquisita sensibilidade, o mesmo conjuncto de sensações afflictivas desentranhadas dos seios de alma, e coloridas pela eloquencia das dôres sem consolação.

«Bem sei que era exilio a terra
«Para ti, anjo do céo!
«Porém, filha, abandonares-me,
«Quando toda a minha vida
«Era a luz d'um olhar teu,
«Ouvir essa voz infante,
«Ver a impaciente alegria
«De teu candido semblante!

«Deixar-me assim na existencia,
«Triste, só, desamparado,
«Aquella flôr de innocencia!
«Que lhe fiz? Tinha-a creado
«De quanto amor n'este mundo
«Pela mão da Providencia
«A peito de homem foi dado!
«Oh! que affecto tão profundo!
«E tu podeste partir?!
«Pois não tiveste piedade
«Desta solemne amargura,
«Desta infinita saudade?!
«Vi-te inda olhar-me, e sorrir,
«Erguer os olhos aos céos,

«No instante de proferir
«O fatal e extremo adeus!
«..................................
«..................................
«Oh! volve outra vez a mim,
«Desce á terra, anjo do céo,
«Vem dar-me a ventura emfim!
«..................................
«..................................
«Olha: o vivo sol de abril

«Já nestes campos rompeu;
«As rosas desabroxaram,
«O rouxinol desprendeu
«A voz em saudosos cantos;
«Os sitios onde passaram
«Os teus descuidados annos,
«Não os vês cheios de encantos?
«São estes! A mesma fonte
«Ferve além; n'aquelle outeiro
«O meu casal alveja;
«As ramas do verde olmeiro
«Dão sombra á modesta igreja,
«Onde tu vinhas resar,
«Quando o som da Ave-Maria,
«N'hora meiga do sol-posto,
«De vaga melancolia
«Toldava teu bello rosto.
«Tudo o mesmo!... esta inscripção!...
«Este nome!... anjo do céo,
«Este nome, filha, é teu!
«Oh! meu Deus, por compaixão,
«Na mesma pedra singela,
«Juntae o meu nome ao della!»
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
E Deos ouviu a oração...
O mesmo tumulo encerra
Filha e pae. Na mesma lousa,
Onde repousam na terra,
Uma lagrima saudosa
Vem hoje depôr tambem
A esposa, a viuva, a mãe!

Um dos mais subidos meritos de Bulhão Pato é a concisão admiravel do seu estylo, concisão que elle leva aos verdadeiros resultados dos grandes mestres, principalmente quando bosqueja os paineis da natureza. Os aspectos diante dos quaes a sua musa parece embevecer-se, são sempre simples e tristes, como a indole do poeta. O pôr-do-sol, o cair das folhas do outomno, o adro de uma aldeia, o casal que alveja ao longe por entre as cristas da serrania, são, em geral, as scenas que a phantasia se compraz de lhe aproximar, de contornar, e que lhe torna como os horisontes permanentes da sua existencia poetica. Mas ha sempre um vivo sentimento de poesia n'estas pinturas; e é observando-as, e estudando-lhes os effeitos que a sua impressão nos produz, que se percebe bem que secretos dons de influencia moral exercem n'alma estas combinações, em que o poeta parece chegar a ser pintor, porque o pintor, para o ser verdadeiramente, não póde deixar de ser poeta. Alguns exemplos, colhidos aqui e acolá, explicam isto melhor que todas

as analyses. Vejam se com linhas mais singelas se póde esboçar quadro mais amplo e solemne.

> Nas nossas almas existia um mundo
> De indefinito amor;
> Do pélago profundo,
> Onde ruge o furor
> Insano, concentrado, atroz, maldicto,
> D'esta cruenta guerra
> Das ambições da terra,
> Nem uma maldição, um som, um grito
> Nos vinha perturbar!
> Era a amplidão do céo, a solidão da serra,
> Ao longe... a voz do mar!

Que magestade e simplicidade de linhas! Outro quadro não menos verdadeiro:

> Daquelle pobre casal,
> O fumo que vae subindo,
> Em ondulante espiral,
> Não diz que em volta do lar
> Se reune a pobre gente,
> Que já de perte presente,
> O frio inverno chegar?

Quita não saberia traçar melhor este painel campesino.

Agora este outro que parece sair da palheta suave e melancholica de Gessner. Ha n'elle o sentimento dos magicos affectos da natureza, que tão bem comprehende e exprime a musa allemã.

> Era singelo, mas sublime o quadro!
> Em roda o mato agreste;
> No meio a pobre ermida; ao lado d'ella
> Um secular cypreste;
> E sobre a cruz do adro,
> Pendente, uma capella
> De algumas tristes, desbotadas flores,
> Talvez emblema de profundas dores!

Bulhão Pato tambem algumas vezes tem ensaiado o genero satyrico, e com felicidade, como se vê pela poesia o *Brinde*, que é um desfechar constante de epygrammas contra algumas das grutescas personificações da nossa comedia politica. Comtudo eu prefiro, declaro-o francamente, ver tão bello estro sem abater os vôos a estes charcos. As suas tendencias são outras, e mui diversas. O talento que vive do coração, a mente que se inflamma com o fogo dos sentimentos nobres e serenos, não póde prestar-se a acceitar em o

numero de suas predilecções assumptos repugnantes, e cujo halito cresta sempre as azas candidas da inspiração. Que Bulhão Pato é o primeiro a repellir, com o seu desdem, estas lastimaveis individualidades, dignas só de attrahirem as iras do libellista; e nas raras horas em que a sua musa lhe tem emprestado algumas expressões de zombaria contra taes creaturas, ha sido sempre com a hombridade e desabrimento de quem applica uma correcção por força de necessidade: é antes uma pirraça do genio insoffrido do mancebo, que um desafogo do poeta. Este não se rebaixaria a tanto.

Agosto — 1862.

## REVISTA LITTERARIA DO ANNO DE 1855

Passou o anno de 1855.

É mais um passo dado na vida dos homens; é mais um periodo decorrido na existencia das nações, é mais um instante submergido na voragem dos tempos; é mais um capitulo cerrado na historia das elucubrações do espirito e da imaginação.

Debaixo d'este ultimo ponto de vista, não se póde dizer que o anno de 1855 deixasse de correr fertil e florescente para nós. Diz um escriptor celebre que as grandes catastrophes dos acontecimentos da vida, que os grandes espectaculos dos povos em conflicto accendem a inspiração aos maiores genios, e affogam as vocações indistinctas no tropel dos successos do mundo exterior.

Entre nós deu-se a excepção.

No meio d'este immenso movimento dos espiritos e dos factos que arrasta a Europa para destinos ainda bem pouco definidos, é lisongeiro ver Portugal, como alheiado d'essa febre reaccionaria, que tem armado povos e reis uns contra os outros, ir progredindo na sua tarefa de civilisação. Debalde o céu se tolda de grossas nuvens ao longe, debalde o scintillar do relampago e o ribombo do trovão annunciam a guerra e o exterminio, porque a abelha diligente e incessante por entre os esplendidos vergeis, atravez da mais feraz e virente vegetação, vae colhendo o mel de cada dia, e depositando-o n'esse edificio, sempre crescente, chamado illustração de um povo.

Sentados no limiar do anno que se abre, e ainda mal despedidos d'aquelle que finda, é grato realmente alongar os

olhos pelo espectaculo que formam esses genios fadados, esses engenhos brilhantes, essas vocações desenvolvidas pelo esforço e pelo estudo, pela perseverança e pela meditação, esses nobres corações que se obstinam, em despeito das contrariedades da vida, a caminhar para o futuro, que um sentimento intimo lhes indica. A historia e o romance, o dráma e a critica ligeira, o poema e a comedia, tudo ahi figura. E senão apresentamos quantidade de obras equivalente ao movimento annual da França e da Allemanha, d'esses paizes onde as faculdades da intelligencia parecem multiplicar-se, atestando-o em monumentos que de dia para dia mais enriquecem aquelle verdadeiro imperio do saber e do atticismo, se isto não acontece, muitos livros de valia se vão produzindo entre nós que supprem, pelo valor intrinseco, outros que não se recommendam senão pelos dotes da phantasia, e, quando muito, pelos fulgores de um estylo deslumbrante.

É sobremaneira difficil a tarefa a que nos propozemos: passar revista, em poucas paginas, aos trabalhos litterarios de 1855. N'um tão pequeno circulo torna-se indispensavel resumir ou apresentar o substracto de uma obra em breves palavras, encargo penoso em que a concisão nem sempre triumpha da difficuldade.

N'este trabalho poremos de fóra, além d'essas publicações que nascem logo marcadas com o sêllo da morte, e outras que desapparecem no redemoinhar dos acontecimentos sem despertar a attenção publica, nem mesmo conseguirem amostrar-se á superficie da publicidade, poremos de fóra, repetimos, o jornalismo politico, essa immensa elaboração do espirito e da imaginação que acorda de manhã para morrer á noite; complexo de talento e sciencia da vida, de previdencia e temeridade, de ironia e cholera, de perseverança de ataque e contumacia de repulsa, que scintilla e se apaga na atmosphera das paixões politicas; lida vertiginosa onde as pequenas miserias e as aspirações mais nobres, onde Chateaubriand e Marat, Villele e Thiers ou o mais obscuro escriblero, Victor Hugo ou o mais ignobil foliculario, são egualmente heroes ou pygmeus, segundo a aberração dos fanaticos politicos e a tyrannia das circumstancias.

Mas no meio de todas estas alternativas, que poderão deprimir o caracter do escriptor politico, visto atravez do prisma das paixões facciosas, ha uma qualidade, aquella que

mais se oppõe ao natural orgulho do homem de letras, que ninguem lhe poderá disputar, e que só de per si resume o seu panegyrico e o exalta no conceito da critica desapaixonada: esta qualidade é a abnegação da sua individualidade como operario do já immenso edificio da imprensa diaria. Quantos periodicos publicam quotidianamente artigos que só em si bastavam a fazer e proclamar uma reputação e cujos auctores morrem absorvidos no seio d'essa entidade collectiva chamada jornal?! Ouvem em roda de si exaltar os rasgos do seu espirito, a elevação das suas considerações politicas ou sociaes, a sua previdencia no futuro dos successos publicos, e, anonymos e recolhidos, assistem como espectadores aos seus proprios triumphos, tendo de desapparecer por detraz do titulo da obra de que são alma e inspiração!

Lei fatal da civilisação moderna que tende, em todas as suas manifestações, a fazer desapparecer o homem, a entidade individual, no seio do complexo das suas mais esplendidas maravilhas, deixando-lhe apenas o goso intimo de haver cooperado para esses documentos de sabedoria e audacia, que se erguem sob o influxo commum de muitos desejos, vontades e intelligencias!

Daremos o primeiro logar á historia, n'esta revista.

Não seria n'este caso que, com direito, Voltaire podesse dizer de nós o que disse dos seus: *La France fourmille d'historiens et manque d'ecrivains*. Tres dos nossos escriptores mais brilhantes, que dispõem de todas as galas do estylo e dominam a lingua como mestres, se occupam actualmente de trabalhos historicos: os srs. Alexandre Herculano, Rebello da Silva, e Mendes Leal.

O primeiro de todos, o grande escriptor, o archeologo infatigavel, o sr. Alexandre Herculano, começou o anno passado um precioso trabalho de investigação e critica philosophica sobre uma das instituições mais notaveis que avexaram os povos e mancham a historia. O volume publicado *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, tem a importancia de uma d'aquellas obras que formam um nome, ou, para melhor dizer, que não podem ser produzidas senão por historiadores da ordem d'aquelles, que Portugal, com justa vaidade, póde já collocar a par de Schlegel, Herder, Thierry ou Guizot. O sr. Alexandre Herculano é um d'aquelles espiritos eminentes, iniciados na fórma de

doctrina e n'aquelle methodo de além do Rheno que, para chegar aos resultados puramente philosophicos, taes como os presencea o nosso seculo, tem passado gradualmente pelas lentas estações de uma exegese successiva. Ninguem melhor do que elle aprecia esse mixto indefinivel de racionalismo e de fé, de arrojo scientifico e de reserva reflexiva, que se tem por tanto tempo mantido em equilibrio nas profundas intelligencias dos philosophos allemães, e que entre nós importa uma excepção, e cujo exemplo unico que conhecemos está representado no homem, que tem, desde as épocas mais obscuras e rebeldes á analyse, reconstruindo a nossa historia.

Rico de conhecimentos sobre os tempos decorridos, animado por aquelle ardor de erudição que dá valor a tudo, que não despresa um accidente, que não passa indifferente por uma feição caracteristica, o seu livro *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* é um dos resultados das suas porfiadas escavações, feitas n'uma longa peregrinação atravez dos seculos XVI e XVII. Foi um trabalho resultante de outros mais vastos e completos, ou, para melhor dizer, foi um novo edificio erguido com os materiaes predispostos e talhados para a nossa historia geral.

Um livro d'estes não se analysa n'uma revista ligeira, que, na sua carreira precipitada e veloz, apenas tem tempo para se curvar, aqui e alli, ante os grandes monumentos erguidos pelo talento e venerados pela estima publica: o que ha a fazer é cital-os. É o que fazemos.

Mas passemos agora a outra obra, a uma d'estas obras cuja publicação caminha lentamente, mas caminha, e que tem como suspensa a anciedade dos amadores das letras em longos periodos.

São os grandes themas que elevam á sua verdadeira altura os espiritos fadados a illuminarem com a luz da observação e da critica os pontos mais difficeis da historia. Não ha muito tempo que Rémusat, o historiador das mais bellas figuras do seculo XVI, publicava um excellente trabalho sobre Santo Anselmo de Cantorbery; e quasi apar Villemain, n'aquelle grande estylo em que se eleva ás verdadeiras eminencias da philologia didactica, escrevia o elogio de Santo Ambrosio. N'esse mesmo anno, e quasi pelos mesmos mezes, começava o sr. Rebello da Silva os seus *Fastos da Egreja*.

Esta coincidencia, n'uma época em que os espiritos parece descerem tanto ao positivo da vida, e em que a propria litteratura, em todas as suas manifestações, se consagra aos assumptos mais repugnantemente *humanos* da sociedade existente, é de festejar para aquelles que ainda se comprazem de ver os grandes engenhos duplicadamente empenhados na carreira das letras e da religião.

E nenhuma obra allia melhor estas duas apreciaveis qualidades que a dos *Fastos da Egreja*. De genero narrativo, mas n'aquelle estylo levantado pelas altas considerações philosophicas que tantas vezes approximam o auctor de muitos dos melhores periodos do *Genio do Christianismo*, achamse alli quadros que respiram a sublimidade caracteristica dos grandes vultos da egreja grega e latina, traçados pela penna de Villemain, e toda a unção e erudição religiosa do abbade Guené.

Todavia quizeramos que o plano d'esta publicação fosse mais amplo, e que a concepção abrangesse o christianismo em todo o seu influxo moral e civilisador da historia. Christo, não como o primeiro dos santos, mas como o primeiro dos philosophos moralistas; os apostolos e os evangelistas considerados como os principaes obreiros do immenso e magnifico edificio sob que se abriga hoje quasi o mundo culto, chamado catholicismo; as épocas mais florescentes da egreja primitiva, representadas nos seculos III, IV e XVII pelos seus luminares mais esplendidos de eloquencia e saber, como Santo Agostinho e Santo Hylario, S. João Chrysostomo e Santo Athanasio, Bossuet e Fenelon, tudo isto fórma um quadro grandioso, em que o christianismo figura como a base da civilisação moderna, e o seu influxo moral mais fecundo e directo. Era no seio d'estes horisontes sem limites para os vôos de uma penna que tanto se eleva, que desejariamos ver assente este novo monumento litterario do fecundo escriptor.

Mas é preciso caminhar, porque o talento sempre vivaz e fertil de Rebello da Silva é d'aquelles que nunca empregam todas as suas faculdades n'um assumpto unico, por mais elevado; e a critica, ainda ligeira e quasi que simplesmente expositora de uma revista, mal o póde acompanhar na multiplicidade de suas producções. Este bello engenho, tão facil em reproduzir-se em todas as fórmas da arte, e n'um estylo que é ainda mais um reflexo da força imagina-

tiva do que o resultado dos seus grandes dotes litterarios, profunda e triumpha dos melhores ramos das lettras com egual exito e facilidade. Ao romance historico temos mais dois livros a acrescentar: no *Panorama*, a *Pena de Talião;* e na *Patria*, a *Tomada de Ceuta*. Estes romances, como todos do auctor, excepto a *Mocidade de D. João V*, de um genero distincto, filiam-se na escola implantada pelo sr. Alexandre Herculano, e cujo chefe é Walter Scott, e significam um bello trabalho de erudição, onde o leitor encontra o esboço de varias épocas e personagens mais gigantes da nossa historia, reproduzidas com a verdade daguerreotypica.

O theatro, n'um dos seus maiores vultos, despertou tambem ao sr. Rebello da Silva uma das mais primorosas versões que póde figurar na scena portugueza. O *Othello* de Shakspeare achou todo o vigor d'aquella paixão intensa, cega, selvatica, na energia e colorido esplendido do estylo do nosso escriptor. É mais que uma imitação, é um trabalho no genero dos de Ducis e Le-Brun, porém trabalho em que nenhuma das bellezas dramaticas do poeta inglez perde cousa alguma da sua vehemencia e contraste, approximadas das conveniencias da scena moderna.

Os sangrentos espectaculos das nações em conflicto tambem acharam entre nós um historiador consciencioso na apreciação dos factos, e vehemente e ornado no estylo. A *Historia da Guerra do Oriente*, pelo sr. Mendes Leal, abrelhe mais um titulo á consideração da critica. É um novo genero litterario que encetou com applauso. Sobre essa nova Iliada cujo theatro se estende do Mar-Negro ao Baltico, a França tem escripto com que fartar a saciedade de mil bibliomaniacos. Só as correspondencias diplomaticas insertas no *Invalido Russo*, e sobre as folhas do *Times*, dão que ler por um anno a setenta politicos. Mas a mesma multiplicidade traz o labyrintho. Aqui o *quod abundat, nocet*. O leitor curioso, que queira tomar o fio d'essa serie de peripecias, que arrastam as nações para destinos por ora desconhecidos, tem mais difficuldade, no seio d'essas rumas de publicações que os prelos francezes atiram todos os dias a lume, em escolher que de encontrar o livro cabal e opportuno, que o ponha ao corrente de todos os mysterios, acontecimentos e catastrophes d'essa guerra fatal.

Porém, no meio de toda essa abundancia de trabalho, de investigação, de compulsação de documentos diplomaticos

e historicos, de criterio e arrojo de vistas politicas, a obra do sr. Mendes Leal possue o seu merito, e verdadeiro. É como o substracto de tudo isto, mas exposto com lucidez, deduzido com fidelidade chronologica, enriquecido com perspicacia de observação e criterio, e narrado n'um estylo, que, sem perder nada da gravidade historica, se ergue por vezes á altura de apreciaveis considerações philosophicas. Esta obra começou o anno passado e já vae no 3.º volume.

Comtudo, um dos mais esplendidos acontecimentos litterarios do anno, e que ainda pertence ao sr. Mendes Leal, é por certo a sua comedia em verso, a *Herança do Chanceller*. O auctor póde-se com justiça jactar de ter resuscitado uma fórma da arte, esquecida nos monumentos de Gil Vicente e Calderon, applicando-a ao genero que melhor se lhe combina na scena. Os espiritos levianos viram n'isto uma antigualha, um archaismo no que elles julgam progressos da arte; nós vimos uma apropriação e um esmero litterario. É aquelle o verdadeiro molde peninsular da comedia.

Não se atterrem os perdidos de amores pelo repertorio francez, que aquella fórma póde ser alargada, ampliada e prestar-se a todas as exigencias da comedia moderna. E depois, como a redondilha, o mais popular de todos os nossos metros, aquelle em que naturalmente se vasam os conceitos do nosso idioma e mais se coaduna com a sua indole e phraseologia, como se presta ao estylo satyrico e descuidoso, familiar e dialogado da comedia! Quem o duvida que leia a *Herança do Chanceller*, e conhecerá como o lyrismo, afinado pelas sensações populares, logra attingir toda a altura na phantasia do poeta, e romper em bellos trechos de enthusiasmo patriotico ou de melancholia e amor.

No anno decorrido publicou o sr. Mendes Leal o seu *Homem de Ouro*. É um dos membros d'essa trilogia, encetada com os *Homens de marmore*, e que mais tarde completarão os *Homens de Bem*. Os poetas costumam não ter palavra em assumptos d'estes. Deus queira que o sr. Mendes Leal rehabilite a familia, inteirando a sua obra.

Não fecharemos o capitulo consagrado ao illustre escriptor sem catalogarmos mais um dos seus bellos vôos poeticos. A poesia consagrada a memorar a morte do Visconde de Almeida Garrett, no theatro de D. Maria II, se não viu a luz da estampa, teve comtudo a publicidade da scena. É um trecho repassado de saudade e nobreza, em que o poeta

nos alevantou bem solemnemente o vulto, que o cantor de Camões já projecta na posteridade.

Da historia á politica a transição é facil. A historia resume os diversos periodos que abrangem a existencia dos povos, e estes, subordinados ao regimen dos governos constituidos, demonstram a politica das nações. Não são estas porém, as idéas do sr. D. José de Lacerda, na sua obra *Da fórma dos governos com respeito á prosperidade dos povos*. A natureza dos governos, para o illustre deão da sé patriarchal, é um facto indifferente á ventura ou infelicidade de qualquer paiz, como se a organisação d'uma sociedade, ainda a mais alheia ás verdadeiras instituições de uma politica apreciavel, possa dar-se sem o principio de governo, e este, seja qualquer que fôr a sua fórma, despotica ou democratica, monarchica ou republicana, se não reflicta em todos os seus effeitos no viver intimo e exterior de um povo. Mas o sr. D. José de Lacerda percorre a historia antiga e moderna, e apontando-nos para as grandes convulsões dos imperios, para as suas épocas de florescencia ou angustiosa oppressão, affirma-nos que essas se deram tanto na Athenas de Milciades, Themistocles e Aristides, como na Athenas dos trinta tyrannos, tanto na Roma dos Cesares, tanto na Europa dos reis, como na Europa republicana. Todavia a apreciação é errada. O esclarecido escriptor avalia a organisação dos governos segundo os defeitos dos homens, e attribue á natureza politica o que pertence exlusivamente á indole humana. Condemna os systemas na fórma abstracta, e não nos actos d'aquelles, que, tornando-se seus interpretes e instrumentos, os protrahem e pervertem. É a inversão dos termos fundamentaes do problema que leva o sr. D. José de Lacerda a conclusões, que os mesmos factos que aponta, combatem. Sem irmos mais longe comparemos a Russia com a Belgica, e veremos quão diversa é a sorte dos dous povos. Mas é porque ahi os systemas, representativo e autocratico, reflectem-se directamente em todas as condições da sua existencia social. É alli que se póde apreciar a organisação politica, pura nos seus effeitos, os quaes o auctor *Da fórma dos governos* toma indifferente e promiscuamente para as suas conclusões, quer derivem da natureza dos systemas politicos, quer da cubiça ou tyrannia dos governantes.

E comtudo, este erro não parte do entendimento, parte

da desesperança. Esses conflictos estereis de uma politica pygmea e sempre individual, com que a larga área dos interesses publicos tem sido invadida pelas ambições, mataram toda a crença na alma do antigo jornalista e deputado. O seu livro é o manifesto do verdadeiro sceptico politico. Como homem de Deus, não quer dizer que desespera dos homens; mas como homem de partido, declara que desespera dos systemas.

Pois nós confiamos nos systemas; porque os homens são as paixões, e as paixões passam e os systemas ficam.

E aqui o logar de mencionarmos os *Estudos biographicos* do sr. Cannaes, do homem profundamente erudito, que está á testa do nosso principal estabelecimento litterario [1]. O livro do sr. Cannaes é uma extensa galeria, onde a religião, a historia, a politica, e o talento collocam muitos dos personagens, nossos e estranhos, que melhor os representam. São como os elementos dispersos de muitas phases da civilisação, da historia ecclesiastica e politica que o illustre bibliographo collige, dando-nos assim a idéa de varias épocas notaveis nos homens que as symbolisam. Mas na importancia philosophico-politica, a obra do sr. Cannaes é um anachronismo na ordem das idéas: o auctor proclama o direito divino dos reis. Embebido nas doutrinas de Bonald, de Genoud, de Chateaubriand, de Le Maistre, identifica-se á legitimidade do principio hereditario como a um dogma da sua consciencia. Admitte a monarchia como derivação do poder paternal, e considera os estados como simples familias. Engana-se. Os estados, como diz Lamartine, são povos, e os povos, uma vez terminada a sua infancia, não devem ser jámais condemnados senão á tutella da moral e da razão. A familia é a humanidade; o pae não é o rei, é Deus.

Ainda a biographia, mas affastada d'estas luctas tempestuosas das convicções politicas, e unicamente colhendo, aqui e alli, elementos dispersos da vida dos nossos maiores homens de letras, apresenta-nos agora um dos seus mais valiosos trabalhos no *Ensaio critico-biographico sobre os nossos melhores poetas*, por José Maria da Costa e Silva; outra obra, metade publicada pelo auctor, e metade que vae correndo posthuma. Esta extensa publicação, que abrange os

[1] N'este tempo o sr. Cannaes, hoje fallecido, era o bibliothecario-mór da bibliotheca publica.

mais resplandecentes vultos da historia da nossa litteratura, sem ter o merito dos *portraits* de Saint-Beuve, St. Marc-Girardin e Gustave Planche, é todavia um grande repositorio, onde o erudito encontra variadissimas noticias que derramam immensa luz sobre as feições esquecidas ou ignoradas de muitos dos nossos melhores talentos. Mas o criterio nem sempre acompanha o trabalho do auctor do *Passeio*, e a authenticidade por vezes deixa de legitimar muitos dos documentos apresentados como de origem incontroversa.

Temos emfim uma novidade na nossa litteratura. Com vergonha o dizemos, a critica, absolutamente fallando, e ainda mais a critica ligeira, episodica, chistosamente satyrica, aquella critica que é como o tourista mais apaixonado dos grandes panoramas da natureza do que de subir os Andes e os Alpes, e de visitar as crateras do Etna e do Vesuvio e correr por entre as stalactytes das cavernas mais fabuladas; essa critica, que observa e indica com mais amor do bello do que auctoridade analytica, com mais enthusiasmo de alma de poeta que olhos de censor, e sempre ligeira, sempre rindo, misturando a analyse com a anecdota, o epigramma com as flores do atticismo; essa critica acaba de colligir o melhor de suas divagações atravez dos immensos jardins da litteratura, e de nos apresentar tudo debaixo do titulo de *Memorias de litteratura contemporanea*. É um livro do sr. Lopes de Mendonça, inquestionavelmente um bello ensaio n'este genero. Espirito affinado pelo sentir francez, e essencialmente desenvolvido pela leitura aturada dos melhores criticos, romancistas e poetas que formam essa illustre familia com que a França tanto se honra, o folhetinista da *Revolução de Setembro*, n'essas paginas em que nos traça muitos dos nossos mais distinctos perfis litterarios, respira toda a negligencia culta de Jules Janin, Theophilo Gauthier e Julio Leconte, aventurando por vezes, mas raras, a censura acerada de Gustavo Planche. N'aquelles desabafos (permitta-se-nos a expressão) de um espirito vertiginoso, que tocam as raias mais sublimes da phantasia sem que comtudo se moldem aos preceitos da critica regular, ha o que quer que seja de enebriante e transmissivel ao estylo, que nos embriaga a imaginação, desvaira os sentidos e nos faz correr, sem respirar, atraz d'esses atrevidos e paradoxaes raptos do brilhante escriptor, como correriamos,

se nos vissemos nas campinas suavemente esplendidas dos quadros de Watteau e Pussin, sempre attraidos pelos encantos de uma natureza desconhecida.

A critica tem uma certa affinidade com as viagens. O espirito analytico, como a alma do viajante, alimenta-se da curiosidade, e dirige-se pela reflexão. Passemos, pois, do ensaio critico do sr. Mendonça ás viagens do sr. Bordallo.

O sr. Bordallo, depois de ter dado um passeio de *sete mil leguas*, faz agora uma viagem á *roda de Lisboa*. É encolher muito as azas de viajante. É como que se obrigassem Sindabah, o famoso viajante dos contos orientaes, a fazer apenas um gyro *autour de sa chambre*.

Perdoem-nos os admiradores de Lisboa. Ninguem mais do que eu ama e admira esta formosa rainha do Occidente, que tão enamorado traz a beijar-lhe as espumosas vestes o melhor dos filhos do Oceano, o altivo e caudaloso Tejo. Mas de Lisboa á China, por esses longos mares por onde o sr. Bordallo singrou, ha sete mil leguas de paizes e nações diversas, de maravilhas da natureza e da arte, de costumes poeticos, de povos onde as raças encontram toda a idealidade artistica dos seus primitivos typos de belleza, onde a poesia acha os seus traços epicos, o passado tem os seus monumentos, e a humanidade as suas tradições. D'este quadro, onde simultaneamente se avistam os pagodes de Brama, as pyramides do Egypto, os mirantes da Alexandria, os panoramas do Bosphoro, e as tempestades do deserto, a desembarcar no *cáes das columnas*, investir pela rua Aurea, entrar na Praça de D. Pedro, dar de chapa com o seu monumento, agachado, incompleto e tacanho, como todo o pensamento politico que invade as regiões da arte [1], e depois deixar o theatro de D. Maria á esquerda para ir mais adiante dar tres ou quatro voltas no Passeio Publico; de uma coisa á outra, se não ha effectivamente o passo de que falla Napoleão, alludindo aos dois polos do gosto e da arte, ha por certo uma grande distancia. E comtudo, as descripções do sr. Bordalo, gyrando por essa Lisboa, apontando-nos os seus monumentos architectonicos e muitas das suas bellezas naturaes, e explicando-nos sobre tudo o genero da sua existencia social nos traços mais geraes da sua physio-

[1] A referencia aqui é ao primeiro monumento, que felizmente se não concluiu, e cuja imbecilidade architectonica e esculptural andou em proverbio.

nomia quotidiana, produz-nos o effeito de um *cicerone* illustrado e complacente, que se compraz em elucidar o caminhante ácerca de tudo que lhe desperte a attenção, ou lhe mova a curiosidade.

No meio de todas estas producções, torna-se notavel principalmente o desenvolvimento que vae apresentando o theatro. Effectivamente a litteratura dramatica, que estava como adormecida, ha dois annos para cá vae apresentando inquestionaveis symptomas de vida propria e abundante seiva. No theatro de D. Maria II temos o drama do sr. Biester, *Um quadro da vida*, scena intima em que o coração é vencido pelos preconceitos da sociedade. A *Dalila*, do sr. Antonio de Serpa, mais um dos nossos mimosos poetas arrancado pela politica ao culto das musas, é um drama todo paixão e sentimento, grupado em bellas situações, fluente e espirituosissimo no dialogo, que o nosso escriptor extrahiu do romance de Octavio Fouillet, publicado na *Revue des Deux Mondes*.

O Gymnasio passou das suas *pochades* mascaradas á portugueza, e dos seus espectaculos de transformações e pompas scenicas, á comedia de alta sociedade e ao drama intimo; e deu-se bem. Pelo menos assim lh'o asseveram os resultados. A plateia, apinhada de um concurso escolhido, applaude com vehemencia o *Cynismo* e os *Dois Mundos*, producções ambas do sr. Lacerda. E tem razão; porque qualquer d'estas producções tem merito absoluto e relativo. Marcam os progressos do auctor, comparando-as com os seus primeiros trabalhos, e representam com arte algumas phases da vida n'essas regiões onde ella é tempestuosa de ambições e affectos, de paixão e vicios. A peça *Dois Mundos*, menos ambiciosa no plano e pensamento philosophico, resume um bello quadro, em que o espectador vê alguns periodos dispersos, colligidos e atados pelo auctor n'um enredo facil e cheio de lances vivamente dramaticos, d'essa existencia de luctas angustiosas, que, mais que nenhuma, nos apresenta a sociedade moderna.

No theatro de D. Fernando [1], o sr. Braz Martins, engenho dramatico já festejado das nossas plateias mais populares, apresentou uma engraçada comedia, a *Abençoada diabrura*.

[1] Este theatro já hoje não existe, mas ainda estão bem recentes de certo, na memoria de todos, as representações a que me refiro.

A simplicidade da acção e a sympathia que inspira o protagonista, e isto disposto em algumas situações bem combinadas, e manifestado n'um dialogo fluente e natural, tem feito que o publico de D. Fernando receba com applauso esta producção. O *Mouro encantado*, mentira em 2 actos, e a *Queda de Neptuno*, foram dous d'estes improvisos despertados por factos que muitas vezes se tornam um sentimento commum. Não tem merecimento litterario; mas attestam a facundia da veia comica do actor, facil em se impressionar das circumstancias externas, e de ahi encontrar os germens de suas composições.

O romance, mas o romance convertido no genio máu da analyse, como o escreveu Balzac; o romance que sonda os mais escuros segredos do coração e imagina todas as turpides que o cynismo de uma sociedade gasta e saciada pelas exuberancias de uma civilisação epicurista tem ido esquadrinhar ao intimo da vida, como o reproduziu o auctor das *Memorias do Diabo;* o romance positivo e dissertativo, espêlho de todas essas depravações que levam o homem á condemnação de muitas das suas classes, como o concebeu Eugenio Sue; o romance assim inspirado tem um digno representante, entre nós, no sr. Camillo Castello-Branco. E effectivamente, n'aquelle estylo, rapido e incisivo, que ri de uma ironia satanica, que rasga como escalpelo, deixando rastos de sangue nas paginas, ainda n'aquellas mais inspiradas por todo o fervor de uma alma verdadeiramente poetica, predomina como a inspiração do auctor dos *Dous Cadaveres*, a que dá todo o relêvo de dicção, a que suggere aquella expressão de sarcasmo talvez o estudo aturado do primeiro romancista phantastico do seculo presente, de Victor Hugo. Os *Mysterios de Lisboa*, e o seu complemento ou a chave de todos os seus arcanos, o *Livro negro do padre Diniz*, bem como a *Filha do Arcediago*, obra que lhe serve de continuação, tudo publicado no anno decorrido, são o reflexo puro da influencia despotica, que hoje a sociedade exerce sobre uma das melhores fórmas da litteratura. Este facto, fructo de uma época de transição e lucta, em que os conflictos sociaes controvertidos pelas ambições das classes deslocadas pelas alternativas da fórma politica, fere e exacerba todas as cordas do coração e povôa as imaginações das imagens pavorosas do presente, é como o retrato vivo dos tempos que passam, sobre os quaes o genio fulmina os seus

maiores anathemas e lavra os seus mais eloquentes protestos, visto que não póde detel-os na sua carreira desenfreada, ou subjeital-os a condições normaes. O romance, levado a taes proporções, não é a sequencia da aberração imaginativa de um homem, é a phase, é a expressão do movimento reaccionario de uma sociedade, que, mesmo porque é violento e anormal, tenta a imaginação do escriptor, e influe nas melhores paginas dos seus livros. Condemnar por tanto no romancista o que mais está no espirito da época do que na indole do escriptor, parece-nos erro em que se não deve reincidir. Emendem a sociedade, se podem, que ella é a causa d'estes phenomenos operados no mundo das idéas; mas se não podem, deixem que as phantasias se impressionem e vivam do mundo real, como do seu alimento mais natural.

O sr. Camillo Castello-Branco tambem tem enriquecido o theatro portuguez com producções, cujo acolhimento as tem consagrado no conceito publico. O drama *Poesia e dinheiro* teve um successo no Porto, como a *Dame aux Camelias* em Paris, e os *Homens de Marmore* em Lisboa.

O Porto apresenta-nos egualmente mais outros dous romancistas de engenho, que fornecem elementos a esta revista. O *Genio do Mal*, pelo sr. Arnaldo Gama, e *Viver para soffrer*, do sr. Barbosa e Silva, são dois ensaios que devem animar os auctores á novas tentativas. O sr. Novaes, o Tolentino portuense, da mesma sorte largou a satyra popular do folhetim, para se mostrar em toda a abundancia da sua veia comica e epigrammatica sobre a scena. O *Qui pro quo* é uma chistosa farça, festejada com toda a alacridade do espirito portuense, mas onde não desejaramos vêr satisfeitas, *com mão tão larga*, as exigencias do gosto popular. O sr. Novaes tem no seu talento recursos bastantes, dos quaes póde dispôr com opulencia, sem armar á ignorancia das turbas para obter os seus melhores applausos. O sr. Licinio tambem deu á estampa o segundo volume do seu theatro, contendo o drama o *Rajah de Bonsouló*. Este livro recommenda-se principalmente pela dissertação que traz sobre a origem da arte dramatica. É um bello estudo onde o erudito póde enriquecer o seu espirito de investigação.

A *Revista Peninsular*, como publicação consagrada a fraternisar a litteratura dos dous povos da peninsula iberica, e a ligar mais estreitamente os laços que os prendem pela

historia, pela poesia das tradições e pela sympathia das aspirações moraes e sociaes, é ainda uma bella empreza que o anno de 1855 se deve vangloriar de fazer surgir, como um padrão da alliança intellectual de duas nações, a que a natureza mandou abraçar como irmãs.

Tal é, pouco mais ou menos, a lista escolhida das obras litterarias que viu nascer o anno findo. Se não é gloriosa, se não marca um d'esses periodos que irradia sobre a historia das lettras o esplendor que se estende a muitos seculos de distancia, é todavia notavel de esforços, tentativas e resultados, emprehendidos pelo talento e coroados pela illustração publica.

Mas custa-me a depôr a penna sem ter de mencionar, sequer, uma obra poetica!... A musa da poesia, espavorida dos estragos da guerra, [1] velou a fronte e nega os accentos da lyra aos estros mais visitados dos favores da inspiração!... Em Portugal, como em França, como em Italia, como em Hespanha, o alaude dos seus bardos, se accorda, é para desferir os sons roucos de algumas d'essas Nemesis, que mais aproximam as filhas do Parnaso dos furores eumenicos, do que das estrophes dictadas nos dias felizes da arte. Lamartine escreve a *Historia da Restauração*, e a *Historia da Turquia;* Victor Hugo, o grande poeta, tornou-se phamphletario; Alfredo de Musset exproba a sociedade no theatro. Em Hespanha, o auctor da *Moro esposito*, Martinez de la Rosa, Quintana e outros, involvidos pelo turbilhão de uma politica fraccionada, ou emmudeceram ou soltam a voz apenas no parlamento; e tanto fogo e opulencia de imaginação só esplendem nas invectivas de alguma apostrophe tribunicia, ou nas verrinas com que o jornalismo protesta contra a oppressão ignobil a que o condemnam.

Em Portugal o mesmo silencio da lyra, o mesmo retrahimento dos melhores engenhos! Mendes Leal, fadado pela natureza para pulsar todas as cordas do lyrismo, descreve hoje os horrores de uma lucta, ante a qual a civilisação recua e prantea a morte dos seus melhores filhos!... João de Lemos, o bardo inspirado que sobre as veigas do Mondego soltou sons, onde tão indefinivelmente se combina o accento nacional com toda a elevação e melancholia da poesia do Norte, esperdiça toda a seiva do seu estro fecundo e original na

[1] A guerra da Crimea.

escripta quotidiana de um jornal politico!... Antonio de Serpa, Bulhão Pato, Lobato Pires, Palmeirim e outros filhos tão queridos da musa popular, deixam-se egualmente impellir por essa procella, que não deixa voar os espiritos, ainda que os impulsos da alma os atire para as regiões infinitas do pensamento! Até o cantor dos infortunios do *Bardo*, esse que, pela indole e predilecção de seus estudos, ata a cadeia dos nossos melhores engenhos poeticos entre Philinto e Almeida-Garrett, até esse, entregue ao sacerdocio do ensino, solta a furto, e apenas ouvido de amigos, algum d'esses vôos que tão alto o elevam!...

Janeiro—1856.

## REVISTA CRITICA E LITTERARIA DE 1858

Já não é um trabalho difficil, nem sem fructo, esta tarefa de analysar o resultado do emprêgo dos nossos espiritos mais eminentes, no decurso de um anno. O movimento litterario, o seu impulso, influencia e diffusão tornam-se um facto que todos os dias apresenta novas manifestações, e cada dia mais valiosas e significativas. É penoso lançar olhos inquietos e ávidos de curiosidade por um d'esses longos espaços, sobre que a mão do tempo vem correr o véo do passado, sem que uma obra se nos depare, sem que um vestigio se descubra, onde o talento nos prove, como marco milliario erguido pelas fadigas do viajante cosmopolita, os progressos e conquistas que vamos realisando no dominio tão largo e de tão vastos horisontes da republica das lettras; mas é grato e ensoberbecedor encarar de frente por esse estadio decorrido e ver que elle ficou assignalado por mais de um indicio que attesta que os arrojos do engenho inventivo, que os vôos ardentes da phantasia poetica, ou as meditações solitarias do genio pensador, por ahi passaram no accesso febril do seu imaginar audacioso, ou na preoccupação insistente de um cogitar profundo. Como que um espectaculo, todo de actividade, mas de actividade intellectual, da mais nobre e fecunda das actividades, se nos apresenta, enchendo-nos o animo de jubilo e ufania! É uma nação a pensar e a recolher, em depositos perduraveis, as riquezas do seu espirito. São as suas forças intellectuaes, comprovadas nas tentativas já triumphantes de seus filhos privilegiados. É a historia compendiada dos progressos da rasão e da phantasia, attestada em fructos de pura inspira-

ção litteraria, ou influida pela força e influxo da acção social. A par do livro de poesias que nos confia as horas talvez afflictivas da alma que esvoaça sobre abysmos de dor infinita, encontra-se a concepção mais vasta e complexa do romance que se inspira da sociedade e a retrata: junto do drama que surprehende a vida na sua lucta intima, vem agrupar-se a comedia que ri o riso da satyra, porém da satyra jovial e pulida que traz comsigo a lição, sem disparar a setta hervada da personalidade. Mais longe a investigação historica, o estudo archeologico, os modelos de eloquencia, os ensaios da critica no seu empenho infatigavel de espargir clarões de luz benefica por todas as veredas dos conhecimentos humanos, os tratados de philologia, os escriptos menos ambiciosos mas de generoso e fecundo alcance que levam aos animos infantis as primeiras noções do saber; e por entre todas estas obras, producto de muita vigilia, exito que evidenceia a efficacia e seriedade dos esforços da intelligencia, convergindo por longos rodeios e vias indirectas para o mesmo ponto, apparece-nos a novella ligeira, o folhetim de uma hora, o desafogo da censura jovial, a polemica accesa nas indignações do orgulho, o pamphleto que vendica a rasão dos ultrages da insufficiencia petulante, lampejos rapidos da mente phantasiosa, fogos passageiros do espirito irritavel, desabafos do talento repellido, que, em seus esgares de chufa e tregeitos epigrammaticos, se confundem, intermeam e entrelaçam com todas as outras composições de grave e colossal estatura, como os episodios truanescos dos quadros de Miguel Angelo, agrupando-se em engenhosas combinações com os seus personagens principaes, personificam muitas das satyras da vida na sua expressão mais condemnatoria e maligna.

E d'esta analyse momentanea, d'esta apreciação em globo resulta um trabalho facil de avaliar n'um repente, e que só muitos mezes e sérias applicações de estudo poderiam conseguir, quando se quizesse inquerir de per si cada livro que entra n'esta galeria. Além de que, n'esta exposição de todas as obras, isto é das mais notaveis, das que em si encerram os traços indicativos de uma vocação definida, ou que patenteam os fructos já maduros de uma cultura bem dirigida, é onde se póde conhecer a direcção geral dos espiritos, as suas preoccupações, ou influencias a que cedem e as leis de gosto que partilham. E da mesma sorte é de-

baixo d'este ponto de vista que esta resenha se torna proficua, pois é debaixo d'este ponto de vista que resume, no esbôço rapido das melhores producções dos nossos engenhos, um capitulo documentado dos andiantamentos da sociedade em que vivemos. A litteratura, e principalmente a litteratura dramatica, a não retratar com exactidão o movimento positivo da sociedade, retrata o estado das imaginações; e, quer n'um quer n'outro caso, manifesta sempre, mais ou menos, a expressão moral de um povo. É por isto que, espraiando a vista pelo anno de 1858, deparâmos com um quadro lisongeiro de certo para os estimulos do amor proprio, porque n'elle divisamos, já enlaçados pelos brincos da mente poetica, similhando os festões que pendem dos fustes de uma columnata corynthia, symbolo de força e esteio de construcção, tambem trabalhos solidos que podem offerecer egualmente pontos de apoio e meios de equilibrio e futuras tentativas da nossa mocidade estudiosa.

Diga-se o que se disser: o anno findo é já para nós um legado valioso, por que todos podemos haver n'elle o nosso quinhão. E é de certo no movimento que ultimamente evidenceia a litteratura dramatica que melhor se aprecia esta verdade. O drama historico, como mania de época, passou. Fallâmos do drama historico obrigado a xácara, em que a castellã, mais esmerilhadora de antigualhas que o bibliophilo Jacob, nos dava uma edição verbal dos archaismos do *Elucidario de Viterbo*, nas imprecações tremendas de um drama enluctado de scenas horripilantes. Hoje a direcção dos espiritos é outra. O talento dramatico conhece melhor as necessidades do theatro, e a virtude do seu predominio. O estudo da actualidade, como meio indirecto de estudo do coração humano, fecundou a imaginação do escriptor, e enriqueceu-lhe e fortificou-lhe as faculdades de analyse. Os *Homens sérios*, drama bem recebido no theatro de D. Maria II, apresentaram-se como um effeito d'esta elaboração de idéas. O titulo resume um thema moral dos mais difficeis de explanar no palco, conforme se produz na diversidade e multiplicidade de seus typos e accidentes da vida real. Assim considerado, a producção do sr. Biester restringe, de certo, o quadro a poucos traços, e o estudo offerece-se incompleto. Porém, o que mais prende o publico, o que mais attrahe a sympathia dos corações generosos, é aquella vista resignada de um marido hypocrita e cruel. O fim da des-

ditosa Amelia resume um lance angustioso que deixa n'alma do espectador penosas lembranças. Como a Margarida Gautier, de Dumas filho, aquelle espirito desata-se dos enganos do mundo, e vôa para espheras de perfeição infinita, como quando animou aquelle corpo, que agora jaz inerte, sempre voara tambem superior ás injustiças dos homens. A *Nobreza de alma*, affectuoso quadro do viver intimo, do mesmo auctor, é uma composição em que os sentimentos puros e generosos predispõem lances, onde o coração lucta com o caracter em nobre e magnanima lucta. Uma nuvem, ligeira nuvem de desconfiança, annuvia por instantes os purpureos horisontes do amor em que respiram aquellas almas. Leonor tem zelos de seu marido. Mas a nuvem passa; e o céu, restituido á sua antiga pureza, torna a illuminar-se de esperanças, e essas esperanças convertem-se em realidade. Luiz Bacellar, o generoso pintor, abraça sua esposa e o sympathico doutor, achando, n'uma, a esposa que faz justiça aos rasgos elevados do seu procedimento, e, no outro, o amigo dedicado que lhe grangêa uma posição valiosa para a sua carreira de artista.

Esta peça representou-se pela primeira vez no anniversario da joven rainha [1]. O publico, na expansão de seus instinctos nobres, não deixou de entrever mais de uma allusão que se fazia a um alto personagem [2], a quem todos estimam pelas qualidades eminentes do seu espirito illustrado e liberalidade de acções.

Depois d'isso veem duas comedias, ambas portuguezas de lei, ambas cunhadas pelo sêllo da tradição popular, que são as *Prophecias de Bandarra*, do auctor do *Gil Vicente*, e a *Pedra das carapuças*, do sr. Cascaes. As *Prophecias de Bandarra* são obra posthuma e incompleta, mas ainda mesmo assim basta o traço de mestre do dialogo, do sapateiro com o boticario, no primeiro acto, para assegurar os dotes de observação do grande escriptor, que nenhum, como elle, possuiu o condão de fazer fallar o povo a sua linguagem.

A *Pedra das carapuças* resume um estudo de costumes, a que communica vida uma das mais lindas e poeticas tradições populares. Não sabemos o porquê, mas como que nos sentimos levados para aquelles tempos ainda de tran-

[1] A rainha D. Estephania.
[2] El-rei o Sr. D. Fernando.

quilla e festejada recordação, em que a physionomia do velho Portugal transparecia mais limpa dos arrebiques estrangeiros em todos os typos da sua alta e baixa sociedade. Aquella morgada empertigada pelas suas altivezas de fidalguia; aquelle velho alferes de milicias do termo, e *sem termo*, como lhe chamou o padre José Agostinho de Macedo; aquelle boticario, chronica viva da terra e passatempo dos serões pela sua garrulice motejadora, todas estas figuras formam um conjuncto agradavel, em que reconhecemos feições nossas e avivâmos sympathias.

E que manancial inexhaurivel não ha ahi para os chistes e similhanças da nossa verdadeira comedia, da nossa comedia fina, trajada á portugueza! O sr. Cascaes já nos havia apresentado *Giraldo sem sabor ou a noite da Praça da Figueira*, e outros tentamens do mesmo genero, que, seguidos como exemplo, podem servir para fazer reviver a comedia nacional. Os seus serviços são incontestaveis. Ninguem, como elle, inquire estes accidentes de localidade e procede á exhumação dos segredos que a mão do tempo tem ido sepultando, extinguindo assim os vestigios de eras que não vão longe, e que comtudo o descuido ou antes a ingratidão de todos nós deixa apagar de superficie da historia e da tradição, como se um lapso de seculos e a estranheza de povos longiquos se houvessem erguido de permeio. Felizmente ha homens estudiosos e desvelados pelas cousas da sua terra, como o sr. Cascaes, que vingam a indole do seu paiz de taes ultrages dos proprios filhos; e, quando os não houvesse, lá subsiste a memoria do povo, essa historia viva que se transmitte de geração a geração, como um culto de crença erguida no intimo de todos, que continuará a protestar, fundando n'essas usanças, superstições e lendas muitas das normas da sua existencia moral.

Não nos deve esquecer, como tentativa auspiciosa em que se desata a veia comica do observador dos ridiculos da sociedade, a pequena comedia *Cezar ou João Fernandes*, que denuncia no seu auctor, o sr. Moraes, um mancebo do Porto, uma imaginativa fertil n'estes enredos faceis, cujo alvo é aproveitar um typo, ou um caracter para o fazer sobresair nas combinações chistosas de alguns dialogos bem replicados.

De um genero inteiramente diverso, a *Nobreza de Amor* attrahe a attenção da platéa, pela singeleza de uma fabula,

que póde ser de todas as épocas, porque se inspira dos principios abstractos das grandes verdades moraes. Não é um enrêdo, com as suas curiosidades e effeitos de intriga, nem uma lucta de caracteres, animando-se a idéa inicial do embate reciproco da diversidade do ver e sentir d'esses mesmos caracteres, é uma dissertação sobre o mais nobre dos sentimentos, sobre os deveres do amor desinteressado. E n'isto se explica o applauso do publico, porque estes exemplos de elevada aspiração moral, embora não os singularisem todos os prestigios do movimento dramatico, sempre encontram peitos escolhidos, onde acordem eccos e deixem recordações.

A *Caridade na Sombra* tambem é uma peça do sr. Biester. Basta-lhe o intuito evangelico, que se infere do titulo, para attrahir as sympathias de qualquer povo, como o nosso, cujo animo se inspira d'esta fecunda emanação da divindade. Mas é que o drama não vive só da sublimidade d'esta inspiração moral; outros sentimentos, não menos fervorosos e dignos, dispõem um grupo de figuras em que palpitam puros e nobres corações. O sentimento evangelico illumina o quadro unicamente como uma frecha de luz que atravessasse as trevas das pequenas ambições do mundo; e é d'este contraposto de claridade e sombra que despontam os assomos de comedia que tanto concorrem para alterar, com aprazivel variedade, a acção sentimental do drama.

Os typos pretenciosos e ridiculos da baroneza e seu marido sahem bem ao pé dos semblantes graves de Francisco de Gouvêa, de Miguel Tavares e sua esposa. E é n'este sentido que a *Caridade na Sombra* assignala um periodo novo nas lucubrações do auctor. O drama intimo, que viva só das luctas do coração, ou dos vôos da alma que se compraza de procurar no desapêgo infinito de suas aspirações as realidades do seu mundo ideal, ou produz a elegia, ou a ode, elegia e ode personificadas nas sensações de dois ou tres personagens, porém sempre esforços de um lyrismo que devora pelas angustias de um peito ulcerado, ou desvaira pelo arrojo de uma phantasia delirante. Este genero modificou-o agora o sr. Biester, vendo a sociedade melhor, e acceitando-a como ella se nos offerece nos seus contrastes, excentricidades e ridiculos. A historia da alma e da *bête*, de Xavier de Maistre, encarnada seculos antes nos dois typos immortaes de Cervantes, apresenta um modêlo e um conselho

que nenhum pensador deve despresar. Existe n'ella a fusão dos elementos do verdadeiro drama.

O anno de 1858 fechou no theatro de D. Maria com o bonito drama, *O Arrependimento salva*, e com a comedia *A fabula de leão e a pintura*. Este ultimo trabalho do sr. Antonio de Lacerda denuncia tambem, e de uma maneira victoriosa, uma modificação nas idéas e predilecções litterarias do escriptor. O auctor dos *Portuguezes na India* e a *Rainha e a aventureira*, isto é do drama desenvolvido na altura da grande exaltação de sentimentos, passou de repente para os salões doirados e espirituosos da comedia da actualidade, da comedia satyrica, mas satyrica dentro dos limites impessoaes do epigramma que se perde no vago das generalidades, mas não sem haver logrado despertar as gargalhadas da platéa. Verdade é que o sr. Lacerda já no seu drama *Fazer fortuna* nos indicava esta transição: já alguns personagens, criticas picantes de varias figuras da época, alli nos appareciam, mostrando-nos com vantagem o que o auctor poderia, se tentasse o genero. Tentou-o, e fez bem. *A Fabula de leão e a pintura* deve instigal-o a proseguir.

Quando esta comedia foi á scena, escrevemos estas poucas linhas:

«Ha comtudo a registar o apparecimento, no theatro de D. Maria, da *Fabula do leão e a pintura*, comedia em 3 actos do sr. Antonio de Lacerda, que teve bom acolhimento e que nós por mais de um motivo festejamos. A *Fabula do leão e a pintura* significa uma mudança completa no genero que até agora cultivava, com mais predilecção e insistencia, o seu auctor. O sr. Antonio de Lacerda, que deu á scena portugueza a *Rainha e a aventureira* e os *Portuguezes na India*, foi por bastante tempo entre nós o ultimo e fiel representante da escola que se inspira do jogo vehemente de paixões do theatro de Victor Hugo e das peripecias dos dramas de Alexandre Dumas, pae. Essa escola teve as suas sympathias e as suas glorias: filha de um movimento de reacção litteraria, tornou-se exagerada como todas as reacções. Apezar dos rasgos hyperbolicos a que se sentiu compellida mais de uma imaginação desvairada pelos exemplos dos grandes talentos que se apresentaram como coripheos d'este genero litterario, os seus serviços não podem deixar de se considerar notaveis. Reagiram e emanciparam-se do dogmatismo classico; e os germens de uma litteratura

nova, mais nacional, mais verdadeira, e por isso mais popular, ficaram depositados no espirito de todos, florescendo e fructificando depois em obras mais sasonadas e reproductivas.

«Porém o dominio da escola ultra-romantica passou: veiu a reflexão e a analyse; e os vôos audazes da phantasia, percorrendo os quadros mais lugubres da historia, perderam-se nos horisontes sem limites de um mundo de paixões delirantes, deixando á observação do moralista dramatico o exame da sociedade que nos rodeia, com a sua multiplicidade de episodios, incoherencias, typos e excentricidades.

«O sr. Antonio de Lacerda, talento esclarecido por estudos bem elaborados, não podia deixar de sentir em si o impulso latente, mas progressivo, mas irresistivel d'esta transformação, e da mesma fórma que se havia apresentado como partidario distincto da escola romantica, apresentar-se egualmente um escriptor apreciavel no genero que acceita a actualidade como elemento proprio e o mais fecundo para produzir os seus resultados no palco. A *Fabula do leão e a pintura*, comparada com a *Rainha e a aventureira*, ou com os *Portuguezes na India*, mostra a distancia em que o auctor se collocou, não só nos generos, porque o genero historico deve ter sempre as feições da época e dos personagens que a animem, senão na differente maneira de conceber uma producção dramatica segundo a diversidade de influencias que actuam sobre o nosso espirito, e principalmente nos effeitos d'essas influencias, manifestadas na delicadeza e chiste de uma urdidura facil, que prova quanto este escriptor se inspirou dos verdadeiros mestres da scena moderna, como Emilio Augier, Julio Sandeau e Dumas filho.

«A *Fabula de leão e a pintura* não é uma comedia de intriga, nem uma comedia de caracteres, é um jogo ligeiro e espirituoso de perfis esboçados ao correr do lapis: é uma galeria de episodios, mas encadeados com arte, e todos subordinados a uma idéa predominante. Esta idéa, que o auctor symbolisa na antiga fabula do leão e a pintura, é desmascarar as culpas dos homens e a sua pouca generosidade, retratando-se sempre triumphantes, porque são elles os pintores. Porém, n'esta comedia é a mulher que toma audaciosamente o pincel, e vendica o seu sexo, delineando o quadro, e mettendo-lhe o collorido de modo que nem sempre

fica dos mais lisongeiros para nós outros. E eis a razão porque o papel da mulher da sociedade presente apparece expresso com mais intenção, verdade e relevo, sacudindo para cima dos homens os defeitos, e por vezes os ridiculos, que a pouca imparcialidade d'elles intenta fazer suppor innatos e caracteristicos da indole feminina.

«Este pensamente, só per si, apresenta o sr. Lacerda como um campeão sympathico ao lado das phalanges amaveis; e nós, ainda mesmo vendo-o passar com armas e bagagens para o arraial do bello sexo, não podemos deixar de o applaudir, sem grande humilhação para a nossa vaidade, e dizer-lhe que tem razão.»

No Gymnasio, o movimento litterario tambem se fez sentir. O *Defensor da egreja*, drama sacro de grande espectaculo, do sr. Cesar de Lacerda, revela estudo. Mais de um lance se inspira dos *Martyres* de Chateaubriand, e Sebastião se não é o Eudoro, na elevação épica do poema do eminente escriptor francez, anima-se do mesmo fervor e puro affecto christão.

Seguem-se duas comedias, ou antes dois quadros, um notavel pela lição que do seu exemplo póde seguir-se para as classes laboriosas, outro espansivo de movimento comico, e ambos do sr. D. José de Almada. O *Casamento singular* e a *Associação na familia* mostram duas phases do seu talento para a scena. A *Associação na familia* é um ensino á classe pobre: diz-lhe que da sua perseverança no trabalho, e da associação dos seus esforços, no santo e puro gremio da familia, resulta a abundancia dos bens da fortuna. Avaliando os intuitos e alcance d'esta comedia, já haviamos escripto, entre outras reflexões, o seguinte:

«D. José de Almada é do povo pelo coração, e homem de lettras pelos dotes de espirito. O pensamento que o determina n'estes seus ensaios, animado todo de um desejo fervoroso de progresso moral, illumina-se da verdade da fé christã, tão resplandecente e vivificadora em todos os precipicios das veredas da existencia.

«N'este ponto, o auctor da *Prophecia* está bem longe dos espiritos facciosos, a quem o desejo de lisongear o povo, e não o cuidado do seu adiantamento moral, é a unica inspiração que os domina, inspiração que mal disfarçam, com os artificios do estylo, as vistas insidiosas do falso reformador ou do propagandista, que existe por detraz do roman-

cista ou do dramaturgo. D. José de Almada, pelas tendencias do seu caracter, pela eschola a que pertence e de que se tem ostentado soldado audaz e perseverante, não tem parentesco algum intimo com esses talentos agitados por um esteril pensamento democratico; pertence, pelo contrario, á raça sincera e franca, mas ardente de desejos e tenaz nas suas idéas de refórma, dos homens que, como Jeremias Goltbelf, actualmente em Allemanha, desejam derramar o balsamo da consolação em muitas feridas profundas, que roem a vida e amortecem todas as nobres aspirações nas classes inferiores. Esta raça de escriptores populares era bem que tivesse um adepto entre nós, e nenhum de certo melhor do que o auctor da *Associação na familia*, pelo amor desinteressado ao pobre povo e pensamento fecundo de o levar pelo caminho da religião e do trabalho a uma situação perduravel de felicidade, que transluz em todos os seus ensaios d'este genero.»

O *Abel e Caim* é a estrêa de um mancebo de engenho, mas cujo titulo, que resume um profundo thema moral, o comprometteu de certo. Como indemnisação para o publico do Gymnasio, apparece o *Segredo de uma familia*, drama-comedia vasado nos moldes da escola analytica, o qual estabeleceu lisongeiros creditos dramaticos ao actor Santos.

Varias producções de menos monta ha que registar ainda, como o *Café concerto*, *O juizo do mundo*, *Um dia de independencia*, *Homem das cautellas*, distracções de alguns momentos, satyras de occasião, intervallos comicos, farças galhofeiras, que são como os *saynetes* de theatro hespanhol, para desenfadar as platéas de composições mais sérias.

Porém, que não esqueça o bello remate do anno, o engraçado intervallo comico, *Os effeitos do vinho novo*, em que Taborda resume todas as faculdades do seu prodigioso talento de imitação. Os sectarios de Baccho, não do Baccho mythologico, mas do Baccho muito dos nossos dias, a quem o *oidium tuckeri* devastou os dominios, festejam o confrade com inveja e ufania, e aquelles que o não são, riem a bom rir da jocosidade do comediante.

Ha ainda differentes producções nos outros theatros, á que esta revista não póde deixar de comprehender, no seu curso rapido. *Anjo Maria* é de certo a melhor obra do sr. Cezar de Vasconcellos: é um drama de uma acção simples, mas cujo dialogo prende a attenção do espectador pela sin-

geleza de algumas situações affectuosas. No *Cerco de Badajoz*, do mesmo escriptor, apparece um episodio da guerra peninsular, disposto com arte para estimular os brios patrioticos de uma platéa popular.

Mas façam praça, e deixem passar a rainha da época, a maga de condão irresistivel, a Circe que reduz os espectadores á condição de automatos boquiabertos; deixem passar a magica, a maligna tyranna dos espiritos, o salvaterio sonhado de emprezas em apuros de finanças, a cubiçada pasmaceira da população ribatejana; deixem-na passar, que ella ahi vae precedida do genio tutelar das bagatellas, saltando-lhe em turbilhões doudejantes, na frente e atraz, os gnomos e sylphides dos seus esconjuros, que se estorcem em visualidades de effeito assombroso, procurando os geitos, os esgares, as tropelias, as transformações, as incriveis e inimaginaveis metamorphoses que só as Morganas, Amidas e Mesulinas todas do universo, tendo á sua frente o primeiro bruxo dos abysmos infernaes, poderão realisar, para ter suspensas, nas convulsões de uma permanente hylaridade, as platéas mais boçaes dos dominios da boa fé!

E a magica não invadiu só as Variedades e Rua dos Condes, scenas climatericas de bruxedos e maleficios, onde nasceu e medrou o magico de Salerno e o diabo engendrou o annel de Giges: este monstro, como a Sphinge, affiou todas as curiosidades e estendeu a sua fama a todos os povos. Novo Proteo, chamou-se *Principe Verde* na Rua dos Condes, *Reino das Fadas* nas Variedades, e até attentou contra a santidade da Biblia, indo furtar ao sabio rei Salomão o seu annel, só para obter entrada no Gymnasio!... [1]

Vejam a que ousadias a temeraria se não abalançou!

---

O romance é o genero litterario que se identifica com o theatro por mais estreitas relações, por isso o vemos apparecer com o mesmo desenvolvimento e symptomas.

Á frente dos nossos romancistas continua a figurar Camillo Castello-Branco, o talento vigoroso, o observador penetrante que reproduz do natural os accidentes da vida com a exactidão de desenho e verdade de colorido dos grandes

[1] Uma magica representada no Gymnasio com o titulo de *Annel do Salomão*.

pintores realistas. Torna-se difficil escrever d'este escriptor em poucas linhas, e ainda mais do genero de inspiração de que elle é o orgão e muitas vezes o proprio heróe. É realmente indispensavel que elle possua o sentimento da poesia cavilhado á alma, como diz Cuvillier-Fleury. fallando de Henrique Heine, para resistir ás mostras de máu gosto de uma sociedade composta de individuos abençoados por uma estupida fortuna, como aquella que o rodeia! E Camillo Castello-Branco não deixa por isso de ser o poeta, a imaginação viva e prompta, mas torna-se o satyrico. Das tendencias do seu espirito em conflicto com as contrariedades burlescas que uma sociedade multiforme e absurda lhe põe em frente, nasce a lucta de idéas que dispara os seus melhores epigrammas. Em cada quadro que sahe da sua penna ha de certo muita dor compadecida, muita resignação nobremente exaltada; mas, no auge de indignação do seu animo irritado pela ostentação dos orgulhos ineptos que a ironia do acaso improvisára, o escalpello de Rabelais acode a aguçar a penna do romancista, e o romancista acaba por trocar a penna pelo escalpello e dissecar as carnes do primeiro parvo ou egoista que se lhe apresenta. Porém, com que graça, com que rodeios tão frisantes e originaes, com que certeza e celeridade de golpe, com que gargalhada estridente e ferina elle não amarrota essas vaidades, atirando-lhes ás faces as zombarias de uma satyra implacavel!

Ás vezes a observação das chagas postulentas da corrupção personalisada, que por ahi se pavonêa de commenda ao peito e titulo de visconde na algibeira, torna-o um d'esses pintores nimiamente meticulosos, os quaes fazem consistir os prodigios do seu pincel na reproducção quasi microscopica das minucias da realidade; porém, os vôos da sua phantasia, pela força virtual que os impelle, erguem-no subito d'estes lodaçaes, e ainda mesmo tocando a terra com as suas sandalias, percebe-se que o talento lhe nascêra para se ostentar na região das brilhantes ficções.

Même quand l'oiseau marche, on sent q'il a des ailes.

Não é facil dizer o porquê, mas o seu livro *Duas horas de leitura* é um dos livros que mais fundas impressões nos deixaram. Não é um romance, são as angustias de duas ou tres almas desditosas, contadas com a memoria da saudade

que dilaceram, e a effusão de sensações excruciantes. O coração e a phantasia reinaram sós e despoticas n'estas paginas: as faculdades do philosopho e do estylista obedeceram-lhe cégamente. Que melancholica poesia não existe n'aquelles amores de Paulo e Mathilde! Aquella capellinha, que alveja ao sopé da egreja de Lessa, passa e repassa na imaginação, como o alvo phantasma de uma mulher que amassemos com extremoso affecto. E que tristeza não respira todo aquelle conto *Sete de junho*, em que o auctor narra a fatidica e mysteriosa morte de um seu amigo! Mesmo a *Recordação indelevel*, que não passa de um delirio de poeta, como os imaginava Hoffmann, encerra um inexplicavel attractivo de saudade e poesia. Ha o que quer que seja de vago, de indeciso, e phantastico em toda aquella narrativa, aliás tão singela e magoada. E diante d'aquella recordação da Maria do Adro, não é verdade esvoaçar-nos a imaginação. tentando fugir a tanta angustia, mas debalde, fascinada pelo segredo d'aquella pathetica sympathia, como a mariposa attrahida pela luz que a devora! O esqueleto da pobre rapariga como que nos apparece. Aquella caveira de alvura de jaspe, sustendo ainda os dentes que conservam o verniz do esmalte; as phalanges d'aquellas mãos que o auctor *beijava e que não tem a mais ligeira mancha; aquella symetrica inserção das costellas que faz lembrar a cupula de uma urna, onde um anjo do céu foi buscar o coração que não era da terra*, tudo isto resume a expressão singela de uma melancholia, que só o coração do poeta sabe sentir, quando geme inspirado pelo genio das tristezas infinitas.

Camillo Castello-Branco publicou tambem, no anno passado, mais dois livros: a *Vingança*, e o *Que fazem mulheres*. A primeira leitura do titulo d'esta ultima obra suscita a idéa de uma physiologia de Balzac, em qus a sagacidade analytica do auctor e as maravilhosas faculdades do seu estylo descriptivo se poderiam ostentar com vantagem para a demonstração de similhante these; mas tal impressão rapida se desvanece, vendo o assumpto reduzido ao quadro restricto de um amor contrariado, em que o sentimento filial se exalta na prova do maior heroismo de que é capaz a mulher, pela resignação, e pela resignação em todas as perigosas consequencias do pudor ultrajado da filha e da esposa em favor de uma mãe adultera.

A *Vingança* será uma ficção ou uma realidade? É me-

lhor não o saber. Deixemos antes suppor que a mente do romancista se compraz de crear d'estas monstruosidades, que enchem de opprobrio a sociedade moderna, do que as julguemos possiveis de realisação. Mas em todo o caso, que negra sorte a de Constantino de Abreu e Lima, tornado depois barão da Penha! São taes factos na existencia do homem que explicam depois a demorada agonia no pungir acerbo do remorso.

Ainda mais um livro de malaventurado desfecho, a *Vida em Lisboa*, de Julio Machado. Custa a crer como aos vinte annos, com a imaginação a florir, possuindo-se um genio que desafoga tão facilmente nos chistes de uma conversação deleitavel, se escrevam cousas tão lutuosas!

O final da *Vida em Lisboa* é quasi um final de novella allemã. O leitor, engodado pelo titulo, presume ter de assistir a uma d'essas exposições physiologicas, em que o dedo do analysta vae indicando a natureza e funcções dos elementos vitaes da existencia da capital. E effectivamente Lisboa, nos seus accidentes mais caracteristicos, e no seu viver mais universal, ahi apparece, como um quadro cheio de contrastes, onde brotam e robustecem os amores de dois jovens com quem desde logo engraçâmos. Porém, depois? Depois o leitor paga caro a sua curiosidade de mero *tourista*, porque os trances afflictivos de uma paixão infeliz começam de seguir-se, e a impressão é mais pungente, vendo a mão da morte cingir a corôa do sepulchro áquelles amores que as nossas esperanças acreditavam risonhos, mesmo através dos infortunios de uma sorte adversa.

O estylo é tudo n'este livro, não pelo que é, mas pelo que promette ainda ser. Ha uma combinação de sensibilidade e de impetos de phantasia em todas aquellas paginas, que só é natural determinal-a o condão do estylo feminino.

Observa-se, sobretudo, uma tendencia para o genero epistolar, o que mais justifica este reparo. Ha o sentir fino e delicado, e a fluencia elegante, que parece facilitar a manifestação abundante d'estes dotes. Já lá vae o tempo das novellas de mads. de Genlis e Cottin, comtudo talvez os modêlos que ellas nos legaram, nas cartas de *Amelia de Mansfiel* e dos *Serões do Castello*, impressionando o auctor na infancia, contribuissem para lhe aprimorar um genero, que não é commum á indole litteraria de nossa nação.

A *Mulher do seculo* é outro romance de um mancebo

que auspiciosamente encetára a carreira litteraria, o sr. Marques Pereira. Mas, por Deus, que é das suaves chymeras, dos sonhos fascinadores da mocidade, que esvoaçam como turbilhões de borboletas, cujas azas reflectem as cores de um matiz realçado por mil focos de luz?! Esse paraiso das imaginações juvenis seria já de todo despovoado pelo taciturno e fatidico archanjo dos desenganos?

Os sorrisos da existencia, o sôpro embalsamado da ventura, não serão agora senão trevas, apenas fendidas pela luz sanguinea dos relampagos nas tormentas da sociedade? Cremos que sim, pelo menos os seus prophetas e analystas, os homens de lettras, assim nol-o affirmam. A *Mulher do seculo* é um d'estes tristes documentos de uma alma de mancebo que sente desbotar as flores do ideal para accordar analysta do coração feminino.

Todavia, a critica tem direito a não acreditar n'estes scepticos que, ainda nos primeiros passos da vida, se assentam já á beira dos abysmos das tempestades humanas, a contemplar os seus estragos. Devia talvez dizer-lhes o verso de Victor Hugo:

Allez vous en avec vos fleurs toutes fanées,

mas não: a phantasia tem caprichos que uma alma de mancebo não sabe reprimir. E quando esses caprichos são ostentados em auspiciosas qualidades de escriptor, a critica emmudece e espera, porque os annos, a reflexão e o tempo operam o que ella não poderia conseguir.

Entrâmos agora mais desassombrados nos dominios da poesia. O seu horisonte limpido e banhado de luz deixa respirar largo e embriaga os sentidos. Os aspectos da vida real, como nol-os-ia apresentando o romance, traziam-nos nuvens luctuosas ao espirito.

O anno findo conta tres livros de poesia, todos de valor, todos desejados pela curiosidade publica. Parte dos *Canticos* do sr. Mendes Leal já o amador das lettras conhecia; mas agora, colhidos e agrupados pelo titulo emblematico de lyra, harpa e alaude, reunem, n'um conjuncto de raptos brilhantes de suaves modulações sopradas sobre a cythara antiga, e de endeixas que o genio da poesia moderna inspirára nas horas de desillusão, as tres manifestações mais distinctas do talento lyrico do illustre vate. Ha muito pri-

mor de fórma n'este livro. E n'este tempo, em que as leis a segredos do machinismo poetico são tão pouco respeitados, um livro d'estes possue a valia de uma riqueza litteraria.

O sr. Francisco Gomes de Amorim tambem reuniu n'um bello volume os seus versos derramados por tantos periodicos e publicações, a que accrescentou outros recentes, pondo a todos o titulo de *Cantos matutinos*. Esta alvorada do sentimento poetico desponta para o mimoso cantor com todas as suaves bafagens, com todos os vivos e prismatiticos reflexos de um esplendido sorriso da natureza. Gomes de Amorim é, principalmente, um poeta do coração: sente mais do que delira, n'esses delirios embora accesos pelo fogo sagrado da inspiração. Em geral, as suas poesias maritimas são as que se recommendam sobretudo pelo vigor do estylo, levantado por vezes de bellos pensamentos.

Mas porque motivo o mancebo poeta, que é nosso por uma adopção para nós lisongeira, e brazileiro por aquelle sentimento nostalgiaco que não deixa jámais de martyrisar os peitos abertos aos grandes affectos, porque motivo se não inspirou das altivas e vigorosas scenas da America, cujos aspectos e maravilhas de vegetação levam os germens da poesia a toda a imaginação viva e impressionavel? Infelizmente este reparo não cabe só ao sr. Gomes de Amorim, cabe a todos os vates brazileiros, com varias excepções.

Deixem, porém, annunciar-lhes a segunda edição de um livro, que é como novo pelas excellentes condições de que foi accrescido e pela anciedade com que era desejado.

Fallâmos das *Poesias* do sr. Soares de Passos, um dos mais incontestaveis talentos portuenses.

Soares de Passos pertence á familia de creaturas escolhidas, de espiritos de eleição, que, no meio de um materialismo invasor e das tumidas provas de uma indifferença calculada, conservam no coração e no pensamento, como refugiados n'um vaso de symbolico perfume, a pureza do sentimento religioso e o amor ás cousas da patria. É um elegante e amavel theosopho feito para amar, para crer e orar. As impressões e inspirações de Lamartine agitam-lhe o peito e accendem-lhe o estro. O gosto das meditações solitarias, os extasis do espirito ante as magestades da creação, os raptos enthusiasticos pelas tradições gloriosas da nossa historia, eis-os mysterios e os fogos que ardem e se refugiam dentro do sacrario d'aquella alma. Uma lyra, allumiada por

uma lampada de santuario, poderia ser o emblema do seu talento: o hymno exaltado pela unção religiosa.

Quizeramos aqui reproduzir algumas das suas formosas paginas ou estrophes; e que paginas ainda frementes das sacrosanctas convulsões do estro, e que estrophes segredadas nas horas em que o genio da poesia parece encerrar-se todo no peito de seus predilectos! Mas a natureza d'este trabalho pouco o permitte. É-nos apenas dado lançar um olhar de admiração ao seu livro, e saudarmos o mancebo trovador na sua passagem gloriosa. As poesias, *A Patria, Camões, O Anjo da humanidade, Anelos* e o *Firmamento* bastam para fazer uma reputação. Esta ultima é digna de figurar na collecção das *Meditações* de Lamartine. O estylo de uma belleza de fórma admiravel, eleva-se á verdadeira altura da philosophia espiritualista pelas inspirações grandiosas do poder da Omnipotencia. O leitor está a pedir-nos decerto que traslademos sequer algumas estrophes d'esta concepção notavel, e nós não podemos resistir. Alludindo ao fim predestinado da terra, Soares de Passos conclue:

Um dia, quem sabe? um dia ao peso
Dos annos e ruinas
Tu cahirás nesse volcão acceso
Que teu sol denominas;
E teus irmàos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos emfim, quaes borboletas,
Cahirão, como tu, na mesma chamma.

Então, ó sol, então nesse aureo throno,
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario e em abandono
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem; a tua morte
Alcançará teu carro chammejante:
Ella te segue, e prophetisa a sorte
N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas! Talvez os restos frios
De algum antigo mundo,
Que ainda referve em borbotões sombrios,
No teu seio profundo!
Talvez envolta pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo d'ellas todas de repente
Apagarás teu brilhante brilho.

E as sombras poisarão no vasto imperio
Que teu facho allumia:
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?

Outro sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios, onde imperas
Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! Um dia meditando
Outro céu mais perfeito,
O céu de agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito!
Então mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando de aguias n'amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo!

Então a vida, refluindo ao seio
Do foco soberano,
Parará, concertando-se no meio
D'esse infinito oceano:
E acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

Que magestade de pensamento!

Ao leitor parece-lhe assistir a toda esta scena solemne, em que os mysterios dos orbes creados absorvem as mais arrojadas reflexões do philosopho. Sente-se até como arrebatado nas azas d'essa inspiração ao mesmo tempo audaz e contemplativa, que o solta depois atonito e cortado de admiração e terror, no infinito dos espaços!

Se é possivel assignalar ao poeta as horas naturaes da inspiração e do canto, como se dá na ordem da creação com certas aves harmoniosas, dir-se-ha que Soares de Passos presente as horas bafejadas de calor divino, e canta só n'esses dias esplendidos, em que as maravilhas da natureza, mergulhadas em ondas de luz, apregoam os attributos da divindade em hymnos de harmonia universal.

---

Mezes apenas, depois de ter escripta esta *revista*, falleceu o talentoso mancebo. O seu termo já era presentido de todos, e eu havia-lh'o adivinhado até no fundo de melancholia de suas composições.

Aqui ajunto o que por essa occasião escrevi na *Chronica da Revista Contemporanea*, e que de alguma sorte completa os poucos traços com que tento esboçar tão peregrino e sympathico engenho poetico.

«A *chronica* d'esta vez tem de se encarregar da mais afflictiva e solemne das missões, que é de registar a morte de um mancebo, a quem as lettras tinham perfilhado como um dos seus mais predilectos filhos. A perda de Soares de Passos é uma perda irreparavel para todos os amantes da poesia, porque poetas da sua elevação não sobejam em Portugal, nem na Europa.

«Soares de Passos era um talento que filiava entre nós a eschola de Lamartine. Alma que um sentimento vivo do bello inflammava e consumia, póde-se dizer que todas as suas aspirações, todos os seus arrobamentos e desabafos, não eram outra coisa senão a manifestação d'esse mesmo sentimento, que, na arte e na natureza, procura as harmonias, cujos echos occultos e mysteriosos só os póde e sabe encontrar o verdadeiro genio contemplativo. Era de certo d'estas disposições especiaes que lhe provinha o excesso de sensibilidade, que se tornava ao mesmo tempo a melhor fonte de suas inspirações e a causa directa da sua morte. Como Gilbert e Millievoix, como Mozart e Bellini, organisações que se consumiram na intensidade das chammas que lhes ateiavam os mais ardentes e sympathicos impetos, Soares de Passos era um d'estes espiritos para os quaes os limites do mundo são apertados e afflictivos, e que sentindo-se impellidos por azas de fogo, e necessidade de as desprender nos horisontes sem fim das obras dispersas pela mão de Deus, devoram o espaço com o vôo de aguia. As poesias o *Firmamento*, o *Amor e a eternidade*, e o *Anjo da humanidade*, são a expressão mais completa d'este talento.

«Basta ler as estrophes seguintes, para fazer idéa de uma d'essas arrojadas concepções.

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,
O livro de infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véu mysterioso:
Desprende as azas, remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno goso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.

Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas de um carro ardente
Ao rodar através da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha de outros mundos, como a terra,
Que formam seu cortejo.
Ninguem póde contar-vos: quem pudera
Esses mundos contar a que daes vida,
Escusos para nós, qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

«E a melancholia vaga que transpiram todos os seus versos, não é como o presentimento indefinido de uma morte proxima?!

Mas se as flores dos campos voltarem,
Sem que eu volte com as flores da vida,

disse o poeta na sentida endeixa a *Partida*, maguado o fatidico *adeus* que o coração proferiu talvez, como o proferira Millevoix na sua *Queda das folhas*, antes que as sombras da morte lhes cercassem de todo os dias da existencia.

«Soares de Passos deixou-nos um livro de bellos versos, mas o seu estro mal havia encetado o grande gyro que poderia percorrer. Alma que apenas transpunha os limiares da existencia, e que ahi se demorava a pensar nos segredos insondaveis da humanidade, e a admirar as grandezas esplendidas do universo, voou para a sua verdadeira patria, porque todas as suas poesias são verdadeiramente uma prova d'essa nostalgia com que certos espiritos privilegiados nos revelam a sua origem e a necessidade de volverem a ella. Na terra apparecem-nos apenas como peregrinos, e a mão da Providencia é-lhes propicia, terminando-lhes cedo essa romagem, que para elles é de queixumes e agonia.»

---

Falta-nos fallar dos livros que representam um valor real para muitas das necessidades positivas da sociedade, dos livros de indagação historica, de largos e fecundos intuitos moraes, de vantagem para o ensino, dos livros, emfim, que nos trabalhos do pensamento dispõem os materiaes e firmam os fundamentos do vasto edificio intellectual. Neste

sentido, a Academia Real das Sciencias publicou no anno findo duas boas obras que interessam á nossa historia, que são o *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, e as *Lendas da India por Gaspar Corrêa*. Este ultimo trabalho, incumbido ao reconhecido zelo e escrupulos do esclarecido collector, o sr. Rodrigo Felner, contém a historia da Asia. É um subsidio indispensavel para a nossa historia geral e prestado pelo testemunho e solicitude de um escriptor contemporaneo, como é Gaspar Corrêa, que antes de Fernão Lopes Castanheda, começára a lançar os alicerces da historia da India. O *Quadro elementar*, um laborioso repositorio de documentos diplomaticos e politicos, levado até ao XV volume pelo defuncto visconde de Santarém, prosegue-o agora o sr. Rebello da Silva com a paciencia e esforço de analyse que demandam estas obras. Mas a introducção, que o distincto academico põe na frente do volume, é um trabalho summamente importante para a publicação. A invasão dos Philippes, inquerida e examinada nas suas causas remotas e complexas, abre caminho ao profundo analysta para uma bella dissertação historica, em que os reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III, apparecem vistos á luz de uma critica segura, em todos os seus manejos de intriga palaciana, descriminando-se do seio d'estas trevas de enredos surdos e machinações traiçoeiras os vultos principaes que na fidalguia e no clero concorreram para a decadencia e entrega de Portugal. Prova um grande conhecimento dos successos da época este prefacio, escripto com a lucidez e facilidade de exposição do verdadeiro estylo historico. E que grande virtude de sobriedade para a penna habituada a voar, caindo-lhe dos bicos os primores e matizes do idioma, restringir-se ás linhas severas d'este estylo, que participa do antigo pela sua simplicidade elegante e nobreza de periodo!

A este grupo de trabalhos de indagação e analyse vem juntar-se naturalmente o *Genio da Lingua Portugueza*, do sr. Francisco Evaristo Leoni, vasto trabalho em que o auctor accumulou os materiaes colhidos em longos annos de estudo e de trato intimo e reflectido com os melhores escriptores nacionaes e estrangeiros. É uma obra indispensavel a todo o homem de lettras. Se o primeiro livro de uma nação é o diccionario da sua lingua, como disse Volney, este é o segundo, porque ensina a lingua, inquerindo-lhe

as rasões philosophicas e tornando vulgares os seus mais occultos mysterios. O *Diccionario Bibliographico Portuguez*, do sr. Innocencio Francisco da Silva, apresenta-se tambem como um d'estes livros uteis, onde o erudito encontra, collegidos e catalogados, os resultados de fundas e laboriosas escavações. A obra do sr. Figaniére, a *Bibliographia Historica Portugueza*, restringindo-se aos escriptores historicos, e a *Bibliotheca* de Barbosa Machado, parando n'uma época affastada, deram margem a que o sr. Innocencio prehenchesse agora com vantagem essa lacuna, aliás tão prejudicial para quem tivesse de consultar ou lançar alguns dos traços biographicos dos nossos escriptores dos ultimos tempos. O *Tratado de Metrificação*, do sr. Castilho, livro onde as seducções do estylo fluente, elegante e puro do poeta casam com as atiladas reflexões do philosopho, completa este quadro de lucubrações de utilidade real para os elementos do ensino desenvolvidos nas regiões da alta litteratura.

N'esta digressão pelos dominios escabrosos da philologia toma um logar distincto a ultima obra do sr. Silvestre Ribeiro, *O Dante e a Divina Comedia*. A litteratura italiana, com pena o dizemos, nunca foi muito cultivada em Portugal. O grande poeta toscano, o pae da poesia moderna, não tinha nem um expositor, nem um comentador entre nós. Dante abrange o seu seculo: a sua monumental trilogia abraça uma epopéa universal. A historia, a poesia e a sciencia do seu tempo, resume-as este poema admiravel. Porém, o que mais assombra n'esta producção excepcional é a perfeição da linguagem que, como muitas das prophecias politicas d'aquelle genio que transcende os seculos futuros por uma virtude de previsão que realisa o *mens divinior* dos antigos, adivinha tambem ella todas as fórmas e alcança os primores de estylo, que o idioma italiano, ainda depois de volvidas muitas eras, procura n'aquelle sublime repositorio como manancial copioso em que se retempera, avigora e fecunda. Mas a difficuldade, como diz Villemain, é interpretar e reproduzir em linguagem estranha tal perfeição, tão vivamente apreciada pelos nacionaes. Este trabalho tem sido uma das grandes fadigas dos glossadores e traductores. Para dar idéa clara d'esta vasta encyclopedia philosophica, historica e theologica, lembrou a admiração geral na Italia o criarem-se cadeiras em muitas cidades, onde

fosse explicada. Boccacio foi um dos philologos que occuparam a cadeira de Florença, instituida para este fim. Depois, desde Piombino até ao padre Lombardi, e desde o abbade Le-Bassu até Rivasol e Artaud, os comentos, as notas illustrativas, as paraphrases, as dissertações multiplicaram-se a ponto que constituem hoje um ramo litterario facil de encher qualquer bibliotheca. E comtudo, no seio d'esta abundancia, d'esta superfluidade, digamol-o assim, porque muitos dos expositores e interpretes não fazem senão repetir-se e obscurecerem mais o texto; no meio d'esta babel escolastica e theologica, historica e critica, nós nada tinhamos senão a noticia vaga do auctor, fortificada por um ou outro estudo isolado devido á curiosidade de alguns raros eruditos.

O trabalho do sr. José Silvestre veiu por tanto preencher esta lacuna. O seu livro de *Dante e a Divina Comedia* é mais uma obra didactica, dentro dos limites da philologia, do que uma d'essas enredadas e metaphysicas dissertações, que antes confundem que elucidam o homem de lettras na indagação do pensamento e nexo da obra colossal do poeta toscano. Mas é por isso mesmo que o seu merito sobe de preço. Só o que desejamos é que o 2.º volume siga de perto o primeiro, e que este trabalho se complete, porque importa um auxiliar valioso para aquelles que conhecem o parentesco intimo que a nossa poesia tem com os queixumes que o amor e a saudade arrancaram ao talento apaixonado de Petrarca, e que Tasso modelou na lyra.

Mas é impossivel fechar aqui sem indicar, com certo alvoroço misturado de contentamento, duas obras que estão em via de publicação, e ha muito reclamados por grandes necessidades: referimo-nos ao *Sermonario* do sr. padre Malhão, e ao *Orador Sagrado*, collecção de bellos discursos que a modestia de um talento educado nos primores e inspiração das lettras sacras deixa correr anonyma. Talvez nos fosse possivel, e até licito, levantar uma ponta do véu d'este anonymo, e o nosso acto seria para muitos credor de elogios, porque a critica, n'estas indiscrições innocentes, não faria mais do que apontar um nome já bemquisto e quasi que presentido pelas sympathias de todos. Mas não; respeitemos este melindre de um sentimento delicado, de que só póde ser juiz a propria consciencia.

No *Orador Sagrado* tornam-se notaveis os discursos do *Juizo Final*, da *Fundação da Egreja*, do *Evangelho aos*

*Pobres*, e *Sobre o Escandalo*. A eloquencia do pulpito, como arma de persuasão para o catechista, e complexo de preceitos para a arte da palavra apostolica, tinha fechado o seu curso sobre o grandioso monumento erguido por Vieira. Um ou outro sermão disperso, accusando mais a decadencia dos estudos ecclesiasticos, que os fulgores da luz viva do talento inspirado pelos dogmas do catholicismo, não nos aproximavam de sorte alguma d'esses triumphos do pulpito que, depois de Bossuet, Massillon e Flechier, continuaram com gloria para a egreja Lacordaire e o padre Ventura. O *Orador Sagrado* tem a importancia de um esforço com esse fim. Os mysterios da fé e as regras da moral evangelica, animando ou dirigindo o desenvolvimento de algumas das theses mais elevadas do christianismo, estendem o seu esplendor a varias d'estas orações, em que ha o vigor, mas ao mesmo tempo a doçura de uma crença fervorosa. A penna que os traça eleva-se pelos vôos de uma natureza ardente e pela força do enthusiasmo christão. Sem serem puramente theologicos, o que restringiria o seu influxo a um auditorio mui limitado, a fórma dialectica é quasi sempre a seguida, e decerto a melhor para um seculo em que é necessario fallar á rasão para realisar as conquistas do espirito. O *Orador Sagrado*, a considerar o atraso da eloquencia do pulpito, e as poucas luzes do nosso clero, apresenta-se decerto como um bom serviço feito á egreja lusitana, e talvez aos bons e lucidos instinctos do povo portuguez.

Mais duas palavras e concluiremos este trabalho, que já vae longo, e que todavia não faz senão indicar ou saudar de longe, e ao correr da penna, as manifestações mais evidentes do estudo e do talento, no decorrer de um anno. E sejam essas poucas palavras, que ha ainda a proferir, uma referencia honrosa a um ramo de applicação, que tão deslembrado das contemplações da critica, tão desauxiliado do um nobre e efficaz concurso de forças vae comtudo progredindo. Alludimos á pintura e á esculptura, entregues hoje aos esforços e inspirações de alguns mancebos talentosos, que estão, pouco a pouco e a braços com serias difficuldades, edificando um periodo de bom nome para as artes em Portugal. O magnifico episodio do sr. Metrass, a *Leitura dos Lusiadas*[1] é já uma composição vasta, bem

[1] Comprado por sua magestade o sr. D. Fernando, para a sua galeria.

concebida e delineada, em que ha a louvar a belleza das linhas, o estudo dos grupos e o effeito geral da sensação de assombro, que a leitura do nosso primeiro poemo epico produz na physionomia dos cortesãos de D. Sebastião. O assumpto é grandioso e sympathico: tem effeito dramatico e revela estudo de época; e tudo realçado pela entoação geral do quadro, em que o artista ostenta a facilidade de toque e certa suavidade de colorido. Ha uma tal amenidade, um sopro de frescura agreste, uma harmonia serena em toda aquella paisagem de Penha Verde, que o espectador, arrebatado pelo mesmo sentimento do poeta, tem vontade de exclamar.

> Oh! Cintra! oh! saudossimo retiro,
> Onde se esquecem maguas!!..........
> ......................................
> Quem descançado á fresca sombra tua
> Sonhou senão venturas?!...........

O pincel incansavel, e sempre brilhante do sr. Rodrigues, continua a provar-nos que se póde ser retratista apreciavel e egualmente um pintor distincto. A ostentação da nobliarchia da nobreza antiga havia tornado o retrato um ramo de pintura aprimorado, e até certo ponto apparatoso. As galerias de familia dos castellos feudaes, e os salões consagrados á recordação dos vultos venerandos dos avoengos, obrigaram a aristocracia britannica a chamar mestres celebres, como Holbein e Van Dyck. Em Portugal esta manifestação orgulhosa da fidalguia, segundo uns, ou preito pago á memoria dos antepassados, segundo outros, nunca passou de excepção. Galerias de familia completas, só as conhecemos no alto Minho e Traz-os-Montes. N'um ou n'outro solar derruido figuram os retratos gothicos d'este ou d'aquelle fundador de um ramo nobre, e d'alguns seus descendentes, mas isto alternado, incompleto, sem nenhumas das ostentações senhoris da vaidade e escrupulo da nobiliarchia, que tanto pompeam ainda hoje nos velhos castellos erguidos nas montanhas da Escossia e nas margens sombrias do Rheno. E sobretudo, esses pintores elegantes, como Thomaz Lawrence e hoje Macnee e Grant, que souberam juntar ás tradições da escola flamenga as graças e mimos da fantasia moderna, nunca os houve entre nós. Hoje o sr. Rodrigues representa este genero, genero que allia á similhança perfeita as ostentações e elegancias da moda.

Presentemente raro é o salão da capital que não apresente alguns dos seus trabalhos, que sobem de valor de dia para dia. Similhança que illude, graça caracteristica na attitude, frescura e mimo na carnação, velludos e setins que brilham, rendas que voam, joias e ornatos que scintillam, e isto tudo banhado na luz de uma atmosphera cambiante e frouxa, como a claridade crepuscular, com o fim de fazer sobresair o assumpto principal do quadro, eis os segredos e primores da sua palheta. Os retratos do fallecido patriarcha, o cardeal Guilherme, e o do arcebispo de Braga, o sr. Azevedo e Moura, reunem todas estas bellezas e qualidades.

O do sr. Gonçalves, joven cirurgião arrancado á vida e á estima dos seus amigos (que eram todos que o conheciam), pelos seus excessos de zelo durante a fatal epidemia que ainda ha pouco assolou Lisboa, é tambem um trabalho primoroso, e que por ser feito apenas de reminiscencia sobreleva o merito do artista, dolorosamente avivado pela saudade do amigo.

Um véu de lucto veiu encher de tristeza os lentes da Academia das Bellas-Artes, com a morte prematura de um dos seus discipulos mais distinctos. Referimo-nos ao sr. Antonio José Patricio, pintor de genero, que ainda ha pouco chamava a attenção dos entendedores com a exposição de alguns quadros, onde se notavam, com elogio, os dotes do observador fino e chistoso de costumes populares, que mais tarde o collocariam, com vantagem, na carreira illustrada por Hogarth e Welkie. Mas parece que por um presentimento doloroso do seu fim proximo, o seu talento desabafara n'um instinctivo adeus ao mundo, produzindo o seu ultimo quadro, *A despedida á beira do mar!* Foi esta composição já a previsão da alma que procura, em scenas analogas, a manifestação de um sentimento lento que a consome. A *Tempestade*, concepção influida talvez pela mesma ordem de idéas, completa a explicação do estado d'aquelle espirito, que via nas desordens da natureza a imagem das afflicções que se lhe debatiam no interior.

Estes quadros, derradeira manifestação do seu talento apreciavel, foram comprados pelo sr. D. Fernando. O artista já não o soube: quando a compra se ultimava tinha o sr. Patricio deixado de existir para os seus amigos e para as artes!

Lance a magoa e a saudade uma coroa de perpetuas sobre esta campa de um engenho tão malaventurado!

Os trabalhos do sr. Annunciação não são menos dignos de elogio. A *Ida para o trabalho* [1], e tres quadros de criação [2], formam a sua collecção mais notavel, no anno findo. E que naturalidade, que matiz e viveza de pincel em todos aquelles episodios de aves! A estes devemos reunir o *Cão de gado* [3], esforço felicissimo de imitação do natural, e uma *Vista de Sacavem* [4], risonha paizagem de uma tinta suave e luminosa, em que o pintor ostenta os esplendores da sua imaginação e o estudo do natural, na vivacidade e harmonia de uma palheta rica de realces. Os quadros de *interior* do sr. Christino, a *Estalagem* [5], em que os effeitos de uma grande força de luz dão relevo a toda á combinação de perspectiva, e a *Fonte das lagrimas* [6], poetica fonte que os amores de um principe, e os cantos de um bardo tornaram immortal, constituem, em pintura, as producções mais notaveis do anno de 1858.

O sr. Victor Bastos prosegue na sua carreira de progressos. A sua estatua, em dimensões colossaes, do general conde das Antas [7], é um assombro para os intelligentes nos segredos da arte, a considerarem o pouco tempo que o artista tem de trato intimo com o cinzel. Ostenta a severidade e a elegancia de linhas dos bons modelos, e o garbo e impavidez marciaes do guerreiro distincto a quem perpetuou o nome. Aquella capa descaída sobre os hombros, com a magestade que não exclue a singeleza, dá-lhe a grandeza e simplicidade de uma estatua antiga. Mas a obra preciosa do sr. Bastos é o busto do fallecido conselheiro Fonseca Magalhães, um esforço de similhante e um primor de cinzel [8].

Porém, este nome illustre leva-nos ao necrologio. Esta revista acaba como acabam todas as cousas do mundo, com a morte. E que morte! A morte de um estadista celebrado, e de um orador, cujos rasgos de ironia fina, todos moldados pela grandeza da tribuna antiga, ainda revoam nas duas

[1] Tambem pertence ao sr. D. Fernando.
[2] Egualmente de Sua Magestade.
[3] Encommendado pelo sr. Estevão Palha.
[4] Comprado pelo habil facultativo o sr. Alves Branco.
[5] Pertence ao rei artista.
[6] Do mesmo senhor.
[7] Mandada fazer por uma commissão de amigos do finado para ser inaugurada no cemiterio dos Prazeres.
[8] Mandado fazer por seu filho, o sr. Luiz do Rego.

salas do parlamento! A vida dos homens notaveis é sempre annuviada de tempestades que a inveja e a calumnia, de mãos dadas, sopram sobre os seus dias de maior gloria. E só quando a mão da morte arrebata estes vultos gigantes das scenas actuaes da politica, e se lhes abrem as portas da posteridade, é que a rasão publica, desassombrada do peso das ruins paixões, os avalia com justiça e lavra o seu panegyrico com verdade.

Triste condição do peito humano, que só em cima da lousa do sepulchro confessa as virtudes d'aquelles que ella nos encerra para sempre! É no epitaphio que começa a biographia sincera dos grandes homens. Com o conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães aconteceu assim. Em sua vida os odios pequenos e as malquerenças de partido ergueram muitas vezes armas traiçoeiras, que foram até ferir o ministro no mais intimo e sagrado de seus affectos de familia; mas depois que aquella grande luz se apagou, essas mesmas armas se viraram em funeral, e em roda da lapida, ainda descerrada, não mais se ouviram senão vozes de elogio.

Fevereiro — 1859.

## REVISTA LITTERARIA E DRAMATICA DO ANNO DE 1863

O anno de 1862 terminou, deixando transluzir mais auspiciosas promessas para as nossas lettras, que o de 1863. A poesia, o romance e o theatro, estas tres fórmas que traduzem mais caracteristicamente a manifestação espontanea do vigor e efflorescencia litteraria de uma época, todos tiveram, durante aquelle periodo, os seus apostolos, as suas provas e os seus triumphos. A mesma parodia, esse genero de satyra que precisa das grandes concepções para realisar a maxima de Napoleão: *du sublime au redicule il n'y a qu'un pas*, maxima que resume a sua indole e determina os seus melhores effeitos de contraposição, até a parodia proporcionou mais uma especie de notoriedade ao livro de um mancebo, que tantas havia já obtido pelas controversias e panegyricos que o seguiram por toda a parte [1]. Parece que o impulso dado á nossa litteratura, em tempos de mais fervorosa e viva fé poetica, se tinha renovado nas obras, nos desejos e nas proprias aspirações. Como que se annunciou uma primavera litteraria com aquelle anno, que brotou flores como o poema de Thomaz Ribeiro, como os *Versos* de Bulhão Pato, como as *Cordas fluctuantes* de Pinto Ribeiro, e prosas como a *Chave do enygma* de *Amor e melancholia*.

E estas balsamicas emanações, a que os ares rescendiam de tão germinadora seiva litteraria, ainda no fechar do anno de 1862, houve esperanças de levarem seus effluvios aos limites do anno 1863.

[1] O poema *D. Jayme*, do sr. Thomaz Ribeiro, e a chistosa parodia feita ao mesmo poema por Manuel Roussado, hoje barão de Roussado.

Os olfactos estavam lisonjeados por tão agradaveis aromas: tudo induzia a crer, que essa quadra de mimos da phantasia assimilaria novas forças, que as communicaria á futura estação, e que desabrochariam em novos rebentos poeticos, em concepções ainda mais bafejadas pelo halito de fogo do genio das artes e das lettras.

E todavia não foi assim. Nem mesmo aquelle impulso dado, que a estatica chama força adquirida, a qual faz correr a machina quando a força motora já cessou, nem esse mesmo imprimiu notavel movimento nas imaginações e nos espiritos. Póde-se dizer, que o anno de 1863 foi um anno esteril. O talento produziu, mas a inspiração, frouxa e, ao que parece, exhausta, não creou nenhum d'aquelles seus frutos que se perpetuam sempre maduros e appetitosos, como o fructo da arvore das tentações do paraiso!

Mas não nos desconsolemos, que o mal não foi só nosso; a esterilidade tornou-se geral. Relanceando os olhos pelo *Anno litterario* de Vaperau e pela *Historia litteraria e dramatica* de Julio Janin, achamos que a França apresenta a mesma escassez de obras que attestem o vigor de dotes intellectuaes de uma época. As proprias revistas litterarias de Berlin, Dusseldorf e Vienna denunciam egual pobreza. Da litteratura ingleza não tratémos, porque essa, como as plantas exoticas, não viceja senão debaixo de certas condições climatericas, e jámais se reproduz além das variedades já conhecidas e classificadas.

Comtudo, lancemos as vistas por esse anno que nós promettia de certo mais, porém que ainda assim não nos deve envergonhar, se tivermos de concorrer ao mercado commum das outras nações, porque outras houve, e ha, que menos produziram e peior, n'esta vasta e sublime elaboração dos espiritos.

Comecemos pelos livros uteis, pelos livros consultivos, por aquelles que são os grandes marmores que os obreiros intellectuaes aproveitam na parte mais solida da construcção de seus edificios. N'este numero entram naturalmente o *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, as *Lendas da India*, colligidas pelo sr. Felner, e as *Obras de Camões*, ultimamente colleccionadas pelo sr. visconde de Juromenha. Os porfiados e tão mal retribuidos esforços do sr. Innocencio já conseguiram publicar o 7.° tomo do seu trabalho, trabalho colossal que, em substancia

e indirectamente apparelha os materiaes para a nossa historia geral de litteratura. O sr. Felner completou, no tomo III da 2.ª parte, que abrange dezesete annos, que são aquelles em que decorreram os feitos de Pero de Mascarenhas, Lopo Vaz de Sampayo e Nuno da Cunha, um dos grandes e sempre gloriosos capitulos da historia das nossas conquistas. Quanto ao sr. visconde de Juromenha, esse deu á estampa o 3.º e 4.º volumes, o que foi de certo um bom presente feito ás letras patrias, e principalmente áquelles que veem nas estrophes do grande epico lusitano um culto de gloria nacional.

Não esqueça o livro do sr. Chaby n'esta collecção de obras, que o philologo ou o historiographo colloca cuidadosamente na sua estante, não perdendo o momento de as consultar. *Os Excerptos historicos* formam um consciencioso trabalho de investigação historica a topographica. A narrativa circumstanciada da guerra peninsular encontra agora um valioso auxiliar n'esta publicação do sr. Chaby, que foi collegida e estudada em archivos e sobre os proprios locaes dos variados episodios d'esta peleja notavel. E não só se referem estes estudos á guerra da Peninsula, senão á campanha que a precedeu no Roussillon e na Catalunha, o que realisa um valioso resultado de investigações historicas que foram resuscitar muitas das nossas glorias militares n'esta memoravel guerra, obscurecidas pela ignorancia, pelo tempo ou acintemente pela malicia dos invejosos dos nossos feitos e brios nacionaes.

E que árdua se não tornou semelhante tarefa para o distincto official a quem o governo deu uma tal commissão! Felizmente encontrou no reino visinho, cujas glorias, n'este ponto, são communs, verdadeira sollicitude; e tudo que o poderia esclarecer, lhe foi ministrado e indicado. Mas as differentes transformações porque as exigencias da civilisação moderna fizeram passar, durante mais de meio seculo, os diversos sitios onde se deram tantas batalhas e recontros, reduziu o trabalho do sr. Chaby quasi a um trabalho de mui difficil inducção. Quantos campos, outr'ora montanhosos, estão hoje nivelados ou cortados pelo balasto de ferros carris! Quantas florestas, que abrigaram uma retirada, ou mascararam uma embuscada, cahiram debaixo do machado moderno! As alterações são por força grandissimas, e só a tradição, que tambem é uma parte da historia,

e viria soccorrer n'estes apuros, em que a hesitação o tornaria perplexo diante das contradições e mudanças topographicas que notasse, confrontando o que via actualmente com os boletins d'aquellas épocas.

Mais uma obra em que a politica se funde com a litteratura. A bella *Memoria* escripta pelo sr. Rebello da Silva ácerca da vida politica e litteraria de D. Francisco Martinez de la Rosa é d'esta indole, e resume o quadro de duas grandes revoluções e de duas fecundas iniciações. É, como o duque de Ribas, Alcalá Galiano e Pastor Dias, em Hespanha, e Almeida Garrett e Alexandre Herculano, em Portugal, um dos fundadores do systema liberal, e ao mesmo tempo um dos inauguradores do moderno movimento litterario, que a penna de Rebello da Silva escolheu para este estudo, que lhe devia abrir as portas da Academia Hespanhola. Vasto conhecimento da historia politica e litteraria do reino visinho, rara sagacidade de apreciação, mão firme em todos os perfis que o quadro encerra, estylo abundante e harmonioso, eis em resumo o merito absoluto d'este escripto, que póde, sem favor, ser inculcado como modêlo no genero. Depois de o ler, torna-se superfluo recorrer aos trabalhos da mesma especie de D. Eugenio Echoa, Fernandez y Gonzalez e Gary de Monclave, porque a analyse do sr. Rebello compendia o merito de todos.

Ainda d'este auctor mais dois escriptos, o *Elogio historico de D. Pedro V*, e *Lagrimas e thesouros*, romance suscitado pela leitura da correspondencia do viajante inglez William Beckfort. O *Elogio* foi lido, em sessão solemne, na Academia Real das Sciencias, e escusado é acrescentar, para quem conhece os dotes de estylo do insigne escriptor e a lembrança viva que deixou de suas virtudes o desditoso principe, a impressão que causou a sua leitura. Logo ali, como remuneração condigna, o Senhor D. Luiz agraciou o illustrado academico que acabava de perpetuar por mais uma fórma os dotes preclaros de que seu augusto irmão soubera sobredourar a corôa portugueza.

*Lagrimas e thesouros* é um romance que só pertence ao anno de 1863 pela data do livro: foi primeiro estampado, em folhetins, no *Commercio do Porto*. Pobre anno, que só viveste, no teu melhor, d'estes innocentes latrocinios bibliographicos!

O entrecho d'este romance é singelissimo; e, se não fos-

sem os successos historicos a que se entrelaça, difficil seria leval-o além de um capitulo. Mas o auctor collocou-o no seio de uma epoca que estabelece uma das transições mais notaveis da nossa historia. É no começo do reinado de D. Maria I; e o grande ministro de seu pae acaba de expirar no desterro. A influencia da poderosa acção governativa do Richelieu portuguez ainda tem mão em todas as rédeas do Estado, com a força de um grande impulso a que uma sociedade inteira obedeceu; e as machinações subterraneas das familias dos fidalgos suppliciados e dos membros dispersos da Companhia de Jesus atrevem-se já a saltear em secreto o animo supersticioso e timido da rainha, que, por isso mesmo que é supersticiosa e timida, obedece á rudeza de seu confessor, o arcebispo de Thessalonica, unica razão clara que na relutancia d'estes conflictos a illumina. O bosquejo d'esta lucta, em que sobresahem alguns retratos da epoca tocados com mão de mestre, esplana-o Rebello da Silva com a habilidade que já lhe applaudimos na *Mocidade de D. João V*. O livro prima, entre tudo, pela fluencia, e, por vezes, belleza narrativa. Talvez algum critico amante da concisão e sobriedade de estylo o encontre superabundante em efflorescencias de locução. Mas este defeito quasi desapparece n'uma peça assás notavel do mesmo escripto, que é a carta que William Beckfort escreve ao seu amigo Harri, a qual prova quanto seria facil á indole litteraria do auctor criar modelos no genero epistolar.

As *Chronicas do seculo XVII*, do sr. Mendes Leal, publicadas em livro, no anno findo, tambem pertencem áquelle anno tão sómente pela nova data bibliographica. Todos nós as lemos em folhetins em diversas folhas periodicas: colligil-as e publical-as em livro, era de certo o desejo de todos que apreciam d'estes estudos historicos, embora fabulados pela imaginação do romancista. O *Forte de S. Jorge* é um lindo romance: mimoso de descripções, apaixonado de lances, florido na linguagem. Talvez lhe notem nimio cuidado de retoque, o que se explica, e até certo ponto com desculpa, pelo excessivo zelo do escriptor que reviu e remodelou differentes vezes a sua obra.

Temos ainda as *Viagens na terra alheia*, do sr. Teixeira de Vasconcellos, as *Scenas da vida academica*, do sr. Caminha Bellem, em que o auctor nos entrelaça n'um entrecho facil os episodios da vida universitaria em Coimbra; e *His-*

*torias para gente moça*, de Julio Machado, collecção de pequenos contos, uns originaes, outros imitados. Pena é que talento tão facil e aprasivel se esperdice em trabalhos d'estes, porque, sem sair do anecdotico e engraçado circulo da sua individualidade, encontraria o embrião de agradaveis e variadissimos romances. Nos *Contos sem arte*, de D. José de Almada, tem elle o estimulo, e tambem o modêlo d'este genero, em que o auctor, relanceando olhos pelo seu passado de mancebo, se reproduz e comenta a si proprio, proporcionando-nos deleitaveis leituras.

Temos depois *Sombras e Luz*, novella traçada pelo sr. Bernardino Pinheiro na tella historica do reinado de D. Manuel. Chamei-lhe novella, e mais lhe cabe a qualificação de romance-poema, porque o auctor, para fugir a singeleza de fórma do seu primeiro romance, a *Arzilla*, elevou este a proporções, que de certo o *Eurico* lhe inspirára. Não me parece ter feito bem. Se Fenelon nos deixou no *Telemaco* um exemplo immorredouro do poema em prosa, e se o sr. Alexandre Herculano, pela ascensão virtual do seu talento que tende naturalmente a abraçar-se com as estaturas gigantes da edade heroica da nossa historia, gravou paginas com essas dimensões grandiosas, admiremos-lhes o rapto, mas não tentemos o esforço, porque o romance, como a tragedia, a comedia e o proprio drama, tem a sua fórma peculiar, fórma a mais completa de todas, porque se construe de todos os elementos da composição litteraria e abrange todas as variedades do estylo. A *Notre-dame* apresenta um luminoso exemplo d'isto, porque, desde os transes em que a paixão desabafa em explosões tragicas, até ás scenas grutescas da mais infima plebe, cada individuo e cada lance encontram sua voz e physionomia particular. E o romance é isto, porque o romance é a vida em todas as suas multiplices e incoherentes contraposições. E tanto assim, que o duque de Ribas, quando quiz resuscitar os quadros do viver de uma época, apesar de escrever um poema, e em formosos versos, teve de modelar o metro pela indole d'esses mesmos quadros que erguia do passado. Esta variedade constitue a natureza e tambem a riqueza das leis do romance. É por isto que nas *Sombras e luz* se não póde deixar de notar uma certa monotonia, proveniente da falta de alguns elementos constitutivos e essencialissimos na fórma prescripta ao romance. Os elementos narrativo e descriptivo por

acaso apparecem n'este livro. Um lyrismo insistente enche, sim de flores, mas de flores exuberantes, as paginas de todos os capitulos, onde o leitor desejaria talvez antes encontrar os personagens a desenharem fortemente a sua individualidade, que é o verdadeiro interesse da novella, do que assistir ás divagações poeticas do auctor. O que ellas provam sobretudo, é que o talento do sr. Bernardino Pinheiro, pelos incitos phantasiosos que o inflammam, pelas clausulas sonoras e medidas que procura, acharia facil e natural transubstanciação na fórma metrica. O mesmo dialogo, quasi sempre pomposo e raras vezes dobrando-se ás particularidades da condição dos interlocutores, prova isto. E é por esta mesma razão que estes personagens são mais uma creação da phantasia que o fructo da observação. Não foi o estudo do analysta que os reconstruiu dos elementos dispersos da historia e da tradição, foi a imaginação do poeta que os contornou e coloriu. Falta-lhes de algum modo a realidade, a parte verdadeira e humana que torna estas creações perduraveis, porque só da verdade ellas podem viver. São a estas condições positivas que Walter Scott deve a celebridade de muitas figuras de seus romances. O mesmo Shakspeare, remontando-se nos mais altos vôos do pathetico, atava sempre esses vôos a ligações tão peculiares e caracteristicas dos personagens, que os seus dramas não só nos preoccupam a imaginação, mas deixam-nos muito que pensar.

Basta a natureza d'estas observações para se ver, que, em todo o caso, o ultimo livro do sr. Bernardino Pinheiro possue subido merito litterario. E é realmente como um esmerado esforço litterario que o devemos considerar. A parte historica suggere apenas alli o pretexto para aquelle sobresahir. E, se o avaliarmos em referencia ao seu primeiro romance, a *Arzilla*, redobra de valia, porque entre um romance e o outro ha grande progresso no moço escriptor. O seu talento adquiriu inquestionavelmente mais individualidade, e o estylo mais variedade e primor de fórma, grande resultado, e, sobretudo, obtido em tão breve tempo.

Para a fecundidade de Camillo Castello-Branco é que se torna escusado fallar em annos estereis: a sua penna produz sempre, e produz com agrado dos leitores que o admiram. *Annos de prosa*, *Estrellas propicias*, *Scenas innocentes da comedia humana*, *Memorias de Guilherme do Ama-*

*ral*, *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*, *O bem e o mal*, tudo isto são volumes sahidos a publico no espaço de um anno.

Verdade é, que em alguns d'elles não fez o auctor senão colligir escriptos de outras épocas e retocal-os e crismal-os depois com o nome collectivo que lhes serviu de rótulo n'esta recente edição; mas *Guilherme do Amaral* e as *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado* são obra do anno de 63. N'aquelle percebe-se que Camillo Castello-Branco quiz adoptar uma fórma de enrêdo mais complicada, ou fazer a sua satyra, exagerando-a. O romance entretece-se, enleia-se, e emmaranha-se até, porque o auctor, para rebater o reparo que alguns criticos lhe fazem de pouca inventiva na urdidura, curou de apparelhar surprezas e lances imprevistos, deitando a viajar seus heroes por esses mundos além, dispersando-os, e mettendo-lhes o tempo, a distancia e os estragos da vida de permeio, o que depois lhes proporciona encontros, reconhecimentos, desabafos de saudades e confirmações de protestos de estima, que dão incrivel relêvo ao livro. Mas, se querem que lhes confesse a verdade, eu prefiro a fórma natural do *Onde está a felicidade*, e até a acção singelíssima, mas profundamente sentimental de alguns dos pequenos contos das *Scenas da Foz* e das *Duas horas da leitura*, a estas salsadas de incidentes inopinados, que antes enlabirynthamm que preoccupam a mente do leitor. A attenção segue-os, não ha duvida, porque tudo que é imprevisto, surprehende, tudo que é maravilhoso, entretem; no emtanto segue-os mais arrastada que attrahida. Bom é que n'este romance tudo acabe em bem, desenlace pouco commum na maxima parte das aventuras narradas pelo auctor, sempre avexadas por um destino cruel.

E assim succede aos lamentaveis e, por vezes, risiveis episodios da historia de *Bazilio Fernandes Enxertado*, que, envolvido nos trances de uma novella que tão galhofeira começa e depois se torna tão angustiosa, apresenta personificada a satyra de uma das phases mais caracteristicas da nossa época. As aventuras do filho do antigo negociante do Porto, resumem a personificação das incompatibilidades moraes dos nossos tempos, d'estes tempos inquietos, oscillantes, contradictorios, egoistas, em que o dinheiro improvisa viscondes e a falta d'elle agrilhoa marquezes á burra dos agiotas. O dinheiro de Bazilio Fernandes fez d'elle um janota

tambem esturdio elegante, um director de phylarmonicas, um amphytrião celebrado, um partido disputado pelas bellezas portuenses, um protector de nymphas de bastidor, mas o que não poude fazer d'elle foi um amante feliz. O dedo da desgraça veiu cavar n'esta physionomia bonacheirona e folgasã sulcos por onde não poucas vezes correram lagrimas de uma paixão que tarde achou a sua recompensa. E este contraste da exterioridade picaresca do pobre Enxertado, com os nobres instinctos da sua alma, proporciona um jogo de contraposições, donde surgem as melhores peripecias do romance. A concepção não é nova de certo, e desde o Quasimodo, o typo exagerado e colossal d'esta fusão em lucta do grotesco com o pathetico, novellistas e dramaturgos a tem realisado com mais ou menos inspiração. Camillo Castello Branco póde-se jactar de haver sido dos mais felizes, porque a sua creação, além d'este valor artistico, encerra outro maior, que é ser um profundo estudo de costumes e a critica indirecta e chistosissima das anomalias sociaes d'estes nossos tempos.

Mas voltemo-nos para a poesia, se poesia póde reflorir nos espiritos n'esta quadra em que o bello ideal está n'uma carta de conselho, ou em trazer ao peito um sete estrello de placares. A infatuação politica e o sybaritismo dos commodos materiaes subordinam todos os impulsos generosos da phantasia. A imaginação hoje collige as suas forças e desata vôos temerarios, mas para realisar esses immensos portentos da industria moderna. Nas eras patriarchaes, n'essa ingenua e adoravel era de ignorancia, os sacerdotes eram os poetas, e erguer hymnos de admiração em presença das harmonias universaes, constituia a sua missão constante. Depois a familia desenvolveu-se e tornou-se sociedade, e a sociedade, organisando-se, fez-se nação. Os poetas passaram então a chamar-se vates. Grecia e Roma pertenderam mais que ouvil-os cantar, quizeram que elles lhes devassassem os futuros. Já quizeram fazer d'estes entes inspirados um elemento de utilidade. Com o progredir da civilisação as exigencias progrediram tambem, e os tempos de agora, positivos, calculistas e essencialmente utilitarios, ergueram a outras alturas o seu ideal e crearam mui diversa natureza de poetas. Os poetas de hoje são os inventores d'essas construcções maravilhosas que surprehendem as sociedades presentes e lhes proporcionam os seus melhores regalos. E nem

podia deixar de ser assim, n'uma época em que o egoismo se tornou a mola real dos interesses positivos e das proprias relações moraes. Para attrair a attenção, para ganhar o suffragio de todos no seio d'este immenso turbilhão de acontecimentos que se agitam noite e dia, é indispensavel não só ferir a imaginação, mas indispensavel mostrar um lado util, necessario, de conveniencia directa e pessoal. Importa fundir no mesmo molde o util e o bello. A phantasia quer-se apascentar, mas a utilidade individual precisa de encontrar uma necessidade attendida e satisfeita. É esta a feição prominente da época. Nas eras mythologicas bastava o prestigio das façanhas dos grandes heroes para inspirar os Homeridas. Agora o braço potente de Napoleão III assola a Criméa [1], funde a Italia n'um só dominio, e promette erguer diante do leão de Waterloo outro de garras mais temerosas e ameaçadoras, e comtudo nem um poema se alevanta a decantar tamanhos feitos. É, pelo contrario, o grande principio do seculo, ao qual se dobram vaidades de conquistadores e interesses particulares, chamado conveniencia publica, que soffrea as demasias da guerra e obriga a assignar a paz de Villa Franca. Ainda a utilidade directa e universal a ter mão na cubiça dos imperantes e a antepor a harmonia dos interesses geraes ás vanglorias da conquista. Este seculo, immenso pelo seu desenvolvimento intellectual e material, de modo algum se sujeitaria a ser o theatro das ambições de um conquistador, embora elle se appellidasse Alexandre, Pompeo ou Napoleão. Estes sentimentos de cubiça desmesurada tem de ceder o passo a outros mais legitimos e modestos. As grandes glorias, presentemente, para se não apagarem rapido como as ardentias que illuminam por momentos o firmamento, hão de erguer-se sobre um pedestal de assentimento universal, e esse assentimento não póde resultar, n'esta quadra de interesses exclusivamente materiaes, senão da conveniencia de cada um. Esta verdade é tal, tão profunda, e communicativa, que passou já dos dominios inquietos das relações politicas e moraes ás regiões serenas da phantasia. Ahi mesmo se assentou, como verdade axiomatica, a necessidade de não só procurar o bello, mas tambem de reunir o util. Vejam o exemplo dos dois maiores poetas de nossos tempos que deixaram de compor versos para se fazel-

[1] Note-se que esta revista foi escripta em 1861.

rem, um, moralista; e o outro, educador da infancia. Victor Hugo escreveu os *Miseraveis*, esse sublime catecismo exemplificado de moral universal; e Lamartine entrega diariamente aos prelos fecundas paginas de ensino publico.

E entre nós egualmente o maior dos poetas cedeu a este movimento, que é ao mesmo tempo o impulso e a indole da sociedade em que vivêmos.

O inspirado e fogoso cantor dos *Ciumes do Bardo* tornou-se o mais ardente e convicto dos nossos pedagogos. E ainda, publicando essa apreciavel collecção de poesias e prosas, que intitulou *O Outono*, mais de certo por conhecer este resfriamento de nossos dias a respeito dos fructos da imaginação, do que por sentir o caír das folhas da sua brilhante efflorescencia poetica, ainda publicando este bello livro evidenceia esta verdade, pois o precede de uma soberba dissertação ácerca das necessidades da reorganisação do ensino em Portugal. O poeta humanisa-se e encarna-se na pessoa austera do preceptor. A poesia vem apenas, com os seus relêvos de estylo, com as suas intuições sublimes, illuminar estas paginas, que devem ser lidas e meditadas por todos, porque conteem incontestaveis verdades. As producções poeticas do restante do livro, são, como todas as do illustre escriptor, um recreio e um ensino: formosos e inspirados trechos, e tudo que tem de mais primoroso a lingua portugueza. A celebrada chacara da *Senhora da Nazareth*, o *Rapto da Europa*, *No transito de D. Pedro V*, a epistola á Imperatriz do Brasil, a poesia a madama Tedesco, prodigios do engenho poetico, e esplendidas ostentações da riqueza do nosso idioma, tudo se acha colligido n'este volume, a par de outras peças de valor egual ou quasi egual.

Pena é que versos taes encontrem só a anciedade dos amadores das nossas cousas litterarias que os procurem, e que esses sejam tão poucos n'este tempo de prosa utilitaria!

O theatre, entre nós, como em toda a parte, manifesta verdadeira decadencia litteraria. O gosto publico, como os paladares estragados, excita-se unicamente com fortes estimulos; e são os enrêdos complicados, as peripecias imprevistas, os espectaculos deslumbrantes que enchem as platéas e preoccupam os espectadores. A *Familia do Colono*, *Mãe dos Escravos*, *Medalha de Bronze*, e *Genio das Minas*, melodramas surprehendentes de visualidades e lances impossiveis, exprimem e caracterisam ao mesmo tempo esta aber-

ração do gosto de um publico que precisa dos vôos de um Léotard e dos equilibrios temerarios de Blondin, para rebentar em applausos. Até o proprio Theatro Normal tem sido compellido por esta onda, cedendo antes ás exigencias das plateas do que ao pensamento que presidiu á sua instituição. Felizmente, alguns escriptores, com suas obras e esforços, tentam ainda oppor-se a esta decadencia. Mas que póde um ou outro empenho isolado contra tão fatal conjuncção de elementos? Hão de elles sacrificar-se nas aras do templo da arte, quando o publico deixa o templo vasio e descrê de seus verdadeiros sacerdotes? Não se póde exigir tanto. Em litteratura não é pelo martyrio que se caminha para a gloria, e sobre o palco são unicamente as multidões que consagram e coroam os engenhos. É indispensavel contemporisar com ellas; e foi isso que fez o auctor do *Jogo*, da *Fortuna e Trabalho* e dos *Homens Ricos*, deixando a acção simples do drama intimo, para adoptar o enredo complicado do drama social.

O *Jogo*, assim como a *Sociedade elegante*, do sr. Cordeiro, mereceram tambem a approvação da censura dramatica, voto depois confirmado pelas plateas com bravos repetidos.

Fallando-se do theatro, não era possivel deixar de apparecer o nome do sr. Mendes Leal, e com o seu drama *Pedro*, que apesar de relegado por tantos annos para os reconditos do archivo do theatro, attrahiu repetidas enchentes e conta já duas ou tres edições. E será tamanho successo por ser o *Pedro* a melhor obra dramatica do sr. Mendes Leal? Parece-nos que não: os motivos são de certo outros, e talvez não erremos se os explicarmos assim. No *Pedro* quiz ver alguem, com fundamento ou sem elle, uma parte da vida do auctor. Dizia-se que elle se personificára no protagonista, que de simples jornalista se elevava a ministro.

Aconteceu, que não só no drama archivado, mas no outro drama mais tumultuario e vasto dos acontecimentos politicos, foi effectivamente o auctor feito ministro. O publico, sempre ancioso por devassar segredos, quiz ver como se tinha operado o milagre, e correu ao theatro.

Viu um mancebo, que pelos esforços do seu trabalho venceu todas as repugnancias das classes orgulhosas, ganhou todas as considerações publicas e se collocou n'uma posição invejavel, pois que foi conquistada pela força mais le-

gitima que o homem possue, pela intelligencia; e entre este mancebo e o novo ministro verdadeiro encontrou analogias, de que resultou applaudir, e applaudir com enthusiasmo, porque, coroando assim o dramaturgo, deu um alto testemunho de moralidade, porque tambem honrou os esforços do homem. O publico fez bem.

Temos ainda n'este theatro duas comedias de Camillo Castello-Branco, o *Morgado de Fafe amoroso*, continuação de outra que os frequentadores da nossa primeira scena tanto festejaram pela verdade do typo que a alegrava de jovialissimos episodios, e *Duas Senhoras briosas*, quadro de costumes em que tanto prima a veia sarcastica do auctor. A *Penitencia*, trabalho de collaboração com Ernesto Biester, e extraido do romance os *Mysterios de Lisboa*, attrahiu tambem o favor publico pela arte com que a acção se complica em lanços de verdadeiro interesse dramatico.

É impossivel deixar de concluir esta revista, sem ter de avivar lembranças dolorosas. A morte do nosso primeiro compositor musical, Joaquim Casimiro Junior, o Verdi portuguez, torna-se uma perda de que com difficuldade se poderá indemnisar a classe, que elle tanto enobreceu com os esforços prodigiosos do seu talento.

Rodrigo Paganino, o auctor dos *Contos do Tio Joaquim*, tambem deixou a vida, exactamente quando o talento litterario fructificava n'elle com mais incontestaveis e brilhantes provas.

Foi da mesma sorte n'este anno que se realisou a trasladação das cinzas de D. José de Almada, para o tumulo erguido pela saudade de seus amigos, que eram muitos e dedicados.

Não deve esquecer esta solemnidade, funebre pela dor da amizade, mas de gloria para as qualidades do finado, cuja elevação de espirito sobresahia pelos nobres dotes de um caracter bondoso e inteiro.

Honrando-o e perpetuando-lhe o nome, n'aquella pedra rustica e singela, honrou-se digna e nobremente a classe dos homens de lettras.

Janeiro — 1864.

## ALGUNS LIVROS ULTIMAMENTE PUBLICADOS

O allemão Archim de Arnim escreveu um livro, a que poz o titulo *Contos estrambolicos*, e os francezes Theodoro de Banville e Emilio Souvestre, e o inglez Edgar Pöe, que lhe não quizeram ficar atraz em materia de titulos phantasticos, escreveram os *Contos funambulescos*, os *Contos extraordinarios* e os *Contos á borda do lago*. Ha pouco o nosso amigo Julio Cesar Machado, que tem tanto direito como aquelles escriptores para escrever contos, e dizer-nos até quaes foram os quadros da natureza, ou influencias moraes que lh'os suggeriram, publicou tambem os *Contos ao luar*.

E porque os denominou elle contos ao luar, e não contos ao pôr do sol, contos em roda do poetico e intimo conchego da lareira, contos de baixo da sombra voluptuosa da gruta de verdura, contos na eira, contos na praia, ou contos no viso da serra?

O auctor não o sabe.

E quem o hade saber, se o auctor não o sabe?

«E depois, eu não sei bem porque chamei ao meu livro *Contos ao luar*», diz elle, n'aquelle seu estylo negligente e ao mesmo tempo sentimental, que concilia tão facilmente os caprichos e necessidades da phantasia com as tendencias do peito angustiado de sensações penosas.

O auctor não o sabe. Mas que importa o titulo? Importa, oh! se importa! Importa sobretudo ás imaginações romanescas e namoradas, que, se não são femininas, vivem, como ellas, das suas illusões, dos seus sonhos, das suas saudades; vivem emfim de todo esse mundo de affectos em que

o coração e a phantasia tomam partes eguaes, e que fazem dos primeiros annos da existencia da mulher um sacrario, em cujo interior ardem desejos, que o mysterio recata e o amor inflamma. E é por isto que o titulo de contos ao luar sobresalta e accorda lembranças e sympathias. Lembram-nos aquelles lances da nossa existencia que já não voltam: recordam protestos talvez perjurados, e avivam a imagem de alguma noite feliz. E quem sabe se querem dizer as confidencias segredadas a medo debaixo do copado ulmeiro, em noite estiva? ou se nos pintam aquelle poetico passeio, rio abaixo, em barquinho, que tranquillo deslisava pelas ondas, como tranquillas deslisavam, e brandas e fagueiras, as horas para os venturosos entes que iam dentro?! Ou serão antes a recordação das promessas que o delirio arrancou dos labios frementes da paixão ao par que fugiu do rebeliço do baile, e que veiu, no cirado, no caramachão, ou junto do lago do jardim, respirar as auras da madrugada, os perfumes das flores, que os orvalhos da noite reverdeceram, os brandos e tepidos suspiros da natureza no seu accordar, porque as luzes dos salões, os olhares importunos dos convidados e as indagações da curiosidade indiscreta eram prisão suffocadora para aquellas almas, que só entre as ramadas das murtheiras e espreitadas pelo frouxo olhar da lua, sentem praser em desabafar o immenso affecto que as attrahe e devora?

Serão tudo isto os *Contos ao luar?*

São; e se a todas estas scenas não bafeja a viração embalsamada da noite, se não as poetisa e envolve, como de attractivos mysterios, a penumbra da claridade incerta da lua, todas ellas pertencem a esta ordem de sensações. O titulo inculcou-lhes mais a indole, que lhes descreve o sitio e a occasião. A juventude brincando com o amor, e o amor vingando-se da leviandade com que o pretende tratar a juventude, é a fabula constante que se reparte nos diversos episodios do livro do espirituoso folhetinista da *Revolução*.

Porém varias impressões motivam estes quadros, e lá está um ou dois, que se desligam de taes sentimentos para deixarem voar mais desafogada a penna do escriptor, que a sabe temperar, como poucos, nas côres vivas e naturaes do estylo narrativo. *As festas da Nazareth* e *Uma recita do Roberto do Diabo*, são duas formosas *diabruras* d'este genero.

Diabruras?!... Diabruras, sim; permittam-me o termo, porque só elle exprime aquelle estylo facil, travêsso, galhofeiro, e ao mesmo tempo assombrado de ligeiros toques sentimentaes, como o desperlaria na imaginação a imagem da donzella triste e sympathica, vista n'um baile, atravez da vertigem da polka que doudeja.

Eu estou certo que muitos leitores gostarão talvez mais do *Pedrinho*, por exemplo, d'essa pobre creança devorada pelas chammas de um amor prematuro, ou das *Memorias de um baile*, singular aventura de dois corações que se amam, e que o destino separa; mas eu acho mais originalidade, encontro mais o escriptor, palpo, reconheço mais a sua individualidade litteraria nas *Festas da Nazareth*. Ler aquella narrativa é viajar com Julio Machado; é ouvir-lhe os seus commentos vivos e salgados de amavel ironia; é observal-o e applaudil-o no seu modo facil de ver as cousas, facilidade que não exclue a observação do analysta perspicaz, nem o acerto, nem até o fundo philosophico do moralista, embora jovial e ligeiro. Como aquella companhia de comicos é descripta! Com que verdade a penna de Machado, como se fosse o lapis de Gavarni, traça rapido os perfis truanescos d'aquella pobre gente, que disfarça as miserias reaes da sua existencia com a fingida alegria com que entretem o publico! Como depois vêm a narração do arraial da Nazareth, e sobretudo a pintura da rocha, onde se realisou o milagre! Que poesia, solemne e triste, como a amplidão das ondas que veem quebrar-se n'aquelles fraguedos aprumados sobre as aguas! A praia lá em baixo, o mar a rugir ao longe, e cá em cima, a topetar com as nuvens, a penedia erguendo-se, como um pensamento religioso que se alevante para Deus!

Como é grande, como é magnifico, tudo isto!

A recita de *Roberto do diabo* não passa de um chistoso brinquedo, que dá a lembrar os vôos phantasticos de Hoffmann, porém esboçados com as tintas frescas e risonhas de Méry. Aquella mescla phantastica da narrativa da opera de Meyerbeer, com os toques epygrammaticos da figura do *homem pequenino*, que se imagine um Holofernes domestico, dispõe um bello jogo de comico e de terrivel, de familiar, e extraordinario. Ha Edgar Pöe, ha Alexandre Dumas, ha Archim de Arnim em tudo isto.

Salvador e Magdalena é um caso da vida, como muitos

que por ahi se dão, e que nascem e expiram ignorados no turbilhão da sociedade indifferente. Não tem novidade, não tem enrêdo; os seus mesmos personagens não dizem nem fazem cousas novas; mas toda esta aventura é animada de certa poesia de sentimento e de estylo, que a faz ler com agrado.

Quizera talvez menos abandono; que n'alguma d'estas paginas se deixasse correr menos a penna; quizera que Machado, como o cavalleiro que confia demasiado na rapidez e segurança do corcel e negligentemente lhe larga a redea, não se entregasse tão ás cegas ao acaso da sua veia fluente e rapida. As carreiras precipitadas nem sempre deixam de ser temerarias, porque as forças e pericia do volteador não desfazem as escabrosidades do terreno. Como nas vistas de theatro, que o scenographo pintou tambem a correr e a largo traço, o escriptor deve repousar de vez em quando, e olhar de longe o seu trabalho, porque é assim, em globo no conjuncto do seu todo, que lhe abrange o complexo, lhe descobre os defeitos, e os aperfeiçoa.

Porém, estes defeitos são largamente compensados. Este desalinho, no estylo de Machado, constitue a fórma natural, espontanea, transparente do desalinho das idéas, gracioso desalinho que só póde ser comparavel ao adejar doudejante da borboleta, que agora esvoaça de flor em flor, expandindo as azas cambiantes pelo prado risonho e matisado; agora volteja sobre a bacia do lago, cujas aguas turvas não se atreve a passar. E esta mistura de melancholia e prazer, semelhante ao baile que resoa alegrias, em quanto a um lado suspira a donzella ferida do perjurio do amante que a abandonou, é a verdadeira expressão do talento do auctor dos *Contos ao luar*, talento que precisa de achar a fórma facil, que não a escolhe, que nem a prepara, nem a embelleza, porque tem na phantasia fogos impetuosos para desafogar, e no coração gemidos sinceros que necessitam de alivio.

Prosigamos na leitura do livro.

Como é melancholico o conto dos *Pescadores de Lessa da Palmeira!*... Bem se vê que lhe servem de quadro as rochas aridas e tristes, que se debruçam ao longo da costa, onde os olhos, espraiando-se ao largo, encontram só a solidão das aguas que vão fechar com a cinta affogueada do horisonte!

Diz mad. de Staël, que os habitantes das costas são sempre poetas de sentimental e triste poesia, porque o aspecto immenso das ondas, imagens do infinito, engrandece a imaginação e eleva o espirito. E isto é verdade. Machado tambem o nota, e nota-o porque o sentiu e ouviu, quando visitou as praias de Lessa da Palmeira. Vejam como elle o exprime com tanta naturalidade:

«.... Quando alguma vez, por estar mui rijo o vento, e o mar em vagalhões, não podiam sair á pesca (os barqueiros), o pobre rapaz passava a tarde na praia, ajudando a concertar as redes, e deixando insensivelmente correr o pranto pelas faces.

«—Que diabo tens tu, rapaz? perguntavam-lhe os companheiros.

«—Tristezas a que sou dado! respondia elle, sorrindo e disfarçando. Isto é do sitio.

«Os barqueiros espalhavam a vista em redor, e pareciam dar-lhe razão. A natureza, alli, é tudo; natureza agreste, ainda que cheia de encantos em todo o seu tom de melancholia, de saudade e de fé. Rio, arvores, e mar! Está-se bem alli, mas sente-se a necessidade de chorar.»

Este conto é um dos que revelam a indole poetica do auctor. Parece até que Machado nasceu em frente da poesia grandiosa e scismadora das aguas. Como é bem contada a lenda do Senhor de Mathosinhos, lenda que a crença popular conserva da mesma sorte que o mar conserva e respeita a singela capellinha edificada na praia, indo apenas beijar-lhe os muros, quando as rajadas da borrasca o impellem a esse arrojo.

Depois vem a *Noite de S. João*, essa noite de amores e presagios porque anceia o coração da donzella, e na qual a credulidade de povo vê mil vaticinios proferidos á luz das fogueiras, no redemoinhar doudejante das danças, nos esconjuros que o amor consulta, e que ainda, passados tempos, lembram com terror ou saudade. Poetica e popularissima noite que os moços convertem n'um periodo feliz da sua existencia, e á que os proprios velhos assistem de lagrimas nos olhos, porque se recordam da mocidade, que já vae longe e não volta!

Estas crenças e festas populares nada perdem da sua feição primitiva descriptas por Machado, antes adquirem uma certa côr de tristeza, um poetico vago, tão de accordo com

o sentimento poetico peninsular, e que lembra alguma cousa o ideal da melancholia allemã.

Só encontro um defeito nos *Pescadores de Lessa*; é não fallar aquella bôa gente a sua linguagem propria. A sr.ª Anna exprime-se como uma pessoa da capital; e, mais ou menos, os outros individuos d'este quadro maritimo, por acaso atinam com a figurada e singela linguagem da gente do mar. Constitue esta uma das maiores difficuldades n'estes estudos populares, porque é o seu viver, o seu pensar, os seus costumes e inclinações, manifestado tudo na palavra.

Dos *Noivos* declaro que não gosto tanto. Aqui o talento fabril de Machado, que borbolotea como o esmaltado insecto que salta de arbusto em arbusto, dá-lhe para philosophar e ser até dissertativo!

Vejam que transtorno!

O dialogo toma por vezes o tom, e até as pretenções de uma catechese sentimental. O amor é mais discutido, que sentido. Carlos Eduardo, quando namora, moralisa, critica, chega a prégar; e os amantes, os verdadeiros, sentem apenas e apaixonam-se. Nada mais longe do discurso que o amor. Carminho é que é uma creatura sympathica; inconsequente, sim, mas reproduzindo naturalmente a phrenetica volubilidade dos quinze annos na mulher. O seu amante, porém, não passa de um d'estes Desgenais, que só Octavio Feuillet soube exceder na feliz creação do seu cavalheiro Carniole da *Dalila*. Estes moralistas, que andam á espreita da primeira palavra que escapa, de qualquer suspiro que labios distraidos soltem, de um vestido mais curto que appareça n'um passeio, ou de uma mulher de trinta annos que dance a polka, para nos dizerem logo que o mundo está perdido, e isto no tom grave e sisudo das maximas de La-Rochefoucauld, estes moralistas fazem-me lembrar aquelle personagem de uma comedia de Régnar, que destampava com a mulher, com os filhos, e até com a visinhança, querendo-os chamar aos bons caminhos da moral, e ia depois muito satisfeito de si mesmo passar a noite em casa da amasia.

Passemos agora a outro livro, em tudo diverso dos *Contos ao luar*, porque nem é de contos, porque é de historia e historia escripta na memoria e no coração do povo, nem tão pouco fôra inspirado pelas impressões da poesia suave, senão pelas recordações patrioticas da independencia de Portugal.

É difficil passar de um livro romanesco a outro de historia, e de historia severa, porque o auctor dos *Brios heroicos* inquiriu os archivos, manuseou as chronicas e devassou as épocas, para aquilatar a verdade dos factos tomados para assumpto na galeria de quadros que nos apresenta.

E realmente a nenhuma cousa póde melhor comparar-se esta obra do sr. Pereira da Cunha, do que a uma galeria de familia, onde o respeito dos seus e a veneração tradicional hajam collocado os diversos retractos dos varões e donas, brazões irrefragaveis da nobreza de uma longa estyrpe.

Mas n'esta galeria, que é preclara, porque a illustra o sentimento energico do amor da patria, e longa, por que abrange os successos de varios seculos, figuram só mulheres. Existe unicamente uma differença: vê-se alli a mulher do povo e a descendente dos reis, porém o affecto heróico pelas cousas da patria egual-as a todas. Hoje a posteridade chama-lhes heroinas, e quando tiver de as mencionar, não póde deixar de colligir os seus retratos, e pendural-os todos no mesmo salão de honra, como fez o auctor dos *Brios heroicos das portuguezas*. Não longe da temerosa Ignez Negra, que, em briga singular de braço a braço defende a praça de Melgaço da invasão dos castilhanos, lá vêmos surgir o vulto severo de Brites Gonsalves de Moura, a nobre e solemne personificação da castellã de outras eras; e ao lado da decrepita e engelhada Iria Vaz, cuja patriotica indignação livra Santarem do vilipendio do jugo hespanhol, apparece a grave personagem da duqueza de Bragança, D. Catharina, que, com o desdem altivo do direito offendido, despede o proprio Philippe II, e lhe mallogra os projectos de apossar-se d'estes reinos com as apparencias da legitimidade.

É mister, porém, não disfarçar o proposito d'este livro, porque o auctor é o mesmo que o declara, e com o alardo que não exclue a ufania: *Não têm nenhum outro fito a obra que se vae lêr*, diz o sr. Pereira da Cunha, no prefacio de que a precede; *e este fito* (continua elle) *é pôr em relêvo o heroismo das nossas conterraneas, mais famosas pela sua adhesão á independencia e ao bom credito do reino, com o duplicado intento de concitar os brios nacionaes, por meio do influxo saudavel, e de lembrar tambem aos esquecidos que, em Portugal, muitas vezes contra a soberba hespanhola,* FORAM DE SOBRA AS MULHERES, asserção esta que seria teme-

raria, se não fosse verdadeira. Porque, effectivamente, poucas historias de nações conhecidas reunem, como a historia portugueza, mais façanhas de esforço feminino contra as tentativas do predominio estranho. Não sei se por uma lei providencial, se por coincidencia que a ironia do acaso se incumbiu de operar, muitas, ou a maxima parte das nobres repulsas com que o animo do nosso povo sacudiu em todo o tempo as ambições de Castella, sahiram sempre de peito feminino.

E não só o peito, senão o proprio braço foi não poucas vezes o d'estas matronas, herdeiras dos brios de Veridacia, como o fez vêr, entre outras, a terrivel Brites de Almeida, a famigerada padeira de Aljubarrota, que só á sua conta, segundo a lenda, espatifou sete castelhanos, com aquella tremenda pá de forno, que ainda se conservou depois por largo tempo em Alcobaça, apesar do empenho que Philippe II pozera em a sumir, o que nunca conseguiu, graças ás evasivas com que lhe frustaram o proposito os vereadores da camara de Aljubarrota.

Mas se o intuito é politico, se o intuito é nacional, e portanto nobre até certo ponto, nem por isso taes sentimentos, que aliás devem de ser gratos a todos que se presam de recordar nossas antigas glorias e brasões da independencia, desculpam algumas paginas do livro do sr. Pereira da Cunha do azedume partidario que as irrita. A sua introducção, principalmente, chega a tomar os modos aggressivos de pamphleto faccioso. Vê-se logo que é o missionario de uma religião politica, e seu paladino tambem, que vae fallar, e bem se póde dizer que o annuncia assim. Esta declaração, leal e sincera declaração, sim, mas declaração de um certo credo que não é o de todos, de sympathias que teem ido esfriando, de predilecções que já a experiencia tem apagado, de enthusiasmos que o progresso das cousas tem ido invertendo em censura, não póde deixar de pôr de sobreaviso os leitores que não se inclinam para as opiniões de auctor. O livro lê-se, e com desenfastio, e com desvanecimento até, porque varias das suas paginas, pelo vigor do perfil e brilho do colorido, são gloriosos retractos da nossa familia nacional, que olhos portuguezes não podem avistar sem orgulho, porém haveria mais desejos de que o pintor não ataviasse essas nobres e audaciosas figuras de umas certas cores e insignias. O sr. Pereira da Cunha armou-as a todas

cruzados de um pensamento politico, e mandou-as á conquista do Sancto Sepulchro!... Sepulchro?! decerto, porque a historia dá passos, cujo gyro não póde vir a encontrar de novo as mesmas eras donde partiu. Essas encerra-as o tempo e a renovação das idéas.

E é por isto que eu quizera que os *Brios heroicos*, sem perderem as liberdades da critica historica, fossem menos politicos, e sobretudo que trajassem menos os uniformes de uma determinada doutrina partidaria.

E adoptando este systema não offenderia o auctor a indole das suas heroinas, porque a independencia, a altiva mãe commum da liberdade, e da nacionalidade, foi em todos os tempos o voto, o fito, o blasão de todos esses animos, *dantes quebrar que torcer*, que o sr. Pereira da Cunha tão habilmente reuniu.

No entanto (diga-se a verdade para justiça feita aos raros dotes do escriptor), este proposito insistente encontra-se quasi sempre tão insinuantemente identificado com o pensamento geral das glorias d'esta terra, que ao leitor succede o que aconteceria ao individuo que pegasse de um ramo de flores, e que, embevecido a contempla-as, se lhe fossem os olhos no seu matiz, e os sentidos todos se lhe arrobassem nos seus aromas, sem dar porque entre ellas se escondia o espinho de um ou outro arbusto silvestre.

É este o condão dos *Brios heroicos*.

O que desejo, em todo o caso, é que o segundo volume d'esta serie appareça em breve. Queremos todos completa a galeria, e assim ficaremos com um livro de curiosa noticia para os investigadores da nossa historia, e de vanglorioso recreio até para o sexo feminino, que deve de ser o primeiro a procurar e a decorar esta linhagem de mulheres celebres, que excelsas proezas irmanaram na mesma familia, e onde as senhoras da presente epoca encontrarão motivo de orgulho, porque é sempre rasão para nobre altivez o saber que possuimos um quinhão nas glorias da patria.

Dezembro — 1861.

# INDICE

Diz mad. de Staël, que os habitantes das costas são sempre poetas de sentimental e triste poesia, porque o aspecto immenso das ondas, imagens do infinito, engrandece a imaginação e eleva o espirito. E isto é verdade. Machado tambem o nota, e nota-o porque o sentiu e ouviu, quando visitou as praias de Lessa da Palmeira. Vejam como elle o exprime com tanta naturalidade:

«.... Quando alguma vez, por estar mui rijo o vento, e o mar em vagalhões, não podiam sair á pesca (os barqueiros), o pobre rapaz passava a tarde na praia, ajudando a concertar as redes, e deixando insensivelmente correr o pranto pelas faces.

«—Que diabo tens tu, rapaz? perguntavam-lhe os companheiros.

«—Tristezas a que sou dado! respondia elle, sorrindo e disfarçando. Isto é do sitio.

«Os barqueiros espalhavam a vista em redor, e pareciam dar-lhe razão. A natureza, alli, é tudo; natureza agreste, ainda que cheia de encantos em todo e seu tom de melancholia, de saudade e de fé. Rio, arvores, e mar! Está-se bem alli, mas sente-se a necessidade de chorar.»

Este conto é um dos que revelam a indole poetica do auctor. Parece até que Machado nasceu em frente da poesia grandiosa e scismadora das aguas. Como é bem contada a lenda do Senhor de Mathosinhos, lenda que a crença popular conserva da mesma sorte que o mar conserva e respeita a singela capellinha edificada na praia; indo apenas beijar-lhe os muros, quando as rajadas da borrasca o impellem a esse arrojo.

Depois vem a *Noite de S. João*, essa noite de amores e presagios porque anceia o coração da donzella, e na qual a credulidade de povo vê mil vaticinios proferidos á luz das fogueiras, no redemoinhar doudejante das danças, nos esconjuros que o amor consulta, e que ainda, passados tempos, lembram com terror ou saudade. Poetica e popularissima noite que os moços convertem n'um periodo feliz da sua existencia, e a que os proprios velhos assistem de lagrimas nos olhos, porque se recordam da mocidade, que já vae longe e não volta!

Estas crenças e festas populares nada perdem da sua feição primitiva descriptas por Machado, antes adquirem uma certa côr de tristeza, um poetico vago, tão de accordo com